

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

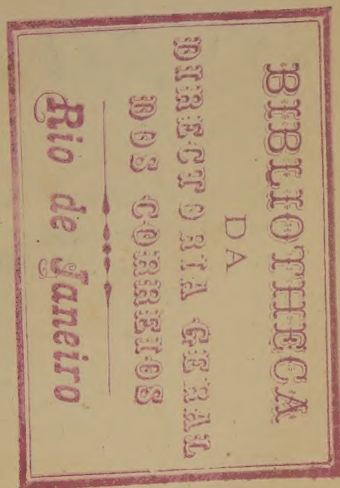
TOMO XLI

PARTE PRIMEIRA

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serà posteritate frui.



RIO DE JANEIRO



Typ. de PINHEIRO & C., rua 7 de Setembro n. 157

1878

11.

REAR VIEW

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

THE END

11.

11.

CARTAS

DE

AMÉRIGO VESPUCCI

NA PARTE QUE RESPEITA ÀS SUAS TRES VIAGENS AO BRASIL

TRADUZIDAS E ANNOTADAS CRITICAMENTE

PELO

VISCONDE DE PORTO SEGURO

I

Trechos da carta de 4 de Setembro de 1504 ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, respectivos á terceira e quarta viagem, e ao principio da segunda, aportando na actual provincia do Rio Grande do Norte.

. (1)

SEGUNDA VIAGEM

Quanto á segunda viagem, o que n'ella vi digno de memoria foi o seguinte.

Partimos de Cadiz tres navios de conserva a 16 de Maio (2) de 1499, e começámos nosso caminho em direitura ás ilhas de Cabo Verde; passando á vista da Grã-Canaria. E tanto navegámos que fomos ter á ilha que se diz de Fogo, onde, feita a devida provisão de agua e lenha, continuámos

(1) A primeira viagem nada tem que vér com as terras do Brasil. Estendeu-se, segundo a nossa interpretação, desde o cabo de Graças a Deus, em Honduras, até a costa oriental da Florida e ilhas Bermudas. Veja-se o nosso opusculo — *Le Premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué, etc.* (P. S.)

(2) Herrera (L. 4, 1) dá a partida de Hojeda a 20, e do porto de Santa Maria, não no de Cadiz.

a navegar, seguindo pelo rumo de S. O. E em quarenta e quatro dias achámos diante de nós uma nova terra, que julgámos firme, e continuação da antes mencionada; a qual jaz dentro da zona torrida, e fóra da linha equinocial do lado do sul; sobre a qual se alça o pólo meridional cinco grãos, fóra de todo clima (3). E fica quinhentas leguas a S. O. das ditas ilhas. E achámos serem iguaes os dias e as noites; porque chegámos a 27 de Junho, quando o sol está perto do tropico de Cancer. E esta terra encontrámol-a toda alagada e banhada de grandissimos rios.

Desde principio não vimos gente: surgimos e deitámos fóra os batéis, e fomos á terra e a encontrámos regada de muitos rios, e a accommettemos por muitas partes para vêr se podíamos entrar por ella dentro; mas, pelas grandes enchentes que traziam os rios, apezar de muito lidar, não encontrámos lugar que não fosse alagado. Vimos pelos rios muitos signaes de a terra ser habitada; mas, reconhecida a impossibilidade de desembarcar por esta parte, resolvemos tornar-nos aos navios e a accommettêl-a por outra.

E levámos ancoras e navegámos para E. S. E., costeando a terra, que assim corria, e em muitas partes a entrámos por quarenta leguas. E tudo era perdido. Achámos que n'esta costa as correntes eram tão fortes, que nem permittiam navegar, e todas corriam de S. E. a N. O.; de fórma que, visto tantos inconvenientes contra a nossa navegação, houve conselho, e resolvemos regressar para o N. O. E tanto navegámos ao longo da terra que fomos a entrar em um bellissimo porto, formado por uma grande ilha(4), etc.

(3) Refere-se aos climas só classificados por Eratostenes e outros geographos antigos no hemispherio septentrional, começando de Meroe, no Egypto, para o norte. Veja-se—*Nouvelles Recherches*, nota D. (P. S.)

(4) Provavelmente o de Cayena, em vista do que se sabe pelo chefe da expedição Hojeda e outros que n'ella iam. (P. S.)

TERCEIRA VIAGEM (5)

Estava eu depois em Sevilha, descansando dos trabalhos que tinha soffrido nas duas viagens anteriores, e com desejos de tornar de novo á terra das Pérolas, quando a fortuna, não contente com os meus passados incommodos, fez vir á idéa d'este Serenissimo rei de Portugal D. Manoel querer-se servir de mim. Assim, pois, estando em Sevilha, quando menos lembrança tinha de vir a Portugal, chegou um correio que me trouxe carta sua, em que me recommendava fosse eu falar-lhe á Lisboa, promettendo fazer-me muita mercê. Aconselhei-me a não partir por então ; e despedi o correio, dizendo que estava doente, e que quando estivesse bom partiria a fazer quanto Sua Alteza me ordenasse, no caso de querer servir-se de mim. Vendo el-rei que me não podia haver por este modo, deliberou deputar-me Julião de Bartolomeu del Giocondo, que então se achava em Lisboa, com ordem de me levar comsigo por todos os modos. Veiu, pois, a Sevilha o dito Julião, e com a sua vinda e rogativas fui forçado a partir, apesar de m'o levarem a mal quantos me conheciam, por sahir de Castella, onde me faziam honra, e el-rei me tinha em boa reputação ; e o peor foi que parti *insalutato hospite*.

Apresentando-me a este rei (D. Manoel), mostrou elle grande prazer com a minha chegada, e rogou-me que fosse com tres náos suas, que estavam apparelhadas, a descobrir terras novas ; e porque os rogos de um rei equivalem a ordens, tive de consentir em quanto me mandava, e assim desafferrámos d'este porto de Lisboa aos 10 (6) de Maio de 1501 em tres náos de conserva, tomando o rumo das Canarias, á vista das quaes passámos sem nos demorar ; d'aqui fomos

(5) Na parte d'esta carta correspondente á terceira e á quarta viagem, seguimos a Trigoso, corrigindo-o apenas nos lugares em que se afasta do texto original.

(6) Na carta seguinte a Medici se lê 14.

costeando a parte occidental da Africa, onde, fazendo a nossa pescaria, apanhámos alguns pargos e nos demorámos tres dias; depois seguimos a costa da Ethiopia até um porto chamado Beseguiche, que está na zona torrida, a 14° e meio de elevação do pólo septentrional, e portanto no primeiro clima (7).

Alli estivemos onze dias fazendo provimento de agua e lenhas; e porque a minha intenção era navegar para o sul, pelo mar Atlantico, partimos d'este porto da Ethiopia e tomámos pelo sudoeste, quarta do sul, de sorte que em sessenta e sete dias chegámos a uma terra, que distava do lugar da nossa partida setecentas leguas para sudoeste: tendo entretanto o peor tempo que nunca ninguem experimentou por mar, por causa das muitas chuvas, tempestades e fortunas que soffremos, sempre com o tempo muito contrario; porque a força da nossa navegação era junto da equinocial em o mez de Junho, em que alli é inverno. Os dias eram sempre iguaes ás noites, e a sombra cahia para a parte do sul. Emfim, a 17 (8) de Agosto prouve a Deus mostrar-nos nova terra, á meia legua da qual surgimos, e deitámos fóra os batéis para vêr se era habitada por gente e de que qualidade.

Achámos com effeito a terra populosa e habitada por uma nação peor que fêras, como ouvirá. E V. Magnificencia entenderá que ao principio não vimos ninguem; mas concluímos que havia homens por muitos signaes que observámos. Tomámos posse do paiz em nome d'este Serenissimo rei de Portugal, e o achámos muito ameno, viçoso, de boa apparencia, e situado além da equinocial cinco para o sul; isto feito voltámos para as náos; e porque tínhamos grande necessidade de agua e lenha, nos resolvemos, no dia seguinte, a tor-

(7) Os antigos começaram a contar o primeiro clima desde a latitude do Meroe até além de 20° N. (P. S.)

(8) Provavelmente antes, a 16, dia de S. Roque, o que deu o nome ao cabo então avistado, que ainda esse nome conserva. (P. S.)

nar á terra para fazermos o nosso provimento. Estando, pois alli, vimos alguma gente no cume de um monte, a qual olhava para nós sem ousar descer abaixo. Estavam todos nós, e eram da mesma côr e feições dos anteriores(9), e por mais diligencias que fizemos para que descessem e nos viessem fallar, nunca os podemos resolver a isso, não se querendo fiar de nós; pelo que, vendo a sua obstinação, e sendo já tarde, tornámos para os navios, deixando-lhes em terra muitos cascaveis, espelhos e outras quinquilharias. Assim que nos afastámos pelo mar dentro desceram do monte, pelo que lhes tínhamos deixado, ficando muito maravilhados de tudo o que viam; e assim n'este dia não nos provemos senão de agua.

Na manhã seguinte vimos das náos que a gente da terra fazia muitos fumos, e pensando que seria para chamar-nos desembarcámos, e conhecemos que se tinha ajuntado em grande numero, mas conservavam-se todavia em distancia, accenando-nos para que fossemos a elles pela terra dentro. Em consequencia d'isto dois dos nossos se animaram a pedir licença ao capitão, para se expôrem ao perigo de ir á terra vêr que gente era, e se tinha alguma riqueza ou especiaria, ou outras drogas; e tanto instaram até que o capitão o houve por bem.

Apromptaram-se, pois, com muitas fazendas de resgate, e partiram com regimento de não pôrem mais de cinco dias em voltar; porque tanto era o tempo que devíamos esperar por elles. Tomaram caminho para terra, e nós para as náos, das quaes viamos vir todos os dias gente á praia, mas sem quererem nunca fallar-nos.

No setimo dia sahimos nos esquifes, e achámos que tinham trazido comsigo as mulheres, as quaes mandavam para nós

(9) Das terras descobertas por ordem de el-rei de Castella. (P. S.)

apenas nos avizinhámos. Vendo, pois, que não acabavam de tomar confiança, deliberámos enviar-lhes um dos nossos mancebos, muito esforçado, e para o segurarmos mais ficámos nos batéis, e elle foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas metteram-o no meio de um grande circulo, e apalpando-o e olhando-o attentamente se maravilhavam sobremaneira.

Estando n'isto vimos descer do monte uma mulher que trazia um pão na mão, e chegando onde estava o nosso christão lhe sahiu por detraz, e levantando o pão lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-o logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia, e principiaram a atirar com as settas, pondo a nossa gente em tal confusão, que, estando surtos com os batéis sobre as fateixas, nenhum se atreveu a tomar as armas por causa das muitas flechas com que eram acommettidos. Nós disparámos quatro tiros de bombardâ que não acertaram; porém ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços, e assando-o em um grande fogo, que tinham accendido á nossa vista, mostrando-nos muitas porções d'elle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morto e comido os outros dois christãos. Pesou-nos isto muito, vendo com os nossos proprios olhos as crueldades que commettiam com o morto, parecendo a todos uma injuria intoleravel. E estando mais de quarenta dos nossos com o proposito de saltar em terra e de vingar tão crua morte, e acto tão bestial e deshumano; o capitão-môr lh'o não quiz consentir. Elles ficaram satisfeitos com tão grande injuria, e nós partimos com bem má vontade e vergonha nossa por causa do capitão.

Sahindo d'esta paragem seguimos a nossa navegação entre lêste e sueste, que assim corre a costa, e fizemos varias esca-

las, mas não achámos gente com quem podessemos tratar ; e assim navegámos tanto, até que vimos voltar a costa para sudoeste, e como passámos um cabo, a que puzemos o nome de *Santo Agostinho*, principiámos a seguir a feição da terra. Fica este cabo distante do lugar em que vimos matar os dois christãos cento e cincoenta leguas para levante. Está este cabo em 8° além da equinocial para o sul. E continuando a nossa viagem avistámos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a vêr o prodigio das nossas náos, e cessando de navegar, nos fizemos na volta de terra, aonde fomos nos batêis, e achámos homens de melhor condição do que os passados ; pois, ainda que com algum trabalho em domestical-os, foram por fim nossos amigos e commercíamos com elles. Estivemos cinco dias n'esta paragem, e aqui achámos cannafistula muito grossa, verde e tambem sêcca, em cima das arvores ; assentámos em trazer d'este lugar um par de homens para aprender a lingua, e vieram tres d'elles por sua vontade para Portugal.

Mas como estou cansado de escrever, só posso em breve referir á V. M. que partimos d'este porto, navegando sempre pelo su-sudoeste á vista de terra, fazendo muitas escalas e fallando com infinita gente. Emfim, andámos tanto para o sul, que já estavamos fóra do tropico de Capricornio, onde o pólo antarctico se levanta sobre o horizonte 32° (10), e já tínhamos perdido de todo a Ursa menor, e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte, e assim nos governámos pelas estrellas do outro pólo antarctico, que são muitos, muito maiores e mais luzentes que as do nosso ; da maior parte das quaes trouxe as figuras, principalmente das da primeira grandeza, com declaração

(10) Devia haver escripto 37°. Refere-se á margem do Rio da Prata. Veja-se o nosso quinto opusculo sobre Vespucci: *Ainda Amerigo Vespucci*, etc. (P. S.)

das orbitas que descrevem á roda do pólo do sul, e dos seus diametros e semi-diametros, como se póde vêr em as minhas quatro jornadas.

Corremos algumas setecentas e cincoenta leguas d'esta costa, a saber : cento e cincoenta do cabo de Santo Agostinho para ponente, e seiscentas para o sudoeste. Se eu me propuzesse a contar as cousas que vi n'esta navegação não teria papel bastante, mas póde-se dizer que n'ella não encontrámos nada de proveito, excepto infinitas arvores de páo-brasil, de canna fistula, as de que se tira a myrrha, e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas de referir ; e havendo já bons dez mezes que viajavamos, vendo que na terra não achavamos mina alguma, resolvemo-nos a deixal-a e ir examinar o paiz por outra parte. E assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem ; incumbindo-me absolutamente do commando da armada.

Mandei, pois, fazer provimento de agua e lenha para seis mezes, que tanto julgaram os officiaes das náos que podiamos navegar com ellas. E feito isto principiámos a nossa viagem pelo les-sueste aos 15 de Fevereiro, quando o sol estava vizinho ao equinocio e voltava para este nosso hemispherio septentrional ; e tanto navegámos por este rumo, que a elevação do pólo antarctico sobre o nosso horizonte era de 52°. E desde então não viamos mais estrella alguma da grande nem da pequena Ursa : estavamos distantes da terra d'onde tinhamos partido boas quinhentas leguas les-sueste, e isto aos 3 de Abril.

N'este dia principiou no mar uma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as velas ; corriamos arvore sêcca com um vento muito forte (que então era su-sudoeste), com muito grande mar e o ar muito carregado ; sendo tal a furia do vento, que toda a armada estava na maior consternação. As noites eram muito grandes, e a de 7 de Abril foi de quinze

horas, porque o sol estava no fim de Aries, e era então inverno n'estas paragens, como V. M. pôde facilmente comprehender. Estando, pois, assim afflictos, no dia 7 de Abril tivemos vista de uma nova terra, a qual correremos cousa de vinte leguas(11), e achámos toda a costa brava sem porto nem gente alguma, e era tanto o frio, que ninguem da armada se podia valer nem supportal-o; de modo que vendo-nos em tal perigo e fortuna, que apenas podíamos avistar-nos uns navios aos outros, pelo grande mar que se levantava entre nós, e á muita escuridade do tempo, conviemos com o capitão-mór em fazer signal á armada para se ajuntar, alim de que, deixando a terra, tomássemos o rumo de Portugal, o que foi muito bom conselho, pois é certo que se nos demorávamos ainda aquella noite estávamos perdidos. Tomámos, pois, o vento em pôpa, e na noite e dia seguinte cresceu tanto a tormenta, que estivemos a ponto de ir ao fundo, e promettemos de fazer peregrinações e outras ceremonias, como é costume dos marinheiros em semelhantes occasiões. Corremos assim cinco dias, avizinhandos-nos sempre á equinocial, e a um mar e atmosphaera mais temperados. Finalmente, prouve a Deus livrar-nos de tamanho perigo, e sendo a nossa navegação pelo nor-nordeste, por querermos reconhecer a costa da Ethiopia, de que estávamos distantes mil e trezentas leguas pelo mar Atlantico. E com ajuda de Deus chegámos aos 10 de Maio a uma terra para o sul, chamada Serra Leôa, aonde estivemos quinze dias para refrescar, e d'ahi navegámos para as ilhas dos Açores, distantes obra de setecentas e cincoenta leguas, onde chegámos pelo fim de Julho, e nos demorámos outros quinze dias descansando; depois partimos para Lisboa, d'onde ainda dista-

(11) Sem duvida a *Georgia Austral*, conforme em outro lugar provámos. (P. S.)

vamos trezentas leguas da banda de loeste, e entrámos a salvamento, Deus louvado, n'este porto, aos 7 de Setembro de 1502, com duas náos sómente, porque a outra foi queimada na Serra Leôa, por não poder navegar mais. Puzemos n'esta viagem quinze mezes e onze dias, navegando quasi sempre sem vêr a estrella do Norte nem as Ursas, e governando-nos pelas estrellas do outro pólo : e eis-aqui quanto vi n'esta navegação ou jornada.

QUARTA VIAGEM

Resta-me dizer o que vi na quarta viagem ou jornada; e tanto, por estar cansado de escrever, como porque ella se não fez segundo a tenção que eu levava, por causa de uma desgraça que succedeu no mar Atlantico, como V. M. verá ao diante, cuidarei em ser breve.

Partimos d'este porto de Lisboa seis náos de conserva, com o proposito de ir para a banda do oriente descobrir uma ilha chamada Malaca, a qual se dizia ser muito rica, e como o armazem de todas as náos que vêm do mar Gangetic e Indico, bem como Cadiz, o é de todos o navios que passam do levante a ponente; Malaca está mais ao léste do que Calicut e mais ao sul, pois sabemos que está em 3º do nosso pólo.

Partimos no dia 10 de Maio de 1503, e fomos em direitura ás ilhas de Cabo Verde, onde querenámos e tomámos toda a casta de refrescos; depois de nos termos demorado treze dias seguimos a nossa viagem no rumo de les-sueste; e como o capitão-mór era homem presumpçoso e obstinado, quiz reconhecer a Serra Leôa, montanha da Ethiopia austral, sem ter necessidade alguma d'isso, senão para fazer vêr que era capitão de seis náos, e contra vontade de todos nós os outros capitães; navegando, assim, quando estivemos junto á dita terra, foram tantas as tormentas que tivemos, e o vento tão

contrario, que, estando á vista d'ella alguns quatro dias, não nos deixou nunca o temporal tomar terra, de modo que fomos forçados a voltar á nossa verdadeira navegação, e deixar a dita serra.

E partindo d'aqui pelo sudoeste, quando teríamos andado bem trezentas leguas pela immensidade d'este mar, estando já além da linha equinocial 3° para o sul, se descobriu uma terra, de que então podíamos estar distantes vinte e duas leguas, o que nos serviu de maravilha; achando que era uma ilha no meio do mar (12), extremamente alta, e notavel por não ter mais de duas leguas de comprido e uma de largo, e nunca foi habitada por gente alguma. Foi esta ilha bem prejudicial a toda a armada; porque saberá V. M. que, por máo conselho e ordem do nosso capitão-mór, se perdeu aqui a capitânea, dando ella em um cachopo, onde se abriu na noite de S. Lourenço, 10 de Agosto, e foi ao fundo; não se salvando d'ella cousa alguma senão a gente. Era não de trezentas toneladas, e n'ella iam todos os mantimentos da armada; e trabalhando todos por lhe achar algum remedio, o capitão-mór me mandou com a minha não áquella ilha, em procura de algum surgidouro, onde podessemos ancorar todos os navios; e porque o meu batel, tripulado por nove dos meus marinheiros, estava em serviço da não alagada, fui obrigado a partir sem elle, dizendo-se-me que depois m'o levariam. Separei-me, pois, do resto da armada sem o batel, e com metade só da minha tripulação, e assim fui em demanda da ilha, que então me ficava na distancia de quasi quatro leguas, e achei n'ella um belisimo porto, onde seguramente podiam ancorar todas as

(12) Sem duvida a propria ilha de Fernando de Noronha, que, segundo parece, acabava de ser descoberta pelo navegador d'este nome umas seis semanas antes, pela festa de S. João (24 de Junho) pelo que a denominára de S. João.

(P. S.)

nãos. Esperei aqui oito dias, sem que me apparecesse ninguém, de sorte que já estávamos pouco contentes, e os homens que ficaram commigo com tanto susto, que os não podia por modo algum consolar. Estando assim, vimos ao oitavo dia vir uma não pelo mar fôra ; e com o receio de que nos não visse, fizemo-nos á vêla e fomos direitos a ella, pensando eu que traria o meu batel e gente. E quando estive-mos perto, saudamol-a e a inquerimos sobre estes pontos; ao que nos respondeu que a capitanea tinha ido ao fundo, salvando-se apenas a gente, e que o meu batel e tripolação tinham seguido a armada por aquelle mar fôra. Aqui foi tal a minha paixão, como V. M. pôde pensar, por me achar mil leguas distante de Lisboa, muito engolfado e com pouca gente. Comtudo, fazendo frente á desgraça, foi-nos forçoso navegar por diante, e tornando á ilha nos provemos de agua e lenha, com o batel da minha conserva. Esta ilha é deshabitada, tem muitas aguas doces e correntes, infinitas arvores, e innumeraveis aves maritimas e terrestres, tão simples que se deixavam apanhar á mão, e assim caçámos tantas, que carregámos um batel d'ellas ; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e algumas serpentes.

Feita a nossa provisão, partimos pelo sul quarta a sudoeste, porque tínhamos de regimento real que se alguma das náos se perdesse, da armada ou da capitanea, endireitasse o rumo para a terra que na viagem passada descobrimos, em um porto a que puzemos o nome de *Bahia de Todos os Santos*; e prouve a Deus dar-nos tão bom tempo que em dezeseite dias tomámos terra, ainda que estivessemos distantes de tal ilha boas trezentas leguas. Não achando aqui o nosso capitão-mór, nem nenhuma outra não da armada, esperámos dois mezes e quatro dias ; e vendo que não vinha noticia alguma, deliberámos a conserva e eu correr a costa ; e nave-

gámos mais para diante duzentas e sessenta leguas até que chegámos a um porto (13), onde determinámos fazer uma fortaleza, como com effeito fizemos, deixando n'ella vinte e quatro christãos, que vinham na outra não, dos que tinham naufragado na capitanea.

Estivemos n'este porto cinco mezes, fazendo a fortaleza e carregando páo-brasil, porque não podíamos navegar mais para diante por nos faltar muita gente e apparelhos.

Feito isto, conviemos em voltar para Portugal, que nos ficava pelo nor-nordeste, e assim deixando os vinte e quatro homens em terra, com mantimentos para seis mezes, doze bombardas e muitas outras armas, pacificámos toda a gente do paiz, da qual não faço menção n'esta viagem, não porque não vissemos e praticassemos com infinita, pois fui pela terra dentro, acompanhado de trinta homens, algumas quarenta leguas, aonde vi muitas cousas, que deixo de contar, reservando-as para as minhas *Quatro Jornadas*. Está esta terra além da equinocial 23° (14), e trinta e sete mais ao occidente do que Lisboa, segundo mostraram os nossos instrumentos.

Feito tudo isto despedimo-nos dos christãos e da gente da terra, e começámos a nossa navegação pelo nor-nordeste, com tenção de ir em direitura á Lisboa, e em setenta e sete dias, depois de tantos trabalhos e perigos, entrámos n'esta barra aos 18 de Junho de 1504, Deus louvado. E aqui fomos muito festejados, por todos nos reputarem perdidos; e as outras náos da armada todas o estarão pela soberba e loucura do nosso capitão, pois assim paga Deus aos soberbos.

(13) Este porto foi o de *Cabo Frio*, segundo se deduz da sua longitude O. de Lisboa, e se confirma pelo *Isolario* MS. de Santa Cruz. (P. S.)

(14) Esta latitude foi provavelmente mal lida e estampada errada como 18. O autor escreveria 23°, não 18°. O 1 com o 2, e o 3 com o 8 eram mui parecidos na letra antiga. (P. S.)

Presentemente acho-me em Lisboa, e não sei o que el-rei quererá fazer de mim, que tenho muito desejo de descansar. O portador d'esta que é Bemvenuto, filho de Domingos Benevenuto, contará á V. M. das minhas circumstancias, e de algumas cousas que deixo de dizer, por elle as ter visto e ouvido, louvado seja Deus.

Fui simplificando esta quanto pude; e se deixei de referir muitas cousas de historia natural, querendo-me referir a elle, V. M. me desculpará: supplico-lhe me tenha no numero dos seus criados, e recommendo-lhe Antonio Vespucci, meu irmão, e toda a minha casa. Fico rogando a Deus que prospere a vida, e que exalte e augmente o estado d'essa magnifica e excelsa republica, e honra de V. Magnificencia.

Escripta em Lisboa, aos 4 de Setembro de 1504.

Vosso servidor,

Amerigo Vespucci.

(Em Lisboa.)

NOTA

Esta notavel e extensa carta, escripta por Vespucci ao gonfaloneiro Soderini, seu antigo condiscipulo, deve ter sido impressa por primeira vez, provavelmente em caracteres gothicos, em 1505; pois que, em 10 de Fevereiro d'este anno, tirou d'ella cópia, naturalmente para esse fim, o notario florentino Lorenzo di Piero Choralmi da Dicomano, a pedido dos «magnificos senhores» Girolamo di Hofri e Caccia e Baldini de Horcia. Porém d'esta edição, que serviria para a traducção franceza, da qual o conego Jean Basin de Sendacour fez o traslado latino, que Waldzeemüller imprimiu por primeira vez em 1507, lendo *V. Magestas* por *V. Magnificenza*; não se tem encontrado nenhum exemplar; o que não admira; quando da que parece ter sido segunda edição, executada talvez pelos annos de 1516, em caracteres redondos,

com o titulo em gothico, não se contam mais de quatro exemplares, E' notorio como de duas das cartas de Colombo, de 1493 e de 1502, não se conheceram as primeiras edições, senão desde que, por acaso, de cada uma d'ellas foi encontrado um exemplar.

Como é sabido, foi, no acto de publicar em latim esta carta (na qual o autor é nomeado *Americus* e não *Albericus*), que o dito Wald-zeemuller, por primeira vez, propoz que o continente desde pouco descoberto fosse chamado AMERICA, nome este que desde logo inscreveu no pequeno globo ou *poma*, que *então publicou*; tratando de justificar a idéa com as seguintes palavras que por si sós destróem todas as extravagantes pretensões de buscar para esse nome outra origem ou etymologia.

Eis as proprias palavras, com que formulou a dita proposta, a qual não tardou a ser aceita pelos sabios Schöner, Vadianus (Watt) Margalho, Apiano e outros :

« Et alia quarta pars per Americum Vesputium (vt in sequentibus audietur) inventa est—quam non video cur quis iure vedet ab Amerigo inuentore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terram, siue Americam dicendam: cum et Europa et Asia a mulieribus sua sortita sint nomina. »

A leitura de *V. Magestas* per *V. Magnificenza* deu origem á crença de que a dita carta fôra escripta ao rei Renato. (*P. S.*)

II

Outra narração da terceira viagem, em carta de Lisboa para Paris, a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, escripta antes da precedente mais de anno e meio, de modo que as duas narrações servem de rectificar uma á outra.

Ha dias lhe escrevi extensamente ácerca do meu regresso das terras novas, que, na frota a expensas d'este Serenissimo rei de Portugal, corremos e descobrimos; as quaes terras nos deve ser permittido chamar *Novo Mundo*, porque, entre os nossos maiores não houve o menor conhecimento de que fossem habitadas, e para todos que ouvirem será uma novidade. E, entretanto, esta opinião vai além da dos antigos, pois d'elles a maior parte dizem que, além da equinocial, para a banda do meio-dia, não existia terra continental, mas sómente o mar Atlantico, e os que affirmaram haver ahi terra negaram que fosse habitada de racionaes. Mas o ser esta opinião falsa, e a verdade o contrario, se provou n'esta minha ultima viagem, pois n'aquelles meridianos encontrei terra continental habitada de mais povos e animaes que a nossa Europa e a Asia ou Africa, e os ares mais temperados e amenos que em qualquer outra região conhecida, conforme direi, tratando do que vi ou ouvi digno de notar n'este *Novo Mundo*, segundo se verá mais abaixo.

Aos 14 (15) de Maio de 1501 partimos de Lisboa por ordem do dito rei, com tres navios, em busca das novas terras austraes. Com viagem feliz, navegámos de continuo dez (16) mezes para as bandas do sul, pela fôrma seguinte. Fizemos caminho pelas ilhas, antes ditas *Fortunadas*, e que hoje se dizem Grã Canarias, que jazem no terceiro clima e confins do occidente povoado. Depois corremos, pelo oceano, todo o littoral africano e parte do ethiophe, até o promontorio chamado Ethiophe por Ptolomeo; o qual agora, pelos nossos, se diz Cabo Verde e pelos ethiopes Bezeguiche (17), e a região Mandinga, em 14° ao norte da equinoçial, habitada por pretos.

Ahi, recuperadas as forças e providos do necessario, levámos ancoras, largámos velas e seguimos viagem para o sul, cahindo um tanto para lo-este, aproveitando os ventos de lêste. E navegámos, desde o dia que partimos do dito cabo, durante dois mezes e sete (18) dias antes de encontrar nenhuma terra.

Quanto soffremos, que perigos de naufragio e de corpo aguentámos, em que anciedades de animo nos vimos, deixo á consideração dos que têm exacto conhecimento das cousas, e de que seja buscar o incerto e investigar o ignorado; e para dizer tudo em poucas palavras, accrescentarei que, dos sessenta e sete dias que de continuo navegámos, quarenta e quatro tivemos de chuva, trovões e raios; e tão escuros que nem viamos de dia o sol, nem de noite o sereno céu. O facto é que tanto augmentára em nós o medo, que haviamos perdido quasi todo a esperança de vida. No meio d'estas

(15) Na carta a Soderini se lê 10.

(16) No original impresso se lê XX, mas é evidente erro typographico á vista da propria narração do autor. (P. S.)

(17) Bezenégue, actual porto de Gorée. (P. S.)

(18) No impresso se lê tres, evidentemente por erro, por quanto logo adiante o numero de dias é conputado em sessenta e sete. (P. S.)

terriveis tormentas approuve ao céu altissimo mostrar-nos terra continental e novas regiões, e outro mundo desconhecido, com o que tanto nos alegrámos quanto podem imaginar os que tenham experimentado varias calamidades e fortunas contrarias. No dia 17 (19) de Agosto de 1501 surgimos na costa d'aquella terra, agradecendo a Deus, com solemnes preces, e celebrando uma missa cantada, a qual terra reconhecemos não ser ilha, mas sim um continente, pois corremos ao longo do seu littoral, sem a rodear, e era povoada de innumerous habitantes e de muitas sortes de animaes silvestres, que não se encontram nos nossos paizes, e muitas outras cousas nunca de nós vistas, que seria longo de referir. Muito devemos á clemencia de Deus que nos fez aportar n'aquella região, porque já nos faltava agua e lenha, e poucos dias mais poderíamos aturar no mar. Por isso a elle honra e gloria em acção de graças.

Resolvemos navegar, seguindo o littoral, que pende para o oriente, sem d'elle nos afastar; e tanto o costeámos que chegámos a um angulo, para diante do qual a costa propendia para o sul. E desde o lugar, em que primeiro surgimos até o dito angulo, contámos trezentas leguas, durante as quæ communicámos muitas vezes com a terra e os seus habitantes, como abixo narrarei. Esquecia-me dizer que desde o Cabo Verde até a dita primeira paragem d'esse continente ha perto de setecentas leguas; ainda que avaliámos em mais de mil e oitocentas as que navegámos; em parte por ignorancia dos lugares e do capitão, e em parte pelas tempestades e ventos que nos impediam seguir caminho recto, obrigavam a muitas singraduras; de modo que, a não ser os que entendiamos de cosmographia, não seria o nosso

(19) Veja-se a carta a Soderini e a conta dos sessenta e sete dias.

(20) Sem duvida a Bahia. (P. S.)

(P. S.)

chefe que durante quinhentas leguas soubesse onde estávamos. Andariamos vagos e errantes, a não nos valermos dos nossos instrumentos de tomar a altura — o quadrante e astrolábio—bem conhecidos. E assim, desde então, todos nos fizeram muita honra, e lhes provei que, sem conhecimento da carta de navegar, não ha disciplina que valha para a navegação, a não ser pelos mares já pelos mesmos individuos muito navegados.

Do lugar, porém, em que o littoral quebrava em angulo para o sul, resolvemos continuar a navegar, e vêr que região fosse essa. Navegámos, pois, seguindo a costa umas seiscentas leguas, baixando muitas vezes em terra, tratando com os habitantes, e sendo bem recebidos e morando com elles amigavelmente ás vezes quinze e vinte dias continuos, como abaixo se verá.

Uma parte d'este continente jaz na zona torrida, ao sul da equinocial desde o oitavo grão. Tanto ao longo d'elle navegámos que, passado o tropico de Capricornio, chegámos á altura de cincoenta grãos, na distancia de dezeseite e meio do circulo antarctico. E do que vi e investiguei da natureza d'aquellas gentes, dos seus costumes e trato, da fertilidade da terra, da salubridade dos ares, da disposição do céu e dos corpos celestes, e, especialmente das estrellas fixas da oitava esphera, nunca aos nossos maiores vistas ou tratadas, passarei a dar conta.

Começarei pela gente. Foi tanta a multidão d'ella, mansa e tratavel, que encontrámos n'aquellas regiões, que, como diz o Apocalipse, não se pôde contar. Os de um e outro sexo andam nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo, como sahem dos corpos das mães, e assim vão até a morte. Têm

os corpos grandes e robustos, bem dispostos e proporcionados, de côr tirante á vermelha, o que, segundo creio, lhes procede de serem tintos pelo sol, andando nús.

Têm os cabellos negros e crescidos ; são ageis, e faceis no andar e nos jogos, e de mui bellas feições, as quaes com-tudo a si proprios desfiguram, furando as faces, os labios, as ventas e as orelhas. E não se creia que os buracos sejam pequenos ou tenham apenas um, pois vi muitos com sete, cada um dos quaes tão grandes como um abrunho. Tapam estes buracos com bonitas pedras azues de mar-more, crystallinas ou de alabastro, e com ossos alvissimos e outros objectos elaborados segundo seu uso, que é insolito e monstruoso. Homens ha que levam nas faces e labios sete pedras, cada uma de metade da palma da mão de comprimento. Não sem admiração, muitas vezes achei pesarem essas sete pedras dezeseis onças, além das que trazem pen-dentes de tres buracos nas orelhas.

Mas este uso é sómente dos homens. As mulheres não furam as faces, mas sómente as orelhas.

Outro costume têm extravagante, e que parece incrível : que as mulheres, sendo libidinosas, fazem inchar o membro de seus maridos tanto, que parecem brutos, e isto por meio de certo artificio e mordedura de uns bichos venenosos, por cujo motivo muitos d'elles o perdem e ficam como eunuchos.

Não possuem pannos de lã nem de linho, nem mesmo de algodão ; porque os não necessitam, nem têm bens de propriedade ; porém tudo lhes é commum. E vivem juntos, sem rei nem Imperio, e cada qual é senhor de si.

Tomam tantas mulheres quantas querem, e o filho se junta com a mãe, e o irmão com a irmã, e o primo com a prima, e o caminhante com a que encontra. Basta a vontade para matrimoniarem, no que não observam ordem alguma. Além disso não possuem templos nem leis, nem

são idólatras. Que mais direi? Vivem *secundum naturam*, e se podem conceituar de epicureos mais que de estoicos. Não ha entre elles commerciantes nem commercio.

Guerream-se entre si, sem arte nem ordem. Os mais velhos, com alguma parcialidade, obrigam a quanto querem os jovens, e os levam á guerra, na qual se matam cruamente; e aos que captivam não poupam as vidas senão para que os sirvam toda a vida, ainda que a outros comem, sendo certo que é entre elles a carne humana manjar commum; e se ha visto haver o pai comido mulher e os filhos. E um conheci eu, a quem fallei, que se gabava de haver saboreado trezentos corpos humanos, e até estive vinte e sete dias em certa povoação, onde vi dependurada pelas habitações carne humana salgada, como entre nós se usa com o toucinho e a chacina de porco.

Digo mais: até se admiram de como nós não comamos os nossos inimigos, nem façamos uso de sua carne, que dizem saborosissima. Suas armas são arcos e flechas; e quando se affrontam em acção não cobrem nenhuma parte do corpo para defender-se, e n'isto são semelhantes aos animaes. Procurámos dissuadil-os quanto nos foi possivel d'estes barbaros costumes, e elles nos prometteram deixal-os.

As mulheres vão nuas, e com quanto libidinosas, como disse, são assaz bellas e bem formadas; e pasmoso nos pareceu que, entre as que vimos, nenhuma se notava que tivesse os peitos cahidos; e as que já haviam parido, pela fôrma do ventre e sua contracção, não se differenciavam das virgens, e se lhes semelhavam nas outras partes do corpo, do que por decencia deixo de occupar-me; mas quando podiam tratar com os nossos christãos, impellidas pelo desejo, não tinham o menor pudor.

Vivem cento e cincoenta annos, e raras vezes adoecem.

E se adoecem, a si proprios se curam com certas raizes de plantas. Eis quanto de mais notavel entre elles observei.

Os ares ahi são temperados e bons; e, pelo que pude deduzir de suas narrações, não ha pestes nem doenças provenientes da corrupção do ar, e, se não morrem de morte violenta, vivem larga vida; segundo creio, porque sempre ahi predominam os ventos austraes, e principalmente o que denominamos euro ou aquilão.

Deleitam-se na pesca, e o mar é ahi mui proprio para ella, porque é copioso em toda sorte de peixes.

Não se dão á caça; penso que porque, havendo ahi muitas sortes de animaes, *marime* leões e ursos, e muitas cobras e outros bichos horridos e disformes, e porque os bosques são extensos e as arvores muito grandes, não ousam arriscar-se, nús e sem comprimento, a tantos perigos.

A terra d'aquellas regiões é fertil e amena, de muitos montes e morros, e infinitos valles, e regada de grandes rios e fontes, coberta de extensos bosques, densos e apenas penetraveis, e povoada copiosamente de fêras de todas as castas. N'ella nascem, sem cultura, grandes arvores, as quaes produzem fructos deleitosos, e de proveito ao corpo e nada nocivos, e nenhuns fructos são parecidos com os nossos. Produzem-se innumeraveis generos de arvores e raizes, de que fabricam pão e optimos mingãos, além de muitos grãos ou sementés não semelhantes aos nossos.

Metaes nenhuns ahi se encontram, excepto o ouro, do qual ha abundancia, se bem que d'esta viagem nenhum comnosco trouxemos; mas deram-nos d'elle noticia os habitantes, affirmando que nos sertões havia muito, mas que não o estimavam nem apreciavam.

As perolas abundam n'esta região, como em outro lugar escrevi (21). Seria demasiado prolixo e descommedido se

(21) Na parte da segunda viagem, respectiva ás costas de Paria ou Venezuela actual.

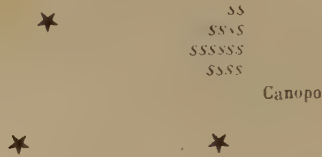
quizesse dar conta uma por uma de todas as cousas dignas de noticia, e das numerosas especies e multidão de animaes. E verdadeiramente creio que o nosso Plinio não conseguiu tratar da millesima parte dos animaes, nem dos papagaios e outros passaros, os quaes, n'aquelles paizes, são de fórmās e còres tão variadas, que o artista Policleto (22) não conseguiria pintal-os. Todas as arvores tão odoríferas, e produzem gomas ou oleos, ou algum outro licor, cujas propriedades todas, se fossem conhecidas, não duvido que andariamos todos sãos. E por certo que se o paraizo terreal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe d'estes paizes; ficando situado ao meio dia, com ares tão temperados, que nem no inverno gela, nem no verão faz calor.

O céu e os ares, na maior parte do anno, são serenos, repassados de densos vapores. Chove ahi a miudo, e dura a chuva tres e quatro horas, e como nimbulo se esvahe. O céu se adorna de bellissimos signos e figuras; e notei umas vinte estrellas de tanta luz, como algumas vezes tinhamos visto Venus e Jupiter. Estudei os seus movimentos e orbitas, e medi suas circumferencias e diametros por um breve processo geometrico, e reconheci serem de grandeza maior. Vi n'aquelle céu tres canopos, dois sem questão de maior grandeza, e o outro escuro. O pólo antartico não é figurado com as Ursas maior e menor, como o nosso, nem junto d'elle se vê nenhuma estrellā brilhante; e, entre as que girām em seu derredor em breves orbitas, tres têm a figura de triangulo-rectangulo (23), cuja semi-peripheria tem de diametro nove grãos e meio. E quando nascem da esquerda, se vê um

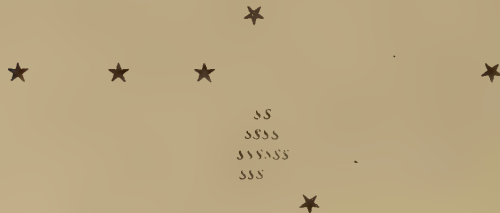
(22) O traductor deve ter lido mal este nome. Policleto nunca foi pintor, mas esculptor em bronz. Creemos que no original de Vespucci se leria antes *Pollajuolo*, nome de um pintor florentino, fallecido apenas cinco annos antes.

(23) Sem duvida o *Triangulum Australe*. (P. S.)

canopo branco de eximia grandeza, e quando chegam a meio
cêo têm esta figura :



Após estas vêm duas, cujas semi-peripheria tem doze
grãos e meio, e com ellas se vê outro canopo claro. Seguem
mais seis estrellas formosissimas e clarissimas entre outras da
oitava esphera, que, na superficie do firmamento, têm no
diametro da peripheria trinta e dois grãos, e são accompanha-
das de um canopo escuro de immensa grandeza, que se vê na
via-lactea, e quando se acham na linha do meio-dia apresen-
tam esta figura (24):



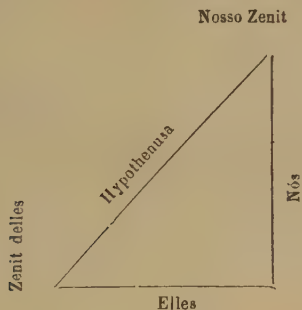
Muitas outras bellissimas estrellas reconheci, notando
suas orbitas, as quaes descrevo graphicamente no meu livro
d'esta viagem, ainda em poder d'este Serenissimo rei, que
espero m'o restituirá.

N'aquelle hemisterio vi cousas não de accordo com as ra-
zões dos philosophos. Perto da meia noite foi visto o arco
iris brilhar, não só por meus olhos, como por todos os

(24) Refere-se manifestamente Vespucci ao *Cruzeiro do Sul*. (P. S.)

nautas (25). Igualmente vimos a lua nova no dia da conjuncção com o sol. Todas as noites percorrem n'aquelle céu innumeros vapores e flammæ ardentes. Disse hemispherio, ainda que, com respeito a nós, não o seja mui rigorosamente, mas só para que nos entendamos.

Assim, partidos de Lisboa a trinta e nove grãos e meio ao norte da linha, navegando além de cincoenta grãos sul, se contaram uns noventa grãos na latitude, os quaes, perfazendo um quarto de circulo maximo, é manifesto que, segundo as noções que herdámos dos antigos, navegámos a quarta parte do mundo. E por esta razão, os que morámos em Lisboa, em trinta e nove grãos e meio de latitude septentrional, estamos em relação, com os que se encontrem em cincoenta grãos do lado do sul, no quadrante, em linha transversal; ou mais claro: a linha vertical, que parte de nós ao ponto do céu sobre nossas cabeças, fica-lhes a elles de lado, formando com a d'elles um triangulo-rectangulo, cuja altura nos corresponde, e a elles a base, ambas reunidas na extremidade pela competente hypotenusa, como se vê da seguinte figura:



(25) Em varias edições, como na seguida por Bandini e por Charton lêm se aqui periodos, com explicações que não se encontram na traducção latina, nem na de Vicenza de 1507. Igualmente as estampas das estrellas são mui differentes, motivo por que não acertaram elles quaes eram.

E o dito baste quanto á cosmographia.

Taes foram as cousas mais notaveis que vi n'esta minha ultima viagem, que denomino *Jornada Terceira*, pois as outras duas foram as viagens que para o occidente fiz por mandado do Serenissimo rei de Hespanha, nas quaes assentei, dia por dia, todas as cousas admiraveis e mais de notar do sublime Creador nosso Deus, para, quando tenha tempo, me dedicar a colligir todas estas singularidades e maravilhas, escrevendo, geographica ou cosmographicamente, um livro, para que a minha memoria passe á posteridade, e se conheça o immenso certicio de Deus Omnipotente, em parte dos antigos ignorado e de nós conhecido. Pelo que rogo a Deus clementissimo que me prolongue os dias de vida, afim de que com saude e a sua boa graça possa realizar este desejo e boas disposições. As outras duas *Jornadas* reservo; e restituindo-me este Serenissimo rei a terceira, regressarei tranquillamente á patria, conferindo com os peritos, e com auxilio e animação dos amigos, espero que poderei levar a cabo estes intentos.

Peço desculpa de não lhe enviar esta derradeira *Jornada*, conforme prometti na minha ultima. E' disso causa o não haver podido conseguir a sua restituição d'este Serenissimo rei. Penso fazer ainda um quarta viagem; e já dois navios estão para isso armados, e a promessa feita para eu ir, pelo sul, rumo de Africa, em busca de novas regiões no oriente. E n'esta nova viagem muito penso realizar em louvor de Deus e utilidade do seu reino, e honra da minha velhice, e nada mais espero senão a ordem do mesmo Serenissimo rei. Deus n'isso permita o que creia melhor, e o que fôr resolvido constará.

« O traductor Giocondo (Jocundus) verteu a presente

Devia seguir-se a data e assignatura, que não foram postas e em lugar d'isso o traductor, que foi o dominicano Giovani del Giocondo então em Paris, accrescentou em latim a seguinte declaração):

epistola do italiano em latim, para que os latinos reconheçam quantas cousas admiraveis se viram n'esta viagem, e se reprima a audacia dos que pretendam perscrutar o erro e a magestade, e saber mais do que é licito; quando, havendo tanto tempo que começou o mundo, é desconhecida a vastidão da terra e quanto ella contém—Deus louvado. »

NOTA

A carta acima, dirigida para Paris, onde se achava Lorenzo di Pier Francesco, nunca foi publicada no original italiano; mas sim por primeira vez em latim, sem duvida em Paris mesmo, em principios de 1503; sendo logo depois reproduzida por meio de outras muitas edições e traducções pelas differentes cidades da Europa central; d'onde proveiu que a reputação de Vespucci, sem nenhuma má fé de sua parte, ultrapassou desde logo, na mesma Europa central, á de Colombo.

Na propria Hespanha, onde o nome proposto por Waldzeemüller em 1507 tardou mais em ser aceito, já o admittiu Pedro Margalho no seu *Phisices Compendium*, impresso em Salamanca em 1511.

Dizemos em principios de 1503, não só porque em 18 de Julho de 1502 havia regressado Vespucci e dado d'isso parte, em carta anterior a esta, ao dito Lourenço, como porque este falleceu no decurso do dito anno de 1503; e quando Vespucci escreveu esta já dois navios estavam apparelhados para a viagem em que de novo seguiu em Maio, d'este ultimo anno.

Quanto ás outras cartas, attribuidas a Vespucci, e que, como taes foram publicadas por Bandini, Bartholozzi e Baldelli, e a que deu tanto credito Al. de Humboldt, é sabido como, graças a um exame paleographico dos MSS., em uma visita de proposito para esse fim feita por nós á Florença, foram reconhecidas como falsificadas, e resultado apenas da especulação de um miseravel, que pelos fins do decimo sexto seculo, abusaria da boa fé do seu collector Pier Voglienti, vendendo-lh'as como originaes.

Devemos acrescentar que ha bastante probabilidade de que Vespucci fizesse á America mais duas rapidas viagens, quinta e sexta, nos annos de 1505 e 1507, realizando assim os seus desejos manifestados no principio da narração da terceira viagem a Soderini. Ao menos é o que se pôde deduzir de certos periodos da correspondencia dos agentes venezianos em Hespanha, corroborados pelo facto de não haver vestigios de sua permanencia na Europa durante uns seis mezes de cada um dos annos mencionados. Essas duas viagens seriam ás costas mais além das de Venezuela, golfo de Uraba, etc. (P. S.)

THESSOURO DESCUBERTO

NO

MAXIMO (RIO)

AMAZONAS

(PELO

PADRE JOÃO DANIEL

DA

Companhia de Jesus)

Parte Sexta (*)

(Cópia authentica do original existente na Bibliotheca
Publica Eborense.)

NOTA

O autographo a que se refere a presente cópia, diverge algum tanto no systema orthographico, o que se pôde colligir da mesma cópia, pois apparecem termos em muitos lugares escriptos, já de uma, já de outra maneira; todavia, para em tudo ser a cópia fiel, assim mesmo vão escriptos.

O autor não conferiu o original (como se deprehende da ultima pagina do ultimo capitulo) e por isso não causem estranheza as omissões por elle commettidas, como falta de letras em alguns lugares, etc., e tambem o appare-

(*) Veja-se a parte segunda, já impressa n'esta *Revista*, tomo II, pag. 329 e 447; e tomo III, pag. 33, 153, 293 e 422. Precede a esta parte uma breve noticia de toda a obra pelo Sr. visconde de Porto Seguro (F. A. de Varnhagen), e bem assim um indice geral das seis partes.

Das primeira, terceira e quarta existem cópias na Bibliotheca Publica d'esta côrte. A quinta parte foi impressa em avulso em 1820.

(Nota da Redacção.)

cerem muitos intervallos, onde faltam palavras, que o mesmo autor deixou ficar em branco; porém assim mesmo vão na cópia.

Das figuras com que elle queria enriquecer esta obra, apenas se encontram tres, apparecendo comtudo no autographo os espaços em branco, onde pretendia collocar-as, cujos espaços se verão na cópia com as mesmas distancias, que tem no autographo.

Secretaria da administração geral em Evora, 1º de Maio de 1844.

O secretario geral,

Estevão Xavier da Cunha.

(PRELIMINAR DO AUTOR)

J. M. J.

. (1)
a materia em seis partes: na *primeira* dou noticia geographica do Rio Maximo Amazonas; na *segunda* descrevo os Indios seus habitantes, sua ley, vida, e costumes: na *terceira* dou noticia da grande fertilidade e riqueza das suas terras e matas: na *quarta* aponto o modo de agricultura que uzam os seus habitantes: na *quinta*, finalmente, e *sexta*, que são as principaes, dou naquella hum optimo meio, ou methodo de se poder melhor, e com brevidade, povoar e desfructar, que he o principal empenho destes senhores nestes tempos; e nesta dou hum curiozo methodo de se poder communicar e navegar aquelle Rio com muita facilidade e conveniencia, fazendo dos ventos contrarios vento bonança, e nas calmarias, e faltas de vento, e de remeyros, dando meyo para fazerem boa viagem, com outros inventos não menos curiozos aos leytores, que uteis aos seus habitantes. Como, porém, os inventos desta sexta parte podem igualmente servir a todo o mundo, os separei á parte neste Tratado. (2)

o que nelle digo, e pôllo em melhor fórma, no caso que a practica corresponda á theorica, como na especulação me parece; e illuminar, ajuntando-lhe alguns outros inventos, e Ingenhos concernentes á mesma materia, de que fallão muitos livros, etc. E' certo, que no exame deve haver cautela, para que os Consultores, que buscares, os não divulguem, e fiqueis vós olhando. (3)
e se vos agradar o meyo, que me occorre, vól-o direi.

(1) São dezeseis linhas truncadas pelo autor.

(2) Duas linhas truncadas.

(3) Tres linhas truncadas.

Examinados bem os inventos, pedir Alvará de privilegio, para que ninguem sem vossa licença os possa pôr na praxe, depois divulgá-los na Gazeta. Depois arrendar a este ou aquelle, que o pretendesse, e vos fizesse melhor conveniencia, v. g.: no rio Tejo dar ou arrendar o privilegio de navegar com este methodo a huma só pessoa; fazer o mesmo no Rio Amazonas, do Pará; o mesmo no Maranhão; nos rios de Senna, em Moçambique, e assim nos mais. A' outra pessoa conferir huma fabrica de moendas para moer trigo com o novo invento de reprezur as marés, v. g., em Lisboa (e não faltará mercador que a queyra pôr em execução, com lucro muito mayor e sem riscos, do que contratar para os ultramares e outros reynos, com tanto perigo). A' outra no Porto, e assim nas mais partes. A' outra pessoa conferir huma tal fabrica de assucar, como a que descrevo, v. g., no Pará, á outra no Maranhão, á outra na Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, etc., etc.

A mesma diligencia podeis fazer em outros reynos para a Europa, v. g., Castella, Inglaterra, etc.; para a America castelhana no Rio da Prata, no rio Macecipe (Mississippi), e outros em que tambem desejarão pessoas particulares tirar privilegios dos seus principes, para só elles uzarem hum deste, outro daquelle invento; e tudo isto antes que ninguem os ponha em praxe; e desta sorte sem fazer injuria a ninguem, porque a praxe antiga fica livre a todos os que quizerem continuar, podeis vós, sem sahir de vossa casa, ajudar-vos muito destes meynos.

E no caso que vós quizesseis tomar algum por vossa conta, v. g., no Estado do Amazonas, onde não ha embarcaçoens de aluguel, com grande detrimento dos seus moradores, que se vêm obrigados a ter cada hum embarcação propria e remeyros, e por isso seria utilissimo meter embarcaçoens commuas, podeis tomar o invento primeiro e se-

gundo, pertencentes à navegação daquelle rio, e todo o Estado até o Maranhão, pedindo outro privilegio, além do primeiro, de quem vos dêm hum Indio de cada missão, revezado de seis em seis mezes ou de anno a anno, pagando-lhe vós o seu salario, e obrigar-vos a pôr dous barcos communs no Rio Amazonas, que andem encontrados hum para baixo e outro para cima, e com os Indios fazer-lhe primeiro toda a sua necessaria esquipação cada hum, v. g., de dez pessoas, que são os que basta para a navegação do novo invento, e os que sobejarem, que são muitos, cultivares algum sitio, onde pelo tempo adiante possais levantar huma tal fabrica de assucar ou de madeyra, e terceiro barco para a navegação das vizinhanças do Pará, e do Pará para o Maranhão; e he tão grande a conveniencia, que com as ditas embarcaçoens se segue a todo aquelle Estado, pellas razoens que aponto em seu lugar, e principalmente as suas missoens, que não só vos darão *libenter* hum Indio de cada huma, mas ainda algumas outras regalias; como, v. g., de Capitão-mór do dito rio, bandeira no barco, etc.; e na verdade são precizas para livrar das muitas absolutas, que costumão fazer muitos moradores, e principalmente os Commandantes das fortalezas do dito rio, com grande prejuizo do dono e bem commum.

Bem sey, que pellas poucas povoaççoens daquelle rio não dariam os alugueis muita conveniencia aos barcos, muito mais ficando livre a cada hum o navegar como antes; porém com levar aguas ardentes, que têm muito gasto, e outras couzas de que necessitão os seus habitantes, e vender tudo mui accomodado, podeis muito bem resarcir os gastos, etc. (4)

(4) Onze linhas trancadas.



PARTE SEXTA

Do Thesouro descoberto no Rio Maximo

AMAZONAS

CONTÉM

Inventos uteis e curiosos para a melhor navegação, fazendo prosperos todos os ventos, ainda os mais ponteiros e contrarios. E para fazer nas calmarias boa viagem. Com nova invenção de reprezar as marés, para moerem fabricas e Ingenhos de moto continuo. Accrescem algumas outras idéas de Ingenhos manuaes, para serrar madeyra, fazer assucar, e muitos outros não menos curiozos que uteis á vida humana.

OFFERECIDOS

POR HUM CURIOZO AOS NAVEGANTES

Antiloquio

Por me vêr obrigado, pellas razoens que aponto na primeira parte deste *Thesouro*, descoberto no Amazonas, a entreter o entendimento na falta suma de todos os divertimentos e de livros. (5) e por disfarçar a falta do somno ainda do necessario das noutes, e tomando para remedio o argumento do Rio maximo Amazonas, me faltão, para cumprido da minha promessa de dar methodo de fazer mui communicavel a seus habitadores aquelle grande rio, os inventos da sexta parte, que agora vou a propôr, desejando sahião na praxe quaes me parecem na especulação.

Esta he a razão por que os apropriio aquelle famoso rio, não obstante que a sua conveniencia he igualmente util a todo

(5) Doze linhas truncadas.

o mundo, porque com elles postos em praxe se abreviã as viagens, encurtão as provizoens, se diminuem os gastos, se evitão nos viveres e agoadas as corrupçoens, e se remedião muitas doenças, epidemias e mortandades, que nas dilatadas viagens e perigozas calmarias ordinariamente succedem, além de muitas outras optimas conveniencias, que ao bem commum e augmento do commercio resultão. Mas quando não fossem de tanta utilidade a todo o mundo, bastar-me-ha serem-no ao grande Rio Amazonas e outros semelhantes, para já eu conseguir o meu intento, que he fazer facil a sua navegação e communicação, para se não verem obrigados os seus moradores a navegarem em proprias embarcaçoens, com grande prejuizo das suas lavouras, de que tiram os operarios para as equiparem por falta de barcos communs para serventia de todos.

Supponho que não serão censurados estes novos inventos por novellas, porque eu não pretendo louvores ou elogios dos leytores, nem premios de inventor nos principes, nem certidoens de serviço nos magistrados: basta-me o terem-me servido de honesto divertimento em tanta miseria, e na falta de outros, e de que venhão a servir de utilidade aos mareantes, os que pertencem á pilotagem, e os mais, de conveniencia aos moradores do Amazonas na facilidade dos seus Ingenhos, e tudo para maior gloria de Deos.

Valete.

CAPITULO I

Do primeiro invento de fazer prosperos a toda a navegação todos os ventos, e converter ainda os mais contrarios em prospera bonança.

Mui debatido argumento e materia de grandes discursos tem sido de indagar alguma industria, com que fazer prosperos os ventos contrarios, e converter em bonançozos os ponteyros, ou já por meio de bolsos nas velas, ou algum outro: mas, por mais que se quebrem as cabeças, não tem para onde appellar mais, que para os bordos ou rodeyos, e para as esperas de determinadas monçoens mais prosperas em certas estaçoens do anno; e se fóra dellas intentão fazer viagem, pella razão de não ter o mar cancellas, como dizia algum, constrangendo a sahir fóra de tempo huma pequena armada para a India, expõem-se ao que então succedeu, porque só huma não lá chegou, ficando as mais pello caminho. Este segredo, pois, tão encantado me parece, que o tenho achado tão efficaç, como facil; e emquanto se não descobrir outro melhor (se he que se pôde descobrir melhor) tambem me parece ser unico, segundo os dilatados das minhas solidoeens.

Já a mim em outro tempo me tinha occorrido a possibilidade deste invento, notando as rodas de hum relógio; e posto que, pondo-o em questão, achei contrarios os mais parece-res, reduzindo a minha especulação á praxe em hum rustico experimento, e mostrando-o a meu mestre, que na philosophia, e theologia tinha exercido este cargo com esplendor da Companhia, honra das cadeyras e applausos dos ouvintes, respondeu á sua vista, que não havia duvida, que era possível e factivel; e segundo o grande exame, que nos annos da minha dilatada solidão d'elle fiz, julgo, que ninguem o poderá impugnar *quoad substantiam*. Digo *quoad substan-*

tiam, porque *quoad accidentia*, que são os instrumentos e o modo de os arrumar, bem se poderão pôr em outra melhor fórma, como o julgarem os praticos e o ensinar a experiencia. E porque *facile est inventis addere*, cada qual poderá discorrer melhor arrumação, segundo os diversos pareceres de cada hum, entre os quaes me reconheço *tamquam minus sapiens*.

Consiste, pois, todo o invento só em duas industrias, dependentes huma da outra, de sorte que nenhuma dellas sem a outra vale de cousa alguma, e são vélas e remos; as vélas para moverem os remos, e estes para puxarem os navios. O que supposto, toda a difficuldade está na qualidade e feitio das vélas, que são o cardo rei do invento; porque devem ser vélas de tal feitio, e de tal sorte postas e dispostas, que sejam totalmente indifferentes para toda a variedade de ventos, e *ex consequenti* mui dissimilhanes ás vélas antigas: antes muitas vezes se largarão humas e outras, e todas juntas levarão melhor os vazos.

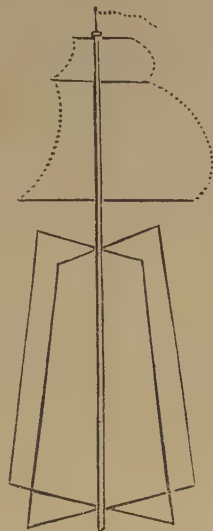
METHODO ESPECULATIVO

Devem, pois, ser estas vélas, para serem expostas a toda a variedade de ventos, semelhantes ás *rodas* das fiandeiras, chamadas *dobadouras*, que andam á roda dos mesmos eyxos, em que se sustentão. Da mesma sorte, pois, estas novas vélas hão de andar á roda dos seus eyxos, que são os mastros; e deste seu moto, feitio, e semelhança, as chamaremos *vélas dobadouras* para distincção das vélas antigas.

De cujo moto circular já os leytores inferem: primeiro: Que estas *dobadouras* não devem estar firmes em alguns mastros, comos as antigas; mas antes hão de girar á roda delles com regular moto, mais ou menos ligeyras; segundo o maior ou menor impulso dos ventos. Segundo: Que pelo seu feitio

fição as *dobadouras* expostas, e indifferentes a toda a variedade de ventos, e que tanta impressão farão nellas os de pôpa, a que chamão *bonança*, como os *bolinaes*, e de prôa.

Bem assim, como as vêlas dos moinhos de vento, que estão expostas a todos os ventos; melhor direi, bem como as *dobadouras* das *fiandeiras*, que estão indifferentes a qualquer impulso, e de qualquer banda que lho dê; porque nos moinhos de vento andam as vêlas á roda com os seus *eyxos*, mas nas *dobadouras* das *fiandeiras* são os *eyxos* firmes, e só giram as rodas; do mesmo modo as nossas *dobadouras* hão de circular á roda dos seus mastros, perseverando estes sempre firmes: figura das *dobadouras* no presente A.



Podem também as vêlas ser do mesmo feitio das vêlas dos moinhos; mas para poderem ser maiores, e sufficientes á grandeza de qualquer embarcação, me parecem mais proporcionadas do feitio aqui delineado. Poderão também ajuntar-se-lhe outras do feitio das dos moinhos na prôa e pôpa; porque na prôa se lhe faz precisa, não tanto para ajudar as *dobadouras*, que por si sós supponho sufficientes para fazerem circular os remos, mas para servir de rodêla aos ventos proeyros, para que estes não sejam obstaculo, imprimindo nas prôas a sua força, o que não farão quebralos na rodêla ou escudo da nova vela. Na pôpa, ou por cima, ou pellas bandas, se poderão também adjectivar vêlas do mesmo feitio.

Explicadas assim as vèlas dobaduras, que são o principal agente do invento, ou novo methodo de navegar; segue-se a explicação dos remos, que são o segundo requizito sem o qual as vèlas por si sós nada fazem; porque pello seu moto circular nenhuma impressão fazem nos navios, e por isso necessitão de remos, por meio dos quaes puxem os vasos. Devem, pois, ser remos proporcionados, e para o serem não hão de ser compridos ou como uzão na Europa, de voga, mas curtos e do feitio de pás, ao uzo da Azia, America e Amazonas, e de muitas outras partes, de quatro até cinco ou seis palmos de comprido, e hum e meio até dous palmos de largo. He certo que em embarcaçoens maiores tambem poderão ser maiores, segundo a proporção das embarcaçoens, como mostra a segunda figura *B*.

(Não vem o desenho.)

De muitos modos se podem accomodar estes remos na praxe, especialmente de quatro. Primeiro: Seguros em tornos ou fortes cravos de ferro, com cabeça redonda, á roda dos quaes andem os remos com moto circular, impellidos das dobaduras, semelhantes a rodizios de cordoeiros. Segundo: Com molas por baixo, semelhantes ás molas que segurão os fuzis das espingardas, e então os remos devem ter a banda debaixo facetada, e toda a mais cabeça redonda, ou com duas faces por baixo e por cima; mas então dependem de duas molas encontradas: huma por baixo, que obrigue os remos para a pôpa; e outra por cima, que os obrigue para a prôa, cada huma conforme a sua força elastica.

Terceiro modo: Póde ser com remos abertos pelo meio, de alto a baixo, prezas e seguras as duas metades com meias dobradiças, que fechem para diante e abram para traz, isto he, que abram ao cahir na agoa e fechem ao levantar,

tendo assim só meio circulo, porque se levantão pela mesma parte que cahem ; bem como patas de ganços, quando nadão, que fechão quando levantão e abrem quando fazem a impressão na agua.

He certo que deste modo custarão mais a fazer os remos, mas elles feitos, e bem ajustados, serão muito regulares, e mais aptos para nelles prestarem as dobadeiras o seu effeito por meyo de algumas molas.

Quarto modo : Póde ser fixar os remos em 2 rodas, huma de bombordo, e outra da banda de estibordo, seguras ambas em hum eyxo, como os de carro, que atravessasse o navio de hum a outro lado, e então fazendo as dobadeiras andar á roda o eyxo, e este ás rodas, irão os remos fazendo na agoa a sua impressão ; e quando não baste huma só roda por banda se podem pôr duas ou tres, ou as que se necessitarem ; e talvez que este quarto modo agrade mais na praxe, porque com elle se evitão alguns incommodos, que nos primeiros modos alguns julgão por inconvenientes, e quanto maiores forem as rodas mais remos se lhes podem ajuntar. De todos os quatro modos ponho as figuras, que são as seguintes *C. D. E. F.*

(Não vem as figuras).

Nos remos do primeiro modo, que são os de cabeça redonda, só ha de trabalhar o impulso da dobadeira, fazendo andar em circular agitação a roda dos seus tornos, tanto mais forçozos e ligeiros, quanto maior fôr a força dos ventos e impulso das velas. Nos remos do segundo modo, que são os facetados só por uma banda ou por duas, debaixo e de cima, com precisão de molas, as dobadeiras só os virarão por cima, e a força das molas os impellirão a fazer por baixo na agoa o seu impulso. Tendo duas faces fazem dous tempos ou duas morulas, e então a mola de-

baixo empurra os remos ao cahir na agoa, e a mola de sima os impelle por sima para a prôa. Mas na verdade parece bastar a debaixo por não multiplicar entidades; porque para os virar por sima basta as dobadeiras.

Nos remos do terceiro modo podem as dobadeiras pôr o seu impulso só em retrahir ou levantar para sima os remos com muita facilidade por subirem fechados, e logo largando-os de repente, elles por si cahião na agoa, abertos, impellidos de alguma mola, bem como os cães das clavinhas, só com a differença de terem estes o seu moto por sima, e os remos abertos por baixo: no mais he a mesma industria.

Nos remos do quarto modo não ha necessidade de mola, mas só de que as dobadeiras fação por meio das dentaduras virar os eyxos, que as rodas irão dando volta com os seus remos. A experiencia junta com a industria mostrará qual seja mais conveniente.

METHODO MECANICO

Supposta a noticia da qualidade das vêlas e remos, vamos já á praxe.

Levante-se de cada bordo do navio hum mastaréo até a altura das primeiras vergas firmes, fixos e redondos; embaixo e em sima se lhes ajustem aneis, que andem á roda, e destes aneis sahião huns quatro espigões compridos por modo de cruz, e capazes de servirem de vergas ás vêlas, tanto embaixo, como em sima; mas embaixo podem ser mais compridas para maior largura dos pannos. Em cada verga se accomode hum panno, e vem a ser quatro pannos em cada vela, ou quatro velas em cada mastaréo, do comprimento, v. g., de trinta palmos, e de largura, v. g., dez cada panno em sima, e alargando para baixo até, v. g., quinze palmos, isto em hum e outro bordo.

Estas vergas devem estar preparadas com suas roldanas, para na praxe se subirem e descerem com expedição as velas; e nos anéis se accomodem humas pequenas molas, que impeção o curso para huma parte, e o deixem expedito para a outra, como se usa nas rodas dos relógios, em que andão os pezos, que impedem para huma parte e deixão expedita para a outra, para sempre conservarem as vélas o seu moto regular para a banda que se pretende. No anel debaixo se hão de accomodar huns dentes, que encaixem nos dentes ou peguem nas molas dos remos, de que logo fallaremos; e para isso bastão só dous, ou quando muito quatro dentes.

Armadas assim nos seus mastarêos as dobadeiras, expostas e indifferentes a toda a variedade de ventos, se armem por baixo, em lugar proporcionado, humas rodas de remos nos costados de cada bordo, quantos se poderem accomodar, de sorte que entre elles fique a necessaria distancia de huns e outros, para que se não embarcem huns com os outros na sua circular laboreação, trinta, v. g., ou quarenta por cada bordo, seguros em seus tornos, e de qualquer dos quatro modos supra explicados, enliados pelas cabeças com seguro cabo, para todos se moverem ao mesmo tempo com moto regular, e o que forem movidos com as dobadeiras, como os rodizios dos cordoeiros.

Nas cabeças dos remos centraes correspondentes aos mastarêos se ponham humas rodas ou molas, cujos dentes encaixem nos dentes que têm os dentes inferiores.

Digo rodas ou molas, conforme os diversos modos de armar os remos, que acima expliquei. Porque nos primeiros dous modos se usará de rodas, que andem á roda dos tornos, e com elles todos os remos ao mesmo tempo. No terceiro modo de remos, abertos, como se hão de laborar para

traz e para adiante, isto he, armar e desarmar, basta que tenham molas inclinadas para diante, assim..... nas quaes pegando os dentes das dobadeiras, e virando-as para traz, armão os remos ; e como logo se tornão a largar as molas, ellas, buscando a sua natural postura, desarmão juntamente os remos.

No cazo que, além das dobadeiras se ponhão outras vélas na pôpa e prôa, como dissemos, tambem estas poderão facilitar o moto dos remos por meio de algum cabo, porque: *virtus unita fortius agit* ; ainda que me parece serão sufficientes as dobadeiras per si sós para puxarem os remos, sendo os ventos alguma couza espertos ; e só não poderão quando forem só aragem ; mas este mesmo dezar succede ao velame antigo, que pouco ou nada faz escaecendo os ventos. Para remediar essas contingencias serve nobremente o segundo invento de navegar nas calmarias, como adiante direi : do presente, em que vamos fallando, vai a figura seguinte *G*.

(Não vem a figura)

O que temos dito das embarcaçoens de alto bordo se deve entender *sua proportione habita* das embarcaçoens mais pequenas, como hiates e bargantins ; excepto que nas menores bastará só huma dobadeira no meio do convés, que jogue para hum e outro lado, com huma roda ao pé, aonde vá prender o cabo dos remos de ambas as bandas ; e para melhor safação podem servir de mastaréos os mesmos mastros do velame antigo até a primeira verga. Porque como os remos hão de ser menos, não necessitão de multiplicadas dobadeiras ; além de que estas se podem fazer mais ou menos compridas, e menos ou mais largas, como quizerem.

CAPITULO II

Sobre a mesma materia do primeiro invento

METHODO COMPENDIOZO

Dispostas as vélas dobaduras e arrumados os remos, quando se quer levar ancora, e seguir viagem, se vão soltando os remos pouco a pouco, huns depois de outros, conforme a força que vão creando os navios, para se evitar alguma contingencia de quebrarem os dentes das rodas ou se desconjuntarem os remos, soltando-se todos juntos ao mesmo tempo; e para esse effeito se devem os remos accommodar, de sorte que se possam ir soltando ao mesmo compasso da andadura das embarcações pouco a pouco; e quando nisto se encontre alguma difficuldade, se poderá praticar o seguinte. Levada ancora, se soltem as vélas antigas, e deixe-se ir o navio por onde o levão os ventos, embora que seja ao contrario do rumo que se pretende; e depois que elle tiver ganhado força, e vá bem despedido, colha-se o antigo velame, soltem-se as dobaduras, expessão-se os remos e endireite-se o leme para o rumo desejado, sem medo de ruins contingencias. v. g., quer hum navio ancorado no Tejo sahir pela barra fóra e fazer viagem, e a não póde fazer com as vélas ordinarias pelos ventos contrarios, que lhe soprão por prôa da mesma barra; largue comtudo o velame antigo, deixe ir o navio para a parte contraria, isto he, pelo Tejo acima, seguindo os ventos, e quando já o navio tenha ganhado força e vá a bom andar colha as velas, solte as dobaduras e remos, e endireite o leme para a barra.

Querem os navios sahir do Amazonas, vêm-se impedidos com ventos proeyros; vão com elles pelo Amazonas acima, e depois de ganharem andadura, colham as velas, soltem as dobaduras e remos, e virem para a barra, sem receio de

que os ventos lhes empecão a sahida, antes será esta tanto mais prospera e feliz, quanto mais fortes forem os ventos, embora que proeyros ; e com esta mesma industria podem os mareantes sahir de qualquer porto á toda, e a todo o tempo pelo subsidio do novo invento, e farão viagem á vela e remo.

Este o invento, e esta a sua explicação ; de que se ha de inferir : *Primeiro* : que com elle já os mareantes não têm que temer, nem receiar em todas e quaesquer viagens, que pretendão fazer, ventos contrarios ; antes todos são igualmente favoraveis, ou sejam por pôpa, ou por prôa, ou bolinaes, porque para todos são as dobaduras indifferentes, e todos nellas farão a mesma impressão e o mesmo impulso. *Segundo* : que em todo o tempo de ventos podem fazer viagem, evitando os inconvenientes antigos, que padecião os mareantes, de esperas e prolongadas demoras de semanas, e ás vezes de inteiros mezes, sem poderem sahir dos portos, impedidos dos ventos contrarios, de sorte que se perdem as monçoens, e se vêm muitas vezes precizados a esperar para o seguinte anno outra monção.

Infere-se, *terceiro*, que não só se evitão as enfadonhas esperas nos portos, mas tambem os dilatados bordos e multiplicados rodeios no mar alto, e por conseguinte se abreviã as viagens ; e está claro, porque se farão as navegaçoens direitas, como se fazem com o antigo velame, quando os ventos são sempre bonança. Com este novo methodo sempre os ventos são bonança, sempre prosperos e favoraveis ; e por isso sempre direitas as viagens *ac proinde* muito mais abreviadas ; de sorte que se farão em poucos mezes as viagens, que por causa dos ventos contrarios e continuos bordos se costumão fazer em hum inteiro anno, e em huma semana as que antes se fazião em hum mez, e assim as mais. Ponhamos exemplo.

Na viagem de Portugal para o Rio Amazonas gastão ordinariamente as frôtas, huns annos por outros, trinta para quarenta dias; e já algum navio fez esta viagem em vinte, e outro em dezoito dias; e na torna viagem do Amazonas para Portugal consomem quatro para cinco mezes.

Succede esta tão grande differença, porque para lá têm ventos favoraveis e para a Europa ventos contrarios; para lá vão viagem direita, e para cá á força de bordos e rodeios. Logo, se tivesse para cá ventos favoraveis, faria a torna viagem de quatro ou cinco mezes em hum só, como para lá; pois este beneficio se consegue com o novo methodo das dobaduras, abreviando as viagens a menos da quarta parte pouco mais ou menos com outras tantas vantagens.

Inferese-se *quarto*, que este novo methodo não exclue o velame antigo; antes, ou o supre, quando os ventos são contrarios, ou o ajuda, quando os ventos são bonançozos; e para isso sempre os navios conservarão as suas vélas ordinarias, com as quaes, tendo ventos favoraveis, navegarão a todo o panno, ajudando-se das dobaduras que têm nos bordos; e sendo os ventos contrarios, suprem as dobaduras as mais velas. Se nos vasos menores, em que dizemos bastar uma só dobadura no meio do convés, impedirá esta a véla grande, mas a dobadura a suprirá com muitas vantagens.

Inferese-se, *quinto* e ultimo, que são tão pujantes, ainda além destas, tantas outras conveniencias, que, posto que na praxe fosse muito custozo este novo methodo, se deveria cortar por tudo, só para se pôr por obra; porque se abreviã mais as viagens, se poupão gastos, se encurtião os viaticos, e mais em conta as matalotagens, evitão-se as corrupçoens de agoadas e viveres; e por consequencia as epidemias e mortandades, que causão os viveres e agoadas corruptas. Haverá nos portos mais fartura, porque mais

breves os transportes, menos carestia de viveres e menos fomes nas republicas pelo abreviado soccorro. Animar-se-hão com mais coragem os ventureyros, que nas viagens ordinarias receião os mui contingentes perigos ; e, finalmente, todas as mais conveniencias, que na verdade são muitas as que ha nas viagens abreviadas, como podem dizer os mareantes.

Nos mesmos portos se vêm claramente muitas conveniencias, porque se evitão segundos provimentos, que muitas vezes se vêm obrigados a fazer os navegantes, consumidos os primeiros nas esperas de bom vento. Melhor se preservão as fazendas de avarias, se aproveitam as monçoens, etc., etc.

E todas estas conveniencias resultão de hum tão pouco gasto, como o de humas vèlas e de huns remos, cujo importe será talvez muito menor que qualquer gasto nas esperas dos portos. Só nada vale, nada aproveita este nosso invento para as tempestades, porque então todo o remedio está em pedir a Deos misericordia, com os necessarios meios da contrição e confissão, para que elle, que he senhor dos mares e elementos, os aquiete e socegue : *Motos præstat componere fluctus.*

Resta-nos agora satisfazer a alguns reparos e objecções, que podem occorrer sobre o novo methodo, as quaes me parecem de pouca monta, por não impugnarem a sua possibilidade e factibilidade, que é o nosso principal intento mostrar como he possível, o que ninguem negará, supposta a superior explicação ; mas, quando muito, só impugnarão a sua praxe, ainda que tambem sobre esta parecem ser de pouca monta. Primeira objecção : Postas e expostas as dobaduras a todos os ventos, tambem ficão indifferentes a circular para huma e outra banda; porque igual impressão fazem os ventos para as obrigarem para a banda direita, como para a esquerda. Segunda : A tal dobadura no meio do convés, como dissemos, nas embarcações menores, v. g., hiates, impedirão o

lugar da lancha e esquite, que costuma ser o centro do mesmo convés. Terceira : As mesmas dobadeiras levantadas nos bordos impedirão a serventia da mesma lancha e esquite, tanto ao entrar, como ao sahir, por não terem outra serventia senão pelos bordos do convés. Quarta : Suppostos os remos de pôpa á prôa, impedem, primeiro, o lugar das ancoras, que costumão ser as.....dos navios ; segundo, o lugar das escadas para a requisita serventia no subir e descer. Quinta : Os mesmos remos padecerão tantas faltas no seu exercicio, quantas forem as inconstancias, assim do mar, como dos navios inquietos, inclinados já para hum, já para outro lado nos mares banzeiros, e muito mais nos alterados ; e assim muitas e muitas vezes não chegarão á agoa, e circularão em sêcco, apontando os ares, mas não virando os mares.

Respondo á primeira : que he bem verdade que as dobadeiras estão indifferentes para hum e outro lado absolutamente, e simplesmente levantadas ; mas não quando têm a industria da dentadura, como nos relógios, cuja experiencia se vê todos os dias nas vélas dos moinhos, que não obstante a sua indifferença, só andão para huma banda, e não para a outra. A' segunda : que a dobadeira levantada no convés não he necessario que chegue a arrastar até baixo, antes devem deixar sempre livre a serventia : e já então poderá ter tambem lugar o lanchão sem estorvo da véla. A' terceira : que os mastaréis e dobadeiras dos bordos impedirão a serventia da lancha. Para esta entrar ou sahir de lado, sim ; para entrar ou sahir de pôpa ou de prôa, não ; porque então não necessita de muito espaço.

A' quarta : respondo ser de pouca força a objecção ; mas quando o fôsse, se remedêa tudo, deixando livres as buchechas para lugar das ancoras, e ainda ficarão remos de sobejo para levar o navio. O mesmo respondo para a serventia

da escada, porque com só se tirar o remo respectivo se remedêa ; mas nem isso he necessario, porquanto, como a escada só ordinariamente tem serventia quando os barcos estão ancorados e os remos presos, então ou se tire o remo respectivo, ou o mesmo remo, que está virado para a pôpa, sirva de degrão para a escada ; e o melhor será que a dita escada seja postiga, para se pôr ou tirar só quando haja de servir, ou não servir, de sorte que tudo se pôde compôr.

A' quinta objecção, de não chegarem os remos muitas vezes á agoa, respondo : que com o beneficio das dobadeiras para os ventos proeyros, bolinaes e contrarios, já os navios hão de navegar mais direitos, não se deitando tanto sobre os lados ; e a razão he porque, por mais fortes que sejam os ventos, nunca inclinarão o navio para parte alguma pella indifferença das velas, e assim caminhando mais direitos chegarão os remos de hum e outro bordo á agoa. Mas no caso que algumas vezes, ou por serem os mares banzeyros, ou as ondas quebradas, não cheguem de algum bordo os remos á agoa, isso nada impede a navegação, como eu por muitas vezes observei nas canôas do Amazonas. Quando estas levão poucos remeyros, segundo os que pede a sua lotação, ou principalmente quando as embarcaçoens são alterozas, e vão sem carga, não chegam os remeyros á agoa ; e para poderem chegar, se arrumão todos a huma banda, e como com o seu pezo inclinão e tombão para ali as canôas, já por aquella banda chegam á agoa, e dessa sómente remão e fazem viagem, sem hum só remo do outro lado : logo, o chegarem ou não chegarem os remos alguma vez á agoa, nada faz para os navios seguirem viagem.

Estas respostas são *in gratiam* de hum curiozo, que me pôz as sobreditas objeçoens ; mas no cazo que alguma dellas tenha alguma força, basta-me mostrar a possibilidade do nosso novo invento. Além de que como o meu principal

intento he para as embarcaçoens que frequentão o Amazonas, e outros grandes rios, nellas não têm lugar as objecçoens supra, porque não trazem esses lanchuens nem esquiães.

CAPITULO III

Invento segundo para navegar nas calmarias

Sendo tão util o primeiro invento para a navegação, por dar idéa aos mareantes de incurtarem as viagens por terem prosperos todos os ventos, ainda he mais util e curiozo este segundo, por dar industria muito facil para navegar sem ventos ; porque o primeiro he sim muito util, mas depende de ventos ; e este segundo, posto que tambem pôde servir para quando ha ventos, tem de mais a mais a conveniencia de servir para quando os não ha, ou nas calmarias, fazendo nellas tão boa, prospera e ligeira viagem, como se faria na occurrencia de bons ventos. De sorte que, consultando eu sobre estes inventos alguns bons engenhos, e que podião dar voto na materia, acharão neste invento maior galanteria que no primeiro ; porque no primeiro se encontrão duas inconstancias nos dous elementos de agoa e vento ; e neste segundo só ha e pôde haver a inconstancia da agoa, mas não a do vento, de que não depende, além de que na praxe não ha duvida que pôde ser de maior utilidade.

Demais, o primeiro invento nem sempre pôde servir, porque nem sempre ha ventos, e ainda que os haja, se são tão tenues, que não sejam sufficientes para impellir quanto he necessario as dobaduras, pouco ou nada fazem ; como tambem pouco fazem as pequenas aragens no velame antigo e em todas as mais facturas dependentes dos ventos, e basta o serem contingentes para não poderem ser sempre regula-

res: não assim este segundo, porque: Primeiro: não depende da contingencia dos ventos, e porisso he mais regular, estavel e permanente. Segundo: porque serve nas calmarias, e nisso evita todos os males que nellas experimentão os navegantes; porquanto, além de serem tão enfadozas e molestas, são abaixo das tempestades as calmarias as mais perigozas contingencias do mar; e tanto mais perigozas, quanto mais prolongadas, por se consumirem os provimentos e matalotagens, por se corromperem as agoadas, damnificarem as fazendas; e sobretudo por se multiplicarem as epidemias, crescerem as doenças, e seguirem-se tantas mortandades, que tem succedido muitas vezes ficarem lesto e desamparados os navios, sem gente alguma, á reveria das agoas e ventos.

He, pois, este utilissimo invento o seguinte methodo mechanico. Suppostos os remos de algum dos quatro modos, ou de qualquer outro que a experiencia mostra, mais em commodo (porque tambem suppõe e necessita de remos este segundo invento), em lugar das dobaduras, se ponha huma roda de peso proporcionado. Suspensa em duas columnatas, com suas orelhas proporcionadas de huma e outra parte para se poder mover, como têm todas as rodas de mão, arqueadas ambas, ou para a mesma parte, ou melhor encontradas, isto he, huma orelha para sima e outra para baixo, e no pavimento humas molas ou taboinhas de boa fortaleza, prezas com suas chamadeiras ás sobreditas orelhas, em cujas taboinhas ou molas hão de carregar com os pés dous ou hum marinheiro, quando quizerem fazer laborar a roda, mover os remos e navegar.

A estas molas ou taboas hão de ir prender os remos com as pontas dos seus calabres, de tal sorte ajustados e regulados, que a roda na sua laboração com huma orelha levante e suspenda os remos, e com outra os puxe para traz por baixo da agoa; mas o melhor será que os remos tenham

suas molas, como atraz dissemos: huma que os puxe para traz, e outra para diante, do modo acima dito, e então a roda só servirá para levantar ou armar os remos, e largando-os de repente cahirão com impeto na agoa, impellido da outra mola. Em humapalavra, as rodas são para fazerem o officio das velas dobadeiras; por isso quanto fica dito ácerca das dobadeiras com os remos, *proportione habita*, se deve entender das rodas, para o que havemos de suppôr.

Primeiro: que a roda ha de estar tanto a prumo, que a qualquer toque se possa mover, e com qualquer pequena força puxar. Segundo: que seja a modo de hum arco, porque assim são as rodas mais ligeiras. Terceiro: que de tal sorte seja movel, que baste hum só marinheiro para a fazer andar em huma roda-viva, dando com o pê para baixo e para cima, e quando muito dous em cada orelha. Quarto: que a roda no seu pezo deve ser proporcionada á grandeza dos vazos, e ao numero dos remos que ha de levantar; porque quanto fôr mais pezada, mais força terá para levantar os remos em ganhando força na sua circulação.

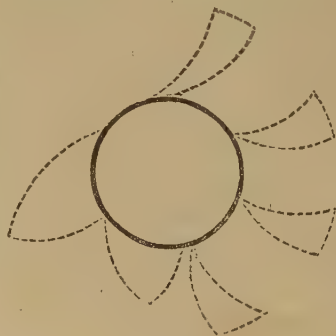
De sorte que sendo os remos, v. g., a trinta por banda, tenha a roda perto de quinze arrobas, para que venha acabar meia arroba de força a cada remo; sendo os remos quarenta, seja a roda de vinte arrobas, e assim nas mais proporções.

Nas embarcaçoens pequenas, em que dicemos bastar huma só dobradeira, tambem bastará huma só roda no meio, que jogue para ambos os lados; e tambem pôde bastar huma só roda para qualquer outro grande navio, proporcionando-lhe o pezo, muito mais sendo a roda do feitio e industria que logo diremos. Porém se a experiencia mostrar melhor commodidade em duas, se podem estas levantar nos bordos para os remos respectivos; mas na verdade parece ser mais accomodada huma só, ainda que seja de maior pezo, não

sô por não occupar mais o navio, mas tambem para a melhor regularidade dos remos em huma e outra banda.

Que esta roda de semilhante pezo seja sufficiente, e bastante para puxar os remos de ambas as bandas, parece ser indubitavel; porque em ganhando força huma tal roda, v. g., de vinte arrobas de pezo, seria bastante para levantar e suspender grandes machinas, de sorte que não seriam bastantes vinte juntas de bois, para lhe quebrarem a força, e fazer parar de repente, que he o signal e medida, por onde se deve medir a sua grande força. Que tambem seja sufficiente hum sô marinheiro, dando com o pé para baixo e para cima, se prova da experiencia, que mostra bastar qualquer pequeno agente para conservar a força á maior roda em ella ganhando fogo; muito mais sendo do feitio que aponta o *Thesouro de Prudentes*, e eu já vou a explicar antes de a dar a conhecer na sua figura.

He uma roda por modo de arco: a roda na parte de fóra tem seis dobradiças, que abrem ao descer e fechão ao subir, reguladas de sorte, que humas cheguem ás outras; no fim ou remate de cada dobradiça se ponha huma maça de ferro, v. g., de oito libras ou meia arroba; sendo de meia arroba, fazem em todas a conta de tres arrobas, porém póde ser mais ou menos *pro libito* de cada hum. E como estas dobradiças por si abrem ao descer, com o seu pezo vão impellindo a roda na sua mesma circulação, ao modo dos gatos com o fogo no rabo, que lhe serve de estímulo para mais correrem; pelo contrario, quando sobem, se vão unindo á mesma roda, cuja figura he a seguinte *H*.



Que baste tambem hum só marinheiro para a fazer andar em huma roda-viva, e para lhe conservar a mesma agilidade. com só lhe ir dando com o pé com todo o socego, se prova do seu mesmo feitio, o qual não depende, nem necessita de muita força para andar com toda a ligeireza; além do que já advertimos, que as rodas em ganhando força na sua agitação, basta-lhes qualquer leve toque para lha conservar, e quanto ella em si he mais pezada, tanto maior he a sua força, ao contrario das mais rodas, cuja ligeireza só depende da sua leviandade e do agente que as move. Bastando, pois, hum só marinheiro para movella, este se deve ir revezando em quartos, para que o trabalho se vá alli-viando e repartindo por todos.

Desta roda, como tão util para muitos outros engenhos e artefactos, farei menção repetidas vezes para diante, por ser utilissima para noras, engenhos de serrar madeyra e muitos outros, como depois veremos, e pelo seu feitio podemos chamar-lhe—*roda de engenhos*.

Esta he toda a substancia deste segundo invento de navegar; cujas conveniencias e utilidades são muitas, e muito grandes. Primeiro: porque tem todas as que acima apontámos do primeiro invento. Segundo: pela sua muita facilidade e pouco custo, pois com só huma roda de ferro, de vinte, trinta, ou pouco mais arrobas de pezo, e só com a assistencia e pouco trabalho de hum marinheiro, suppostos os remos, se poem na praxe. Terceiro: porque com este invento já as embarcações, além dos mais gastos, que poupão na brevidade das viagens, tambem poupão muita gente, porque para a sua praxe bastão oito até dez pessoas, para qualquer grande navio, muito bem á vontade. no que precisamente respeita ao invento, por serem bastantes quaesquer oito pessoas para fazer quartos e se revezarem humas ás outras.

Digo serem bastantes oito ou dez marinheiros precisamente para o exercicio deste invento na supposição de que só elle se uze; porém como este invento não exclue o velame antigo, assim como tambem o primeiro invento, por isso poderão necessitar os vazos de mais gente, não por razão deste invento, mas sim por cauza da mastreação antiga. Sendo que tambem esta se pôde adjectivar, de sorte que pouca gente baste para a sua serventia; e de facto os Olandezes e outras naçoens com só dez até doze pessoas se servem, e expedem quaesquer grandes vazos, ainda de tres mastros, e comtudo andão tão bem servidos e tão a ponto, como os que têm multiplicados serventes: tudo vai da industria, e de saber pôr as couzas em seu lugar e a seu tempo.

Para as canôas e barcos do Amazonas, em obsequio de cujos moradores principalmente excogitei este invento, he por esta cauza de poupar remeyros utilissimo; porque tem varias navegaçoens aquelle rio, em que pouco ou nada valem as vélas, quer sejam as antigas, quer sejam as novas do primeiro invento, por razão de serem navegaçoens por entre ilhas copadas de muito e alto arvoredado, que impede todo o vento, e só se navegão á força de braços e remos, sendo necessarios para os seus bergantins vinte para trinta ou mais remeyros, os quaes tirão os moradores das suas fazendas com grande detrimento das proprias lavouras, por razão de não terem embarcaçoens commuas. Têm, pois, neste invento huma grande conveniencia, porque com seis ou oito remeyros, e talvez menos, podem esquipar os seus bergantins, que antes necessitavão de vinte e cinco ou trinta, e nem por isso farão menos viagem, antes navegarão com muito mais brevidade e com muito mais suavidade desses poucos.

E sendo canôas pequenas bastão dous ou tres homens para as fazerem navegar; muito mais sendo viagens

pequenas de hum ou meio-dia; porque então bastão por si sós os moradores, ou com qualquer menino; porquanto em todas as embarcaçoens se pôde praticar este invento, e em toda a occasião e tempo, menos no de temporaes, em que só Deos pôde e deve ser o principal piloto.

Quarto e principal effeito desta roda e novo invento, he o ser o remedio unico nas calmarias: quão grande seja este remedio na falta de ventos e calmarias? Ninguem melhor o pôde dizer do que os mesmos mareantes, que já se têm visto em similhantes consternaçoens, estando como prezos e amarrados no meio dos mares semanas inteiras, e ás vezes inteiros mezes, com as formidaveis consequencias supra apontadas: de sorte que tem succedido muitas vezes morrerem todos á pura mizeria. E quanto darião aquelles navegantes, se no meio de tantos infortunios lhes sugerissem o methodo com que, não só podessem romper aquellas prizoens e fugir tão fataes remoras; mas além disto com a grande ventagem de fazerem huma tão feliz e prospera viagem, como na verdade lhes segura este novo invento?

Sei que já houve hum Ramusio, que deu arbitrio de navegar sem vento; porém só tenho esta noticia, e não sei, nem agora posso saber qual fosse o seu arbitrio, por me achar quasi enterrado vivo em huma mais sepultura que carcere. Não sei, por que não se tem posto em execução o seu invento, dezejando tanto os sabios e curiozos, e muito mais os interessados Palinuros, descobrir algum meio para evitar tão perigozas contingencias do mar. Nem pôde deixar de ser senão por não se achar tão expediente, ou por depender de algumas grandes machinas, ou por algum outro grande inconveniente, que eu não acho nem descubro no meu; e por isso o terei sempre por mui factivel, emquanto me não mostrarem o contrario, cuja figura he a seguinte *I.*

(Não vem o desenho.)

Não reparem os leyttores no improprio dos vocabulos, porque de pilotagem pouco ou nada sei; nem em me não explicar com toda a clareza para a boa intelligencia dos meus conceitos nos dous inventos; porém como a substancia por si mesma está clara, já nas dobaduras, já na roda de engonços ou roda marinha, basta isto para se perceber o mais. Digo ser esta a substancia, porque os accidentes de ser mais deste ou daquelle modo, desta ou daquelle industria, fica por conta da experiencia e á eleição de cada hum, conforme se julgar ser mais expediente e conveniente; e talvez se descubra ainda algum outro melhor methodo, conforme o proloquio: *Facile est inventis addere*. Nem eu sou tão tenaz destes meus inventos, que não goste que inventem outros melhores, se os ha.

O não terem estes inventos annexo algum impedimento na sua praxe, que os faça impraticaveis, se vê bem claramente do que já tenho dito, e tambem porque: Primeiro: nenhum delles impede os navios por dentro, nem a sua mastreação antiga ou serventia, como já vêmos. Não embarça, ou atrapalha os..... e sua serventia, porque o primeiro todo he externo, assim nos remos, como nos mastaréos e dobaduras. O segundo tambem não impede, porque huma roda em qualquer parte se accommoda; e me parece que o seu melhor lugar seja sobre, e na extremidade da praça da pôpa ou do castello da prôa, por serem as paragens mais expeditas, e ainda que sejam duas as rodas tambem nada impedem: porque se podem levantar nas muralhas da pôpa, ficando lesta e expedita toda a praça. Segundo: porque ambos elles são faceis e pouco custozos, pois nem os remos, nem as molas, vélas e mais misteres, são de muito custo: só a roda por ser de ferro levaria alguns gastos, e poderia chegar ao preço ou valia de huma ancora, de que os senhorios dos navios fazem pouco cazo. Por outra parte, são

tão estimaveis, que ainda á custa de grandes cabedaes se deveriam por em praxe, como não duvido se praticarão em havendo algum que se rezolva a ser o primeiro; porque não são para desprezar as grandes conveniencias de ter sempre prosperos todos os ventos, de não se temerem cal-marias, de se abreviarem as navegaçoens, e as mais que já dicemos.

Sobre as canôas ordinarias do rio Amazonas e semelhantes outras, advirto aqui que, posto que o segundo invento da roda de engonços seja facilimo, e indifferente para todas e quaesquer embarcaçoens grandes e pequenas, sem outra differença mais do que dependerem de mais ou menos remos, e de maior ou menor roda; comtudo se pôde esta supprir com molas ou teclas proporcionadas, em que os navegantes possuão com os pés fazer laborar os remos; porque cada homem desta sorte pôde mover meia duzia de remos pelo seu bordo, e outros tantos por outro bordo, só com darem ao pé para baixo e para cima; mas isto he só embarcaçoens ligeiras, porque nas mais he o uzo da roda sobre todas as industrias.

CAPITULO IV

De algumas outras advertencias sobre a navegação

Ainda que pareça improprio o *mittere falcem in segetem alienam*, isto he, meter-me eu a fallar *de re nautica*, sendo materia que nunca estudei, comtudo animo-me a fazer algumas advertencias sobre a navegação, sem receio de ser notado dos praticos e mestres do officio, lembrado do que diz o Evangelho : *Infirma mundi elegit Deus, ut fortia quaeque*

confundat. E tambem porque muitas vezes descobre Deos aos humildes muitas couzas altas e segredos grandes, os quaes encobre e esconde aos que se têm por grandes sabios e mestres : *Abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis*; e de facto se sabe por revelação, que a navegação de lèste a sueste he couza tão facil, que, quando o Senhor fôr servido que se descubra, se rirão os homens de si mesmos, vendo que com todas as suas diligencias não poderão dar em couza tão facil: assim o revelou o Senhor á sua grande serva.....o que posto, qualquer se pôde animar a fazer seus discursos sobre a materia.

Não he o meu intento esquadrinhar este tão grande segredo, em que se occupão os maiores engenhos do mundo, estimulados dos grandes premios, que estão propostos a quem tiver a fortuna de o descobrir, e muito mais da gloria que conseguirá por author ou inventor. O meu intento he tão sómente advertir algumas conveniencias na supposição do occulto segredo, e sobre algumas outras concernentes á melhor expedição dos navios e navegantes, e nesta supposição digo assim.

A pratica que uzão os navegantes sobre a navegação de lèste a oeste, he ordinariamente a que chamão *Barquinha*, que he uma taboinha no fim de um comprido cordão, enrodilhado em um rodizio, a qual taboinha largão sobre o mar da pôpa a baixo, tendo na mão huma ampulheta, e, segundo a velocidade com que o pezo da *Barquinha* levada das agoas desenrola o cordel do seu rodizio, inferem a velocidade ou andadura do navio, para o que o cordel tem sua conta, que regulão pela ampulheta, e della fórmão seus calculos, e destes suas idéas de quanto anda em cada minuto, em cada quarto, em cada hora e em cada sangradura.

Quão sujeita seja a erros esta *Barquinha* se pôde logo

inferir do seu computo e calculo, que não he outra couza mais que uma conjectura ou estimativa, tão irregular e diversa como a diversidade dos pilotos e navegantes. Vê-se bem esta diversidade na conjuncção de qualquer frota, em que, quando se chama a conselho sobre qual seja a altura, que cada piloto faz na sua estimativa, ha tanta diversidade de opiniões e alturas, quantas são as cabeças e os pilotos : uns dizem, que se fazem, v. g., na altura das ilhas dos Açores ; outros na altura das Berlengas ; outros aqui, e outros acolá. E desta incerteza da *Barquinha* e das idéas de cada hum succedem ordinariamente tantos naufragios e desgraças, já porque conjecturando estarem muito amarados, dão de repente com os narizes em terra, e já porque cuidando estarem já livres dos cachopos e perigos, cahem nelles.

Visto a cauza ser tão facil, como dicemos acima, bem podia eu, ainda que *minus sapiens*, dar outra industria sobre este ponto, e talvez que me rezolva finalmente, segundo as idéas que tenho formado. Porém, por não sahir agora do meu intento, só quero, procedendo na suppozição da *Barquinha* e uzo commum, ou ainda na praxe de outros que se governão pelos relogios, e dos que se regulão pela elevação do sol, etc., digo que, suppostas as novas idéas de navegar com as dobaduras do primeiro invento, e com as rodas de engonços do segundo, se podem melhor dirigir os pilotos e navegantes na dita navegação de léste a oeste, e se não me engano, o provo com evidencia.

A cauza principal da irregularidade da *Barquinha* e do seu computo he por razão dos bordos, que continuamente fazem os navios a buscar o adjectorio dos ventos ; *sed sic est* que, com as dobaduras supra e rodas de engonços, se evitão estes bordos, e correm direitos os navios, segundo o seu rumo: logo, com estes inventos se regulão e acertão melhor as alturas. Que os bordos sejam a cauza principal da irregula-

ridade, parece ser indubitavel; porque quando a navegação he favoravel e não necessita de bordos, acertão melhor os pilotos as alturas. Que com as dobadeiras e rodas se evitem os bordos e rodeios, tambem está claro; porque para isso he que servem, e para isso têm favoraveis todos os ventos. Logo he certa a consequencia que melhor se regulão as contas da *Barquinha*, e que se expõem a menos erros os pilotos.

A segunda advertencia seja sobre as bombas. Succede muitas vezes fazerem agoa os navios em tanta cópia, que não basta toda a equipagem e passageiros para dar-lhe vazão, com tanto trabalho de todos, que cansão, suão e tressuão em dar a bombas; e são estas tão difficultozas que, para se trabalharem, são necessarios dous homens de pulso a cada huma.

O que posto, digo, que pôde suavizar-se este trabalho das bombas, de sorte que não só baste hum homem por cada vez, mas ainda qualquer criança, desta sorte : Ponha-se na extremidade do pé em que se pega hum pezo proporcionado ao pezo da bucha; v. g.: peza a bucha huma arroba; ponha-se cá na extremidade outra arroba de pezo, e já então será tão facil o dar á bomba, que qualquer menino o poderá fazer; está claro. Porque a bucha da bomba *ex-vi* do seu pezo e por ter a sua verga mais comprida, como supponho, do que o pé, em que andão as mãos, sempre naturalmente ha de descer a baixo, porque peza mais; e como por outra parte tem em cima o outro pezo, qualquer pequena força basta a menear.

Digo, que supponho ser mais comprida a verga da bucha, etc.; e por isso que naturalmente ha de descer; mas no cazo que o não seja, se diminue então o outro pezo, v. g., duas libras de menos, e já succede a mesma facilidade. Em lugar deste pezo pôde ter huma mola segura na mesma bomba, semelhante á que tem os martellos das horas nos relogios, e talvez será mais facil para os serventes.

Assim também se pôde suavizar este trabalho com roda meneada, ou com as mãos, ou com os pés, de que ha muitos exemplares; e algumas tão faceis, que basta hum menino assentado, e dando na roda com hum dedo da mão, como por divertimento, para tirar quanta agoa quer de profundos poços. Assim vi no collegio de Arroyos, em Lisboa, huma bomba de muitos covados de altura, que hum pequeno noviço assentado e com muita facilidade, meneava por largo tempo, tirando quanta agoa era precisa para o ministerio e serventia da cozinha.

Porém deixada esta materia para diverso capitulo, aqui só fallo della *per transenam* em ordem a insinuar o meio de suavizar melhor o trabalho das bombas nos navios, tanto para a maior expedição, como para a maior suavidade dos serventes.

Terceira advertencia seja sobre a elevação das amarras, que he hum dos maiores e precisos trabalhos da marinhagem. O mecanismo mais ordinario de levar as ancoras he de dous modos: primeiro, he hum rodizio na extremidade do tombadilho ou castello de prôa, deitado, em cujos buracos e duras trancas puxão os marinheyros, não só com muito vagar, de sorte que gastão muitas horas, senão também com muita difficuldade e cansaço se fadigão, embora que sejam muitos em numero: segundo modo, e praxe de que uzão nas maiores náos he huma almanjarra, por não lhe chamar também rodizio, levantada debaixo do tombadilho da pôpa, e em cima com huma roda, em cujos dentes vão pegando os marabutos, muitos em numero, até elevarem, etc.

Ambos estes modos têm seus incomodos grandes, assim porque impedem muito os vazos, como por mui vagarosos e custozos. O primeiro, porque pela sua grandeza só para elle se mover necessita de força, quanto mais para se mover com o pezo da amarra, e além disso não podem os serventes

pôr-lhe mais força do que o pezo das suas pessoas, como succede a todas as manobras que se puxão para baixo ; e a razão he porque ninguem pôde puxar para baixo maior pezo do que peza o seu corpo, por não ter em que possa firmar os pés ou mãos para imprimir maior força ; ao contrario, das mais manobras em que cada hum tendo em que poder firmar os pés, pôde levantar dobrado pezo, e ainda mais do que peza. Nem tem necessidade de prova, porque a experiencia bem o mostra.

Mais util he a roda do segundo uzo debaixo da praça da pôpa; porque, como he levantada, tem melhor commodidade para se puxar, podendo os serventes firmar os pés, e por empregar melhor as suas forças.

Tem contudo seus inconvenientes: primeiro, de impedir a serventia da sala em todo o tempo que labora a roda, que em alguns portos he por muitos dias, como na barra do Pará ou Amazonas, aonde por razão dos baixos se entra e sahe só com as marezes, e de dia, por oito ou nove dias. E ainda que no mais tempo se arruma o rodizio para huma banda, sempre contudo fica occupando huma boa parte, na qual se pôdião accomodar alguns serventes.

Segundo inconveniente, he o necessitar para o seu uzo de muitos serventes ; porque, além do grande pezo da amarra, só para menear a roda, são necessarios huns poucos. Terceiro, he o ser necessario atravessar todo o convez do navio de prôa á pôpa a dita amarra para hir prender no rodizio com tantos inconvenientes, como por vezes se tem experimentado, quando ou quebra a amarra, ou escapa, ou he preciso largal-a de repente; porque vai quebrando pernas a marinheyros, que por razão do seu officio andão pelo caminho da amarra, e não esperão semelhantes repentes, agoadas da matalotagem, e a tudo quanto encontra ; e outras vezes com maiores riscos de se perderem os navios nos cachopos ou baixos, por razão

de alguma demora no largar da ancora, para dar tempo a que os marinheiros ponhão em cobro as suas pernas.

Para evitar, pois, tantos inconvenientes se podem uzar outras mestrias que são inumeraveis: a mais obvia que logo se offerece, he humra roda semelhante á do dito rodizio da pôpa no modo de se puxar, mas por modo de anel, á roda de hum dos mastros que se julgar mais conveniente, porque assim lhe fica servindo de firme esteyo o mesmo mastro, e a roda delle andão os marinheyros puxando a dita roda, ou anel pelos seus dentes ou troncos, ao modo antigo.

E mais commodidade haverá então em todo o navio, especialmente se esta roda se accomodar no mastro da prôa; porque: primeiro, fica todo o mais navio desempedido, e sem os perigos supra, de se quebrarem pernas, etc.; segundo, fica o baixo do tombadilho safo e desembaraçado assim para refeitório, como para alojamento dos marinheyros; terceiro, porque fica estavel, sem a precizão de se armar e desarmar cada vez que he necessario uzar da ancora. Nem supponho que será de algum damno ao mastro; mas a ser, pôde armar-se debaixo do castello da prôa com as mesmas conveniencias.

Muitos outros modos se podem uzar, não só uteis para melhor expedição dos navios, mas tambem faceis para com mais brevidade se levarem as ancoras, e juntamente para menor precizão de serventes; pois he certo que, se se uzasse de algum modo tão facil, que bastassem seis marinheyros em lugar de doze ou mais que são necessarios para o modo antigo, seria de mui avantajadas consequencias. Nem ha duvida que ha semelhantes industrias, como, v. g., humra roda com hum buraco no meio, por onde atravessem duas cordas bem unidas, as quaes estejam bem seguras em duas columnatas de humra e outra banda, e bem tezas: a roda com largura proporcionada para os buracos dos dentes, em que

se ha de puxar. Armada assim a roda, quando se quer levar ancora, se enteza primeiro nas cordas, andando com ella á roda quanto puder ser, e depois de bem entezada, chegada a occasião de levar ancora, se lhe prende o cabresto e se larga ou solta a roda, a qual, quanto mais teza estiver, tanto mais força porá no cabresto ; e quando por si só não seja sufficiente para a levantar, o fará com muita brevidade ajudada com alguns poucos serventes; porque as cordas, como violentadas, hão de buscar o seu natural.

Já se sabe que hum semelhante roda tem mais conveniencia sendo de alto a baixo, do que sendo posta de hum a outra banda, isto he, estando as cordas, que lhe servem de eyxo de alto a baixo, e não para as bandas, pella razão da melhor comodidade de se poder entezar; porque sendo de alto a baixo as cordas, fica a roda deitada para as bandas, e assim a podem entezar melhor, andando em roda os serventes, tanto por poderem ser mais em numero, como por poderem melhor firmar os pés; e sendo as cordas para as bandas, fica a roda para cima, e para se entezar não póde admittir muitos serventes.

Já tambem se suppoem que embaixo, no pavimento, tem hum roldana correspondente á roda, pella qual esta ha de puxar o cabresto. Tambem he mui especial um celebre rodizio, de que já muitos uzam para levantar grandes pezos, não só com facilidade, mas com brevidade; e ha alguns tão industriosos, que basta hum só pessoa para os menear, embora que da outra parte puxem por hum corda outras vinte pessoas ; antes todas attrahirá a si o rodizio.

Não o explico por miudo por não estar muito certo no feitio, nem ter de quem me informar na soledade da minha prisão ou sepultura(*), mas aponto-o para que os leytores, que poderem

(*) Estava preso em Portugal, na torre de S. Julião da barra, de Lisboa desde 1757, por ordem do marquez de Pombal.

(Nota da Redacção.)

e quizerem se informem delle; e sendo mais accomodado para os navios, se pôde fazer eleição para melhor levar ancora; e de ambos os sobreditos, isto he, da roda e do rodizio, se ajuntem aqui as figuras da roda, que he a seguinte :

(Não vem o desenho.)

CAPITULO V

Do terceiro invento de reprezar as marez para fazer moto continuo.

De dous modos pôde ser o moto continuo: intrinzeco e extrinzeco: o intrinzeco está em que se ponhão humas couzas de tal sorte ideadas, que, produzindo os seus effeitos, delles mesmos receba o seu moto com mutua cauzalidade, que he o mesmo que ser cada hum agente do outro, e cada hum effeito do outro.

O moto extrinzeco perpetuo he aquelle, que tem por cauza e agente alguma força externa, como, v. g., huma roda, movida ou impellida pella agoa, huma véla pello vento, e todas as mais manobras impellidas, já com pezos, como nos relógios, ou já com qualquer outra cauza externa, a qual, sendo continua, como nos rios, tambem será continuo o seu moto, enquanto não falhar algum requisito nos recipientes.

O moto continuo intrinzeco he e tem sido objecto dos maiores discursos dos homens, assim pella conveniencia dos premios avantajados, que estão promettidos ao seu primeiro inventor, como pella gloria tão assignalada, que conseguirá na estimação do mundo. Digo conseguirá: porque não tenho noticia que até agora se tenha descoberto, posto que tem havido muitos engenhos, que têm com obras curiozas nesta

materia; mas nenhum ainda acertou com a total e mutua causalidade, da qual tambem farei algum discurso *Deo dante* no fim deste tratado.

Aqui, porém, só pretendo tratar do moto continuo extrinzeço, e collocallo nas marez da mesma sorte que se fôra impellido na continua correnteza de algum rio, ondenão ha nem pôde haver duvida.

He tão evidente este invento, segundo o meu parecer, que eu não o chamaria invento novo e meu, senão o tivesse consultado com alguns noticiosos e curiozos, e nenhum delles me deu noticia de tal invento, nem eu a achei pelos livros; e como por outra parte sei, que se tem cançado muitos curiozos em formar idéas sobre a materia, e inventar novos artefactos para se utilizarem das marez, todos, porém, faltos de industria perpetua; huns por que só laborão nas vazantes, outros só meia maré das vazantes e meia das enchentes, e outros muitos de mui diversos modos; por isso me persuado não estar ainda descoberto o invento, posto que facil, *ac per consequens* lhe chamo *invento novo, e meu*, sem medo algum.

Mas se algum dos leitores o tiver já encontrado em algum author, de boa vontade cedo a primazia de inventor; servindo então esta minha noticia de persuadir a sua grande utilidade na praxe; embora que não leve as alviças de primeiro inventor. Nem he menos curiozo e util que os dous supra, não só para todo o mundo, mas com muita especialidade para o Amazonas e toda a America; assim para o maior commodo dos seus engenhos, e grande expedição das suas lavouras, como tambem por se poderem utilizar delle com mais facilidade do que na Europa, por razão dos menores gastos.

Vamos já á sua explicação, se eu me souber explicar para a boa percepção dos leitores.

Methodo mecanico. — Fação-se dous tanques á borda do

mar ou rio, em que entrão e alteão as marez, ou só hum equivalente a dous, repartido depois em dous, com hum fãmozo caes, que os divida do mar, e com hum espaçozo repartimento, ou lingoa de terra entre hum e outro tanque; mas ambos á borda do mar ou rio, os quaes distinguiremos com chamar á hum tanque superior, e a outro inferior. Além disto devem ter ambos proporcionada grandeza para receberem tanta agoa, quanta se julgar ser necessaria para encher um canal, que ha de atravessar de hum a outro, como logo direi: e para isso se consultem os Srs. geometros, aos quaes pertence o saber—quanta agoa seja necessaria para encher hum canal de tal grandeza, que dure sempre de huma até outra maré?

Cada tanque ha de ter sua porta proporcionada á quantidade de agoa que ha de entrar e sahir, mas com estas annotaçoes: Primeira, o tanque superior, que he o que recebe a agoa na preamar das marez, tenha a porta de sorte que só abra para dentro e feche para fóra, como succede nos assudes ordinarios. O tanque inferior, que he o que ha de despejar as agoas para o mar, terá a sua porta ao contrario da primeira; porque só ha de abrir para fóra e fechar para dentro, e *ex consequenti*, huma porta ha de estar da parte de fóra do caes para com mais facilidade abrir para fóra; a outra porta da parte de dentro, por só abrir para dentro: ambos estes portaes hão de ser proporcionados na grandeza, por que tanta agoa ha hum de despejar para fóra; quanta o outro para dentro receber. Mais claro: em huma porta ha de entrar e não sahir a maré, e na outra ha de desagoar a maré para fóra e não entrar para dentro.

Segunda advertencia he, que a porta *recipiente no tanque superior ha de estar quazi ao olivel da preamar*; por que só na preamar ha de receber agoa. Pelo contrario, a porta no tanque *inferior ha de estar quazi ao olivel da baixamar*;

por que só na baixamar ha de despejar as agoas. Digo *quasi* ao olivel, porque sempre se lhes hão de dar alguns palmos demais do olivel, tanto *na recipiente* da preamar, como *na expellente* da baixamar. Terceira advertencia: que a grandeza das portas não se ha de regular pella grandeza dos tanques, mas que essa grandeza ou espaço seja, não na altura, mas na largura; de sorte que o espaço, que as portas costumão ter de alto a baixo ou levantadas, o tenham estas para os lados, como deitadas.

Quarta advertencia: he ácerca dos tanques, porque hão de seguir a consistencia das portas, isto é, que o tanque superior basta que tenha de fundo, v. g., tres ou quatro palmos regulados pello olivel da preamar; o fundo, porém, ou pavimento do inferior deve regular-se pello olivel da baixamar; *precise* para a boa disposição das agoas necessarias ao canal, de que logo fallaremos.

E vem assim a ficar os tanques hum superior e outro inferior, hum *alto* e outro *baixo*, bem como humas balanças, de hum parte assentadas no chão, e levantada acima a outra parte. Disse *precise* para a boa disposição das agoas, etc., porque para outros effeitos, que ao depois explicaremos, será conveniente que os tanques tenham mais alguma profundidade para nunca chegarem a ficar em sêcco.

Resta-nos agora o canal, que ha de atravessar de hum para outro tanque, o qual se deve proporcionar ás fabricas que ha de impellir; mas parece-me, que basta ter, v. g., tres palmos em quadra de vacuo, por que tres palmos de agoa em quadro, especialmente tendo a precisa declinação, dará agoa bastante a impellir qualquer roda, e a fazer elaborar qualquer fabrica; mas deve ser com proporção ás portas, de sorte que se estas têm de espaço tres palmos de alto e tres de largo, que vêm a fazer tres em quadro (ainda que este computo deva entender-se mais na

largura do que na altura, como acima adverti) deve ou pôde o canal ter outros tres palmos em quadro com proporção ás portas. Deve tambem regular-se este canal pelo olivel do tanque superior; porque quanto mais alto fôr, melhor será para a maior declinação, salto e cadencia da agoa na roda: v. g., tem o tanque tres palmos ou quatro de fundo, regrados pela altura da preamar; pôde o canal ter outros tres de fundo ou tres em quadro, ainda que será de maior conveniencia se esses tres palmos se repartirem ou estenderem para as ilhargas do que para baixo.

A razão he: porque quanto menos tiver debaixo, maior será o seu salto e quêda para o tanque inferior, e porá na roda maior impulso; porém sempre deve seguir o olivel e altura do primeiro tanque para este lhe subministrar todas as suas agoas. Antes me parece que sempre deve ser mais alguma cousa profundo para a boa decadencia das agoas, assim como tambem deve ser declive, *saltem* hum palmo para a banda do segundo tanque pela mesma razão.

No fim do canal se ponha a roda ou rodizio mais baixo do canal quanto puder ser, v. g., tres ou quatro palmos mais baixo; porque quanto mais baixos tiver a roda os dentes, maior queda fará a agoa e dará maior impulso á roda. Digo roda e não rodizio por me parecer ser menos conveniente o uzo dos rodizios, que das rodas deitadas e sustentadas pelos seus eyxos em fortes esteios de huma e outra banda, pela razão de se lhe poderem accomodar melhor os dentes, receberem melhor as aguas, e serem mais aptas para todas as fabricas e engenhos; e nesta supposição de melhoria não fallarei mais em rodizios, mas só em rodas.

Por dentes bastão quatro em cruz, proporcionados e ajustados ao vacuo do canal; e por fóra dos esteios,

ou se lhes accomodem dentes, ou melhor orelhas, que puxem para cima e para baixo em continuo vai-vem. Depois da roda se segue o segundo tanque inferior, baixo, como dissemos, ao olivel da maré na baixa mar, o qual vai embebendo toda a agoa do primeiro, até na baixamar a desagoar toda no mar.

No taboleiro de terra, que media entre hum e outro tanque, se levantem as fabricas, quaesquer que sejam, seguindo o olivel do canal, de sorte que o centro corresponda em direitura á roda, e desta sorte terão hum moto continuo, sem medo de que alguma vez pare mais que por vontade dos donos, ou por faltar algum dos requizitos. Toda a substancia explica melhor a planta seguinte.

(Não vem o desenho.)

Methodo compendiozo. — Suppostos ou dous sobreditos tanques da industria explicada, he fazer hum canal perenne de hum para outro tanque, como se fosse alguma ribeira de agoa, que desce de algum monte, e fazer por arte o que lá faz a natureza.

Está toda a mestria: Primeiro, em que sejam os dous tanques em tudo proporcionados ao intento de despejar hum no outro as suas agoas, e de espaço tal que possam conter quanta agoa he precisa para sempre correr o canal cheio até o tanque superior receber novos provimentos nas preamares; e o tanque inferior para as reter em si, enquanto não as desagoa no mar com a vazante. Segundo, na altura; porque se o superior ou primeiro tem de fundo tres palmos regulados pela preamar, o inferior ou segundo deve ter ao menos outros tres regulados pela baixamar, mas de sorte que estes tres palmos do segundo se devem medir da roda para baixo, para nunca chegar a agoa a embagar e impedir a agilidade da

roda no seu curso. Terceiro, nas portas; porque devem ser tão proporcionadas, que tanto receba a do primeiro, como desague a do segundo.

Requer, porém, esta invenção sufficiente a altura de marez para a precisa decadencia das agoas; e conforme esta altura se hão de regular os tanques, canal e catadupa, para dar a cada hum a sufficiencia necessaria. De sorte que, se a maré altêa, v. g., doze palmos, se dêem de fundo tres ao primeiro tanque e canal; hum de declinação ás agoas, e são quatro; tres de quêda para a roda, e são sete; dous ao espaço da roda e desafogo no seu curso, e são nove, e tres abaixo da roda para a recepção e retenção das aguas, emquanto as não desagoa, e são doze.

E no cazo que a roda peça maior desafogo, como na verdade ha de pedir, porque deve ser grande, se lhe dêem, e accrescentem mais palmos de desafogo, e se diminuição na altura do tanque superior e canal, e esta diminuição da altura se supra na largura, dando ao primeiro tanque mais de espaço. Deste modo proporcionalmente se deve regular nas partes, onde alteão mais as marez; porque se alteão, v. g., quinze palmos, melhor se podem estes repartir, e os tanques e canal se podem profundar mais.

Mais difficuldade ha nos lugares onde sobem pouco as marez; mas ainda nestes se podem erigir os taes artefactos, porque na maior circumferencia dos tanques se pode supprir a menor altura das agoas; e desta sorte em toda a parte, em que ha marez, se podem fazer semelhantes prezas e reprezas, e se pôde pôr hum moto continuo para qualquer fabrica.

Quantas sejam as conveniencias deste novo invento de reprezar as marez, deixo á consideração dos leytores; e o podem dizer os que têm açudes e moinhos sobre as marez, que só móem na enchente ou vazante, de onde tirão grandes

cabedaes: e quantos mais tirarião se moessem as marez por encheio com moto continuo?

Deixadas, porém, estas considerações aos leytores, ainda fóra essas grandes conveniências, semelhantes represas têm muitas outras, das quaes não he a menor o servirem de grandes viveyros de peixe, com tanta utilidade, que só por ella se fazem em muitos reynos grandes tanques, pondo-lhes nas portas boas rêdes de arame para não sahir; para o que devem os tanques ter mais fundo do que o requizito para recolherem as agoas, afim de nunca o peixe ficar em sêcco.

Por isso, quando eu disse acima que bastava aos tanques terem de fundo, v. g., tres palmos, como o canal, foi emquanto á sufficiencia e precizão da agoa requizita para impellir a roda, e precizamente quanto ao curso e moto continuo; porém *aliunde*, sempre requerem mais fundo para serem viveiros de peixe, e tambem para se conservarem mais tempo sem a precizão da limpeza; porque, como semelhantes tanques sempre se vão enlodando, he necessario limpállos de quando em quando; mas, sendo mais fundos, menos se entupirão, e por mais tempo se conservarão profundos.

Já se vê que, onde ha agoas declives e ribeyras correntes, são escuzadas semelhantes represas, porque nestas e semelhantes correntes se podem mais facilmente erigir quesyquer fabricas, posto que não com tanta segurança, como nas represas da maré. A razão he: porque nas represas da maré sempre a agoa corre regularmente, e não estão sujeitas a enxurradas e perigozas contingencias das invernadas, como estão as erigidas nas ribeiras. No mais he sem comparação maior a melhoria por razão de não necessitarem de tanques, nem de muitos cabedaes e gastos para se erigirem.

Porém como ordinariamente não ha estas correntes declives, nem as suas conveniências nos lugares aonde

se precizão as fabricas; assim pela commodidade dos portos, como muitas outras conveniencias, são optimas estas prezas da maré, nas quaes supre a arte a declinação que deu aos regatos a natureza.

É bem verdade, que semelhantes reprezas, para se fabricarem com caes proporcionados a resistirem ao combate dos mares e ondas, não se fazem sem grande cabedal e gastos, especialmente na Europa, onde os materiaes são tão custozos; porém isso não obstante, muitos os fazem, e nelles gastão muito, só para aproveitarem as meias marez nos açudes e moinhos ordinarios, o que não gastarião senão acharão nelles grandes conveniencias: logo, sendo as conveniencias no novo invento tão superiores e sobrepujantes, pouco se fazem reparaveis os gastos, posto que grandes na sua erecção. Além de que nas margens do Amazonas, que são o meu primario intento, e em toda a America, são facilissimas estas reprezas das marez, e de pouco custo.

Primeiro: porque pella grande extenção das suas terras, em que cada morador tem sitios de legoas e legoas, não tem precizão para erigirem os taes açudes de muros e caes custozos; basta-lhes fazer, em lugar de tanques, duas grandes poças; e só nos portaes e canaes necessitam de pedraria, maior composição e duração.

Segundo: porque nas margens do Amazonas e mais rios, em todos os seus Estados são as terras planas, e quasi ao olivel da agoa, com amiudados lagos e braços, que entrão pella terra dentro, e nelles as marez. Pello que tem já meio caminho andado, quem quizer fazer semelhantes prezas, com só lhes tapar as barras ou bocas, cavando para huma banda e fazendo hum poção com canal de hum para outro, e com as suas portas respectivas, tudo com pouco custo e suave trabalho.

Terceiro: porque tem muitos e mui espaçozos *opecz* á

borda do mar, e separados ordinariamente delle com boas ribanceiras feitas pela natureza, nos quaes entrão muitas agoas na preamar; todos os dias em huns, em outros, em todas as agoas vivas; em outros só entrão e se espraião por grande espaço as agoas maiores nos equinócios, por bocas estreitas que cada hum tem para o mar, especialmente na foz do Amazonas e nas partes do salgado, de que os naturaes não fazem algum cazo, posto que bellas para boas e grandes salinas, para espaçozos viveiros de peixe e para muitas outras manobras, se de tão bellos tabuleiros se quizerão aproveitar os seus habitantes.

São, pois, excellentes estes *apecuz* para as reprezas das marezes no nosso invento, porque sem mais trabalho, nem despezas, do que aprofundallos com facilidade, por serem ordinariamente terra humida e areenta, só com algum beneficio na factura dos portaes para entrar e sahir a maré, e do canal de hum para o outro, tem feito as reprezas. Mas no cazo, que este pouco trabalho os intimide, ainda lhes darei outro arbitrio de mais facilidade e não menor conveniencia, e he o seguinte.

Ha ordinariamente no Estado do Amazonas, além dos muitos e grandes rios, que regão, e fertilisão as suas terras, muitos outros, pequenos ribeiros, em que entrão pouco as marezes, e posto que a pouca declinação, com que descem, não seja sufficiente a fazer moer rodas de grande fabrica, comtudo pôde supprir a arte, a cadencia necessaria mui facilmente deste modo.

Tapem-se as barras ou bocas dos riachos, e se altêem sobre a preamar, quanto seja necessario a lhes formar uma boa cadencia ou salto necessario a impellir qualquer roda, e ao olivel desta tapagem e altura se vão alteando as margens pelo ribeiro acima, por modo de quem fórma hum canal, até onde pedir o olivel da tapagem, onde, alteada a agoa e supe-

rior as marez, já fica ageitada para com o seu salto impellir a roda sem mais precizão de tanques. E como no Amazonas são facilimas estas tapagens, pelo muito arvoredado de que estão copados todos os riachos, sem mais custo que o de cortar arvores, meter estacas, chegar pedra e terra, que em pouco tempo fica firme e como naturalizada, tem todo o trabalho feito e suprido a falta de agoas declives, que só tem para o centro dos matos, que sempre são inhabitados.

Tudo isto são invenções para fazer moto-perpetuo sem mais diligencia que a do principio; e posto que a dos riachos *proxime* ditos e a dos *apecuz*, podem para os habitantes do Amazonas ser mais faceis, e por essa razão mais uteis: as reprezas das marez são, geralmente fallando, mais accomodadas e aptas para o intento, porquanto que mais custozas, sem ser necessario recorrer ao arbitrio que deu certo curiozo, de fazer hum açude mais alto e superior ás marez, e com huma roda não só ha de tirar agoa do mar, e por meio de bombas elevalla ao tanque, mastambem ha de moer com a mesma agoa que tira. Porque, ainda prescindindo da sua possibilidade (que pôde ser curiozo problema para as academias e proveitozo desvelo para os philosophos experimentaes), antes suppondo-a, parece que nunca poderá tirar agoa sufficiente a lhe dar, e cauzar o impulso e agilidade necessaria para fazer moer grandes fabricas. Porquanto, ou se ha de empregar no exercicio das bombas para conservar sempre provido o tanque; e já então fica a sua força mui diminuta para impellir as fabricas; ou se empregará em fazer moer as fabricas; e já então não tirará agoa. Quando muito poderá, cheio primeiro o tanque, tirar agoa sufficiente para lhe conservar o seu impulso, sem mais outra conveniencia que a de permanecer sempre o tanque cheio, e fica então engenho só de méra. curiozidade.

Semelhante a este he outro engenho de *moto-continuo*, ideado por outro curiozo, desta sorte. Põe humas como balanças

em hum mui subtil e ligeiro olivel; de huma parte hum pezo de ferro de tantas libras, da outra parte hum balde vazio; e como a parte do pezo vai abaixo, e o balde por vazio sóbe acima, lhe pôz hum cano d'agoa cahindo do alto no balde, o qual, como cheio de agoa já peze mais que o ferro da outra banda, sóbe este para cima e desce o balde ao pavimento, onde chegando logo se entorna, e já vazio sóbe outra vez direito ao cano, e tornando-se a encher vai a baixo, torna acima, e nestas idas e vindas, sobidas e descidas, anda a balança com *moto-perpetuo*, porém sem mais utilidade que huma méra curiozidade; porque alguma outra pequena serventia, que podia ter, serve ou póde ser melhor, e com menos trabalho perenne a agoa que enche o balde.

De mais utilidade e maior conveniencia he a idéa que deu outro de huma barca ou batelão no meio do rio, onde altêão os mares, seguro com boas amarras, e sobre elle huma moenda ou moinho, movido por huma roda segura com arte no mesmo batellão, o qual virando-se para cima e para baixo, segundo o curso ou fluxo e refluxo das marez, faz moer a roda com moto regular, tanto na vazante, como na enchente. Porém, além das paradas, que por força ha de ter na preamar e baixamar por algumas horas, a que perigos e riscos não está exposto este batelão, já dos temporaes, já dos tufões, já de desconcertos amiudados e tantos outros, que se póde duvidar quaes serão maiores, se os gastos, se os livros?

CAPITULO VI

Dá-se noticia de huma fabrica para moer grão com o novo invento das marez

Como a factura dos tanques, caes e mais manobras do novo invento supra, das reprezas das marez e *moto-continuo* das moendas, he obra de algum cabedal para a sua erecção, especialmente na Europa, onde todos os artefactos são custozos e os materiaes difficeis, o que poderia servir de remora a quem o quizesse pôr em execução; pretendo agora mostrar-lhes com evidencia as grandes conveniencias que terão na praxe os que se quizerem aproveitar desta noticia.

E ainda que bastava para isso a grande prova dos que fazem grandes açudes, com poucos menores gastos, dos que farião na serventia do novo invento, nos quaes só com meias marez e com hum a só moenda se dão por contentes dos avanços que tirão com evidente inferencia, de que com o *moto-perpetuo* do novo invento serião multiplicados os avanços, o confirmarei de mais a mais com lhes idear algumas grandes fabricas, que, postas na praxe, cada hum a será de grandes consequencias.

A primeira fabrica ou Ingenho será para moendas de grão, ou seja trigo, ou qualquer outra casta de grão. Segundo Ingenho, para moer cana para assucar ou agoas ardentes. Terceira fabrica ou Ingenho, de madeyra, com declaração que cada hum a destas fabricas postas na praxe pôde bem á vontade bastar a prover qualquer maior povoação; e com a circumstancia que cada hum a destas fabricas ou Ingenhos pôde ter annexos outros muitos, como adiante diremos, e tambem todos estes tres se podem unir em hum a só fabrica. Bem sei que para semelhantes fabricas são peritissimos os

machinistas ; mas com sua licença apontarei estes, que elles poderão depois, como mestres no officio, melhor adjectivar, compôr e idear muitos outros. Seja, pois, o primeiro :

Ingenho para moendas de toda a casta de grãos, tantas quantas ou pedir a precizão, ou quizerem os interessados : até cem se podem bem accomodar desta sorte. Levante-se uma quadra, ou de pedra, ou melhor de bons esteyos de pinho, ou de qualquer outro pão dos que durão mais na agoa, até a altura de cincoenta palmos ou os que quizerem, correspondente esta quadra com o centro ao meio da roda, que supomos posta e impellida com a força da agoa no fim do canal. Reparta-se esta quadra, v. g., em quatro andares, e em cada hum delles se ponhão quatro moendas nos quatro cantos, e vêm a fazer nos quatro andares dezeseis moendas, cada huma ajustada com sua roda em cima, ao pé do tecto. Pello centro ou meio da dita quadra, de alto a baixo, se meta hum comprido esteyo, que haja de servir de rodizio a todas as moendas ; e para isso ha de ter em cada sala ou repartimento huma roda correspondente á das moendas nos quatro cantos com dentes que encaixem huns nos outros.

Além destas rodas correspondentes á das moendas, ha de ter no meio outra roda maior ou couza equivalente, cujos dentes hão de sahir fóra a abraçar-se com outras rodas, pello meio das quaes se ha de ir prender ao agente principal, que he a roda do canal. Dice, que ha de ter no meio outra roda maior, cujos dentes, etc., ou couza equivalente, porque tambem pôde ser (e talvez que agrademais a alguns) huma, quebrada por modo de orelha, e nella huma preza entezada por hum arco de balesta da parte fronteira ; e com outra preza a puxe para fóra hum fumozo pezo ou figura, que puxe para fóra ; mas regulada de tal sorte que tenha menos força que a preza da balesta, para que esta, como mais potente, incline para si o rodizio.

Do pezo ou figura exterior, que ha de estar como suspenso em cima de alguma roldana encostada á parede, desça outra preza a huma orelha da roda principal, ficando assim com impulso de vai-vem; porque a roda impellida da agoa puxa por meio da orelha e prezilha pelo pezo ou figura para baixo, e logo largando-a busca a figura a sua postura pello impulso da balesta, e fica deste modo hum *moto-continuo*.

Supposta esta quadra deste ou de outro qualquer modo que julgarem os mestres do officio, se levantem nos seus lados, seguindo a correnteza do canal, outras duas quadras immediatas á primeira, com os mesmos quatro repartimentos, e com as mesmas moendas em cada canto, em tudo semelhantes á central ou do meio, excepto nas prezas, e em lugar dellas hão de ter os seus eyxos ou rodizios: uma roda tambem no meio, maior que as das moendas, cujos dentes se vão enlear com outros no rodizio do meio, a que chamaremos *rodizio mestre*, e se hão de encaixar uns dentes com outros nas paredes ou repartimentos das quadras.

Deste modo ficão tres quadras á borda do canal, huma em cima do tabuleyro, outra na direitura da roda, e por isso parte em cima do tabuleyro e parte embaixo já no segundo tanque; e a terceira já toda levantada debaixo do dito segundo tanque. E como em cada huma supposmos quatro andares, e em cada andar quatro moendas, vêm a fazer as moendas por todas quarenta e oito, cuja planta ou figura he a seguinte.

(Não vem o desenho.)

Como todas estas quadras são de huma banda do canal, e a roda primeiro movel, he indifferente para huma e outra banda; se levantem da outra banda outras tres quadras em

tudo semelhantes ás outras, e fazem já por todas noventa e seis moendas. Da parte do segundo tanque ou tanque inferior se unão com outra quadra as dos lados, ficando daquella parte unida toda a obra *per modum unius* ; e posto que por baixo deva ficar expedita para passar a agoa ao segundo tanque, comtudo por cima ainda lhe fica lugar para tres repartimentos ou andares, e nelles doze moendas, e fazem por todas cento e oito.

E se ainda estas parecerem poucas, podem levantar-se mais duas quadras por detraz das quadras centraes ou do meio, porque ainda ficão immediatas ao eyxo ou *rodizio mestre* ; e por isso impellidas da mesma sorte que as dos lados, e assim fazem por todas cento e quarenta moendas.

Já se vê que todas se devem dispôr de sorte que dêem por dentro livre serventia aos administradores, com sufficiente altura e largura proporcionada; e para isso tanto as rodas das moendas, como do eyxo ou rodizio mestre, devem estar bem chegadas ao tecto de cada sala e a do meio : porque, além desta roda correspondente ás moendas, ha de ter ou outra, ou a quebrada que dicemos, para as prezas da balista interna e pezo de fóra ; e por isso ha de occupar mais lugar; pôde deixar-se mais alta que as mais para ficar livre a serventia sufficiente. O vão que fica entre o canal e roda, entre huma e outras quadras, dá bastante lugar para as escadas, e serventia exterior de cada huma das quadras e seus repartimentos, e tudo se pôde pôr em bom andar. Assim, ou de outro melhor modo e arrumação, fica huma fabrica de moendas para grão, tal, que apenas a maior cidade do mundo lhe poderá subministrar o grão preciso para moer em todo o anno.

Da mesma sorte, ella moendo em todo o anno, pôde dar aviamento a toda huma povoação, por grande que seja, e ainda a grandes armadas e exercitos, sem precisão de mais

moinhos de ventos ou atafonas, porque as taes moendas já se vê que hão de moer com a maior possibilidade ligeiras; e por pouco que lhe demos, v. g., hum alqueire de grão por hora, sahe a cada huma vinte e quatro alqueires em vinte e quatro horas, ainda que melhor poderão ajustar esta conta os mestres do officio.

Mas, dando-lhes alqueire por hora, e sendo as moendas cento e quarenta, como dicemos, vêm a fazer no dia tres mil trezentos e sessenta, que no anno somão (salvo erro) 1.126.400 alqueires, cujo computo parece ser sufficiente a qualquer grande cidade, havendo a providencia necessaria de lhe ministrarem sempre sustento; e posto que seja necessario dar-lhe algumas quebras, ainda com ellas fica grande aviamento. E daqui se podem enganar os que quizerem levantar huma tal fabrica, que por maior que seja o seu cabedal nos gastos della e dos seus tanques, pôde logo no primeiro anno, não só cobrir os gastos, mas ficar rico com *grandes avanços*.

Pois, se tambem tomassem á sua conta o beneficiar toda essa farinha em pão e biscoito, que grande cabedal não farião, ainda que só por cada alqueire levassem 100 réis por seu ganho? o que tudo pôde ser desta sorte: fazendo á roda dos tanques, ou do melhor modo que poderem, o numero de fornos proporcionados á quantidade de farinha, com forneiras as necessarias ao seu beneficio. E sendo os fornos de cobre, pouca lenha lhes basta para os aquecer e conservar sempre com o calor necessario. Seria esta providencia hum grande bem commum por muitas razões, e huma dellas seria a maior barateza, como supponho, pella qual todos acudirão á fabrica para se proverem; e por outra parte toda esta concurrencia cederia em grandes lucros dos donos; que sem arriscarem as suas fazendas ás incertancias das agoas, e contingencias do mar e navios, como

fazem os mercadores, podem com bella paz e socego enriquecer, aproveitando-se do *moto-continuo* das marez.

Não quero dizer nisto que de certo hão as moendas de moer esta quantia, e os administradores tirar estes grandes cabedaes, porque isso depende da precisa providencia de ajuntar toda esta numeroza quantidade de grão, e de ter apalavrados todos os moradores para lhe darem consumo, etc., mas quero dizer que, supposto o dito *moto-continuo* das marez, a fabrica das moendas, a quantidade dos fornos e providencia necessaria, pôde subir ainda no primeiro anno a grandes avanços sobre os gastos.

Porém julgando-se por demaziadas tantas moendas, podem ser de menos andares as quadras, como tambem em lugar de algumas moendas se podem accomodar outros ingenhos, v. g., piloens para moer cacão, para fazer chocolate e descascar arroz; e da parte de fóra accomodar huma bomba para elevar agoa, sendo doce, e muitas outras curiozidades.

Tambem estas moendas multiplicadas pellos sobrados das quadras já se vê, que he para, em pouco campo e pequeno lugar, accomodar muita fabrica; mas havendo espaço sufficiente e julgando-se ser mais em comodo postas todas embaixo, em compridos corredores, tambem se pôde fazer, e então os sobrados ficam reservados para moradias. Além de todas estas moendas, se podem pôr algumas nas mesmas portas dos tanques, por onde entrão e sahem as marez, posto que então só môão na dita occasião das marez, e por isso como os moinhos ordinarios dos açudes de hum só tanque.

No Rio Amazonas, e mais Brazil portuguez, em que o trigo e mais grãos não estão em uzo, em lugar das moendas de grão se podem accomodar para outros diversos officios, v. g., para moendas de milho graúdo humas, outras para moendas de farinha de pão, que he o pão ordinario do

paiz, outras para descascar arroz, para moer tabaco outras; e assim para outros diversos ministerios proprios do paiz.

Dice no Amazonas portuguez, porque no Amazonas hespanhol póde levantar-se muito bem a dita fabrica para o trigo, porque já lá se uza como na Europa, por serem mais curiozos e providos os Castelhanos, que logo lá o meterão, e não se quizerão costumar ao uzo dos Indios na farinha de pão como os Portuguezes.

E se alguém julgar por só especulativo hum tal Ingenho, e que nunca se porá em praxe, *saltem* com tanta fabrica como a referida, por serem necesarios grandes cabedaes para a erecção dos artefactos, espaçozos celeyros para recolher o trigo, numerozos tabuleiros para as farinhas, e com o addito de beneficiar o pão, multidão de fornos e de serventes; respondo que, para o meu assumpto, basta-me provar, que se póde fazer e que não tem impossibilidade alguma, como na verdade não lha acho.

Além de que, quantos mais gastos se costumão fazer em muitas outras fabricas só pella esperanza de muito menores lueros? quantos gastos na factura de hum navio, tão contingente, que póde perder-se no mesmo porto? e assim discorrendo pellas mais fabricas.

Mas a prova mais convincente é os grandes gastos que fazem muitos em algum grande açude para hum só moinho, e ainda esse para moer com meias marez sómente, e ainda lhes achão suas conveniencias: logo, quantas não serão as conveniencias nesta fabrica?

Passemos já á segunda fabrica ou Ingenho, não menos curiozo e util que o primeiro.

CAPITULO VII

Segunda fabrica ou Ingenho de assucar de moto continuo

Tanto he mais propria para a Europa a fabrica antecedente, pellas razões nella apontadas, e pello uzo comum dos trigos, como he propria para o Rio Amazonas e mais America esta presente, por razão da factura do assucar, nella muito ordinario, com que podem em hum dia moer, v. g., a cana, que antes com os Ingenhos ordinarios moião em huma semana, e a que em hum mez e huma semana, e a que em hum anno, em hum só mez, havendo os requizitos necessarios, e precisa diligencia. Desta sorte.

Methodo mecanico.—Suppostos os dous tanques e continua correnteza do canal, se levantem duas quadras de huma e outra parte do dito canal, em direitura da roda, primeiro movel, huma de cada banda. A' estas quadras se dê o sufficiente espaço para as moendas e boa comodidade dos serventes, v. g., de vinte ou trinta palmos em quadra, e a subão á altura que quizerem, v. g., de sessenta palmos, repartida em quatro andares, como atraz dicemos. No primeiro terreo, quando não seja só hum....como se costuma, poderá servir para alguns despejos ou para piloens de moer cacão e fazer chocolate, ou para alguma outra serventia de que fallaremos adiante. No segundo, que deve ser mais alto que os mais, v. g., de quinze palmos de alto, se levantem as moendas, e nos dous de cima se ponhão no cantos moendas, humas para grãos, outras para moer tabaco, outras para descascar arroz ou couza semelhante.

Tudo isto se faça de huma e outra banda do canal e roda; e vem a ficar hum Ingenho de assucar equivalente a dous

ou propriamente dous, hum de cada banda ; porque na verdade são duas ordens de moendas, e fica o espaço do canal entre huma e outra quadra livre, e desimpedido, ou para huma nora, ou melhor para huma ou duas bombas impellidas pelo mesmo Ingenho, com moto continuo, que tirem agoa e a elevem acima para muitas serventias que podem ter, de que abaixo fallaremos.

Desta sorte vem a ficar hum Ingenho de Ingenhos, porque além dos dous para assucar, tem nora, moendas para grãos, moendas para arroz, moendas para tabaco, piloens para cacão e para outros, de que logo diremos, e todos impellidos já pella roda, como a nora ou bombas, e já pela mesma moenda ; porquanto para tudo isto, e para muito mais, supponho força na roda e impulso na agoa. A cauza de levantar dous Ingenhos, hum de cada parte, com todos os outros annexos, multiplicados de huma e outra banda, he porque os maiores gastos na factura dos tanques, canal e roda, tanto se hão de fazer para hum, como para dous Ingenhos : logo, se o trabalho e gastos são os mesmos, pede a razão que, podendo ser dous, se aproveitem ambós.

Mas, postoque baste esta pequena explicação para os que já têm noticia dos Ingenhos de assucar, comtudo não basta aos mais leytores, que dellas nem do modo de fazer assucar têm noticia ; e assim quero primeiro explicar, que couza sejam Ingenhos de assucar ordinarios, para que á sua vista melhor percebão as vantagens, que vão do nosso novo Ingenho, a que podemos chamar Ingenho de nova invenção, aos antigos e ordinarios do Rio Amazonas, e de todo o Estado do Pará e Maranhão.

Digo do Amazonas, Pará e Maranhão, porque no Brazil, e outras partes, sei que já ha outros Ingenhos, huns que móem com agoa, outros ordinarios, e outros a que chamão de nova invenção, por serem novamente inventados, que

com huma roda mais da ordinaria móem em dobro dos ordinarios.

São, pois, os Ingenhos ordinarios do Amazonas tres páos levantados em alto, da grossura de dez ou doze palmos pouco mais ou menos, seguros embaixo, e em cima; em cima em huma travêça bem forte, e embaixo em huma baze proporcionada ao seu pezo, que na verdade he grande. O páo do meio, que he a moenda principal por ser a que movida move as outras depois da sua grossura já dita de dez ou doze palmos, até a altura de seis ou oito, que têm todas tres, e aonde se segurão com hum espigão, que tem de mais a mais para cima hum famoso eyxo ou esteyo, seguro no tecto com seu espigão, etc.

Nesta haste, que deita para cima, tem humas pequenas travêças por modo de cruz, em cujas pontas fazem fincapé outras travêças mais compridas, que descem do mesmo esteio acima das outras travêças, em que, como digo, se segurão, e descem a baixo em olivel das moendas, alargando-se para fóra a modo de pavilhão, e em cada huma destas quatro travêças se ata hum boi, que por isso são puxadas estas moendas sempre por quatro bois, nem mais nem menos.

São estas moendas levantadas da terra couza de quatro palmos, ou pouco mais, e á roda da moenda andão os bois em circulo, e dentro deste circulo estão os serventes ministrando a cana á moenda. Na dita baze, que he cavada por dentro por modo de canôa, aonde cahe o sumo ou guarapa da cana, e por baixo enterrados vão hums canos para as caldeyras do assucar; hum quando este se quer beneficiar, e outro para os alambiques de agoa ardente. A figura do Ingenho he a seguinte.

(Não vem o desenho).

Já se sabe que este Ingenho e moendas têm dentes, e que pegão huns nos outros, e por isso movida a do meio, que he a mestra, vai movendo as duas das ilhargas, e que a cana se mete por huma parte só a ponta, e as moendas por si mesmas a vão attrahindo, machucando e lançando pella outra banda, onde outro servente a torna a meter pella outra banda da moenda para melhor a espremer.

Tambem se ha de suppôr que estes Ingenhos e moendas, além da sua baze, em que estão levantadas, estão tambem altas, com aterro no pavimento, por razão de lhes ficarem nas ilhargas, tanto as caldeyras e fornos de assucar, como da outra parte a caza dos alambiques embaixo. O que supposto, vamos agora á nova invenção.

Para os leytores, pois, verem a differença que vai de hum a outro Ingenho, do ordinario ao novo, basta verem os vagues e mais inconvenientes do primeiro, e a expedição e veloci lade do-segundo ou novo; porque os ordinarios, além de requererem huma mui espaçosa sala para os bois fazerem a sua roda larga e para a boa serventia dos que trabalham, huns chegando a cana, outros ministrando-a ás moendas, e outros incitando os bois, além tambem da imundicie do esterco dos mesmos bois, que chegam muitas vezes a fazer lamaçal, são muito vagarozos; porque alfin móem a passo de boi, e he o peor inconveniente que têm; de sorte que para moerem huma barcada de cana gastão vinte e quatro horas ou mais, com o addito de que ainda com todo este vagar, não podem sempre trabalhar estes, mas só de quando em quando, pela razão de não se sustentar lá o gado nem estes bois em caza, como na Europa, mas só com o que apanhão a dente nos pastos, que para isso sempre têm anexos estes Ingenhos.

E quando móem os Ingenhos se vaquejão para hum cercado, onde não comem, nem bebem, senão quando

vão sahindo da sua tarefa de quatro em quatro horas, e assim se vão revezando todos os dias, com não pequenas demoras nestas mudanças, para as quaes também se requer huma numeroza multidão de bois, de vinte para trinta ou mais, para se irem revezando. Alguns Ingenhos ha que, para melhor se expedirem, uzão de cavallos, e não ha duvida que se expedem melhor; porém como também se revezão de tantas em tantas horas e também se pastão pelo campo, têm os mesmos inconvenientes.

Nenhum destes tem o nosso Ingenho impellido pela maré. Primeiro: porque he tão veloz, que moêra em hum dia o que os ordinarios em huma semana ou mais. Segundo: porque não tem demoras, por ser de *moto continuo*, senão quando o quizerem parar. Terceiro: conserva sempre limpo o seu terreno, e mais expedito para a administração dos serventes. Quarto: que pôde ter todos os mais Ingenhos anexos, que dicemos, e muitos outros. Quinto: porque he Ingenho multiplicado de huma e outra banda do canal; e finalmente, muitas outras mais conveniencias, e tão vantagens, que bastára hum só para sobrepujar a todos quantos tem o Estado do Amazonas; havendo a providencia necessaria de cana e serventes, e bastará só elle para carregar muitos navios, como per si mesmo se está vendo, cuja figura he a seguinte.

(Não vem o desenho).

O modo de puxar as moendas pôde ser de diversos feitios. O melhor he algum dos dous que acima dicemos na fabrica das moendas, isto he, ou por quebrada no espigão da moenda deste feitio..... com mola ou *chamadeyra*, que a puxe para dentro, e com outra *chamadeyra* ou *presilha*, que a puxe para fóra, mediante algum bom pezo, e deste

outra chamadeyra, que vá prender na orelha da roda do canal, e fique deste modo com o seu curso de vai-vem, acima e abaixo, ou melhor mediante alguma roda com dentadura, etc. Advertindo, porém, que as moendas da cana nestes Ingenhos não devem ter o seu curso tão veloz como as moendas da farinha, sob pena de não espremer bem a cana, e a deixar só mordida ou meia espremida, e para evitar este inconveniente se lhes deve compassar, e regular o curso necessario.

Para o que me parece ser mais accomodado o segundo modo com dentaduras de rodas, que o primeiro com chamadeyras ás orelhas das rodas, e a mola ou corda do arco, que he mais proprio para as moendas de farinhas e mais Ingenhos que ganhão força na sua velocidade. Pelo contrario, nos andares superiores e uzo das moendas que nelles suppomos, porque para ellas será talvez mais accomodado o primeiro modo de quebradura no espigão da moenda mestra, que pelo meio da quadra ha de subir até o ultimo tento, e impellir todas as mais moendas que lhe accomodarem; porém como a experiencia deve ser a melhor regra, para ella me remetto.

Dice acima que, além das moendas para assucar, para grão, tabaco, chocolate, etc., ainda póde este Ingenho ter muitos outros anexos. Para o que havemos de suppôr que os senhores de Ingenhos têm ordinariamente nos seus sitios muitas officinas e muitos officios, como rodas de fiar algodão, rodizios para o descarçar, rodas de fazer farinha de pão, torneiros, ferreyros, serralleiros, e muitos outros além dos acima nomeados.

Item costumão ter ou fazer as suas moradias immediatas aos Ingenhos, o que supposto, digo que, além das moendas para grão, das moendas de tabaco, das moendas ou pilões de beneficiar arroz, dispostas nos dous andares superiores,

póde ter demais dispostas em corredores, ou salas contiguas, rodizios para descarregar algodão, rodas para o fiar, moendas para a farinha de páo.

E por baixo das moendas, além dos piloens para moer cacáo, que se podem dispôr para huma banda, para a outra banda podem ter alguma officina de ferraria, cujos folles e martellos sejam meneados pelo mesmo Ingenho com chamadeyras ás rodas; e da mesma sorte se póde uzar nas brochas.

Item para torneare; e, finalmente, todos os mais Ingenhos que quizerem e lhe poderem accomodar, porque para todos tem força o Ingenho e roda principal, como adiante diremos, ainda que todos laborem ao mesmo tempo. E além da presteza, com que trabalharão, já se vê que hão de poupar muita gente, que he hum dos principaes intentos, advertindo que, posto sejam conforme á vontade dos donos todos os mais, o Ingenho de huma nora, ou duas bombas, entre huma e outra quadra, sempre se faz preciso, pela razão de levar a agoa aos alambiques da agoa ardente de huma e outra banda. Porque sempre estes Ingenhos tem juntamente officinas de agoa ardente, tanto, ou mais rendoza que o mesmo assucar; e assim precisão de agoa, cuja condução não he pequeno trabalho, embora que tenham os rios a porta; e assim para evitar este trabalho, e para serem mais bem servidos são necessarias algumas bombas, ou alguma nora.

Fora este ministerio, tambem será optima providencia, e diligencia muito proficua, o encaminhar agoa para os pastos, e para as searas, que supponho nestes sitios, como insinuei na quinta parte do *Thesouro do Amazonas*, especialmente no Estado do Maranhão, por ser mais sêcco e falto de agoas da chuva; e por isso se perdem alguns annos as searas, cujos damnos se podem reme-


diar com noras e bombas, de que ádiantе tornaremos a fallar. Accomodados, pois, todos os Ingenhos referidos, como na verdade se podem accomodar, ficão os Ingenhos de assucar sendo hum conglobado de Ingenhos, ou Ingenho de Ingenhos, e com mais razão de se chamar *Ingenhos reaes* do que os ordinarios, principalmente os seguintes: — Ingenho de assucar, officina de agoas ardentes, nora ou bombas, moendas de grão, moendas de arroz, moendas de tabaco, pilons de cacáo, maços de ferreyros, folles e brochas, rodizio para descarregar algodão, rodas para o fiar, rodas para farinha de páo, torneiros, que são por todos doze, e, como de ambas as bandas se podem multiplicar, ficam sendo vinte e quatro.

O modo de fazer mover todos estes Ingenhos ha de ser com chamadeyras ás rodas principaes, cuja disposição deixo á industria e discurso de cada hum, emquanto vou a explicar, do modo que me fôr possivel, algumas outras miudezas, que posto sejam só accidentaes, são comtudo, precisas para a boa economia de semelhantes Ingenhos.

Seja a primeira sobre o uzo dos taes Ingenhos, e vem a ser que, quando se puzer em curso, se não soltem de repente, e ao mesmo tempo todos os Ingenhos, com perigo de se quebrarem, e de se desconjuntarem as rodas e moendas; mas huns depois de outros, v. g.: primeiro, as moendas de cana, logo a nora, depois desta as moendas de cima, e assim as mais, humas atraz de outras, e por partes. Segundo, que a sua disposição seja com tal industria que não succedão as desgraças, que muitas vezes têm succedido, de apanharem as moendas os dedos e mãos dos que metem a cana, e attrahindo todo o corpo o môem hum instante irremediavelmente; o que com mais facilidade pôde succeder no nosso Ingenho por causa da sua velocidade.

Para evitar semelhantes contingencias, dizem que ha no Brazil

a providencia de estar sempre armada com hum alfange ao pé das moendas huma pessoa, para, com hum repentinogolpe no braço colhido, livrarem o demais corpo. Se assim he, já se vê quantos mais operarios sejão necessarios, porque se requerem actualmente dous, hum de cada banda das moendas; depois são precizos muitos outros para se revezarem, etc.

Mais util me parece outra providencia, desta sorte : ponhão-se huns páos direitos das paredes, as moendas com suas molas atraz, v. g., d'este feitio  que naturalmente os empurrem para entrar nas moendas ; mas ali desção delles humas chamadeyras abaixo a humas taboinhas, de sorte que estas, puxadas pelas ditas chamadeyras, estejam com as pontas levantadas e naturalmente suspensas.

Isto, posto quando móem os Ingenhos, os ministradores da cana lhes põem os pés em cima, e com o seu pezo as puxão e as têm chegadas á terra, e por conseguinte puxão tambem para traz os ditos páos, e por isso sem prejuizo das moendas.

Deste modo, succedendo a desgraça de apanharem as moendas os dedos ou mãos dos que ministrão, como por huma parte os suspendem, e por outra elles naturalmente se levantão a acudir á mão encalhada, tirando os pés, se levantão as taboinhas, e correm os páos ás moendas, as quaes, attrahindo os páos, por força hão de alargar, e assim dão tempo a que os entalados se livrem, embora que com alguma molestia dos dedos, ou hão de arrebentar ; mas antes ellas se desconjuntem do que succedão desgraças ; porque estas feitas não têm remedio, e as moendas desconjuntadas e desfeitas, sim.

Este me parece o melhor modo de evitar taes contingencias, sem a precisão de gente e alfanges preparados, que por mais alerta que estejam sempre serão vagarozos ; e entretanto lá vão os corpos moidos, e quando pouco a bom escapar os braços cortados.

Segundo modo. Em lugar das chamadeyras descerem ás taboinhas do pavimento, podem (julgando-se mais conveniente) ir ao eyxo da segunda roda, que he a immediata á primeira, que anda no canal. Para o que devemos suppôr que a dita segunda roda deve estar no seu eyxo entre duas cunhas, hum da parte de fóra junto ao botão, que a segura empurrando a roda para dentro do eyxo, e para fóra do seu lugar; outra da parte de dentro, que a obrigue a andar no seu lugar, tudo com tal arte, que só sirvão para ter segura e firme a roda, mas não para a empecer.

Isto supposto podem ir as chamadeyras que dicemos, á cunha anterior, passando por cima das cabeças dos que metem a cana com alguma tezeitão, sufficiente a suster os páos por modo de cunhas, afastados das moendas, mas com as pontas directas a ellas. Succedendo, pois, colher as moendas os dedos ou mãos dos serventes, como estes naturalmente acodem logo a lançar a outra mão, o fazem á chamadeyra, na qual se suspendem, e com o pezo do corpo fazem dous effeitos: hum he o correr o páo a meter-se na moenda; o outro he o tirar ou empurrar a cunha, a que as chamadeyras estão prezas, do seu lugar; e por falta della foge a roda para dentro, impellida da cunha que tem da outra parte do botão, *et ex consequenti* para o Ingenho, e fica livre o servente.

Mas ainda quando a dita cunha não fosse necessaria para as chamadeyras, e para livrar os serventes de tão repentina morte, por talvez se evitar pello primeiro ou algum outro modo, sempre se faz precisa para quando se quer parar o Ingenho; de sorte que baste tirar esta cunha com hum pancada de maço, para logo saltar do seu logar a roda, e parar toda a fabrica daquella parte ou só as moendas da cana, continuando as mais o seu curso.

Semilhante providencia deve haver nas mais moendas e

Ingenhos annexos, para os fazer parar, quando fôr preciso, sem prejuizo dos mais; o que tudo se pôde fazer com semilhantes cunhas nos eyxos das rodas respectivas de cada huma.

Este Ingenho pois, bem ideado e fabricado pellas mãos de algum bom mestre, tendo sufficientes canaviaes que lhe dê sustento todo o anno, e por outra parte as searas precisas de grãos de arroz, tabaco, etc., para sustento das mais moendas, e os necessarios serventes, dará hum tal aviamento a seus donos, que subrepujará a mais de vinte ou quarenta *Ingenhos reaes* da praxe ordinaria, cujos lucros serão tão avantajados, que possão e sobejem a sustentar as maiores comunidades, o que se pôde inferir da sua grande expedição e moto continuo.

Porquanto, o menos que cada moenda pôde moer em vinte e quatro horas, são vinte e quatro carradas de cana, que, multiplicadas nas duas moendas são quarenta e oito, e, dando cada carrada por pouco duas arrobas de assucar, fazem noventa e seis arrobas por dia.

Tambem podem ter igual, ou muito maior lucro na factura das agoas ardentes. Digo maior lucro, porque, como adverti na quinta parte, tem mais gasto e dão maior lucro que o assucar, e por essa razão muitos Ingenhos se empregão mais nas agoas ardentes que no assucar; e maiores conveniencias terião se, como adverti no mesmo lugar, alambicassem as laranjas e cajuz, de que com muita facilidade podem ter grandes e estaveis fazendas, e serião melhores as agoas ardentes, como a experiencia o tem mostrado.

Adiante fallarei de outras invençoens de Ingenhos de menos fabrica; advirto, porém, que toda esta fabrica, que supponho para o presente, posto que na Europa seria custosa pelo grande custo dos materiaes, no Amazonas he tão facil, que só custa o entrar nos matos que tem á porta, es-

colher os páos, conduzillos e levantállos, para o que são bons mestres os Indios naturaes.

E daqui se pôde colligir a grande facilidade com que naquella região se podem fazer semelhantes Ingenhos. Da industria com que os seus moradores podem cultivar os sitios para sempre terem sustento, dicemos na quinta parte.

CAPITULO VIII

Ingenho de madeyra a impulso das mareis com moto perpetuo:

Da mesma sorte que os dous supra, se podem levantar Ingenhos de madeyra de *moto-contínuo*, com muitas vantagens sobre os Ingenhos de vento, como são: primeira, em serem mais regulares pella regularidade das agoas, e correnteza do canal, que sempre he a mesma em toda a occasião, e em todo o tempo, o que não têm os de ventô, pella inconstancia e irregularidade deste elemento, que umas vezes assopra pouco e outras demaziado, e ambos estes extremos cauzam prejuizo.

Outras vezes acalmão os ventos e parão totalmente as fabricas; e outras se levantão repentinos tufoens, que com a sua violencia despedação e quebrão os instrumentos; como de facto succedeu ao Ingenho de madeyra no Maranhão, que, arrebrandando-lhe por duas vezes o eyxo principal, só chegou a serrar pelo curto tempo de poucos mezes, deixando mais que empenhados, perdidos, a seus donos, quando se consideravam na duração da fabrica mais ganhados.

Segunda, em serem mais acomodados estes Ingenhos de agoa para se erigirem em qualquer lugar sobre o

mar e rios, onde o peça a conveniencia. Não assim os de vento, que requerem paragens bem expostas, e onde elles melhor assoprem.

Omitto outras muitas conveniencias, das quaes he a principal o terem moto perpetuo, que he o primario intento; e por isso hum sô sobrepuja a muitos outros de ṽento, pellas quebras, que se devem dar a este elemento, com huma circumstancia muito attendivel, e he que estes Ingenhos de serrar madeyra com o impulso das marez, pôde ter annexos muitos outros, e entre elles hum de assucar, como adiante diremos.

Havemos tambem de suppôr, que o Ingenho, de que vou a tratar, ha de serrar a madeyra com todo o seu comprimento, isto he, com todo o comprimento dos páos, circumstancia attendivel pella melhor aptidão das taboas para quaesquer obras, e muito em especial para a construcção dos navios, que não só ficarão tanto mais fortes, quanto mais comprida fôr a sua madeyra, mas tambem sem a precisão de tanto ferro, como ordinariamente se gasta. O que supposto, vou já á explicação da fabrica, e Ingenho, a que chamaremos *de moto-contínuo*.

Methodo mecanico. — Suppostos os tanques, canal e roda perpetua, com suas orelhas por fóra, se fação huma quadra de cada banda, que pôde ser do feitio das de cima, e da mesma grandeza e altura. No andar mais inferior e terreo se fição dous estaleiros de cada banda da roda e canal, que vêm a ser quatro por todos, arqueados por modos e feitio de meios canos, accomodados ao feitio e boleado dos páos, que por elles hão de ser attrahidos, redondos como são, sem mais precisão, que despidos da lascã ou cortiça, e com todo o seu comprimento, como já advertimos, pellas razoens de pouparem trabalho escuzado na facetação, e para escorregarem melhor pellos estaleiros, e ficarem as

taboas de mais largura, como tambem para melhor expedição, etc.

No fim de cada estaleyro se ponhão as serras, que bastão quatro, correspondentes aos quatro estaleyros (chamo aqui quatro serras a quatro ordens de serras, cada huma com o numero necessario, v. g., de vinte serras, que nas quatro ordens vêm a fazer oitenta), ficando assim duas de cada banda da roda. Estas se accomodem pelo feitio de balanças, bem seguras em cima e bem pezadas em baixo, *saltem* a balança de fóra, que pelo seu pezo puxe a assentar-se na terra, embora que as balanças dentro fiquem totalmente levantadas acima (chamo balanças de dentro ás immediatas á roda), e desta descção umas chamadeyras ás orelhas da roda, primeiro movel, as quaes orelhas, puxando pellas chamadeyras para baixo, andarão as balanças para baixo e para cima por modo de vai-vem, com moto mui regular, veloz e continuo.

Do mesmo modo se devem regular os ganchos, que hão de puxar e attrahir os páos na dita balança, de sorte que as pernas das balanças, quando sobem acima, puxem os seus páos respectivos, e quando descem os serrem.

Este modo de puxar os páos com gancho he o mesmo, ou semelhante aos mais Ingenhos de vento, e para o fazerem com mais facilidade devem ser os estaleiros com alguma, ou bastante inclinação, ou declinação para diante, quanto puder ser; porque, quanto mais inclinados e declives forem estes, tanto mais facil será a sua attração para as serras, ainda que me parece, que os ganchos por si sós terão força bastante a puxarem os páos. A substancia se vê na figura seguinte.

(Não vem o desenho).

Outro modo de puxar os páos me occorre, e talvez mais conveniente, se *aliunde* não obstar alguma rezão, e vem a ser: fação-se estaleiros por onde os páos correm as serras, moveis, á maneira de eyxos grossos para fóra, e no meio redondos, mas delgados e accomodados a nelles se assentarem bem os páos, seguros estes eyxos nas ilhargas com fortes columnatas, ou melhor em bons pranchoens bem firmes e seguros. Por fóra dos pranchoens se enlacem os eyxos com proporcionados calabres, que venhão a rematar-se em alguma roda ou balança, no fim dos estaleyros, a qual roda ou balança seja impellida pela roda mestra; e então, sem mais ganchos ou páos, com só puxarem as serras ou roda mestra, a dita balança fará andar á roda os eyxos, e os páos por si mesmos se irão meter nas serras huns atraz dos outros.

A conveniencia maior desta industria dos eyxos he o poupar serventes, que *aliunde* são necessarios para prenderem os ganchos a cada páo, cuja precisão não ha nos eyxos; e muito melhor se pouparão estes serventes, se, nos estaleiros firmes, em que se deita a madeyra antes de entrar nos eyxos, se puzer alguma industria, com que os páos por si mesmos vão cahindo nos eyxos, quando vão acabando os páos das serras.

Muitos modos me occorrem para isso, mas não os aponto por me não saber explicar, e facilmente tambem occorrerão a quem considerar na materia. O mais facil e perceptivel me parece hum angulo posto com tal arte na borda dos estaleiros firmes, que com huma ponta segure e tenha mão nos páos que não cahião, e a outra ponta fique impedida no páo que vai ás serras, multiplicado este angulo em cada estaleiro. Deste modo em acabando de passar o páo, que vai ás serras, e por isso desimpedida já esta ponta do angulo, cahe para baixo impellida do pezo dos páos que segu-

rava; e *ex consequenti* cahe para baixo outro páo, e como deste modo dá volta o angulo, vai de repente com a outra ponta segurar os mais páos que não cahião.

Suppoem esta industria, que os ditos estaleyros estejam tão deitados para a banda dos eyxos, que os páos se vão empurrando huns aos outros com esta grande conveniencia (além da que já dicemos de poupar serventes), que deste modo, havendo a providencia de madeyra sufficiente, pôde o Ingenho trabalhar por si só, sem necessidade de algum servente, todos os dias do anno, ainda que sejam dias santos, sem o escrupulo de os violar, por não se occupar pessoa alguma, e nos dias de trabalho se podem prover os estaleyros de madeyras, que não só chegue para os ditos dias, mas tambem para os dias santos que se seguem.

Em lugar do angulo só pode uzar de muitos outros meios; que se julgarem mais faceis; porém ainda que o Ingenho descanse nos dias sagrados, e trabalhe só nos outros, sem descansar por falta de madeyra, será esta tanta que não lhe possão dar vazão as ribeyras, o que se vê claramente. Porque dando a cada serra, ou ordem de serras, hum páo por cada hora, dá vinte e quatro páos em vinte e quatro horas, que, multiplicados nas quatro serras, fazem noventa e seis, e estes multiplicados por só trezentos dias do anno, ficando os mais para quebras, fazem vinte oito.... páos; dando a cada hum vinte taboas, fazem o computo de 576\$000.

Nem pareça que damos muitas taboas a cada páo em lhe darmos vinte; porque suppomos que só páos de grossura sufficiente se applicarão ás serras; e ainda no cazo que se applicuem outros mais somenos, que não cheguem a deitar tantas taboas, tambem outros sobrepujarão a trinta, e mais; mas ainda que dessem só

a dez taboas, soma muito, com a circumstancia, que supra advertimos, de que estas taboas hão de sahir das serras com todo o comprimento que tiverem os páos, v. g., de sessenta, setenta, noventa ou mais palmos; e tambem com toda largura, por não se facetarem os páos.

Tem mais outra grande conveniencia este Ingenho ou fabrica de madeyra, e he que, como os seus estaleyros e serras laborão no chão, porque estas se hão de accomodar na que dá para o segundo tanque, levantando-se acima as quadras de huma e outra parte do canal, se lhe podem accomodar não só muitos outros dos Ingenhos que acima dicemos, repartidos pelos sobrados, mas ainda o mesmo Ingenho de assucar.

Porquanto, como este, conforme o já acima dito, he levantado da terra para dar lugar ás caldeyras e fornos, que tem baixos, na ilharga, fica por baixo das moendas lugar sufficiente aos estaleyros, e no fim as serras sem impedimento algum. Digo sem impedimento algum, pello que respeita á ordem e disposição de cada Ingenho; porém poderá obstar a muita bulha ou matinnada das serras; que se ella não obstar, bem se podem ajuntar todos os tres Ingenhos de madeyra por baixo, de assucar por cima, e de moendas pellos sobrados, e ficaria então huma fabrica ou Ingenho *verè* real, havendo serventes que o possam ministrar.

No cazo, porém, que pela matinada se não possam adjectivar, se podem ajuntar por cima das quatro ordens de serras outras mais pequenas para serrar alguns páos mais preciosos, dos que crião as matas do Amazonas, sendo mais pequenos e faceis de puxar acima.

Nem pareça aos leitores que para fazer laborar tanta fabrica, se requerem mais forçozos agentes que o canal de agoa, que dicemos, por muitas razoes. Primeira,

porque todos estes Ingenhos laborão mais por Ingenho, do que por força. Segunda, porque tres palmos de agoa em quadra, com queda ou cadencia competente, têm muita força, e equivalem a doze palmos de agoa; porém, no cazo que esta não fosse sufficiente, facil he o remedio, que está em se fazer cano mais espaçoso, com tanques e portas proporcionadas, e ainda com roda mais industrioza, como direi no capitulo seguinte, a qual ainda com pouca agoa, poderá mover grandes machinas.

Na boca do grande Amazonas, e na margem da rica ilha Marajó ha lugar optimo para hum semelhante fabrica de madeyra; porque, além da muita madeyra que tem o terreno em altas e mui dilatadas matas, tem no mesmo rio muita abundancia da que todos os annos boia por elle abaixo, e grande parte della se encosta nas margens daquella ilha. Havendo, pois, a providencia de guiar para a mesma paragem toda a mais madeyra, que vem boiando, terão bastante materia para as serras; o que se póde fazer, conduzindo os páos com algum ganho, e tem o comer mais que meio feito.

Tambem as agoas ajuntão muitos páos em varias enseadas, que faz o rio, os quaes se podem conduzir em jangadas, por elle abaixo athé a sobredita paragem, com advertencia de que nella altêa sufficientemente a maré para se poder reprezar nos ditos tanques.

CAPITULO IX

De alguns outros Ingenhos curiezos com rodas de nova invenção.

Dissemos athé agora dos Ingenhos de *moto continuo* externo com o novo invento de reprezar as marez; agora diremos dos Ingenhos que se podem erigir com rodas de nova invenção, posto que sempre dependentes de algum outro agente externo em alguma agoa.

Havemos, porém, de suppôr, primeiro que, tanto na Europa, como na America, e com muita especiliade na região do Amazonas, ha alguns pequenos regatos de agoa, a que, vulgarmente chãmo corvos (*), os quaes por pequenos não são sufficientes para delles se valerem para moinhos ou algumas outras moendas, que dependem de maior força.

E como os taes *corvos de agoa* são frequentes, se houvesse arte ou industria para lhes augmentar mais força, serião utilissimos para se erigirem muitos Ingenhos de *moto perpetuo* sem a precisão de reprezas da maré nos custozos tanques que dicemos.

Esta arte, pois, ou industria me parece ter inventado em huma roda de nova invenção, a qual, pello seu feitio me parece ser muito bastante para com aquella pouca agoa poder mover varios Ingenhos, especialmente se não forem de tanta fabrica como os referidos acima, e talvez que ainda para elles seja sufficiente.

Chamo-lhes rodas de nova invenção, porque me não

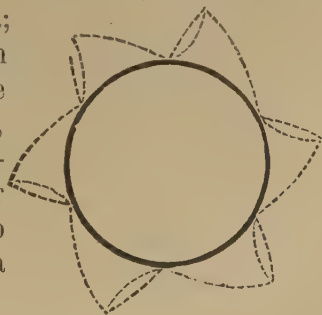
(*) Corrupção de *corregos*.

(Nota da Redacção)

lembro de as ter visto, e se as vi já em algum autor, seria só para o uzo das noras, para o que são na verdade tão excellentes, que depois do primeiro moto, como adiante diremos, bastão ellas para por si tirarem agoa; mas, além deste ministerio, são tambem mui accomodadas para outros Ingenhos mecanicos.

He, pois, a roda de feitio circular, como a que já dicemos ao principio, e tambem deve ser de bom pezo para ganhar força com o moto. Nisto, porém, se differença da já dita, que aquella tem a roda dobradiças, que com a agitação da roda vão abrindo e impellindo: esta, porém, em lugar das dobradiças tem a roda huns baldes sempre fixos, os quaes se vão enchendo de agoa, que supponho ser da dos *corvos*, e com o seu pezo se vêm obrigadas a andar em huma rodaviva.

Havemos de suppôr, em ordem á praxe, que sempre a agoa deve ter alguma cadencia e salto ao cahir na roda; porque então, não só impelle pela força do salto a dita roda, mas tambem com o pezo nos baldes, que vai enchendo, ficando deste modo os baldes fazendo dous officios: o primeiro de dentes, e o segundo de baldes. Devem-se, porém, estes ajustar de tal sorte com a boca do canal, que a agoa não tenha por onde escapar fóra dos baldes, os quaes se poderão accomodar pelas ilhargas das rodas, de sorte que estas tenham tres ordens: duas pelos lados, e huma na superficie do circulo da roda; porque então andára ella com pezo triplicado; e para que os baldes se possam encher, sem que huns sirvão de impedimento aos outros, devem ser largos nas bocas e agudos no fundo, como mostra a figura seguinte.



Da sua explicação e figura já se vê a facilidade com que andará ligeira, de sorte que bastarão duas ou ainda uma telha de agoa para as fazer andar em uma rodaviva.

Para noras ou bombas de tirar agoa, dado o primeiro moto, e cheio antes algum pequeno tanque, levantado de modo, que tenha sufficiente cadencia sobre os baldes, bastará a mesma agoa, que a roda vai tirando, para a fazer andar sem a precisão de algum outro agente ; e ficará com moto continuo intrinzeo, que, como acima dicemos, consiste na mutua cauzalidade de duas cauzas, cada uma cauza da outra, e cada uma effeito da outra, porque a agoa será agente da roda e a roda com o pezo da mesma agoa nos baldes será agente da agoa.

Para moinhos ou quaesquer moendas de grão, tendo agoa sufficiente para encher os baldes, tambem parece não ter duvida ; e assim com a sua industria podem já os lavradores erigir quantidade de moinhos, para os quaes não têm por si só sufficiente agoa.

A duvida só está, se serão bastantes estas rodas, para maiores fabricas, como as que já dicemos, de multiplicidade de moendas, para grão, moendas para assucar e serrarias para madeyra? Respondo, que para estas sempre se requer mais alguma agoa, v. g., de hum palmo em quadra, com sufficiente cadencia: e se ainda não bastar, se póde supprir com a conjunção das dobradiças da primeira roda, desta sorte não occorrendo outro melhor modo.

Faça-se uma roda dos referidos baldes pelo meio, ou só de uma ordem de baldes pelo circulo, ou com tres, tendo tambem pelas ilhargas ; e nas pontas do eyxo, em uma e outra banda, se ponhão outras rodas mais pequenas que as do meio. Nas rodas das ilhargas se ponhão dobradiças do pezo que quizerem da mesma sorte, que supra dicemos ; mas de sorte que estas rodas

collateraes e suas dobradiças fiquem totalmente por fóra do canal, para que a agoa não as impeça. Deste modo bastará huma roda, com hum só palmo de agoa, pouco mais ou menos, para impellir grandes machinas, porque com qualquer pequena força andará com muita facilidade, com a advertencia já feita, *scilicet*, que estas rodas sejam quanto mais pezadas melhor, porque assim ganharão e conservarão a força. A sua figura he a seguinte.

(Não vem o desenho.)

Com semelhante roda : primeiro, não ha que temer nos tanques, que dicemos, no cazo que a agoa do canal não fosse por si sufficiente, o que não he crível; mas não o sendo, primeiro se lhe póde ajuntar de mais a industria dos baldes. No cazo, porém, que ainda não seja sufficiente, ajuntem-se-lhe por fóra do canal as dobradiças, e já então não haverá Ingenho, por muita fabrica que tenha, que deixe de moer por falta de agente. Segundo, ainda sem as reprezas das marez, mas só com qualquer pequeno *corvo* de agoa, poderão levantar os seus Ingenhos com mais facilidade. Terceiro, que semelhantes rodas, a que podemos chamar rodas dobradas, por terem dobrada industria nos baldes e dobradiças, se podem accomodar a toda a casta de Ingenhos, ou sejam de assucar, ou madeyra, ou moendas.

Passando agora destas novas invenções de rodas aos moinhos de agoa ordinarios, tambem estes se podem aligeirar mais sem estas novas invenções, mas só com alguma outra industria e sem muito trabalho.

Assim o discorreu, hum certo religioso, vendo hum destes moinhos, e segundo o seu discurso, para mostrar que não era só especulação, mas que seria tambem boa a praxe, se resolveu a mostrallo no dito moinho, cuja direcção tinha a seu cargo, e sem mais trabalho do que mandar ac-

crescentar-lhe outra roda; dali por diante andou o moinho mais ligeiro, e moia em dobro do que antes; que he o mesmo que se fizêra dous moinhos, porque só com aquella roda de mais ficou equivalente a dous.

E de tal industria pôde ser a dita roda accrescentada, que não só fique hum moinho equivalente a dous, por moer dobrado, mas equivalente a muitos mais, se essa roda fôr de multiplicação. Para o que havemos de suppôr que os antigos ou ordinarios rodizios nos moinhos são pouco uteis, e não têm mais autoridade que o uzo, porque o uzo e praxe das rodas deitadas, são de muito maior conveniencia, que os ditos rodizios com as suas pennas. Chamo, pois, *rodas de multiplicação*, não á immediata, que impelle as moendas, mas á outra accrescentada, em que cahe a agoa, e he a de multiplicação; porque, quanto esta fôr maior que a roda das moendas, tanto mais lhe multiplicará as voltas.

V. g., em lugar do rodizio com suas pennas, em que cahe a agoa, se ponha huma roda deitada, segura pelos seus eyxos nas ilhargas; basta que tenha quatro dentes bem justos ao canal, para que a agoa os apanhe bem, e por fóra dos eyxos se lhes ponhão os dentes ou orelhas. Sendo dentes, requer outros na roda ou rodizio das moendas; e sendo orelhas, basta que tenha huma chamadeyra, que puxe e largue. Ha de estar então a roda ou rodizio das moendas só sobre si, sem lhe tocar a agoa, mas só ha de ser impellida pelos dentes ou chamadeyra da primeira roda.

Isto posto, se a roda da agoa he, v. g., de vinte palmos de circulo e o rodizio das moendas só tiver dez palmos, emquanto a primeira dá huma volta, darão duas o rodizio e moendas, e moerá em dobro. Se tiver trinta palmos e a outra só cinco, moerá seis vezes mais em dobro,

e assim discorrendo pellas mais maiorias da primeira roda á segunda. Esta mesma tão facil industria e multiplicação se pôde fazer nas atafonas, e em quaesquer Ingenhos de rodas.

Nas atafonas accrescentando-lhe mais algumas rodas, sendo necessaria, ou fazendo a roda da moenda quanto mais pequena puder ser, e a roda, em que anda a besta, quanto maior fôr possível; porque desta sorte, emquanto a besta com a sua roda ordinaria der huma volta, dará a moenda tantas mais, quanto fôr menor a sua roda. He experiencia, que vemos todos os dias em muitos artefactos, como, v. g., nas rodas dos cordoeiros; porque, emquanto elles dão huma volta com a sua roda, dão os rodizios hum cento ou mais; nem ha diversa razão, por que não se possa praticar a mesma praxe nos mais artefactos de rodas. Estas mesmas rodas de multiplicação se podem uzar, e com a mesma facilidade, nos moinhos de mão.

Costumão ter em algumas terras os moradores em suas cazas humas pequenas moendas, para o uzo e gastos tão sómente de suas cazas, em que á mão móem o grão necessario para cada dia ou semana. Se nestes manuaes moinhos accrescentarem a dita roda de multiplicação, serão sem duvida em dobro ou muitos dobros as conveniencias.

Da mesma sorte se podem accomodar aos Ingenhos de asucar, do modo que já vamos a propôr no capitulo seguinte.

CAPITULO X

Ingenho de assucar por multiplicação.

Temos fallado dos Ingenhos de assucar de moto continuo por impulsos da maré no capitulo..... Dicemos tambem no capitulo passado a industria com que se podem erigir, em alguns regatos de agoa, pello adjutorio de rodas com baldes, e sendo necessario tambem com dobradiças.

Agora diremos a industria com que se podem levantar, com roda de multiplicação, não já com agoa, como dicemos no capitulo antecedente, mas com bois, como costumão os moradores no Pará e Amazonas, e ainda que em toda a parte tem lugar esta industria, para os que não quizerem uzar nem das reprezas da maré, nem dos corvos de agoa, que descem dos matos, etc.

Tem, comtudo, mais lugar nas cabeceiras do Amazonas, e mais paragens onde não ha o subsidio das marez, nem a conveniencia das agoas declives; e por isso não têm mais remedio os lavradores, que seguir a praxe commua no subsidio de bois ou cavallos, porque neste cazo ainda podem multiplicar tanto os seus Ingenhos mais que o ordinario, que môão com tantos mais dobros, quantos excessos levarem as rodas de multiplicação ás rodas das moendas, pois para tão crescidas conveniencias não têm mais precizão do que accrescentarem a seus Ingenhos uma ou duas rodas de mais. E para melhor se perceberem, havemos aqui recordar a memoria dos Ingenhos comuns, cuja figura demos no capitulo... na pagina....

Supposta, pois, esta noticia, como necessaria, digo

primeiro, que havemos de separar a roda e circulo dos bois das moendas, e pôlla fóra em lugar distincto e separado, e ali levantar hum esteyo ou eyxo semelhante ao ordinario das moendas, e seguro em sima em huma forte e pezada trave, que pôde ser a mesma que dentro segura o eyxo da moenda mestra. Neste eyxo de fóra ou rodizio hão de andar, ou puxar os bois em suas traveças, como se costuma. Por cima das traveças, em lugar proporcionado, se ponha huma roda, com tamanho circulo, como em baixo o fazem os bois, ou maior se quizerem. Na moenda mestra, dentro, se ponha em cima, em lugar correspondente na altura á roda de fóra huma rodinha de pequeno circulo, v. g., de tanta roda como tem a mesma moenda, com os poucos dentes que se lhe poderem accomodar, v. g., seis; e na roda de fóra se ponhão tambem em geometrica distancia os dentes que pede a sua maior circumferencia, v. g., sessenta.

No intermedio de huma e outra roda (no cazo que a de fóra não chegue com os seus dentes immediatamente á de dentro) se ponha outra roda deitada, cujos dentes encaixem juntamente na de fóra e na de dentro, com circulo sufficiente para só chegar a ambas, conforme a distancia que tiverem. De tudo he a seguinte figura.

(Não vem o desenho).

Disse que devia levar terceira roda intermedia, cujos dentes encaixem na de dentro e na de fóra, no cazo que a de fóra, etc., porque se por si mesma chegar, como pôde, não necessita da roda intermedia; e nesse cazo bastão só as duas precisas: a de dentro na moenda mestra, cujo circulo deve ser pequeno, e a de fóra no rodizio, em que puxão os bois, a qual pôde muito bem chegar á de dentro, médiando só entre ambas alguma parede, com huma boa

fresta rasgada, pella qual entrem os dentes da roda externa a impellir os da interna.

Porém vai pouco em ter mais ou menos huma roda, conforme o pedir o lugar. Aqui têm os senhores de Ingenho e de Engenhos huma industria muito facil para multiplicarem os lucros, e com o mesmo trabalho; porque sendo as rodas, como dicemos, de sessenta palmos, v. g., a de fóra, e só de seis a de dentro, ficarão os avanços dos novos Engenhos aos antigos, sendo dez vezes mais, que tantos dobros leva huma roda á outra; e por conseguinte o trabalho que nos antigos se faria em dez dias, se faz nos novos em hum dia; o que antes em dez mezes, agora em hum só; e assim discorrendo pello mais. Ou para o dizer mais breve e claro.

He este Ingenho de multiplicação equivalente a dez Engenhos dos ordinarios, e póde equivaler a vinte e mais, conforme a grandeza da primeira roda á segunda.

Além desta grande multiplicação, e sobrepujança deste Ingenho aos ordinarios, tem muitas outras conveniencias, como são: primeira, que já a loja ou terreno das moendas não necessita ser tão espaçozo, como se costuma nos Engenhos ordinarios, porque já lá não trabalham os bois; segunda, porque fica o dito terreno mais expedito para os serventes, mais limpo e mais accomodado para ministrar a cana. O que posto, em tudo fica superior aos mais Engenhos ordinarios, e ainda que não iguale aos que atraz dicemos de moto continuo nas prezas das marezes, comtudo fica tão ligeiro, que póde dar vazão a quaesquer grandes canaviaes, e póde ainda aliagirar-se mais, conforme a vontade de cada hum, com só lhe fazer maior circulo na roda, etc.

Póde tambem praticar-se o dito Ingenho de multiplicação mediante alguma corda em lugar da roda intermedia,

que dicemos, porque enrodilhando huma corda no circulo da roda grande de fóra, e na pequena roda de dentro ligada, unida e bem entezada, com o virar de huma roda, virará tambem a outra, e parece ser mais conveniente por estas razoens.

Primeira, porque não necessita de roda intermedia. Segunda, porque não necessitão as mais rodas de terem dentes, mas só de sufficiente grossura para as voltas da corda. Terceira, porque será mais perduravel do que os ditos dentes, e menos sujeita ás contingencias dos dentes. Porém, como depende da vontade e parecer de cada hum, fique tambem a cada qual livre a eleição.

Não obstante ser este Ingenho de multiplicação, que acabamos de explicar, por beneficio de só mais huma corda, se pôde tambem dobrar com lhe accrescentar mais duas moendas, cada huma por banda das tres ordinarias. Está claro; porque, posto que para hum Ingenho de assucar sejão precisas tres moendas, infalivelmente para ter duas junturas, huma para passar a cana, e outra para a repassar, com lhe accrescentar duas moendas de mais fica com quatro junturas, e por isso equivalente a dous Ingenhos, embora que com precisão de dobrados serventes, dous para meterem a cana por huma parte, e outros dous para a repassarem pela outra banda. No mais fica o mesmo trabalho, e só necessita de dobrado provimento de cana e dobrada diligencia nos serventes. A sua figura he a seguinte.

(Não vem o desenho).

He bem verdade que este Ingenho, a que chamaremos *Ingenho real de multiplicação doble*, necessita de mais força do que os singellos, por razão da cana em dobro

que actualmente hão de moer; mas essa maior força se remedêa com lhe accrescentar hum ou dous bois de mais, de sorte que, se haviam de andar quatro bois, como he o ordinario, andem seis para a maior força que se pretende. Tambem no uzo da cana se deve praticar a industria de ministrar a cana virgem nas duas junturas do centro, por mais fortes, e nas duas de fóra a cana machucada, porque já necessitão de pouca força.

CAPITULO XI

Noticia de hum curiozo Ingenho de madeira portatil.

Posto que a fabrica de madeira, que acima expuzemos, de moto continuo, seja de tanta expedição, que apenas lhe poderão dar sufficiente sustento muitas legoas de boas matas, sendo talhada, e levantada por mãos de bons mestres engenheiros, e ministrada dos necessarios serventes, que lhe administrem os páos, nada comtudo serve, nem pôde servir para o centro dos matos, especialmente virgens, onde nunca entrou ferro nem gente; e por isso ha, e se achão nelles os maiores páos, e a madeira mais precioza; mas sem utilidade alguma, por não se poder conduzir aos Ingenhos, já pela distancia, e já por não haver para isso industria humana, em que a receita não chegaria a cobrir a despeza.

Por outra parte, leva os olhos tão precioza madeira e páos de trinta, quarenta e mais palmos de circuito, e alguns de redondeza tão desmarcada, que apenas quarenta homens com os braços abertos os podem abran-ger, como já he notorio nas historias, e cujas taboas

serião mui preciosas, e aptas para a fabrica de navios e mais artefactos, se houvesse arte, industria ou Ingenho de os poder serrar, beneficiar e conduzir, como algumas, posto que raras vezes o têm feito alguns moradores, aproveitando algum, ainda que dos mais inferiores, como de vinte para trinta palmos de roda, pouco mais ou menos, fazendo para isso covas para poderem trabalhar as serras, e occupando muitos operarios em muito tempo, e ainda depois nos avanços se dão os parabens.

Por todas estas cauzas me estimulou o dezejo excogitar algum industriozo Ingenho manual e portatil, com que os moradores do Amazonas se podem com facilidade aproveitar do grande thesouro, que Deos lhes pôz nas mãos nas suas dilatadas matas. E parece-me tello descuberto, se não occorrer algum contra, muito conforme ao meu dezejo, e julgo que com boa aceitação, não só dos ditos moradores interessados, mas tambem de todos os curiozos.

Chamo-lhe Ingenho *portatil* e *manual*, porque se pôde levantar onde a conveniencia o pedir, e conduzir de hum para outros lugares, conforme a vontade de cada hum.

De quatro modos, pois, se pôde erigir este Ingenho; mas antes de os explicar havemos de suppor: Primeiro, que sejam factiveis serras proporcionadas ao comprimento dos páos, v. g., de sessenta, noventa, cem, ou mais palmos de comprimento; não porque sejam precisamente necessarias só para o ministerio de serrar, mas para poder serrar os páos em todo o seu comprimento, pellas grandes conveniencias, que do tal comprimento resultão, como acima adverti.

Nem me parece terão implicancia semelhantes serras, visto que se fabricão grades e outros artefactos de ferro de semilhante comprimento. Comtudo sejam nisso juizes os Srs.

respectivos mestres, por serem obras do seu officio; porque no cazo que impliquem serras deste comprimento, se pôde supprir com outras mais curtas o mesmo ministerio.

Supponho, segundo, que as serras estejam de tal sorte dispostas e seguras, que se possam augmentar ou diminuir, conforme o pedirem os páos mais ou menos grossos, porque se hão de serrar de huma vez, embora que sejam de muitos palmos de grossura. Supponho, terceiro, que a madeira não só ha de ser serrada com todo o seu comprimento, mas tambem com toda a sua grossura, sem ser necessario mais beneficio nos páos do que despillos da casca ou cortiça, e pôllos no estaleiro, ou accomodallos ás serras, tanto para a maior largura das taboas, como, e principalmente, para diminuir, quanto puder ser, o trabalho, como dicemos acima, fallando do outro Ingenho de madeira estavel com o impulso das marez.

His suppositis, vamos já ao primeiro modo.

Methodo mechanico. — Cortados os páos em qualquer parte do mato, ponhão-se-lhes em cima as serras deitadas ao seu comprimento, e numero respectivo á grossura da madeira; para se puxarem se entezem estas serras, pondo-lhes nas pontas do páo, seguras em boas estacas, algum agente proporcionado, o que pôde ser de muitos modos.

Primeiro, com fortes molas, por modo e feitio de angulos semelhantes á este \wedge .

Huma ponta do angulo se segure em huma travêça nas ditas estacas, e na outra ponta se suspendão as serras; isto he, de huma e outra ponta do páo, mas com a advertencia, que para a parte dos dentes das serras sejam as molas mais fortes, para que com a sua fortaleza puxem naturalmente para si as serras. Da outra parte seja a mola ou angulo tão brando, que baste para entezar as serras, ou em seu lugar basta huma corda que prenda as

serras, e por meio de huma roldana se puxe, como logo diremos.

Segundo modo, pôde ser o agente, que puxe as serras, huma corda de arco de frecha bem entezada. Terceiro, pôde ser huma barra de ferro ou boa regoa de pão, entezada por cordas, como se uza para entezâr as serras manuaes. Quarto, pôde ser huma roda bem entezada, tambem em cordas, a qual, naturalmente buscando o seu natural, puxe as serras por meio de algum bom calibre, ou de qualquer outro modo que julgarem mais facil. E para melhor se perceberem os quatro modos que excogitei, vai a sua figura.

Falta no manuscripto.

Puxadas, pois, e bem entezadas as serras por algum dos quatro modos ditos, para a parte dos dentes, por ser a que depende de mais força, na outra ponta do pão se ponha na distancia necessaria huma balança, em cuja perna vai prender por meio de huma roldana huma corda atada no varão das serras, cujas balanças devem estar bem direitas, com igual, mas bom pezo em ambas as pernas.

Em lugar de balança pôde ser hum grosso pão furado, e suspenso pelo meio em huma boa trave, fino e delgado para o centro, e grosso nas extremidades, para nellas ter o pezo necessario.

E quando para isso não baste o seu pezo, se lhe deve accrescentar, pella razão de quanto maior fôr o seu pezo, ou de pão ou de balanças, maior será a sua força para puxar as serras a si contra a elasticidade da mola arco ou barra, ou roda da outra banda. E como a balança ou pão com feitio de balança tem duas pernas, e ha de laborar por modo de vai-vem, na praxe, se pønhão em proporcionada distancia

outra ordem de serras da mesma sorte que a já dita, e só com a differença de terem encontradas as molas e os dentes, que he o mesmo que dizer, que huma ordem de serras ha de serrar para huma parte, e a outra ordem dellas para a outra parte ; huma para cá e outra lá, para de huma vez se serrarem juntamente dous páos ; e para isso já se vê que a balança ou páo ha de estar bem ao olivel correspondente a hum e outro, e as suas pernas bem direitas pello olivel dos seus respectivos páos, para com igualdade se poderem empregar em hum e outro.

Desta sorte bem dispostas sobre os páos, e bem enteçadas as serras, basta huma só pessoa, andando na balança de huma perna para a outra, ou páo bilance para serrar ao mesmo tempo dous páos com muita facilidade e presteza ; porque fazendo andar a balança por modo de vai-vem abaixo e acima, esta com o seu pezo faz recuar as serras, e logo largando-as correm estas a serrar, impellidas pelas molas ou agentes que dicemos. Etalvez que em huma hora pouco mais ou menos se serrem dous páos, que a braços de homens se não serrarião em hum mez ; porque supponmos que só se hão de buscar para isso páos escolhidos de vinte ou trinta palmos de roda para cima, como já dice ; o que melhor declara a figura seguinte.

(Não vem desenhada no manuscrito.)

Daqui se ha de inferir : primeiro : que, posto que para preparar os materiaes, v. g., carregar e conduzir as serras, cortar e atar os páos, ajustar os instrumentos, etc., seja necessaria gente proporcionada ao trabalho, comtudo no actual exercicio de serrar basta huma só pessoa, caminhando de huma para a outra perna da balança ou páo equivalente, e quando muito para maior facilidade duas pessoas, huma

de huma parte e outra da outra, indo acima e abaixo por modo de vai-vem no jogo dos rapazes; segundo: que serras andarão suspensas em roldanas, das quaes naturalmente vão descendo impellidas do seu mesmo pezo; terceiro: chegando as serras ao chão, acabados de serrar os dous páos pellas mesmas roldanas se puxem acima, para darem lugar a se accomodarem debaixo outros páos, etc.

METHODO COMPENDIOZO.—Suppostas as serras competentes, assim no comprimento, como no numero, devem-se accomodar bem o olivel sobre os páos ao comprido, pondo-lhes da parte dos dentes, que devem andar encontrados, serrando huma ordem de serras o seu páo para lá, e outra ordem o seu páo para cá, proporcionados agentes, que as puxem ou por meio de molas com feitiço de angulos, ou regoas, ou rodas, ou arcos de balesta, bem entezadas e fortes. Ponha-se-lhe de huma parte, em sufficiente distancia correspondente ao intermeio dos dous páos que actualmente hão de serrar, huma bem pezada balança ou pezado páo suspenso e bilance, no qual ande huma ou duas pessoas, fazendo ir acima e vir abaixo, e serrarão com muita facilidade e presteza dous grandes páos por cada vez.

Esta he a substancia do Ingenho portatil. Chamo-lhe portatil, porque, como não depende mais que das serras se armarem sobre os páos do modo dito, se póde de humas paragens mudar para outras; nem tem precisão de se fabricarem estaleiros por ser a mesma terra o estaleiro; nem necessita de mais operarios que huma ou duas pessoas revezadas, que movão as balanças, e com a circumstancia que podem trabalhar de dia e de noite. E não só é optimo para qualquer madeira ordinaria, mas ainda para os maiores páos do Amazonas.

Advirto mais, que tambem este modo se póde accomodar aos Ingenhos de madeira, estaveis e permanentes,

dos que acima dicemos de moto continuo, e talvez com mais facilidade do que lá expuzemos, por não necessitar de ganchos para puxar os páos este modo; e se pôde accommodar, ainda quando se ajuntassem os Ingenhos de madeira com os de assucar, e só então seria talvez mais conveniente não meter os páos por baixo das moendas de assucar, como lá dicemos, porque isto he mais proprio para quando as serras trabalhão de alto abaixo; mas seria melhor fazer os estaleiros virados para o canal, em duas ordens: huma, de huma, e outra da outra parte; nem então se devem ligar a só dous páos por cada vez, pois havendo numero de serras competente, se podem serrar huma duzia de páos de cada banda do canal.

E deste modo, tendo de huma parte as molas que puxem as serras, da outra parte a balança será movida pela roda do canal com alguma chamadeira á sua orelha.

Digo ser este modo mais conveniente, porque: primeiro, não necessita de ganchos para puxar os páos; segundo, não necessita na roda do canal de mais força, do que a necessaria para fazer andar a balança abaixo e acima; terceiro, porque havendo multidão de serras, se podem serrar ao mesmo tempo muitos páos; quarto, porque serrada huma camada de páos, e levantadas as serras por beneficio do mesmo Ingenho, se pôde accommodar, de sorte, que por si mesma cahia ou role outra camada de páos dos estaleiros vizinhos, que para isso devem ser declives para a parte das serras, e com camas já feitas para cada páo.

Dice que serão mais convenientes as serras de comprimento, v. g., até cem palmos, para serrar a madeira em todo o seu comprimento, pelas grandes utilidades das taboas, tanto mais aptas para toda a obra quanto forem mais compridas, especialmente para navios e para toda a mais casta de embarcaçoens. Mas sendo só do comprimento que ordi-

nariamente se costuma nos Ingenhos de madeira, de vento, v. g., só do comprimento de vinte até trinta palmos, parece-me que sem controversia alguma he este modo mais facil, mais util e mais accomodado do que todos os outros, para toda a casta de madeira por mais grossa que seja.

CAPITULO XII

Dos outros tres modos de serrar madeyra com Ingenho portatil

Supposto o primeiro modo industriozo do novo Ingenho portatil, em que com tanta facilidade se pôde dar hum grande aviamento, poder ter algum contra, ou inconveniente na factura das serras de tão desmarcado comprimento, como dicemos, e na sua condução de humas para outras paragens, posto que este obstaculo se pôde bem remediar, fazendo-as mais curtas, e serrando os páos só no comprimento ordinario de vinte para trinta palmos, perdendo então a grande conveniencia que terião os taboados no seu grande comprimento, tem lugar o segundo modo ou industria, com o qual se podem serrar os páos no seu total comprimento, e com serras mais curtas, e meneaveis, v. g., de só vinte ou trinta palmos ; desta sorte, postos e dispostos os páos de dous em dous, divididos hum do outro quanto fôr necessario, e bem ao olivel, se lhe ponhão ás suas ilhargas humas vigas do mesmo ou mais algum comprimento que os ditos páos, levantadas da terra athe quazi o meio dos páos, e bem seguros em estacas. São quatro por todas : duas a cada páo para o effeito de nellas se suspenderem as serras que hão de serrar os páos atravez, isto he, para as bandas.

Porém, não obstante deverem estas vigas ser firmes em fortes estacas, para poderem supportar o pezo das serras, devem por outra parte, *saltem* as duas de fóra ser postigas, e que se possam tirar quando fôr necessario subministrar novos páos, serrados os primeiros. No centro dos dous páos, e por entre as duas vigas de dentro, se ajuste a balança ou páo balance ao comprido, cujas pernas abaixo e acima, pello beneficio de alguma pessoa, hão de fazer o officio de retrahir ou fazer recuar as serras, que hão de ter os dentes e hão de serrar para fóra, as quaes balanças se devem suspender em alguma comprida trave, de sorte que se possam mudar para diante, segundo o pedirem as serras, a quem hão de acompanhar, se não fôr melhor o estarem firmes, embora que as serras vão caminhando, porque por meio de roldanas podem puxallas. A praxe ditará melhor o que fôr mais expediente.

Para puxar as serras para diante, isto he, para fóra, para onde devem serrar, se ponham humas molas das que dicemos acima, com feitio de angulos desta sorte..... As pernas de dentro, que são firmes, devem andar seguras nas vigas; e nas pernas de fóra se devem prender os varoens das serras, que naturalmente hão de puxallas para fóra; e como no vai-vem da balança da outra banda se vêm obriçadas a recuar em hum continuo andar para diante e para traz, vão serrando os páos com a mesma facilidade e ligeireza que dicemos, só com o beneficio de hum ou duas pessoas na balança; e deste modo se podem serrar os maiores páos, assim no comprimento, como na grossura, com se lhes accrescentarem ou diminuirem as serras.

Falta só a industria de as ir puxando para diante, para cada vez irem avançando, e he facil, pondo na ponta de cada páo alguma roda ou regoa entezada em cordas, com hum roldana e hum calabre, cujas pontas vão prender na extre-

midade dos angulos que segurão as serras, e vão caminhando seguras nas suppostas vigas. Para a praxe deste segundo modo, basta que as serras tenham de comprimento quinze athe vinte palmos, por bastar este comprimento para a travessia de qualquer grande páo, excepto os de marca maior de duzentos e mais palmos de largo; mas esses são raros, ainda que, encontrando-se algum, só para se aproveitar, se poderião fazer serras accomodadas, pois bastaria cada taboa de hum semelhante para, arqueada, dar o casco de hum navio inteiro. Vai a figura deste segundo modo do Ingenho portatil.

(Não vem o desenho.)

Terceiro modo. *Methodo mecanico*.—Levantem-se e suspendão-se os páos acima, como se costuma na praxe ordinaria; suspendão-se tambem as serras de alto a baixo, para serrarem como se costuma de cima para baixo; mas todas juntas ao mesmo tempo, quantas puder a grandeza do dito páo. Para sustentar e suspender as serras se póde uzar bem de dous modos :

Primeiro, com hum triangulo deste feitio,.....cujas duas pernas de baixo devem ser iguaes e accomodadas ao bo-leado do páo, e na perna de cima se hão de sustentar e suspender as serras; e no cabo do triangulo, que com as duas pernas de baixo deve assentar sobre o páo, hade prender hum calabre que vá ter com a roda ou regoa, que deve estar fixa nas estacas adiante do páo, para por si mesmo ir puxando as serras. Da parte de baixo deve ter, ou outro semelhante triangulo unido com duas pernas ao mesmo páo, e com a do meio entezar bem para baixo as serras, ou estas terem na parte de baixo algum grande pezo, que por si mesmo as puxe para baixo.

Sendo tambem triangulo, puxado tambem para diante da mesma sorte que o de cima, para caminhar unido ao páo e sempre direito, se deve prender ao triangulo de cima com hum arco como de pipa ; sendo pezo, o mesmo pezo bastará a que as serras caminhem direitas pela direitura do triangulo de cima. Da verga, que segura as serras da parte de baixo, deve sahir para fóra huma haste em que ha de dar a perna da balança no seu vai-vem. Da outra banda ha de estar outro páo com a mesma direcção *in totum*, e entre elles, seguindo o comprimento dos páos, ha de andar a balança, dando já em huma haste das serras e já na outra, em continuo vai-vem.

Segundo modo para suspender as serras da parte de cima em lugar do triangulo e segundo me parece mais apto, he huma grossa corda, que esteja firme e bem entezada pello olivel do centro do páo de huma á outra ponta ; e nesta corda suspensas as serras, e para as fazer avançar para diante outra corda distincta, que por algum anel, ou por cima ou por baixo da outra corda, as vá puxando. Digo ser mais apto este modo, porque, além de outras razoens, obrigará as serras a caminharem sempre direitas ; nem tem tanto perigo de quebrarem ou perderem a sua elasticidade, como as molas e triangulos, que com a continuação afroição.

Da banda de baixo, e em lugar do triangulo que dicemos, pella difficuldade de caminhar unido ao páo, e tambem em lugar do pezo, que dicemos, no varão das serras, que as puxem para baixo, pôde mais facilmente supprir huma verga de ferro, pegada ao dito varão das serras para a parte de diante, e inclinada para cima quanto o pedir o desafoço das serras. E tem mais a conveniencia de poder então ter fóra as balanças nas cabeças dos páos só para o effeito de suspender para cima as serras com o seu vai-vem, por meio de roldanas e da corda que por cima suspende as ditas serras.

E nas mesmas balanças se pôde accomodar a outra corda de puxar as serras para diante, em lugar das vergas ou rodas entezadas em cordas. Todas estas diversidades melhor se explicão nas seguintes figuras.

(Não vem os desenhos.)

Tem, porém, este terceiro modo de Ingenho algumas difficuldades : primeira, he que este modo depende de se levantarem asima, e suspenderem os páos para desafogo das serras ; segunda, he que as traveças em que em sima estão suspensos, impedem ás serras o caminhar e avançar para diante.

A's quaes respondo : Primeiro, que esse modo pôde servir para os páos de marca menor ; porque os grandes madeiros de vinte, trinta e mais palmos em roda, têm melhor industria com algum dos primeiros dous modos, por não dependerem de levantar os páos, sendo a terra em que se serrão os seus proporcionados estaleiros. E servindo o terceiro modo para os páos de marca menor e ordinarios, já não ha tanta difficuldade de os levantar, e suspender asima ; porém pôde servir ainda para os maiores, e para os levantar ha optima e facil industria desta sorte :

Ponhão-se aos lados do páo que se quer levantar, humas vigas ou páos, da grossura que julgarem proporcionada á altura a que se quer elevar o madeiro ; por sima dellas e por baixo do madeiro se metão humas boas trancas, por cujas pontas, puxando para baixo por modo de alavancas, por huma e outra parte, e todas ao mesmo tempo, se suspende qualquer madeiro por grande que seja. Nem para isso são necessarias muitas alavancas ou muita gente ; porque para qualquer grande páo bastão tres ou quatro alavancas de cada parte, sendo grandes, e a cada alavanca huma ou duas pessoas, puxando para baixo para suspenderem o páo.

He certo, que devem ser alavancas proporcionadas aos madeiros, e quando por grandes se não possam bem menear poderão, atando-se-lhes nas pontas alguma corda ou cabo, pello qual com facilidade se puxarão para baixo, e para não desmentirem para as bandas, se lhes pôde meter alguma estaca que lhes sirva de encosto, e junto a ella se puxarão para baixo com muita facilidade as alavancas.

He tão apto e facil este modo para suspender qualquer grande pezo, que com elle se suspendeu e lançou ao mar hum grande navio na ribeyra do Pará, que, sahindo do estaleiro, se assentou e aprofundou no lodo ; nem foi necessaria mais industria para o levantar. E para suspender as maiores canôas do Amazonas bastão com este modo poucas pessoas.

A outra difficuldade de ser necessario mudar as traveças que sustentão o madeiro, para as serras passarem adiante, he certo que não tem outro remedio mais do que, em lhe chegando as serras, pararem as balanças, e por conseguinte as mesmas serras, emquanto se mudão para traz as traveças, ou se metem outras e se tirão as primeiras, o que na verdade requer trabalho, e leva tempo. Mas o mesmo tempo e trabalho se requer nas serras manuaes com muitos mais dobros, por se serrarem os páos á força de braço, cópia de gente e cada taboa de per si ; o que não tem o nosso modo, que de huma e por huma vez leva logo todo o páo, e com tanta mais brevidade, que pôde serrar muitos no dia. Porém quem quizer tirar este obstaculo tem o quarto modo, que he assim :

Methodo mecanico.—Suspensos os páos, se suspendem tambem as serras, mas com esta diversidade ao modo antecedente: que nelle estão os páos firmes e caminhão as serras, e pello contrario no presente modo quarto hão de estar firmes as serras em hum lugar, e os páos devem caminhar a meter-se nellas. Para a melhor facilidade, em lugar

de se suspenderem os páos em travéças, se lhes fação esteleiros proporcionados, e mui declives e esconsos para a parte das serras, para os páos caminharem com facilidade para ellas. Nem he necessario subir muito estes esteleiros, porque basta que estejam na mesma face da terra ; e para desafogo das serras, se lhes faça por baixo hum covão, quanto se julgar sufficiente espaço.

Por cima se podem suspender as serras em corda, ou melhor em roldana, ou de qualquer modo que quizerem, e por baixo se devem entezar, ou com mola ou corda em arco de balesta, ou com pezo proporcionado, que não se puxe para baixo as serras, mas as faça subjugar sempre direitas. Ao pé se arma a balança, e da outra parte della outro semelhante esteleiro para outro páo; porque tambem pede e póde serrar dous páos ao mesmo tempo ; depois das serras já se vê que ainda hão de continuar os mesmos esteleiros para os páos irem avançando sempre até se acabarem de serrar. Resta o buzilis de como se devem puxar os páos. He facil deste modo.

No fim dos esteleiros se ponhão em boa direitura duas rodas ou duas vergas, cada huma correspondente, e bem em direitura dos seus respectivos páos, e as ditas vergas ou rodas se entezem quanto puder ser em cordas bem torcidas, ou, para melhor me explicar, em duas cordas, cada huma bem torcida e bem tezas em bons e fortes esteios ou estacas, e nellas, em lugar de eyxo, se segurem as rodas. Estes se entezem nas ditas cordas, quanto puder ser, e no circulo das rodas se segure o cabo do gancho ; e como as cordas estão violentadas, e naturalmente hão de buscar o seu equilibrio, irão as rodas puxando os páos e metendo-os nas serras por meio dos ganchos. Em lugar das rodas podem supprir vergas entezadas em cordas, como se entezam as pilhetas nas serras de mão. Tudo explica a presente figura.

(Não vem o desenho.)

Este quarto Ingenho portatil he tão facil e accomodado que não só se pôde transportar com facilidade de humas paragens a outras, onde a comodidade o pedir, mas tambem qualquer morador o pôde armar e ter nos seus sitios como estavel, tendo quem lhe chegue e conduza a madeira. E ainda ficará mais accomodado, se, deixadas as rodas ou vergas entezadas para puxar os páos, suppressirem esta diligencia com o mesmo vai-vem da balança, como bellamente pôde ser, de sorte que faça então a balança dous officios : hum de levantar as serras, outro de puxar o páo por meio de gancho e alguma roldana ; nem para isso será necessaria muita força, sendo os estaleiros bem declives e untados com sebo. Na praxe ou exercicio de qualquer destes Ingenhos não ha necessidade de mais gente do que huma pessoa ou duas, que andem na balança revezadas por seus quartos ou páos.

Porém como *aliunde* he preciso cortar os páos, conduzillos e accomodallos, já se vê que he necessaria muito mais gente. Mas querendo se uzar *ad tempus*, v. g., nas vacancias da agricultura, e mais serviço preciso, pôde toda essa gente occupar-se : primeiro, em armar o Ingenho ; segundo, em cortar e conduzir a madeira, e dispôlla em compridas fileiras ás ilhargas dos estaleiros, e já então se podem outra vez recolher as lavouras dos seus sitios, ficando só alguns poucos que se revezem nas balanças, retirem as taboas e applicuem outros páos, etc., excepto no uzo do terceiro Ingenho, no qual, como depende de suspender os páos acima e mudar as traveças, requer-se sempre mais gente.

Supposta, pois, esta noticia, já se vê que os primeiros dous Ingenhos são em tudo mais accomodados, sendo facil a factura das serras compridas que requer o primeiro, ou sendo curtas não serrar os páos em todo o seu compri-

mento, mas por partes ; porque não necessitão mais do que endireitar os páos e accomodar as serras, sem mais precizão alguma de estaleiros. O quarto tambem he muito factivel, e tanto que sobre todos he o que mais agradou a alguns aos quaes o comuniquei ; mas já depende de algum tal e qual estaleiro, e industria para puxar os páos, os quaes estaleiros devem ser arqueados ou boleados, para que os páos boleados e só despídos da casca possão caminhar por elles sem discrepância para as bandas.

CAPITULO XIII

De algumas outras curiozidades sobre as mesmas, e outras uteis materias.

Hum dos grandes trabalhos que ha nas matas do Amazonas, mais do que nas matas da Europa, he o cortar e lançar abaixo as arvores, por duas razões : primeira, porque ordinariamente são páos durissimos, e em muitos delles ferem fogos os machados, por cuja cauza em algumas partes levam comsigo algum official de ferreiro, e forja portatil, os que entrão nos matos a cortar madeira ; segunda, porque, além de duros os páos que ordinariamente escolhem, são para feitoria de canôas inteiras, e por isso são dos mais grossos e custozos de cortar, o que posto, me pareceu excogitar tambem alguma industria, com que, com facilidade se possão cortar semelhantes madeiros, não obstante a sua grossura e grandeza, com muita facilidade e brevidade, e a meu vêr a descobri, e he deste modo:

Methodo mecanico.—Fação-se duas estacas, cujas pontas agudas se metão na terra de huma e outra banda do ma-

deiro que se quer cortar. Logo á face da terra tenham estas dobradiças, por meio das quaes se possam inclinar para dentro e para fóra. Mais acima tenham huns buracos, por onde se metão humas molas com feitio de angulos, do modo que já por vezes tenho dito, de comprimento sufficiente para chegar de banda á banda de qualquer grande páo. Nas pontas de fóra dos ditos angulos se segure huma serra, e, para que lhe não sejam de obstaculo as pontas de dentro, devem fazer-se mais curtas que as de fóra, ou melhor fazer as pontas de dentro do angulo abertas em duas, e por meio dellas passe a serra segura nas de fóra.

Quando se quer serrar algum páo, pregadas as estacas de huma e outra banda, correspondentes ao meio do dito páo, se comprimão e ajuntem as pontas dos angulos, e assim quazi unidas se recuem atraz com alguma violencia, até darem lugar a se lhes meter a serra. Puxando logo huma pessoa de cada banda do páo pellas estacas, para fóra e para dentro em um vai-vem, irão serrando o páo, e, como as molas ou angulos estão violentados, naturalmente irão empurrando a serra para diante, e assim em breve espaço se serrará e virá abaixo qualquer páo.

Segundo modo e mais facil para huma só pessoa poder lançar abaixo qualquer madeiro.—Ponhão-se duas estacas de cada banda do páo, segura huma á outra com alguma travêça, e ponhão-se-lhe de huma e outra banda as ditas molas angulares, mas com esta differença: que da parte dos dentes do serrote fique a ponta do angulo que ha de segurar o serrote da parte de fóra das estacas, e tão forte que tenha bem entezado o serrote.

Da outra banda fique a ponta do angulo que segura o serrote para dentro, isto he, para o páo, em tanta distancia huma e outra, quanto o serrote ha de ter de espaço para desafogo, e esta dita segunda mola deve ser mais branda.

Estas estacas não hão de ter as dobradiças do primeiro modo, antes devem estar bem firmes, porque só as molas angulares hão de jogar. Postas assim as estacas, e bem entezado o serrote para a parte da mola de fóra, huma só pessoa da outra bandà, attrahindo a si o serrote por meio de alguma pequena roldana em hum continuo vai-vem, não só bastará para serrar qualquer grande madeiro, mas o fará com muita presteza.

Póde a dita pessoa, para com mais suavidade trabalhar, uzar de chamadeira abaixo para dar com o pé para baixo e para sima, como fazem os torneyros. De sorte que as molas angulares fazem deste modo dous officios : primeiro, he puxar o serrote de huma para outra banda com o adjutorio de alguma pessoa ; segundo, he ir avançando cada vez mais para diante, até acabarem de sahir do buraco das estacas em que as molas estão violentadas, e por isso por si mesmas vão sahindo tanto, quanto o serrote vai avançando para diante. Tudo mostra a figura presente.

(Não vem o desenho.)

A bondade e facilidade desta industria se póde vêr bem pellos effeitos, porque serrará e deitará abaixo hum grande madeiro talvez em menos de meia hora, quando, com machados, a poder de forças e braços, se não cortará por quatro homens em oito dias. Nem pareça isto exageração aos que ignorão a qualidade da madeira do Brazil. Segurou-me hum missionario que, mandando alimpar hum terreno, acharão os indios páos, que quatro homens a bom cortar não poderão deitar abaixo cada hum em menos de oito dias, não obstante serem páos molles : e quantos mais gastarão se fossem duros, a que chamão *páos de lei*, que são os de que falámos, e que só se buscão para obras de empenho?

Por isso os naturaes na facturã das suas lavouras, a que chamão *rossas*, que todos os annos fazem em novas e diversas matas, quando encontrão alguns destes grandes páos, ou os deixão em pé, sêccos a poder de fogo, quando queimão os mais, ou picão só os páos mais delgados á roda dos grandes, e depois de picados aquelles cortão estes com muito trabalho, os quaes, cahindo, lanção por terra com o o seu grande pezo quantos pequenos apanhão ; e lhes sahe assim o trabalho mais suave, por gastarem nos grandes o tempo e trabalho que poupão nos mais pequenos e delgados.

Com a nossa industria se deitarão abaixo com muita brevidade e maior suavidade ; a mesma industria se deve uzar para dividir no chão os páos, serrando-os para baixo, para o que se lhes devem accomodar os instrumentos, de sorte que puxem para baixo em lugar de puxarem para diante nos páos levantados, o que se pôde fazer, virando, para baixo as molas angulares que dicemos, ou de qualquer outro modo que parecer mais efficaç.

E quando de sima para baixo se experimente mais alguma difficuldade, por razão de não se poderem da parte de sima obrigar bem as serras a carregar para baixo, se faça de baixo para sima, metidas as molas em algum buraco em baixo e viradas para sima ; porque como violentadas naturalmente hão de puxar para sima. E ainda com mais facilidade para o effeito de fazer avançar as serras para diante, ou seja para deitar abaixo, ou para dividir os páos já cahidos, pôde uzar-se do instrumento de corda desta sorte :

Segura a serra no lugar que se quer, pello meio de alguma travêça de huma e outra banda do páo, se até á serra pellas extremidades de huma e outra parte huma corda bem dobrada, violentada e entezada ; logo, puxando e fa-

zendo andar a serra no seu exercicio, ou por meio de molas angulares, ou por meio de braços de duas pessoas, cada huma de sua banda, a serra obrigada da corda por força ha de avançar para diante, como representão as duas figuras presentes, huma do pão cahido, a outra do pão levantado.

(Não vem o desenho.)

Muitas ontras industrias sobre a mesma materia de madeira me occorrem, não menos curiosas na especulação, que uteis na praxe, especialmente para alimpar e lavar taboado em muita quantidade, e com muita presteza, por meio de vergas entezadas em sima com cordas retorcidas, que empurrem as plainas sobre as taboas, e huma só pessoa, que por meio, ou de huma roda, ou de alguma chamadeira, as faça recuar para traz.

Porém basta isto para apontamentos nesta materia, athe que eu, retribuindo-me Deos á liberdade, ou alguns curiosos, a cujas mãos chegarem, possam com mais commodidade conferir tudo com a experiencia.

CAPITULO XIV

Noticia de algumas bombas e aquedutos para o Rio Amazonas.

Muitas, e mui curiosas e faceis invençoens, se têm ideado na Europa para elevar a agoa, já de poços, já de cisternas e rios, aonde cada hum quer; e por isso não pretendo eu aqui arbitrar novos modos ou persuadir nova praxe para semilhante effeito.

Pretendo só apontar, ou insinuar aos moradores do grande Rio Amazonas algumas das mais curiosas industrias que se uzão na Europa, assim em noras, como em bombas, para que se possam aproveitar dellas para beneficio de suas terras; e tambem apontarei alguns outros modos novos, não porque sejam mais curiosos ou engenhozos, mas por serem mais facéis e uteis, conforme a pozição das suas terras e rios.

Tenha, pois, o primeiro lugar huma especial bomba, para elevar agoa dos rios ao interior das terras, para o que se deve saber: *primo*, que em quazi todos os rios do Estado do Pará entrão as marez por elles acima alguns dias de viagem *saltem* no districto mais povoado; *segundo*, que as terras no mesmo districto do Pará são ordinariamente baixas pouco mais que o olivel da agoa; outras com pequena altura sobre os rios; porém para dentro todas são planicie. Digo, pois, que para todas essas terras se póde elevar agoa dos seus mais vizinhos rios por bombas estaveis nos mesmos rios, impellidas com muita facilidade pella mesma maré deste modo:

Methodo mecanico.—Levante-se em sufficiente distancia huma bomba, isto he, pão furado, ponha-se-lhe em pequena distancia huma forte estaca para a parte do rio. Meta-se entre a bomba e estaca huma roda com quatro ou seis dentes da mesma largura da roda, que occupe quazi todo o espaço que vai da bomba á estaca, e na mesma estaca e bomba se segure com seu eyxo, e da parte de fóra se ponha no eyxo huma orelha. Por sima se meta a buxa com pezo sufficiente a cahir por si mesma pello vão abaixo.

A sua corda se prenda a hum varão de ferrò, posto por modo de cruz, e seguro em outro varão pregado e fixo na bomba, deitando para fóra o varão de sima hum bom rabo. Assim posto, e tudo bem ajustado, se ata no rabo da verga

travessa huma chamadeira, que venha atar na orelha da roda. A dita roda deve pôr-se com o eyxo ao olivel da preamar, e com dentes compridos quanto altêão e abaixão as agoas ; sem mais outra alguma precizão andarà a roda com velocidade, já para baixo nas vazantes, e já para sima nas enchentes, e só estará parada na preamar e baixamar, por então estarem tambem paradas as agoas.

E como no seu moto andarà a orelha abaixo e assima, no virar para baixo puxará pella chamadeira, e esta virará o varão, e o varão levantará a buxa, e neste levantar e cahir da buxa subirá a agoa, que por meio de canos poderão encaminhar para onde quizerem. Vai a sua figura.

(Não vem o desenho.)

Querendo mais agoa, em lugar da estaca que dicemos, se levante outra bomba ao comprimento da primeira, com os mesmos instrumentos, e ficarão duas bombas e o canal multiplicado.

Sendo esta industria tão facil na região do Amazonas, e ainda quando não fosse mais, que para terem os senhores de Ingenho agoa prompta para os alambiques no beneficio das agoas ardentes ; por sua falta es'ão antes desaccommodando toda a gente dos seus sitios pella meia-noite, para em vazilhas a conduzirem dos rios que têm ás portas, e isto sendo lá as madeiras a escolher, e sem mais custo do que cortar cada hum por onde, e a que quizer, e á porta.

Esta mesma industria de bombas sobre as marez, se pôde com mais razão uzar nos mais rios, aonde a correnteza he perenne, especialmente nos pequenos riachos que descem dos matos ; ainda sem o temor de que as trovoadas ou tufoens de vento lhas desmanchem ; porque todos correm defendidos e abrigados de muito arvoredo que os cobrem. E posto

que em toda a parte são de muita conveniencia semelhantes bombas, para refrescar as terras no tempo das sêccas, as quaes, posto que em todo o anno muito fertéis, e por isso se não uze em toda a região do Amazonas o beneficio do regadio, tão necessario e custozo nas mais regioens, comtudo he sem duvida que, se tivessem esta bemfeitoria, seriam muito mais fertéis e os seus productos muito mais aventajados.

Saltem nas terras do Maranhão se fazem totalmente precizas por razão das grandes sêccas, que padecem taes, que em varios annos ficão perdidas as seáras da mandioca, que he o seu ordinario pão, de que se seguem as grandes fomes, que por muitas vezes padecem os seus moradores, ficando a raiz da mandioca recozida e sêcca como cortiça. E como são seáras que dependem de estar hum anno inteiro na terra, quando no fim delle as achão assim perdidas, não têm mais remedio, que lazarar a fome até o seguinte anno, no cazo que tambem neste não lhe faltem as chuvas ; e no entretanto dão graças a Deos se acham alguma farinha a preço de huma oitava ou duas o alqueire, sendo o seu ordinario preço 200 réis.

He certo que as ditas bombas movidas pellas marez, não têm lugar em muitas partes do Maranhão, por ser este rodeado de mar salgado ; porém não têm os seus moradores desculpa para as não terem em varios riachos, que ordinariamente correm pellos seus sitios ; e com esta industria podem com muita facilidade regar e segurar as suas seáras de mandioca, visto não quererem em seu lugar uzar dos millios, em que terião menos contingencia e mais fartura, além das muitas vantagens que dicemos na quinta parte. Passando destas faceis e utilissimas bombas a outras mais cazeirás, tenham o segundo lugar as de roda em sima.

Já eu dice, que ha na Europa huma casta de bombas tão faceis, que qualquer menino, ainda assentado, bolindo, por

não dizer dando com os dedos em huma roda, tira brincando quanta agoa quer, ainda de poços bem fundos.

Semilhantes bombas são muito uteis e accomodadas, para o exercicio de poços e cisternas, por muito faceis. Não estou certo no seu feitio ; só me lembro de quando as vi em pequeno, que tem huma pequena roda em cima, por cujo moto se tira a agoa ; mas entendo que será do feitio das que já dicemos acima, só com a differença de terem em cima a roda, e de serem mais finas ; porque vai pouco em estar a roda em baixo ou em cima, sendo a industria a mesma.

Da mesma sorte que as bombas ha noras muito faceis, e alguma vi eu, que o era tanto, que qualquer menino a fazia andar e tirar agoa. Mas sem ser necessario esquadrinhar as mais exquizitas, qualquer nora, ou grande ou pequena, que tiver a roda do feitio de algum dos dous modos que ao principio dicemos, isto he, com dobradiças ou com baldes, se moverá e elevará a agoa com tanta ou mais facilidade ainda dos poços e cisternas mais profundas, como as mais exquizitas.

E posto que para outros prestimos sejam preferidas as dobradiças, para o uzo das noras parecem ser melhores os baldes, depois de terem recebido o primeiro moto, e cheio algum proporcionado tanque, donde a agoa corra e vá enchendo os baldes, porque já então por si só, sem ajuda ou ministerio algum, por si mesma irá a nora tirando agoa.

Cahia agora aqui dar bem alguma idéa para elevar agoa às terras altas ; porque, ainda que pella maior parte, as terras que se cultivão no Amazonas são baixas á borda dos rios, e por isso faceis de regadio pello ministerio de noras ou bombas, comtudo ha terras altas, que pelo decurso do tempo se virão a povoar ; e ainda que de si são fertilissimas mais o serião, se a ellas se podesse elevar agoa, o que me

parece pôde ser com a praxe de bombas de espaço em espaço athe cima.

Porém como se acaba já o papel, e por outra estes inventos necessitam de se conferir, fiquem reservados para melhor tempo, ou para quem tem liberdade, e nella comodidade e instrumentos. (b)

. (d)

FIM

Está conforme. Secretaria da administração geral em Evora, 1º de Maio de 1844.

O SECRETARIO GERAL,

Estevão Xavier da Cunha.

(b; (d) Palavras trancadas pelo autor.

HISTORIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANES VIEIRA

**Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador
da guerra**

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 504 do tomo XL, Parte Primeira)

LIVRO SEGUNDO

CAPITULO XXI

De como se renderam as fortalezas do Porto do Calvo e Rio de S. Francisco, aos governadores da liberdade.

Temos feito menção nos capitulos atrazados que, quando se levantou o governador João Fernandes Vieira, dia de Santo Antonio, logo os do supremo conselho do Recife, mandaram ordem a todos os comendadores, que tinham em suas fortalezas e quarteis, para que prendessem a todas as pessoas nobres e ricas das capitancias de Pernambuco, e que as mandassem presas para o Recife; para que presos os homens principaes da terra, logo a gente popular se aquietasse, vendo-se sem cabos que os governassem e dessem favor. Esta ordem chegou ao Porto do Calvo, e o primeiro que prenderam foi Rodrigo de Barros Pimentel, um dos principaes moradores d'aquelle districto, e sendo preso, seus parentes se puzeram em cobro, e indo para os prenderem á suas casas os não acharam. Vendo isto Christovão Lins, a quem o governador João Fernandes Vieira tinha eleito

por capitão da gente do Porto do Calvo, quando intentou a liberdade, como dissemos no oitavo capítulo do primeiro livro, se levantou e convocou muitos moradores, que se lhe juntaram cada um com as armas que tinham, que eram bem poucas de fogo. Soube isto o inimigo, e deitou fóra da fortaleza alguns soldados com um sargento para os prender e matar ; mas os nossos deram sobre elles de uma emboscada, e os mataram, e lhes tomaram as armas de fogo com que se armaram, e d'ahi a tres dias tomaram um barco que vinha pelo rio Mangoaba arriba, e n'elle mataram nove hollandezes, e acharam muito provimento de comer, polvora e mosquetes, com que se armaram os que não tinham armas de fogo. Chegados os nossos a um quartel que tinham feito com esta presa, mandou Christovão Lins uma embaixada ao comendor da fortaleza, com uma carta em que lhe pedia a entregasse, que lhe faria convenientes e favoraveis os partidos, e daria um bom mimo aos soldados ; recebeu o comendor a carta, mas não deferiu a nada, até que, vendo-se com o cerco apertado, e a muita gente nossa que cada dia acudia, e que tinha os moradores hollandezes com suas mulheres e filhos dentro na fortaleza, e lhes faltava o mantimento, mandou dizer a Christovão Lins que mandasse chamar um capitão de infantaria de Pernambuco, porque não se fiava dos seus moradores, e que com elle celebraria os concertos e lhe entregaria a fortaleza, segundo os partidos que lhe fizesse. Despediu logo Christovão Lins um correio pela posta ao governador João Fernandes Vieira, e aos dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, lhe mandassem um capitão para fazer os concertos com o comendor, e algum dinheiro para contentar aos soldados flamengos.

Ordenaram os nossos governadores, tanto que tiveram este aviso, que fosse fazer os partidos o capitão Lourenço

Carneiro de Araujo, do habito de Christo, o qual estava no Pontal de Nazareth com a sua companhia. Chegado ao Porto do Calvo fez alto no quartel, aonde estava a nossa gente, e mandando recado ao comendor Cram Florim, sahiria com a sua infantaria, como é costume da guerra, com corda accesa, bandeira estendida, tocando caixa, com toda a sua bagagem, até á casa que lhe assignalasse, e ali seriam desarmados, ficando sómente com as armas e insignias os officiaes vivos, e se lhes daria embarcação para a Bahia, e que os rendidos se poderiam ir para onde quizessem, e os que quizessem servir no nosso exercito lhes seria assentada praça, e dariam seu soldo pontualmente. Que todas as pessoas, assim moradores, como soldados, que tivessem seus bens e escravos, os possuiriam livremente, e que se alguns quizessem ficar na terra o poderiam fazer. Feitos os concertos, foi a fortaleza entregue aos nossos em 17 de Setembro de 1645. Achavam-se n'ella, afóra a gente livre, cento e cincoenta e seis soldados, que se renderam, e oito peças de artilharia de bronze, quatro de vinte e quatro libras de bala, e duas de dezesete, e outras duas de cinco, as quaes o capitão Lourenço Carneiro veio logo comboiando para a Varzea de Capibaribe, aonde estava o corpo do nosso exercito com os governadores. Quando o capitão partiu para o Porto do Calvo mandou por elle o governador João Fernandes Vieira setecentos mil réis em dinheiro, para que se dessem ao comendor e soldados por premio particular, segundo as praças que cada um occupava. Finalmente, satisfeitos os hollandezes da entrega, foi a fortaleza arrasada e posta por terra, e o capitão Lourenço Carneiro veio para a varzea com sua companhia, como temos dito.

Já que temos escripto da entrega d'esta fortaleza do Porto do Calvo, aqui nos cabe escrever da do Rio de S. Francisco, que n'este mesmo tempo foi entregue aos nossos, cujo suc-

cesso passou d'esta sorte. Estando já em campanha para conseguir a facção que tanto desejava, o governador João Fernandes Vieira avisou a Valentim da Rocha Pitta, a quem tinha eleito por capitão ao Rio de S. Francisco, que está em distancia do Recife sessenta leguas por costa de mar, que estava juramentado para a empreza da liberdade, e como o inimigo mandava prender aos mais nobres moradores das capitancias de Pernambuco, pelo que estivesse de aviso, e resguardasse sua pessoa e fazenda, d'esta commum tribulação, o qual, tanto que soube esta nova, logo se preparou, e avisou a todos os moradores dos lugares vizinhos aquelle rio, os quaes tirando as armas que tinham escondidas, uns com espingardas, outros com dardos, facões e páos tostados, se fizeram em um corpo para assim se defenderem; e sabendo que o governador da fortaleza mandára prender a um morador, que morava duas luguas em distancia da fortaleza, acudiram e tiraram das mãos a um sargento que o trazia preso, e mataram a elle e a dez soldados flamengos que comsigo levava.

Sabido isto pelo comendor ou governador da fortaleza deitou fóra um capitão com sessenta soldados, para que em vingança d'aquelle aggravo matassem os moradores que achassem e roubassem todas as casas; porém os moradores deram sobre elles de uma emboscada e mataram a todos, de sorte que nenhum tornou para a fortaleza, e, temendo que do Recife viesse infantaria hollandeza por mar, que os puzessem a todos á espada, despacharam dois correios pela posta da Bahia ao governador Antonio Telles da Silva, dando-lhe conta do que se passava, e como ao presente estavam em aperto, pedindo que os mandassem soccorrer logo, porque estavam em perigo.

Emquanto mandaram á Bahia, os moradores tomaram um caravelão do inimigo, que ia pelo Rio de S. Francisco acima,

e matando aos que dentro iam, acharam algumas armas de fogo, muita pólvora e bastimentos.

Chegado o aviso á Bahia, mandou o governador Antonio Telles da Silva pelos mesmos portadores ordem ao capitão Nicoláo Aranha Pacheco, que estava por cabo de tres companhias no Rio Real, que com muita pressa marchasse logo para o Rio de S. Francisco, e fosse soccorrer aos moradores d'elle, que estavam em grande aperto. Chegada a ordem partiu Nicoláo Aranha, do Rio Real em 27 do mez de Julho por caminhos desviados que mandou abrir, e no rigor do inverno, e com grande trabalho, chegou em dez dias de Agosto ao Rio de S. Francisco com outra companhia do capitão Francisco Lopes de Mattos, aonde achou os moradores com as armas nas mãos, os quaes tinham cercado a fortaleza, porém ao largo; e logo o cabo dos capitães Nicoláo Aranha mandou ao capitão Francisco Lopes queimar umas lanchas do inimigo, o que fez com muito esforço e valor.

Em 11 do dito mez passou Nicoláo Aranha o rio da parte do norte, aonde a fortaleza estava com toda a gente que consigo trazia, que seriam entre brancos e indios cento e oitenta armados; e tanto que avistou a fortaleza aonde assistiam trezentos e quarenta e tres soldados hollandezes e flamengos, e indo em uma lancha onze hollandezes com um ajudante, foram investidos de dez moços nossos da terra em uma canôa, e dando-lhe os hollandezes primeiro uma carga de mosquetaria, não tocaram com uma bala a nenhum dos nossos, e estes atiraram e mataram logo seis, e aos outros passaram á espada e tomaram a lancha.

N'este mesmo dia foram mortos mais vinte do inimigo, e nenhum dos nossos o foi, nem ferido. Aos 12 de Agosto se chegou Nicoláo Aranha com toda a infantaria á fortaleza, e assentando seu arraial lhe tomou todos os caminhos, assim

entradas como sahidas, com emboscadas e corpo de guarda, e mandou picar o inimigo, e depois se achou mais perto até descobrir suas casas, onde lhes mataram muita gente, e em particular, em 23 de Agosto, lhe foi morta alguma, sahindo elles de noite a roçar os matos que estavam juntos d'ellas.

N'este mesmo tempo teve Nicoláo Aranha aviso em como pelo rio acima vinha um barco grande com provimento para os da fortaleza; deram-lhe este aviso á noite, e logo equipou duas canôas com vinte e cinco homens da sua companhia e da de Francisco Lopes, e alguns moços da terra bons soldados, e por cabo ao ajudante Francisco Rodrigues, e antes que amanhecesse o renderam: vinham no barco treze holandezes e um commissario de Sergipe de El-Rei, e o fiscal d'aquella força; os demais eram soldados e treze homens do mar; d'estes holandezes foram mortos seis e outros foram presos e feridos.

Os do supremo conselho do Recife não se descuidaram em mandar soccorro á fortaleza, o qual lhes foi impedido em 28 de Agosto, que eram duas barcaças e uma náó, e Nicoláo Aranha os mandou investir em canôas com infantaria, e os fizeram voltar e fugir.

Sendo o primeiro dia de Setembro quiz o inimigo fazer uma sahida, e tanto que abriram a porta logo os nossos lhe mataram quatro soldados, que foram os primeiros que sahiram, pelo que se tornaram a recolher e fechar. Em resolução a nossa gente se achegou tanto á fortaleza, que não ousavam os holandezes a se pôr em cima da muralha, porque em deitando as cabeças por cima, logo eram mortos com as nossas balas.

Em 13 de Setembro mandou Nicoláo Aranha, por um official com um tambor, dizer ao comendor da força que se rendessem, ou os poria a todos á espada, porque estava

já enfadado de o terem alli tanto tempo. Vendo elles a grande resolução, responderam brandamente, como quem o queria fazer, pedindo tres dias de treguas, que elle concedeu ; e aos 15 de Setembro chegou aonde estava a nossa gente que tinha a força em cerco. O governador das armas hollandezas Henrique Hús (Haus), com outros que foram rendidos na casa forte de D. Anna Paes, como temos escripto, os quaes iam para a Bahia por mandado dos governadores, e Henrique Hús (Haus) escreveu e depois fallou, chegando junto da fortaleza, ao comendador d'ella, dizendo-lhe e pedindo-lhe que se entregasse, pois não podia ser soccorrido, porquanto elle fôra rendido com a melhor gente que no Recife havia; e que já a força de Nazareth estava entregue aos portuguezes, que tinham ganhado a campanha, e que se lhes concederiam bons e favoraveis partidos. O que visto pelo comendador aos dezoito dias do mez de Setembro, por um tambor mandou dizer que se queriam logo entregar. D'este requisito de Henrique Hús (Haus), não tratou no seu livro o padre Fr. Manoel: devia de não ter noticia; outras cousas escreve ácerca da entrega d'esta fortaleza, que é necessario passar em silencio, porque ha muito que duvidar n'ellas.

Recebeu Nicoláo Aranha o tambor, e fez os partidos mui favoraveis, sahindo, como se costuma na milicia, os officiaes com suas insignias de guerra, armas, balas na boca, bandeiras estendidas, e d'ahi uns tantos passos foram mandados desarmar. Na fortaleza se acharam dez peças de artilharia de bronze, muitas balas, posto que pouca polvora, e havia muitos mantimentos. Sahiram rendidos duzentos e sessenta e seis flamengos, e cinco indios, vinte e quatro mulheres, e dezoito meninos, e outros tantos escravos, dos quaes levaram quatorze. Deu-se embarcação ás mulheres, meninos e enfermos, para levarem seus moveis para a Bahia. No cerco morreram setenta e sete flamengos.

Depois de estar a fortaleza em poder dos nossos, e os hol-
landezes rendidos e desarmados, e passados da outra banda
do rio, da parte do sul, para passarem para a Bahia, appa-
receram no rio, duas leguas em distancia da fortaleza, uma
náo e tres lanchas grandes, que vinham com novo soccorro
aos hollandezes, de polvora, balas, armas e mais munições,
com cento e cincoenta soldados, e não vinha só com duas
vélas pequenas navegando; e por conselho de seis francezes,
que pediram praça para tomar armas por nossa parte contra
os hollandezes, mandou o capitão Nicoláo Aranha disparar
uma peça de artilharia da fortaleza, que era o signal que es-
tava dado para os hollandezes conhecerem que estava por
sua; e disparada a peça logo a náo largou todo o panno, e
as lanchas com ella, e se vieram direitos á fortaleza.

Tomou Nicoláo Aranha conselho no que faria para tomar
a náo e as lanchas, e alguns disseram, que os deixassem
metter bem debaixo da fortaleza, porque com a artilharia lhe
faria grande damno, e a infantaria por terra, e por mar em
barcos e canôas as renderiam facilmente; porém o capitão,
considerando que na força achára pouca polvora, e essa toda
molhada, que não servia para carregar as peças, nem sus-
tentar a bateria, e assim equipou dois barcos, e algumas
canôas carregadas de bons e valentes soldados, e antes que
a náo e as lanchas chegassem as mandou investir, e os nos-
sos o fizeram com tanto valor, que deram duas cargas cer-
radas ao inimigo e lhe fizeram muito damno; mas elles, pi-
cando um vento rijo, se foram pelo rio abaixo, disparando a
náo sua artilharia, e as lanchas roqueiras, e sahiram pela
barra na derrota do Recife, sem nenhum dos nossos morrer
nem ser ferido.

Foi de grande importancia e effeito o render-se esta for-
taleza, que era de grande consideração para impedir a pas-
sagem para a Bahia e a chave da capitania de Pernambuco,

e sem se render, não se podia trazer gado para sustento do nosso arraial; e n'este cerco fizeram os soldados moradores sua obrigação, com muito esforço e pontualidade, com as armas na mão, não fallando nos capitães da Bahia, Nicoláo Aranha e Francisco Lopes, nem no capitão Valentim da Rocha, e nos mais officiaes de guerra que se esmeravam em esforço, animo e valentia.

Ganhada esta fortaleza, a mandou o capitão Nicoláo Aranha arrasar por pedimento dos moradores, sem os nossos governadores serem sabedores, principalmente João Fernandes Vieira, que foi sempre de contrario parecer pela importância d'ella. As dez peças de artilharia de bronze, que n'ella achou Nicoláu Aranha, mandou guardar em lugar seguro, as quaes não vieram logo para o nosso arraial da Varzea por ser a distancia de sessenta leguas, e não se poderem comboiar por haver muitos rios navegaveis que passar, e era grande risco mandal-as em barcos, quando o inimigo trazia pelo mar nãos de guerra e lanchas, que andavam sempre de vigia; porém no fim de Março do anno seguinte de 1646 as mandaram vir e comboiar pelo ajudante Bartholomeu Cabral.

Alcançada esta victoria, foi o capitão Nicoláo Aranha despedindo os outros capitães em suas companhias e tropas, para onde estava o governador João Fernandes Vieira, e os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, e elle, depois de ordenar as cousas necessarias no Rio de S. Francisco, veio marchando na retaguarda, e todos chegaram á Varzea de Capibaribe.

CAPITULO XXII

De como se fez na Varzea de Capibaribe a força que vulgarmente chamam Arraial do Bom Jesus, e de algumas pendencias entre portuguezes e hollandezes, e da traição que urdiram os flamengos que entre os nossos militavam.

Emquanto succederam as cousas nos capitulos precedentes escriptas, os nossos governadores pelo mez de Setembro entraram em conselho, sobre averiguar o posto e sitio em que se fizesse uma fortificação, aonde se recolhessem os soldados, e esivesse segura a polvora, e as mais munições de guerra, e depois de diversos pareceres que houve, em que se fizesse no engenho de S. João, que é do governador João Fernandes Vieira, sendo elle sempre de opinião e parecer que se fizesse na mesma Varzea em um lugar superior á outra terra, junto a um engenho que foi de um flamengo que chamavam o Bribão, onde se fez, seguindo todos o parecer e voto do governador João Fernandes Vieira, ficando uma legua em distancia do Recife; e posto que lhe deitaram do governador João Fernandes Vieira a perder tres engenhos e muitos cannaviaes, não reparou n'isso cousa alguma, por ser assim necessario para a guerra, e para conseguir bom fim aquella empresa.

Traçou a fortaleza um mestre de obras estrangeiro, e acudiu o governador João Fernandes Vieira com seus escravos, e os moradores da terra com os seus por sua parte, e se deu tanta pressa a esta fortaleza, que em espaço de tres mezes se principiou e acabou, com suas plataformas e esplanadas, que lhes descortinavam bem todas as partes, e com palissadas de páo a pique, com suas trincheiras, e outras obras necessarias para ficar boa e bem segura á força. Cavalgaram n'ella as oito peças de bronze que trou-

xeram da fortaleza do Porto do Calvo; e o primeiro dia de Janeiro de 1646 se deu com ellas a primeira salva em honra do nome de Jesus, por ser o primeiro dia do anno; e por essa causa chamaram á nova força do Bom Jesus; e logo muitos moradores, e outra gente extravagante, foram fazendo suas casas á sombra d'esta força, com que em breve se fez uma rasoada povoação, que chamavam vulgarmente o Arraial Novo, por se differenciar do outro velho, que foi no tempo da guerra passada.

Ouvindo o inimigo os tiros da artilharia no Recife, ficou muito confuso e sobresaltado, por vêr que se disparavam peças, e essas grossas, tão junto do Recife; e os mais dos dias faziam os hollandezes fóra d'elle para descobrir o nosso campo, e buscar a agua doce para beberem ao rio Beberibe, e lenha pelo sitio da sézca e salinas; porém nunca se recolheram para o Recife sem lhe ficarem alguns mortos no campo e levarem comsigo feridos para dentro, e nenhuma agua nem lenha, porque os nossos capitães, que occupavam as estancias em contorno do Recife e cidade Mauricea, davam sobre elles e os faziam retirar com damnos, até se metterem debaixo de sua artilharia, e os nossos soldados andavam tão alentados e com tanto brio, que debaixo das fortalezas do inimigo lhe iam de noite tomar o gado que tinham para comer e os cavallos de seu serviço, sem que elles o podessem remediar, e de uma vez lhe tomaram nove cavallos junto á cava da fortaleza dos Afogados, e lhe destamparam cincoenta pipas e barris de agua doce que tinham para beber; e outras vezes lhe tomaram lotes de bois e vaccas que tinham a pastar debaixo da fortaleza das Cinco Pontes; e os negros crioulos e minas do terço de Henrique Dias, debaixo de sua fortaleza e artilharia lhes iam tomar os seus escravos, que sahiam a buscar lenha para o fogo e herva para os cavallos.

Começaram a fugir do Recife muitos negros, porque lhes ia faltando o mantimento, e todos vinham a dar, ou nas mãos dos nossos capitães e soldados, que estavam repar-tidos pelas estancias, ou nas dos soldados de Henrique Dias, os quaes se traziam a apresentar aos nossos governadores, e elles os repartiam pelos soldados, que os haviam tomado para mais os afervorar na assistencia da guerra; sem embargo que elles tambem occultavam a maior parte d'elles, de que se aproveitavam ; com o que os nossos governadores, principalmente João Fernandes Vieira, dissimulavam, dizendo que eram proes e precalços dos soldados, e que com o engodo d'aquella pilhagem, soffria com bom animo o rigor da guerra, e o estar de dia e de noite entre o lodo, e os mangues, expostos á furia dos mosquitos. E assim era que com estas promessas se conseguiram tão gloriosos successos em decurso de tres annos.

Porém se entre os negros que os nossos soldados tomavam, vinham alguns que pertenciam aos moradores, por os holandezes lh'os haverem roubado, ou elles haverem fugido a seus senhores, estes mandavam os nossos governadores entregar a seus senhores, pagando cada qual pelo seu escravo um moderado estipendio aos soldados que os haviam tomado; e os que pertenciam aos flamengos e indios, se repartiam pelos capitães e soldados, que nas occasiões de importancia se mostravam valorosos.

O primeiro domingo de Outubro pela meia-noite, deu uma tropa de holandezes, que estavam emboscados por entre os mangues, junto ao rio Tecaruna, que entra no rio Capibaribe, sobre as nossas estancias, e descompuzeram os capitães que n'ellas estavam ; e vendo-se commettidos por duas partes, se retiraram para a Estancia do capitão João Soares de Albuquerque; e alli esperaram os holandezes com outros soldados, que acudiram do arraial velho, e

índios do Camarão, os quaes todos foram cercando os hollandezes que se retiravam; e os nossos fizeram emboscadas, que, retirando-se o inimigo lhe mataram cinco homens e feriram muitos; e aos 5 de Outubro veio um troço de hollandezes com negros a buscar agua para beberem ao rio Beberibe, porque no Recife nem na cidade Mauricea tinham outra agua senão salgada, ou alguns poços de agua salobra; e sendo avisado d'isto o governador João Fernandes Vieira, mandou aos capitães Francisco Ramos, João Barbosa e Manoel Soares Barbosa, que com seus soldados se fossem emboscar no mato, que está sobre um caminho chamado a Carreira dos Mazombas, aonde o caminho estreito sahe a uma campina.

O inimigo que havia tornado a buscar agua em outra jornada, querendo fazer esta segunda, chegando ao rio Beberibe para a tomar, deram sobre elle os nossos, e lhe mataram oito flamengos, e tomaram nove negros vivos, e outros muitos soldados foram feridos, até os metterem debaixo de suas forças, e sem agua, d'onde, disparando muitas peças de artilharia, e varejando com as balas todos aquelles matos, os nossos se retiraram com a presa que tomaram.

Em 15 de Outubro sahiram do Recife um negro mina e um crioulo, que sendo tomados pelos nossos soldados dos assaltos, e apresentados aos governadores, disseram em como os hollandezes se preparavam para sahir fóra ao seguinte dia com muita gente de guerra, assim hollandezes como índios, e muitos escravos a fazer lenha ao sitio das salinas, e roçar todo o mato em circuito da casa de Francisco do Rego, aonde queriam fazer um forte com peças de artilharia, para d'alli sahirem a seu salvo pela campanha, e deitar d'aquella paragem os nossos capitães e soldados que alli tinham as estancias: mandaram logo os governadores os capitães Francisco Ramos, João Barbosa,

Domingos Fagundes, Paulo Velloso, Antonio Gonçalves Tição, Manoel Soares Barbosa, Antonio Borges Uchoa, João Soares de Albuquerque e Paulo da Cunha, que fossem fazer suas emboscadas no sitio das salinas, para que se o inimigo sahisse o desbaratassem e lhe desfizessem o intento que trazia. Partiram os capitães, e, descoberto o campo com boas vigias, estiveram toda a noite em emboscada, e ao apontar da alva do dia foram os nossos descobridores por entre os mangues a descobrir o campo, e acharam que na casa de Francisco do Rego estava uma grande tropa de hollandezes e negros, e que os soldados estavam postos em ala, e que seis hollandezes de cavallo vinham descobrindo o campo pela parte da Carreira dos Mazombas, armados com clavinas e pistolas. Prepararam-se os nossos, e uns d'elles deram sobre os de cavallo e mataram a dois, e os quatro fugiram. Deram rebate aos do seu esquadrão, mostrando-lhe a parte por onde havia rebentado a nossa gente, com a qual nova os hollandezes fizeram dois batalhões, e vieram buscando os nossos por duas partes. Sahiram elles das emboscadas, e deram de subito sobre o inimigo, e se travou uma brava pendencia, que durou duas horas, e houvéra de custar aos nossos muito sangue e vidas ; porque, como os emboscados estavam encontrados e a pendencia se travou com muita confusão, cuidando os nossos soldados que atiravam aos hollandezes, apontavam para os seus mesmos camaradas ; por cuja causa os capitães começaram a gritar que pendenciassem á espada ; arremetteram então os nossos com tão grande furia que mataram vinte e tres soldados ao inimigo, e lhe tomaram vinte e seis negros ; e como a bateria e pendencia se travou entre as tres fortalezas dos inimigos, tanto que os hollandezes, que foram fugindo a mais correr, se viram bem de baixo d'ellas, deram o signal, e as fortalezas começaram

a lançar tantas balas, que pareciam chover, pelo que o corpo da nossa gente se retirou para lugar seguro das balas; porém muitos dos soldados pelo interesse de tomar negros, e alguma pilhagem, chegaram até debaixo das fortalezas do inimigo, lugar aonde a artilharia, por estar assestada para maior distancia não podia fazer damno.

Passaram os holandezes o rio Beberibe da outra banda, por onde chamam o Buraco de Santiago, antes que reponhasse a maré, e levaram comsigo os feridos, e alguns dos seus mortos, deixando da nossa banda a mais da ferramenta que haviam trazido, e algumas armas e despojos. Chegaram os nossos capitães e soldados ao arraial com a presa dos vinte e seis negros com muita festa.

Porém vendo os do supremo conselho do Recife que a nossa gente lhe tinha tomado os caminhos por onde podiam fazer suas sahidas, deram em uma traça diabolica, para vêr se podiam destruir aos nossos; mas Deus atalhou seus intentos, como iremos ao diante escrevendo: esta foi que, sendo certificados em como no nosso exercito estavam servindo duzentos e oitenta soldados estrangeiros, a saber: flamengos, allemães, inglezes e francezes, em um terço de que era mestre de campo Theodoro Strater (Hoogstraeten) e sargento-maior Francisco de Latour, catholico francez, como já temos referido, contra vontade do governador João Fernandes Vieira, por conhecer bem quem era esta gente, mandaram de noite por suas sentinellas falsas deitar pelos caminhos escriptos em sua lingua, nos quaes promettiam perdão de todas as culpas que tivessem, commettidas contra os Estados de Hollanda, a todos os soldados que andavam servindo no nosso exercito; isto se entende dos naturaes das provincias do norte, que haviam sido seus soldados, e sobre isto muitos accrescentamentos em seus soldados e cargos, se tornassem para o Recife, e largas mercês aos que fizessem

alguma empreza em proveito seu e damno dos nossos. Foram estas cartas achadas pelas nossas sentinellas, e divulgou-se esta maranha; e logo os nossos governadores deram ordem que, quando sahisses a algum encontro com os hollandezes, fossem os soldados estrangeiros, que entre nós havia, entrechassados com os nossos, e que sempre os levassem diante, porque se acaso quizessem fazer alguma traição os levassem debaixo das bocas dos mosquetes e arcabuzes.

Faziam os governadores com muita pontualidade todos os mezes pagas a esta infantaria hollandeza, no que se dependeu muito dinheiro á custa do povo, que nunca faltou á sua obrigação; e havendo alguma vez muita necessidade (que d'onde não ha cabedal de rei são mui grandes os que na guerra se pdecem, nunca se faltou com a ração aos hollandezes se bem o Strater (Hoogstraeten) e alguns pareciam fieis), ficando muitas vezes sem ella os portuguezes; mas eram ao fim hollandezes.

Tanto que estes hollandezes que nos serviam tiveram noticia d'estas cartas, começaram a maquinar traição aos nossos, e n'esta conformidade alguns se sahiram de noite de suas estancias, aonde os punham de vigia, e iam ao Recife a tratar com os do supremo conselho sobre o modo da traição que nos pretendiam fazer, e quando amanhecia se tornavam a estar outra vez em seus postos; e costumavam trazer nas tranças dos chapéos uns raminhos, e outros uns papelinhos brancos, para divisa de serem conhecidos; e ordenaram que nos encontros que tivessem os nossos com os do Recife lhe não atirassem a elles, nem elles aos seus parentes e naturaes; e ao depois se soube, que os que nos serviam, quando os nossos tinham pendencia com os do Recife, não mettião balas nas armas de fogo, e andavam buscando occasião de algum descuido nosso para darem

sobre nós destruir-nos sem remedio, como ao diante diremos; porém o governador João Fernandes Vieira, como quem bem os conhecia, depois que os do Recife mandaram deitar as cartas, sempre andou precatado e de sobreaviso, a assim mandou algumas companhias, umas para a Parahyba, e outras para o Tojucupapo e Goyana, com alguns capitães nossos, que para aquellas partes haviam mandado de soccorro, porque lhe haviam pedido d'ellas com muita instancia, para reprimir e atalhar os damnos que o inimigo sahia a fazer com seus indios alliados nos moradores, que viviam pela campanha a dentro; e a estes hollandezes que nos serviam na guerra nunca lhe mostrou triste e irado semblante, mas mui alegre, e lhes mandava acudir com a ração ordinaria e estipendio, como temos acima dito.

A cabeça principal d'esta traição foi um capitão hollandez dos que serviam no nosso exercito, chamado Nicolão, que na sua lingua chamavam Nicólas, o qual se concertou com os do supremo conselho para que, sabindo os hollandezes do Recife com todo o poder, fossem os da nossa parte que o Nicolas havia accumulado, como sempre iam mesclados com a nossa infantaria, para que, volvendo na occasião as armas contra os nossos, os degolassem, como ao diante se dirá, quando o inimigo sahio em 10 de Novembro, a pôr por obra sua damnada intenção, que lhe não surtiu effeito.

N'este interim sabiu do Recife o inimigo com uma boa tropa de soldados e indios, e veio dar junto á casa de Sebastião de Carvalho, aonde tinha sua estancia o capitão Cosme do Rego, e chegou a uma trincheira que já não tinha gente, e n'ella sómente assistiam duas sentinellas, para dar rebate, e se retiravam, o que ouvindo o capitão Cosme do Rego, acudiu logo com a sua gente e começou uma pendencia bem travada com o inimigo. Ouviu-se o estrondo da mosquetaria, e do nosso arraial se começou a abalar a

gente de soccorro ; porém como d'alli estava mais perto a estancia do engenho de João de Mendonça, acudiram com grande diligencia os capitães Jeronymo da Cunha do Amaral e Sebastião Ferreira, e achando o capitão Cosme do Rego pendenciando com o inimigo, investiram com elle por sua parte com tanto valor, que lhe fizeram largar a trincheira, e o vieram seguindo ás pelouradas até á sua fortaleza dos Afogados, e quando a outra nossa gente chegou de soccorro, já o inimigo se havia retirado com quatro soldados mortos e muitos feridos: tambem da nossa parte ficaram feridos tres soldados. Achou-se tambem n'esta occasião o capitão João Soares de Albuquerque, que estava por cabo da estancia do Mendonça, e o fez com muito valor, e os mais que acudiram.

Outros assaltos succederam tambem em que se fez damno ao inimigo, que se houvêra de contar todos, particularizando os successos, seria infinito o progresso d'esta historia. Agora cabe aqui, por succeder n'este tempo, contar as inauditas e jámais vistas crueldades, que os hollandezes usaram com os moradores do Rio Grande, que ha de causar admiração ao leitor e grande compaixão, porque n'esta fragil e miseravel vida humana andam mesclados os bens prosperos com os infelizes males.

CAPITULO XXIII

Em que se contam as tyrannias e crueldades que os holandezes usaram com os moradores do Rio Grande, e de como lhe renderam e entregaram a cerca de Potogi em que se defendiam, e foram mortos por elles, e pelos indies com exquisitos tormentos, e de outros notaveis casos que succederam.

Não ha vicio que tão dissemelhantes faça os homens de si proprios, e que tanto pareça que repugna á natureza humana, como é a crueldade: sendo o homem animal nobilissimo racional, feito á imagem e semelhança de Deos, nascido para obrar mansidão e clemencia, a crueldade o faz semelhante ás fêras crueis, indomito, malquisto, e inimigo de Deos, summa clemencia e piedade. Aristoteles diz que a crueldade é vicio só de animaes fêros, e Seneca affirma ser contraria, e inimiga da justiça e de toda a razão. Quem mais cruel que um Herodes, que tantos mil innocentes matou, não perdoando a seus proprios filhos? Quem mais que Abimelech filho maior de Gedeão, que tirou a vida a sessenta irmãos seus? Quem como o Imperador Maerino que fazia amarrar os homens vivos com os corpos dos mortos, e os fazia estar assim até que o morto com a sua corrupção matava ao vivo? O que tambem escreve Virgilio do tyranno Merencio? De Alexandre Phereo tambem lemos que fazia enterrar os homens vivos amarrados uns com os outros rosto com rosto, e a outros mandava vestir com pelles de ursos, leões e outras fêras, e deitados aos cães de caça para que os despedaçassem! Que diremos do cruel Sylla romano, que em um dia fez matar a quatro esquadrões de homens, havendo-se elles entregado em suas mãos á mercê

e implorando misericórdia? Que se póde escrever de Nero, de Tiberio, Caligula, e outros tyrannos imperadores de Roma, tão sequiosos de sangue humano, cujas crueldades especifica e conta Suetonio Tranquilo, Cornelio Tacito e Dion Grego, as quaes excedem os termos da natureza humana? Que crueldade, fizeram e executaram o antigo Buziris, Diomedes, Phalaris Dionysio e outros, de que as historias fazem menção, não se cansando os historiadores de relatar suas exquisitas e execrandas crueldades? Pois que direi das tyrannias que usou o Imperador Deocleciano e seu companheiro no Imperio Maximiliano contra os christãos, que relata Euzebio Cæsariense, Nicephoro Calisto e Socrates Sazomeno em suas ecclesiasticas historias, que foram tão atrozes e estupendas crueldades, que causam horror e espanto ao mais forte e diamantino peito. Em conclusão, deixo de trazer á memoria as de um Atila, de um Totila, de um Alboino, de um Tamarlão e outros barbaros, que foram tão execrandas, e terriveis e abominaveis, que com ellas passaram limites e terminos humanos? Porém que nos admiramos do que temos lido e ouvido das antigas historias, se n'estes tempos, a tão poucos annos, foi a capitania do Rio Grande um theatro de crueldades portentosas, que fizeram e executaram os féros, e indomitos e perversos *Pitiguares*, e barbaros irrationaes *Tapuyas*, nos miseraveis innocentes moradores d'esta capitania, acompanhados pelos hollandezes e mandados pelos do supremo conselho do Recife, Henrique Hamel e João Bolestrate (Bullestrate), e outros, contra toda a razão, e lei divina e humana; cousa que dará motivo de admiração e espanto ás idades futuras.

Se disseram que foram traidores, é falso; porque em uma ou em nenhuma cousa contra elles prevaricavam, não sabendo do levantamento de João Fernandes Vieira. Se disseram que se queriam levantar, é engano; porque tempo

tiveram para fugirem, quando por pensamento houveram imaginado levantar-se, que esse os excitaria a que se puzessem em cobro, como quasi todos os ajuramentados das outras capitánias fizeram, em tempo que tão commodamente poderam ir-se com suas familias, ao menos para a Parahyba, quando não para os matos, e não lhes p'deriam com tantas veras a protecção de suas armas; e quando foram culpados bastava entregarem-se com os concertos que fizeram, dando-lhe, os hollaudezes passaportes em nome do príncipe de Orange, para que os não matassem. Em resolução foi esta uma tyrannia e traição jámais vista, e que sem lagrimas apenas se póde contar e referir, o que supposto succedeu pela maneira seguinte.

Depois do infeliz successo e mortes dos moradores de Cunhaú, que temos referido no capitulo nono d'este segundo livro, vendo os moradores da capitania do Rio Grande a morte que deram os indios *Pitiguares*, *Tapuyas* e flamengos a seus vizinhos tão proximos, temendo e com razão, que o mesmo lhes succedesse, porque os indomitos tigres estavam encarniçados com o sangue humano que deramaram, e sem duvida estimulados de sua perversa natureza, haviam de buscar modos para os matarem, e a suas mulheres e filhos; e considerando que o mesmo rigor usariam com elles, como usaram com os portuguezes, que mataram em uma casa forte de João de Lastão, aonde se haviam retirado por temor dos indios, e a elle por ser estrangeiro. Levaram preso com engano, e depois o mataram na fortaleza do Rio Grande; determinaram, como fizeram, de se recolher com suas mulheres e mais familia a uma cerca ou empulissada de pão a pique que fizeram com seus escravos, e forneceram de mantimentos para muitos dias, em um sitio accomodado para sua defensa, chamado Portogi; e fazendo resenha das armas que tinham, sómente

se achavam entre todos dezesete armas de fogo: os demais, com dardos, zagunchos, páos tostados, e outras armas semelhantes, e n'esta cerca estiveram recolhidos tres mezes, padecendo muitas misérias e trabalhos, sendo accommettidos muitas vezes de seus inimigos, que, não satisfeitos do sangue que tinham derramado, lhes queriam tambem esgotar o seu. Eram os moradores que estavam dentro na cerca setenta homens com suas mulheres, filhos e escravos mais sufficientes, sem terem nenhuma artilharia, nem baluartes, nem outras armas, salvo as dezesete de fogo, e os mais que dissemos com tão pouca polvora que lhes veio a faltar, e côm tudo se defenderam valorosamente, como se irá contando.

Passados alguns dias depois que se fizeram fortes na cerca, chegou a ella o capitão Jacob, flamengo, de que temos nos capitulos passados feito menção, que matou os moradores de Cunhaú, e ia executar nos moradores de Goyana, Igaracú e outras partes, muitas mortes; e depois de se apartar dos cento e sessenta flamengos, se tornou com os *Pitiguares* e *Tapuyas* para o Rio Grande, e chegando, como dissemos, á cerca com os holandezes que consigo trazia da fortaleza, disse aos moradores, que assim elle, como os mais, estavam mui tristes e pezarosos com o successo de Cunhaú, e que os senhores da companhia haviam de castigar com muito rigor aquelles holandezes que, havendo-se levantado, se germanavam com os indios para executarem tal barbaridade. Bem entendiam os moradores que na cerca estavam, que aquelle traidor havia dado morte aos de Canhaú, e que tratavam de os enganar para lhes fazerem o mesmo; mas que se não atrevia pelos vêr juntos, e com as poucas armas que tinham de accommettê-los, pelo que, fingindo que se admiravam, dando a entender, que de nenhuma cousa sabiam senão o que elle lhes

dizia, lhe responderam que os defendessem os holandezes dos que diziam andavam levantados com os indios, pois eram obrigados a fazê-lo, ou que por seu dinheiro lhes dessem armas e munições que elles se defenderiam, ao que Jacob respondeu se deixassem estar, e que se defendessem como podessem dos *Tapuyas* que vinham descendo em muita quantidade, como eram costumados, a vir por alguns tempos. Responderam os moradores, que para os *Tapuyas* que vinham descendo, bastavam as armas com que se achavam, mas não para os flamengos levantados. A que o Jacob respondeu, que não temessem, porque já eram fugidos, e que iam pedir aos senhores do Recife perdão. E que para quietação do povo que elles lh'o tinham já concedido por seus editaes, mas que tanto que os colhessem no Recife, haviam de enforcar os cabeças do motim, e que os mais haviam de desterrar ou consumir secretamente, porque com o traidor se não usava lealdade, mas que lhes advertia, que o gentio era muito; e por temor que aquellas eram poucas armas lhes mandava logo mais da fortaleza, para d'onde se ia recolher para tambem se defender dos mesmos selvagens brasilianos até vir soccorro do Recife, que esperavam por horas, com que remediariam aquelle damno, castigando bem o gentio.

Passadas estas cousas, marchou Jacob com seus sequezes para a fortaleza, e com estas razões que havia dado se persuadiram muitos, que era verdade quanto disséra, e que não podia ser senão que flamengos levantados; por roubarem aos de Cunhaú os mataram; e a razão que davam aos que os contradiziam, era dizer que os de Cunhaú não tinham commettido cousa alguma contra os flamengos, e que se alguns tivessem commettido algum delicto os mandariam prender e levar ao Recife ou a Parahyba, onde os poderiam castigar, e que quando tivessem culpas, para

que os governadores do Recife os mandassem d'aquella sorte matar, que houveram os de Cunhaú fugir, quando viram os flamengos e indios, pois tanto tempo tiveram para o fazerem, porque d'onde haviam culpas moravam temores, d'onde bem se mostra (diziam elles), que era certo o que havia dito Jacob, e que estivessem todos com bom animo, que os flamengos levantados eram já idos, e que para os *Tapuyas* tinham bastantes armas. Mas se estes homens souberam do levantamento do governador João Fernandes Vieira, porventura temeriam inda que estavam innocentes; mas nem por fama d'elle souberam, nem o governador lhes pôde fazer aviso pelas razões que temos dito, e bem se deixa de vêr, porque se souberam da conjuração, estiveram mais bem providos de armas, com as quaes juntos em campanha pelejavam com outros tantos hollandezes, como o fizeram os moradores das outras capitánias, sem os temerem nem aos indios; ou quando se viram em grande aperto, romperam pelos matos todos juntos, como n'elles tão praticos, e vieram sem terdever com os *Tapuyas* para a Parahyba, mas não vive mais o leal que quanto quer o traidor. Posto que affirmam alguns que muitos estiveram para se vir da cerca, e que foram avisados por um francez catholico que os haviam de matar os hollandezes por lhes roubar suas fazendas, e tomarem grande quantidade de dinheiro que estes homens tinham e grande còpia de gado de toda a sorte, pela qual causa deram á execução esta maldade e traição, sabendo claramente estarem innocentes de qualquer minima culpa do levantamento.

Passados quatro dias tornou o capitão Jacob com muitos hollandezes, e com infinitos indios *Petiguares* e *Tapuyas*, e pôz em cerco os moradores que estavam na cerca, dando-lhes continua bateria, assim de mósquetaria como de flecharia, sem os cercados terem mais que as dezesete armas

de fogo, como dissemos; e vendo que os não podiam levar, armaram uns carros emmadeirados com uma manta ou machina de guerra, levando-os diante de si com mosque-taria, e outros instrumentos de guerra, para chegarem á cerca e abarbarem com ella, e de cima atirassem aos cercados; mas não foi bastante este artificio, porque os setenta portuguezes que n'ella havia com aquellas poucas armas de fogo, e os mais com dardos e páos tostados, os arredaram, de maneira que lhes quebraram os carros, e os fizeram retirar com perda de vinte homens, sem da parte dos nossos perigar nem um, com tanto animo e esforço, que se admiravam os hollandezes de vêr, que tão obstinados e valentes se defendiam os cercados, que bem desenganados estavam que Jacob e os hollandezes da fortaleza eram os que lhes davam aquella guerra, com os indios e *Tapuyas* germanados; e tanto que se retirou o inimigo, descansaram aquella noite do grande trabalho da pendencia, mas tendo boa vigia, esperando que no seguinte dia os tornassem a commetter com determinação resoluta de se defenderem até morrer, pois não tinham outro remedio, e venderem suas vidas a troco de outras muitas de seus inimigos.

CAPITULO XXIV

Em que se vão proseguindo os successos dos moradores do Rio Grande.

Ao outro dia tornou muito cedo o Jacob com seus hollandezes e indios, e querendo chegar á cerca os de dentro, os fizeram afastar com as armas; e o traidor lhes enviou a dizer, que eram uns traidores, porque, quando vinha para

defendêl-os dos ladrões que se haviam confederado com os indios, então o offendiam, vindo elle com aquelles soldados da fortaleza e seu tenente, para os guardar de seus inimigos, mas que já advertia que deviam elles de imaginar, que eram os ladrões levantados, e que por isso lhes atiraram, e haviam feito guerra, mas que soubessem que elles vinham a soccorrêl-os, e que por vir com muitos soldados para os defender que escusavam suas armas, que lh'as entregassem, por que não fosse por diante a desconfiança que nos soldados havia, pelos verem com ellas, e que lhes pedia por não succeder a desgraça que temia que assim o fizessem. Os cercados lhe responderam que bem certificados estavam, que elle o mesmo era que mandára matar os moradores de Cunhaú, estando innocentes, e que bem sabiam que elle era o que por espaço de quatro dias lhes havia mandado dar tão grande bateria, com os indiós e *Tapuyas* unidos, pelos quaes os queria mandar matar, e a suas mulheres e filhos, estando sem culpa alguma, e que se alguns tinham commettido qualquer delicto que ignoravam, que, fazendo-lhe cargo d'elles, os castigassem conforme o caso o pedisse: no tocante ás armas, que as não haviam de entregar, porque as tinham para se defenderem de quem os quizesse matar, porque era a defensão natural, permittida pelas leis divina e humana, e que em tantos, e tambem armados soldados, não podia haver desconfiança de elles terem as armas de fogo, que n'isto viam ser cautela e traição, e que era muito injusto querer usal-o com homens tão leaes como elles eram.

Ficou Jacob mui enfadado com a resposta, e mandou de novo dar grande bateria á cerca, a qual durou melhor de quatro horas, que acabadas tornou a mandar dizer aos da cerca, que se entregassem, senão que lh'a levaria por assalto, degolando-os sem perdoar a sexo nem idade. Os

cercados responderam, que os ficavam esperando; que mais queriam morrer pelejando, do que não serem enganados como os de Cunhaú, e que lhe advertiam que inimigos e não amigos se entregavam, e como sendo elles seus vassallos que se obrigavam a defendê-los, como a taes lhes mandavam se entregassem, quando se não havia rebellado; e que lhes lembravam, que não tinham commettido crime algum contra elles; que se queriam saquear-lhes suas fazendas que lh'as entregariam; mas que os deixassem com as vidas, e que estavam pacificos havia tantos annos, debaixo de seus passaportes, não faltando jámais á sua obrigação, e que pontualmente lhe estavam pagando seus tributos e contribuições, mas que os deixassem sahir com suas pessoas, que na cerca estavam, quanto possuiam, d'onde achariam tudo, e que só as armas haviam de levar para se defenderem d'elles, como dos indios, se os commettessem.

Mandou Jacob continuar a bateria, mandando juntamente vir duas peças de artilharia da fortaleza para assesar contra aquelles innocentes e desarmados, as quaes chegando ao outro dia mandou preparar, enviando a dizer aos cercados se entregassem, senão os havia de mandar matar pelos indios, entregando-lhes suas mulheres e filhos; e que não duvidassem de se entregar, que bem sabia que não eram traidores, nem n'elles havia crime, mas que assim era ordem dos senhores do Recife, por assim ser necessario e convir ao serviço do principe de Orange, em nome do qual para maior segurança lhes promettia e daria novos passaportes, e faria novas capitulações, e que dos mesmos senhores do Recife tinha por ordem que, quando não quizessem entregar-se, os dêsse por traidores, e como a taes os castigasse rigorosamente, mandando-lhes tirar as vidas, e entregasse suas mulheres e filhas aos indios; mas que, se se entregassem, evitariam todos estes damnos.

Os miseraveis, vendo a artilharia preparada e tanta resolução, e elles sem nenhum remedio e sem polvora, cercados n'aquelles campos de tantos hollandezes, e trataram da entrega, sendo os concertos que lhes prometteram de os guardar, e conservar com as vidas e fazendas, e para isso fizeram suas capitulações, e lhes deram em nome do principe de Orange passaportes a todos, com que adquiriam muito dinheiro, e em refens de se guardar o que escreveram e capitularam, lhes pediram cinco homens (razão era que pagassem os hollandezes as perdas e damnos de vidas) e fazendas, que foram Estevão Machado de Miranda, Francisco Mendes Pereira, Vicente de Sousa Pereira, João da Silveira e Simão Corrêa, os quaes levaram para a fortaleza, deixando dez hollandezes em salvaguarda da cerca e gente que n'ella estava, e tomaram todas as armas de fogo, dardos e páos tostados com que os moradores se tinham defendido.

Estavam mais recolhidos na fortaleza para segurarem suas vidas o padre vigario Ambrosio Francisco Ferro, Antonio Villela, o moço, Francisco de Bastos, José do Porto e Diogo Pereira; e prisioneiros João Lastão Navarro, Antonio Villela Cid, e outros moradores, que por temor do gentio se tinham recolhido na dita fortaleza do inimigo, cuidando livrar melhor.

Em 2 de Outubro do mesmo anno de 1645 chegou uma lancha ao Rio Grande, que veio do Recife, em a qual vinham João Bolestrate (Bullestrate), um dos do supremo conselho, que foi o que mandou dar á execução esta crueldade, trazendo ordem para mandar matar todos os homens de sete annos para cima; e a tres dias do dito mez, vespera do patriarcha S. Francisco, mandaram os hollandezes da fortaleza sahir todos os moradores que n'ella estavam, dizendo que já estavam seguros dos *Tapuyas*, porquanto se tinham ido para

o sertão, e que fossem em companhia da tropa que ia em sua guarda para a cerca aonde estavam outros moradores para lá estarem juntos, visto terem n'ella muitos mantimentos para se sustentar, e não estarem passando fomes na fortaleza por falta d'elles, e que iam seguros, e lá o estariam com os dez hollandezes que estavam na cerca com a salvaguarda. Logo lançaram fóra da fortaleza aos que n'ella estavam, e em bateis os levaram pelo rio acima tres leguas, acompanhando-os os soldados, e os puzeram no porto do dito rio, chamado Hioruvassú, meia legua da cerca.

Tinham n'aquelle sitio passante de duzentos *Pitiguares* e *Tapuyas* com Antonio Paroupaba, principal entre elles, que tambem perseguiu muito aos nossos quando lhes combatiam a cerca, e andava em um cavallo escaramuçando, sendo mui cabido com os hollandezes como era Pero Poty, que, sendo parente mui proximo do Camarão, não seguiu as pisadas de tão valoroso e virtuoso homem; e com lhe mandar tantas cartas que se viesse para elle, nunca o quiz fazer, acompanhando sempre aos hollandezes, pelejando com seus indios apaniguados por elles, até que na segunda batalha dos montes Gararapes, que succedeu em 19 de Fevereiro de 1649, foi preso pelos nossos soldados, como, mediante o favor divino, ao diante escreveremos, quando chegarmos a este tempo com a historia.

Tanto que estiveram em terra, mandaram os lobos despir aos cordeiros, e que se puzessem de joelhos, a que elles fizeram com muita paciencia com os olhos no céu, e fazendo os hollandezes signal, sahiram os *Petiguares* e *Tapuyas*, que logo cercaram aos innocentes moradores, que não duvidaram ser chegado o seu fim, sem falta, tão glorioso, e se começaram a despedir uns dos outros, animando-se com notavel admiração d'aquelles barbaros, pedindo todos a Deus que tivessem d'elles misericordia, e lhes perdoasse

suas culpas e peccados, protestando que morriam firmes na santa fé catholica, crendo o que cria a santa madre igreja de Roma, do que enfadados os hollandezes, e pelos homens desprezarem e abominarem a um prédicante herege que alli trouxeram, que lhes queria fazer sua admoestação, começaram mais que crueis tigres de Hyrcania, que leões de Getulia, féros e mais crueis que a mesma crueldade, a dar tão atrozes tormentos aos homens, e tão deshumanos, que já muitos dos que os padeciam tomavam por mercê a morte; mas usaram os hollandezes da ultima crueldade, dilatando a pena, e depois de cansados de darem tão asper- rimos tormentos aos homens, os entregaram aos *Tapuyas* e *Petiguares*, que ainda vivos os foram fazendo em pedaços, e nos corpos fizeram taes anatomias que são incriveis; arrancando a uns os olhos e tirando a outros as linguas, e cortando as partes verendas e mettendo-lh'as nas bocas.

E logo no mesmo instante que os acabavam de matar, foram os hollandezes á cerca, deixando no lugar em que tinham feito aquelle execrando espectaculo os indios para a segunda execução.

Da cerca se tinham acolhido dois homens que no tempo que matavam os outros, chegaram áquelle sitio, e não sendo vistos se esconderam no mato, d'onde estiveram vendo aquelle feito atroz. Chegados á cerca os hollandezes disseram aos moradores que o governador da fortaleza os mandava chamar para tornar a assignar certos papeis, por assim ser vinda ordem do Recife dos do supremo conselho; mas os homens, entendendo logo o para que eram chama- dos, porque não ha cousa mais leal que o coração (verdade seja que muitos poderam fugir enquanto ficaram na cerca com os dez soldados de salvaguarda, mas com o amor de não deixarem suas mulheres e filhos entregues aos

indios, e com a segurança dos passaportes e papeis que lhes passou o tenente da fortaleza, e o mais certo é que por se verem innocentes, e sem nenhuma culpa, por isso se deixavam ficar, excepto os dois homens que dissemos que não se quizeram fiar de taes inimigos), se despediram os miseraveis de suas mulheres e filhos com muitas lagrimas, pedindo-lhes com muita efficacia que, pois, iam a morrer por seu Deus e innocentes, que lhes encommendassem as almas a seu Creador, e a quem pelo caminho foram pedindo perdão de seus peccados, dando-lhes muitas graças, e mui conformes por morrerem d'aquella sorte, e, antes de serem chegados ao sitio, theatro de crueldade e tyrannia jámais vista, foram cercados dos indios, e em chegando viram os cadaveres de seus companheiros e vizinhos que ainda palpitavam com as feridas, com cuja vista não desmaiaram, antes deram a Deus muitas graças, consolando-se uns aos outros, e protestando que morriam firmes na fé catholica romana, de que os hereges bem se enfadaram e começaram a dar aos homens crueis tormentos, usando as mais estranhas, e horrendas crueldades e tyrannias que jámais se usaram, e as que ficam superiores ás dos antigos tyrannos. Os opprobios que n'estas mortes houve não são criveis, nem para contar-se sem faltar ás leis da pudicia, vergonha e modestia: e foi que a um mancebo, chamado Antonio Baracho, casado, homem bizarro, amarraram a uma arvore, e lhe arrancaram os mesmos hollandezes, estando vivo, a lingua, pondo-lhe na boca em lugar d'ella as partes pudendas que lhe cortaram, e depois de lhe darem muitos açoites, queimando-o juntamente com ferros que ardiam em brasa lhe arrancaram pelas costas o coração.

A Mathias Moreira o abriram tambem pelas costas e lhe tiraram o coração; e as ultimas palavras que disse, estando n'este tormento, foram louvar a Deus, dizendo: Louvado

seja o SS. Sacramento. Os corações que a estes e aos mais arrancaram penduraram em estacas.

Ao padre vigário Ambrosio Francisco Ferro fizeram taes anatomias e cousas, estando ainda vivo, que tenho pejo de escrevê-las, e bem se pôde colligir que fariam hereges a um sacerdote tão honrado e virtuoso, em odio e opprobrio da religião catholica romana.

Mataram duas filhas do morto Estevão Machado de Miranda, que o seguiu sua mulher com ellas, de que uma era menina de idade de dois mezes; e outra que era uma galharda donzella que deixaram com vida, havendo morto as suas duas irmãs, venderam aos indios por um cão de caça: outros affirmam que uma menina de sete annos d'este Estevão Machado, vendo que os hollandezes queriam matar a seu pai, lhes pediu a vida d'elle, com o qual estava abraçado com muitas lamentações e entendimento de mulher de muitos annos, e elles a tiraram dos braços do pai, que sendo morto, a menina, tirando a saia, se foi para elle, e lhe cubrio o rosto com ella, chorando e pedindo tambem aos algozes que tambem a matassem.

Mataram tambem uma filha de Antonio Villela, o moço, sendo criança pequena, e dando-lhe com a cabeça em um pão a fizeram em dois pedaços; e á outra filha de Francisco Dias, o moço, mataram tambem e a abriram em duas partes com um alfange, e a uma mulher casada com Manoel Rodrigues Moura, depois do marido morto, lhe cortaram as mãos e os pés, e esteve esta mulher tres dias naturaes no chão viva, e acabou dando alma ao Creador.

CAPITULO XXV

Em que se contam alguns casos miraculosos que succederam quando foram atormentados e mortos os moradores do Rio Grande, e do castigo divino que veio sobre o Jacob flamengo, e outros executores de taes crueldades.

Crueldades são estas que escrevemos, que á vista d'ellas parecem inferiores as que se contam dos barbaros scithas, etruscos, hunnos e outras nações tyrannas; e sendo que sem culpa os moradores d'esta capitania do Rio Grande se entregaram em mãos dos flamengos, e com passaportes que lhes deram em nome do principe de Orange, usaram de tanta deshumanidade com elles, indo um dos do supremo conselho do Recife, João Bolestrate (Bullestrate), ao Rio Grande a dar á execução tão horrenda crueldade, dando por voto principal que fossem mortos todos os portuguezes das capitancias de Pernambuco, que os outros do conselho supremo approvaram com os seus; e como viram que não tivéra effeito este sanguinolento decreto, havendo os nossos governadores ganhado a casa forte da Varzea, atalhado seu intento, o quizeram executar nos moradores do Rio Grande que estavam sem culpa; pois, como se póde vêr d'esta historia, havendo o governador João Fernandes Vieira eleito capitães em todas as freguezias e povoações, e até no Rio de S. Francisco, tão distante para a empreza da liberdade, os não fez no Rio Grande, nem no districto de Cunhaú, como temos referido, o que póde servir de um claro e patente exemplo do pouco que se póde fiar d'esta nação, que tantas queixas dá do duque de Alva, e a tantos annos sem chegarem em muita parte suas crueldades, as que elles usaram com os moradores d'estas capitancias; e se como dizem

opprimidos tomaram armas contra Hespanha, e contra seus reis e senhores naturaes, que muito que os opprimidos portuguezes, tão avexados, e molestados com tão rigorosos e poderoso jugo, os tomassem contra elles, que não sómente eram senhores nem reis naturaes, mas uma companhia de mercadores que com violencia e poder de armas usurparam a terra: bem se deixa de vêr o muito que os moradores devem a João Fernandes Vieira, que originou e pôz por obra esta facção; e posto que qualquer republica com a guerra e seus descommodos padece muitas misérias e trabalhos, comtudo é muito suave este titulo de liberdade, á cuja vista parece que desaparecem e esquecem os males. E entenderem-se os portuguezes com os seus, e não com estrangeiros diferentes na religião e costumes, e não se pôde nenhuma empreza famosa em conseguir sem custar trabalho. Hespanha foi ganhada pelos mouros a el-rei D. Rodrigo, ultimo dos godos, em espaço de tres annos, e para se haver de libertar, e pôr em sua antiga potencia, como no tempo dos godos estava, passaram alguns setecentos annos, até que ultimamente os reis catholicos D. Fernando e D. Isabel ganharam o reino de Granada; e se se passaram tantos annos até se conseguir esta liberdade, são segredos reservados á Divina Providencia; e se vemos que ha annos que não têm conseguido os moradores d'estas capitancias de toda esta liberdade de Pernambuco, são segredos de Deus, que os humanos não podem comprehender; elle o sabe só, e nos havemos de conformar com sua divina vontade; mas pelos que se tem visto, assim de miraculosos successos, famosas victorias e outros admiraveis casos, bem se mostra o muito que favorece Deus esta empreza e aos moradores d'estas capitancias, que por zelo seu tomaram as armas, e se defendem com tanto valor de seus inimigos.

Tornando ao fio da historia, depois dos hollandezes e indios haverem feito es'e espectaculo de crueldade, os proprios barbaros, posto que indomitos, se compadeceram de oito mancebos que ainda estavam com vida, e assim pediram aos hollandezes que os deixassem com elles, os quaes responderam, que se quizessem assentar praça, e tomar armas contra os portuguezes, lhes concederiam as vidas ; responderam os moços que já essas vidas lhes aborreciam, e que não queriam viver, quando, sem elles lhes poderem valer, viram com seus proprios olhos tão cruelmente matar seus pais, parentes e amigos, e que as armas tomariam por seu Deus, e por seu rei e patria contra elles tyrannos, que por menos mal escolhiam a morte com todos os tormentos do que fazer tal maldade, qual elles a troco das vidas lhes commettiam que fizessem. Ouvindo isto os hollandezes com odio mortifero e grande iracundia, deram aos moços tão graves tormentos e martyrios, que n'elles acabaram as vidas, e a um, chamado João Martins, tornando-o a commetter que tomasse as armas contra sua nação portugueza que lhe daria a vida, respondeu com alegre rosto: Não me desampara Deus d'essa maneira ! Essas tomei sempre contra tyrannos, e não contra minha patria e rei, e que o matassem logo, que estava invejando as mortes de seus companheiros, e a gloria que tinham recebido.

Dois mancebos casados, um chamado Manoel Alvares Ilha, e outro Antonio Fernandes, depois de estarem em terra cheios de feridas e nús da cinta para cima, metteram as mãos nas algibeiras, e puxando cada um por sua faca, e investindo com os indios mataram logo a tres d'elles, e feriram a quatro ou cinco, fazendo isto com as ancias da morte.

Julgue-se tambem que affrontas e vituperios fariam estes tyrannos e barbaros ás miseraveis viuvras e donzellas, que

mais são para se passar em silencio, que para se escreverem, por não causar compaixão ao piedoso leitor; fazendo grandes desaforos, principalmente os indios como inimigos mortaes e deshumanos. E d'esta sorte pereceram e acabaram, se bem para com Deus vivem os moradores do Rio Grande sem culpa e sem serem cúmplices no levantamento, como temos relatado no capitulo antecedente.

Quiz Deus mostrar por alguns milagres patentes e vistos, que estes innocentes iam gozar da bemaventurança, pois sem culpa padeceram tantos tormentos, com tanta paciência e constancia, e parece assim o quiz mostrar áquelles calvinistas e luteranos para confusão sua, que se imaginavam que atormentavam e matavam aquelles innocentes para lhes fazer maior mal, que não foi senão para lhes fazerem maior bem, porque tirando-os, ainda que com tantos tormentos, do penoso desterro da vida, que respeito dos bens eternos vem a ser nada, estão descansando na Jerusalem triumphante e celestial. Succedeu que mortos estes homens, levou a mulher de Gasmão, governador da fortaleza do Rio Grande, a algumas das viúvas para sua casa, obrigando-se a entregal-as, que se demoveu a compaixão d'ellas por ser portugueza; logo n'aquella noite, ouvindo esta mulher do Gasmão uma suavissima musica, chamou ao marido que com alguns hollandezes com que estava, ficou em grande maneira admirado, e a mulher tambem acordou ás outras, se é que dormiam, estando com tanta tribulação e tristeza, e tambem a suas escravas para que ouvissem a musica que ia no céu, as quaes todas ouviram a mesma musica que ia no céu, e tanto celestial para aquella parte d'onde haviam morto a seu maridos (cujos corpos ficaram sobre a terra sem sepultura nenhuma, e os membros tão divididos em partes, que não se conheciam quaes eram os de cada um), do qual caso milagroso, testificou a sobredita

mulher, e as mais que alli estavam, como cousa certa e manifesta, a todos os que ouviram a musica por algum espaço de tempo.

Na cerca d'onde tinham sahido os moradores a padecer, estava entre outras uma menina, filha de Diogo Pinheiro, de idade de oito annos, chamada Adriana, e dando-lhe vontade de chorar entrou para uma casinha por não ser vista, aonde achou uma mulher com um azorrague na mão, e lhe disse: Cala-te, filha, que com este açoute que aqui vês, hão de ser castigados estes que fazem estas crueldades, como logo saberás; afflicta a menina sahiu para fóra, e vendo as mulheres a mudança d'ella lhe perguntaram o que tinha, e ella como assombrada contou o successo, e d'ahi a pouco chegou a nova dos innocentes mortos, que certo bem parece que a Virgem Senhora Nossa mostrava ter tomado a seu cargo o castigo d'estes malfeteiros; e é para considerar que dentro de poucos mezes foram os flamengos que executaram estas tyrannias, mortos quasi todos pelos nossos capitães e pelo Camarão, que foram á campanha do Rio Grande a vingar esta maldade, como ao diante iremos contando, e o mesmo fizeram a muitos indios *Pitiquares* e *Tapuyas*, não se eximindo do castigo divino o cruel hollandez Jacob, que no mesmo Rio Grande dentro de breve tempo foi morto por mãos do Gusmão, o qual, como era casado com portugueza, estranhou suas crueldades, e permittiu Deus que um mesmo flamengo de sua mesma nação o matasse. Alguns affirmam que o matou por ficar com muito dinheiro e joias, e cópia de fazendas que tinha Jacob, as quaes havia roubado aos moradores de Cunhaú e do Rio Grande, e outros roubos que fez, e dinheiro que lhe deram os das casas fortes de Parahyba, por não lhes fazerem mal os flamengos e *Tapuyas*; seja o que fôr, o Gusmão o matou, e foi pagar os

enormes delictos que havia commettido ; o que pôde servir de exemplo para os que são tyrannos, e executam crueldades sem temor do castigo divino, que quanto mais tarde, mais rigoroso se experimenta, como bem disse Valerio Maximo. *Quamquam diilento gradu ad vindictam sui procedant gravitate tamen supplicis, tarditatem compensant.*

E na real verdade que bem se cumpriu a visão que appareceu á menina, como temos referido, pois se viu o effeito tão patente a todos. Tambem affirmaram algumas pessoas fidedignas que n'aquella noite houve um grande cheiro de insenso, n'aquella cerca, que durou muito tempo sem se saber d'onde o cheiro d'elle procedia.

Houve tambem entre estes homens grandes penitencias, sem saberem uns dos outros, e na vespera do dia em que padeceram, jejuaram todos a pão e agua, servindo-lhes de pão a farinha da terra, e se achou que todos, quando os hollandezes e indios os despiram, traziam asperos cilicios e bem apertados, e outras cordas; e todos os dias emquanto estiveram na cerca, faziam procissões com um Santo Christo cruzificado, e cantavam suas ladainhas, e faziam outras pias e devotas obras, conformando-se todos com a vontade divina, pelo que não ha duvida que houve Nosso Senhor misericordia de suas almas.

Passados quinze dias, pediram as mulheres licença aos hollandezes para irem dar sepultura aos corpos de seus maridos, que, concedendo-lh'as, foram ao lugar d'onde os mataram, e sentiram suavissimos cheiros por espaço de tempo, achando os corpos intactos de bichos e aves que lhes não tocaram, sendo que alli não faltavam ; e no lugar d'onde estava o corpo do padre vigario, acharam seu sangue tão fresco, como se n'aquelle instante fôra derramado, havendo quinze dias que alli estava, sem se consu-

mir nem apodrecer, parecendo que chamava ao céu, qual o do innocente Abel pedindo justiça e vingança.

Outras muitas cousas milagrosas succederam, de que se não tem inteira noticia, que por isso as não escrevo, e todas as acima referidas, foram vistas, juradas, e authenticadas por vinte e cinco mulheres, que o inimigo botou na Parahyba por mandado de João Bolestrate (Bullestrate), um dos do supremo conselho do Recife, as quaes vieram tão desfiguradas, que pareciam retratos da morte, roubadas e despidas, que apenas tinham com que se cobrir; outras ficaram no Rio Grande, que depois retiraram as nossas tropas de soldados: os moradores da Parahyba, a estas e a outras muitas do districto do Rio Grande, recolheram em suas casas com muita caridade, e lhes deram vestidos para remediarem sua necessidade, e a de seus filhos que comsigo traziam, e assim ellas, como alguns moradores que escaparam do districto do mesmo Rio Grande n'este naufragio, estiveram no Parahyba até que com os moradores d'ella se retiraram para as capitancias de Pernambuco, quando veio Segismundo Vandescop (van Schkoppe) com sua armada, de Hollanda, como ao diante com o favor divino contaremos, dando aqui fim do segundo livro d'esta historia.

(Continúa)

NARRAÇÃO

DA

Viagem que, nos annos de 1591 e seguintes, fez

ANTONIO KNIVET

DA INGLATERRA AO MAR DO SUL, EM COMPANHIA DE

THOMAZ CANDISH

Traducção do hollandez

(Offerecida ao Instituto Historico pelo traductor)

A curiosa narração das peregrinações de Antonio Knivet pelas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, etc., escripta originariamente em inglez, foi vertida para o hollandez, e faz parte da collecção das *Viagens celebres ds Indias orientaes e occidentaes*, editada por Pieter van der Aa, e impressa em Leyde no anno de 1707 e seguintes.

Servimo-nos d'essa traducção hollandeza, porque não podemos encontrar o texto em inglez. Não vem este na collecção de Hakluyt; suppomos que encontra-se na de Purchas; mas não ha, nas bibliothecas d'esta capital, um só exemplar d'esta ultima collecção.

Confrontámos a primeira parte do trabalho de Knivet com a carta que Candish dirigiu ao seu amigo Tristram Gorges, narrando-lhe os acontecimentos da mallograda ex-

pedição, e com a *Last voyage of the worshipful Thomas Candish, written by M. Jane Jone*, collecção Hakluyt.

Como essas diversas narrações não estão de perfeito accordo, indicámos, em notas, algumas das suas principaes divergencias.

Côrte, 10 de Dezembro de 1875.

J. H. Duarte Pereira.

Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomaz Candish

CAPITULO I

Knivet parte da Inglaterra e vai ter ao estreito de Magalhães.—Cahe nas mãos dos portuguezes.

Partimos de Plymouth com as velas seguintes: *Leicester* almiranta), *Roebuck*(1) (vice-almiranta), *Desire*, *Daintie* e *Pinça Negra*. Pretendiamos ir ter ao mar do sul (oceano Pacifico). Seis ou sete dias depois de havermos abandonado as costas da Inglaterra, topámos á noite com dezenove velas flamengas. A nossa vice-almiranta, ignorando que velas eram essas, tomou uma d'ellas, e escaparam-se as mais. Pela madrugada foi levado á presença do nosso general o capitão do navio flamengo apprehendido, e nos communicou que de Portugal largára uma frota para o Brasil, noticia que nos foi mui grata. Esta vela carregava sal, de que o general se proveu, tomando-lhe tres barris: mas, como o dito capitão apresentasse um passaporte com a firma e sello de Sua Magestade, no qual se lhe permittia navegar livremente por todos os mares, ordenou logo o general que todos restituíssem ao flamengo o que lhe haviam tomado, e elle mesmo pagou o sal de que se apossára.

Continuámos nossa derrota com bom vento. Afastando-nos das costas de Portugal, endireitámos para as ilhas Canarias, e vinte dias depois as fomos ver. Sabendo isto o ge-

(1) No texto se lê *Ree*, traducção da palavra ingleza *Roebuck*. Este era o nome da vice-almiranta da flotilha de Cavendish, segundo se vê de sua carta a Tristram Gorges, e por isso o conservámos.

neral, ordenou que os dois navios menores se fizessem à terra para o fim de observarem, se, por entre as ilhas, andavam navios ou caravelas empregadas na pesca. A' seguinte manhã voltaram os nossos navios por não haverem encontrado velas contrarias. Fluctuámos vinte e sete dias em calmaria podre na linha equinocial, onde os dias e as noites são iguaes.

Por esse tempo adoeceu de escorbuto a maior parte da nossa gente, por causa da excessiva calma e dos vapores da noite. Nem por isso a marinhagem soffreu a sua malvadez, pois, enquanto estavamos na mais embaraçosa situação que se pôde imaginar, dois japonezes, que o general Candish trouxêra consigo de sua primeira viagem, invejosos de um pobre portuguez, vindo comnosco da Inglaterra, e desejosos de darem cabo do infeliz, assentaram de persuadir ao general que elle era culpado.

Eis como puzeram por obra a sua traça: estando o general á mesa, reuniram-se elles no tombadilho, e entraram a conversar em vozes tão altas, que todos os podiam ouvir, sendo o assumpto da conversação que o portuguez era um traidor, pois muitas vezes lhes aconselhára que com elle fugissem quando chegassem ao Brasil, e lhes promettêra que se aprovesse a Deus entregar a cidade de Santos ás mãos dos nossos, como desejava o general, elle os havia de conduzir ao mar do sul, onde seriam bem pagos pelas suas informações.

Chegando esta accusação aos ouvidos do general, foi enforcado o pobre do portuguez, com quanto seja cousa impossivel atravessar por terra a America, de Santos ao mar do sul, visto como são todas essas regiões selvas povoadas do gentio.

Depois de havermos passado por tantos dias essa calmaria na linha, levantou-se um bello vento do noroeste(2).

(2) Deve ser *nordeste* em lugar de *noroeste*.

Velejámos vinte dias, e fomos vêr as costas do Brasil, sem que soubessemos ao certo, em que paragem eramos d'aquellas partes. Fizemo-nos mais á terra, e descobrimos dois pequenos navios, um dos quaes foi tomado e o outro escapou-se. O que apprehendemos vinha de Pernambuco e demandava o Rio da Prata; levava mouros (negros) e algumas mercadorias.

Soubemos pelo piloto que nos achavamos no Cabo Frio, que dista doze leguas do Rio de Janeiro e trinta da cidade de Santos, onde tencionavamos ir ter. N'este navio encontrámos um frade⁽³⁾ escondido em uma caixa de farinha.

Dirigidos pelo nosso novo piloto, chegámos á Ilha Grande, que está apartada doze leguas de Santos, e ali nos assegnoreámos de cinco ou seis casas, com os portuguezes e selvagens do lugar.

N'esta Ilha Grande encontrámos muitas batatas, bananas, varias sortes de raizes, porcos e gallinhas, que nos vieram muito a proposito, e nos serviram de refrescos. Era tal a desordem que reinava entre os nossos, que os portuguezes, se se tivessem havido com animo, teriam morto a muitos; pois os nossos brigavam uns com os outros por causa de comer, procedendo como se fossem não christãos, mas judeus. Os que melhor se proveram, escondiam-se em alguma cavidade, ou no mato debaixo de uma arvore, e ali permaneciam emquanto lhes durava o alimento.

Quanto a mim, não pude obter (tal era a escassez) comestiveis nem dinheiro, e levado da fome metti-me pelo mato a vêr se encontrava batatas ou matava alguma caça. De caminho encontrámos sete ou oito da campanha, os quaes

(3) O traductor hollandez usa invariavelmente da palavra *monnik* (monge) para designar, quer frade, quer padre. E' assim, por exemplo, que se exprime com relação aos jesuitas, que não eram *monges*.

estavam a brigar por causa de um porco que haviam morto, procurando cada qual apossar-se do melhor pedaço. Emquanto jogavam o sôco tomámos um quarto do porco e o levámos para o mato, e nos regalámos esta tarde. No seguinte dia voltámos com uma boa provisão de raizes de batata. Ao chegarmos á casa, em que se achavam os musicos do general, os encontrámos occupados em preparar para o seu jantar oito cãeszinhos. Demos-lhes das nossas raizes, e elles, por sua vez, nos deixaram comer do seu guizado.

A' tarde puzemos fogo a um navio novo, queimámos todas as casas, e, desembarcados o negociante e todos os mouros, nos fizemos á vela d'esta ilha.

Fomos servidos de um bom vento, que em obra de seis horas nos transportou á ilha de S. Sebastião, sita a cinco leguas de Santos(4), Aferrámos, e tanto que nos achámos surtos no porto compareceram a bordo da almiranta todos os mestres e capitães de navio, para saberem de que modo o general pretendia acommetter a cidade de Santos(5), e foram todos de parecer que, para pôr em effeito a facção, bastavam a lancha ou batel grande e a chalupa, guarnecidas com cem homens, pois o piloto portuguez nos havia informado que a cidade não tinha fortificação alguma.

Pelas dez horas da noite, vespera do dia de Natal, achavam-se promptos os nossos batéis para seguirem para terra. Estavam todos tão desejosos de irem n'elles, que disputavam lugar e se lançavam ao mar uns aos outros.

Ouvindo o general o barulho, mandou que se recolhessem todos a bordo; mas eu, temendo por um lado o general, e desejando por outro ser dos primeiros que sahissem em terra, pois que anteriormente observára que os que vinham

(4) Todas essas distancias são maiores que as indicadas.

(5) *Villa do porto de Santos.*

por ultimo nada haviam ás mãos, metti-me na escotilha da chalupa, e ahí permaneci seguramente duas horas. Tendo-se n'este entretanto enchido a chalupa de gente, não pude eu sahir do meu escondrijo, e n'elle teria morrido abafado, se não me valêra o contra-mestre William Waldren, que dirigia a mesma chalupa, o qual, ouvindo gritar debaixo de si, levantou a tampa e assim me salvou a vida.

Pelas tres da madrugada descobrimos uma canôa ou batel de uma só peça de madeira, em o qual vogavam quatro portuguezes e duas mulheres. Uma d'ellas casar-se-hia pela manhã. Apprehendêmol-os, e nos acercámos de terra, onde aguardámos durante uma hora o nosso batel. Eis que ouvimos uma sineta tangida pelos portuguezes; e como nos dissesse o piloto portuguez, Gaspar Jorge, que era chegada a occasião de sahirmos em terra, pois pelo tanger d'aquella sineta sabia que os portuguezes estavam ouvindo missa, a qual se achava em meio, e o frade occupado em elevar a hostia, offerecendo-a á adoração do povo, nós sem mais demorça desembarcámos todos, caminhámos direito á igreja e tomámos aos homens suas espadas, o que tudo correu mui facilmente.

Ahí permanecemos até ás sete horas, aguardando que chegassem a nossa lancha ou batel grande e o resto dos nossos, pois que com tão pouca gente (eramos vinte e tres) não ousavamos dar soco á cidade: e d'est'arte tiveram tempo alguns portuguezes, que estavam em casa, de fugir e esconder o seu dinheiro. Achavam-se na igreja trezentos homens, afóra mulheres e meninos.

Saqueámos depois a cidade, e encontrámos grande provisão de viveres, numerosas cascas de limão confeitadas, assucar e farinha de cassave (mandioca), de que fizemos excellente pão. Saqueada a cidade e ordenadas as nossas forças, levou-se ao conhecimento do general o que se havia

feito, e, tendo elle transmittido suas ordens e instrucções, foram libertados todos os portuguezes, menos sete ou oito dos principaes que ficaram presos. Fortificámo-nos na cidade. O Sr. Cocke, capitão da vice-almiranta e da gente que desembarcára, veio adiante (6).

Mostrou-se muito benevolo para comigo o Sr. Cocke, e permittiu-me assistir em uma das cellas do convento dos jesuitas, onde elle mesmo, varios capitães e mancebos nobres se foram alojar. Investigando eu todos os recantos das cellas, succedeu que, olhando para baixo de um leito, descobri uma pequena caixa que alli estava posta em um canto escuro. Essa caixa estava bem pregada e tinha os angulos orlados de veludo branco.

Puxando-a para mim, vi que pesava bastante; despre-

(6) John Jane, autor da relação da viagem do *Desire*, refere que, ficando Cavendish na ilha de S. Sebastião, partiram a 14 de Dezembro os capitães Cocke e Daseis com o *Desire* e a *Pinaça* para tomarem a villa de Santos, em cuja barra surgiram na noite de 15. Pelas nove horas da seguinte manhã chegaram á villa, e, como fossem descobertos, tiveram de desembarcar vinte e quatro gentis-homens, achando-se ainda um bom pedaço atraz o batel grande.

« The cause, accrescenta elle, why master Candish desired to take this towne, was to supply his great wants: for being in Santos, and having it in quiet possession wee stood in assurance to supply all our needs in great abundance. But such was the negligence of our governor master Cocke, that the indians were suffered to carry out of the towne whatsoever they would in open wiew, and no man did controll them; and the next day after wee had wonne the towne, our prisonners were all set at libertie, only foure poore olde men were kept as pawnes to supply our wants. Thus in three dayes the towne that was able to furnish such another Fleete with all kinde of necessaries, was left into us nakedly bare, without people and provisions.

« In conclusion wee departed out of the towne through extreeme want of victualles, not being able any longer to live there, and were receive a fewe canisters or baskets of cassavi-meale. »

guei-a, e encontrei n'ella mil e setecentas piastras, valendo cada piastra quatro schellings inglezes. Assentei morada n'esta cella, e ninguem soube do meu feliz achado.

Não se encontraram muitos pannos, camisas, cobertores leitos e outros moveis semelhantes.

No dia seguinte, que era de S. Estevão, os portuguezes nos fizeram tomar um rebate falso. Entretanto aportou o general com seus navios, e, desembarcando com duzentos homens, mandou que se lançasse fogo ao lado exterior da cidade. Mandou tambem fazer uma pinaça ou bergantim, que admittisse vinte remeiros, para com elle queimar todos os navios, que estavam surtos no porto. Encontrámos n'esta cidade um inglez, chamado John King, que, havia quinze annos, ahi se achava. Durante o tempo que nos demorámos em Santos esteve o general alojado no convento dos jesuitas, o qual dava muitas sahidas para o mar (7).

Dois indigenas, maltratados dos portuguezes, fugiram d'elles, e, como conhecessem bem as entradas do convento, foram ter certa noite á camara do general, e se apresentaram diante do seu leito com alguns porcos e gallinhas que comsigo trouxeram. Acordando o general, começou a bradar por soccorro; mas um dos selvagens, que fallava portuguez, cahiu de joelhos dizendo que alli viêra, não para fazer-lhe mal, mas para implorar o seu patrocínio. Quando amanheceu, o general praticou com elles, e por elles soube das forças dos portuguezes, e bem assim que estes tencionavam, quando nos retirassemos da cidade, acommetter-

(7) Com quanto o padre Ignacio de Azevedo, visitador-geral dos jesuitas, extinguisse em 1567 o collegio de S. Vicente e mandasse os religiosos para o Rio de Janeiro, todavia conservou a casa que havia em Santos, a qual foi depois collegio com o nome de S. Miguel. Vide a *Memoria* de Fr. Gaspar da Madre de Deus, tomo segundo da *Revista do Instituto*.

nos e bater-nos. Informaram mais que tres embrulhos grandes com dinheiro e... (8) estavam enterrados debaixo de certa figueira, e nos conduziram a um campo, onde encontrámos trezentas cabeças de gado, de que nos servimos, enquanto ahi estivemos.

Um dos nossos navios pequenos, o *Daintie*, fez em Santos uma boa presa, pois, tendo chegado ao porto primeiro que os outros da frota, carregou-se de assucar e outras mercadorias valiosas dos navios portuguezes que ahi encontrára surtos. O capitão do *Daintie* viêra voluntariamente da Inglaterra connosco, e, como lográra agora tão bom lanço, declarou ao general que queria fazer-se na volta da Inglaterra; ao que respondeu o general que tencionava enviar-o para o Rio da Prata, e depois de boa vontade o deixaria partir.

Demorámo-nos dois mezes em Santos, o que foi parte para transtornar-se toda a nossa viagem.

Quando estavamos em Santos, vieram ter connosco varios cannibae ou antropophagos, e pediram ao general que aniquilasse os portuguezes e conservasse para si o lugar, assegurando-lhe que todos elles tomariam voz pelo general. Este, porém, agradeceu-lhes as suas boas disposições e declarou que por então tinha cousa differente que fazer.

Achámos tambem em Santos muito ouro, que os indios trouxeram de um certo lugar, chamado por elles *Mutunga* (9). Os portuguezes são ao presente senhores do lugar em que existem essas minas.

(8) A lacuna é do texto.

(9) *Piratininga*, segundo se deprehende do seguinte trecho da *Descripção das Indias occidentaes* de Johannes de Laet, pag. 515 da traducção franceza: « La ville de Santos fut prise et pillée par le valeureux chevalier Thomas Candish l'an 1591, et fut tenue par celui plus de deux mois; entre les autres depouilles il y fut trouvé un peu d'or, que les portugais disaient avoir été apporté là par les sauvages du lieu, nommé vulgairement *Piratininga*, où on dit que les portugais ont maintenant une mine.

Muitos dos nossos propuzeram ao general que passasse o inverno n'esta cidade, mas elle não quiz annuir a isto de modo algum.

Desde que parti da Inglaterra até Santos sympathisei muito com um japonéz de nome Christovão, porque observára que elle era habil em muitas cousas. Tornámo-nos amigos tão intimos que um nada occultava ao outro. Tendo-o conhecido fiel n'este espaço de tempo, fallei-lhe do dinheiro que eu achára debaixo do leito do religioso, e por sua vez communicou-me elle que havia obtido tambem certa somma de dinheiro. Fizemos então mutuo juramento de compartilhar tudo quanto Deus nos houvesse de conceder. Quatro dias depois, quando estavamos para partir, disse-me Christovão que a quadra do anno accommodada áquella navegação havia passado, e mais acertado era para nós ficarmos em terra e enterrarmos em algum lugar nosso dinheiro.

Estive por isso e annui a tudo o que elle teve por melhor. Assentámos que no dia do embarque elle metteria todo o dinheiro em uma canôa, e o iria enterrar na margem do rio. Assim, que entreguei-lhe na madrugada do dia da partida todo o meu dinheiro, jurando elle que voltaria dentro em durs horas. Esperei, porém, cinco, e houvêra esperado toda a minha vida, porque elle se embarcára com tudo! Embarquei-me tambem, e pelos meios competentes reliavi o que me pertencia, mas por causa d'esta deslealdade rompeu-se a nossa amizade.

Os nossos foram tambem por terra de Santos a S. Vicente e de caminho queimaram cinco engenhos (10).

Quando estavam a embarcar, era tal a desordem que reinava entre os nossos, que os portuguezes, se tivessem tido a mesma coragem que nós, poderiam ter-nos rôto. Os

(10) « Wee burnt Sant Vicent to the ground. » — *John Jane*.

dois indios, que entraram de noite no quarto de dormir do general, iam tambem connosco para o estreito de Magalhães (11).

Ao partirmos de Santos, cursava um vento favoravel á nossa navegação para o estreito, e o tempo se manteve bello quatorze dias consecutivos. Porém dois ou tres dias depois cahimos em calmaria, e, tomando a altura, averiguámos que eramos defronte do Rio da Prata. Como nos achavamos alongados de terra, fizemo-nos na volta d'ella.

Tencionava o general enviar para o dito rio o *Daintie*, a *Pinaça* e mais outro navio; mas não aprouve ao Senhor que elle effectuasse o seu designio, pois no dia em que contavamos descobrir terra, entrou o vento a soprar rijo do sudoeste, o horizonte a ennegrecer, e as ondas a crescer de modo tal, que não podiamos avistar nenhum dos navios de nossa conserva, com quanto não estivessem elles longe de nós. Um golpe de mar, quebrando na pôpa do nosso navio, inundou o convés, cobrindo as pessoas que n'elle eram. Não foi pequeno o susto que passaram. Um batel de vinte toneladas afundiu-se diante de nossos olhos com doze homens e um grumete. Perdemos o nosso batel com tres homens. O navio *Roebuck* perdeu igualmente o seu batel com dois homens.

Impellido da tormenta, este ultimo navio veio bater contra a pôpa do nosso e abateu toda a nossa galeria. Tudo o que estava nos passeios cahiu no mar, tomando assim o caso para nós todos um triste aspecto, particularmente para

(11) Segundo o protesto assignado pelos tripolantes do *Desiré* e inserto na *Relação* de John Jane, Candish partiu da Inglaterra a 26 de Agosto de 1591; a 5 de Dezembro chegou á ilha *Placentia* (Ilha Grande), d'onde partiu a 11; a 14 aportou na ilha de S. Sebastião; a 16 foi tomada a villa de Santos, e d'ella se fez á vela o pirata inglez a 21 de Fevereiro de 1592.

mim, visto como tudo quanto possuia, assim em vestidos, como em dinheiro, foi ao mar. N'este entretanto mostrava-se o general activo e corajoso, pois andava a correr acima e abaixo, e a animar os seus, que estavam todos desmaiados, na persuasão de qua era chegada a sua ultima hora. A tempestade durou tres dias, e n'este espaço de tempo o vento nos arrancou dos mastros a maior parte de nossas velas.

Foi Deus servido que no cabo de tres dias entrasse o vento a amainar, mas o mar ficou tão picado, que o navio não podia supportar as velas. Emquanto as ondas assim sacudiam o *Leicester*, sem vermos os mais navios de nossa conserva, começou a companhia a murmurar, desejosa de tornar a Santos, visto como estavam todos persuadidos que a tempestade fizera retroceder e impellira para a costa os mais navios, e mais avisado lhes parecia voltarmos tambem áquelle porto.

Notando o general as vozes que corriam entre a maruja, vein á meia-coberta e ahi fez comparecer toda a tripulação.

Depois de a ouvir, declarou haver recommendado aos capitães e mestres dos navios da frota que, caso alguma tempestade os apartasse uns dos outros, fizesse cada qual o possivel por tomar o porto Desejado, ahi se detivesse quatorze dias, e, succedendo não apparecerem as mais velas, puzesse um signal na praia e continuasse sua viagem, noticia esta que a todos contentou. O general prometeu tambem vinte libras ao primeiro que avistasse uma vela.

Fizemo-nos, pois, na volta do porto Desejado (12), onde

(12) Porto na costa da Patagonia. Deve o nome a Thomaz Cavendish, que, por occasião de sua primeira expedição, surgiu n'elle a 17 de Dezembro de 1596. Demora aos quarenta e sete grãos e cincoenta minutos de latitude meridional.

dez dias depois chegámos a salvamento. Ahi encontrámos todos os nossos navios, menos o *Daintie*, o que muito nos consolou.

Como a estação estava quasi passada, detivemo-nos somente dois dias n'este porto. Em uma ilha sita diante d'elle, apanhámos alguns penguins.

Na boca do estreito de Magalhães sahio-nos contrario o vento, e bordejámos tres dias primeiro que podessemos montar o cabo do porto Famine. Varias vezes lançámos ancoras diante do cabo em vinte braças d'agua, mas as correntes repelliam de subito os navios, fazendo-os garrar de sura ancoras e amarras. Levado d'essas correntes, um dos nossos navios veio a descahir atravessado diante da prôa do *Leicester*, e forçoso foi, para safarmo-nos cortir nossas amarras, com que perdemos as nossas ancoras. Vingámos, finalmente, o cabo com muita difficuldade, e fomos surgir no porto Famine (13), onde nos demorámos sete dias, porque o tempo e o vento não nos permittiram proseguir em nossa derrota.

N'este entretanto sahiam os nossos diariamente em terra, á procura de mariscos e algumas frutas do lugar para sua alimentação, e bem assim da casca de uma arvore que tem o gosto de canella.

Certo dia em que o nosso batel foi a terra, vieram ter conosco mais de mil cannibaes trazendo pennas nas mãos,

(13) Porto na parte meridional do estreito de Magalhães. Foi n'esse local que os hespanhoes fundaram em 1581 a *Ciudad Real* ou *Filippolis*, para trancar o estreito aos seus inimigos; pereceu, porém, á fome a guarnição, que se compunha de quatrocentas pessoas. Quando Cavendish por ahi passou em 1596, restavam apenas vinte e quatro hespanhoes, que andavam vagando por aquellas solidões, um dos quaes foi recolhido na almiranta. Por esta circumstancia deu Cavendish ao porto o nome que ainda hoje conserva.

mas não quizeram chegar-se tanto a nós que os podessemos tocar. Quando lhes offereciamos alguma cousa, elles nos alongavam um bastão comprido, e em troca do que lhes davamos, apresentavam-nos as suas pennas. Demos-lhes a entender por signaes que desejavamos obter d'elles alguns alimentos, ao que nos responderam, tambem por signaes, que não tinham outra cousa senão o que podiam matar com suas flechas.

Atraz disse eu, que o mar comêra a minha roupa e a minha caixa. Achando-me, pois, n'aquella fria zona sem os vestidos necessarios para me aquecer, tinha por certo que não havia de viver muito tempo, porquanto muitos dos nossos, que pela manhã se achavam em boa disposição, á noite estavam mortos de frio. Acertei tambem de desembarcar a vêr se obtinha algum alimento, visto como estavamos muito mal providos de viveres em nosso navio.

Tornei a recolher-me a bordo, mas estava tão maltrapilho e tinha os pés tão molhados, que pela manhã os não sentia, nem pude mover as pernas, e tirando as meias, sahiram com ella os dedos. Não tinha, pois, sensação nos pés e estavam elles tão negros como ferrugem de chaminé, pelo que não podia eu dar um passo.

N'este estado permaneci quatorze dias, até que chegámos a uma formosa bahia, onde demoram varias ilhas. Nas pedras ou parceis d'essas ilhas vimos aqui e acolá umas pequenas atalaias ou guaritas feitas da entrecasca de arvores, e depois varios indios; mas nenhum quiz vir ter connosco. Do lado sudoeste encontrámos um rio, que suppuzemos correr para o mar do sul. O general mandou que o batel grande o subisse, e os nossos averiguaram ser elle estreito e fundo. Em ambas as suas margens encontram-se mexilhões e n'elles perolas; razão por que o denominámos *rio das Perolas*. A' bahia demos o nome de *Tobias-bay*, porque

foi Tobias, capitão da *Pinaça*, quem primeiro a achou e descobriu.

Partimos d'esta bahia e fomos entrando o estreito, mas não nos servia o vento, e era tão intenso o frio que todos os dias morriam em nosso navio oito ou nove homens. Harris, ourives de seu officio, perdeu aqui o nariz com o frio, pois, querendo assoar-se com os dedos, lançou o nariz no fogo, como podem testemunhar John Chamber, Cesar Ricasen e outros que se acham presentemente na Inglaterra.

Vendo o general que assim expunha á morte a sua gente, e sabendo por experiencia que aquelle vento contrario á sua navegação havia ainda de reinar, pelo menos, uns dois mezes, assentou que o mais avisado era tornar-se ás costas do Brasil, repartir a nossa frota pelos portos, surgir outra vez no de Santos, d'onde seguiria para o Rio de Janeiro e depois para o Espirito Santo. Quanto aos cabos, velas e viveres de que necessitava, esperava prover-se por meio de presas, que sem duvida faria em uma ou outra paragem.

Achava-me eu no estreito de Magalhães em tão máo estado, que todos suppunham que não tardaria a expirar, e por duas vezes me levaram acima, afim de me deitarem ao mar, como teria acontecido se não fosse Deus servido de permittir que, quando já haviam feito a prece dos moribundos, segundo o costume, e me haviam agarrado para me sepultarem nas ondas, cobrasse eu a falla, e lhes pedisse que me deixassem morrer primeiro para então me jogarem ao mar.

O general, deliberado a se fazer na volta do Brasil, tornou ao porto Famine, onde a frota se deteve dois dias. Contaram-se os que restavam. Mandou o general desembarcar os que se achavam mui enfermos, recahindo a escolha sobre

oito dos nossos (14). Quiz elle mandar-me tambem para terra, mas como intercedeu por mim o capitão Cocke, fiquei a bordo. Segundo disse, estava eu esfarrapado, privado dos dedos dos pés, e tão coberto de piolhos, que elles (Deus me é testemunha) fixavam-se apinhados nas carnes; e isto não se dava só comigo, mas com muitos outros. Não tinha cama, e jazia sobre uma caixa.

Sahiram os nossos navios do estreito (15), menos o *Daintie*, que a tempestade apartára de nós na altura do Rio da Prata, e não o tornámos mais a vêr; o *Crow* sosso-brára.

Despejado que foi o estreito, fomos surgir no porto Desejado. Ahi dirigiram-se os batéis á ilha dos Penguins para apanhal-os, e o general recebeu um cirurgião que curava os doentes com palavras. Veiu elle a bordo ter connosco, e havendo proferido algumas palavras sobre meus pés, reapareceu-me nas pernas e pés a sensação que, havia quatorze dias, eu perdêra. Antes da vinda d'este homem havia eu posto muitas vezes ferros aos pés, sem que me despertassem a sensação, apezar de estarem esses ferros quentes.

Quando estavamos a largar d'este porto, o general convocou a seu bordo os capitães dos navios, e lhes recommendou que o acompanhassem em sua derrota até meia-noite, e então se afastassem d'elle, quando fizesse um signal de duas luzes, e d'essem volta para terra. Davis, porém, capitão do *Desire*, e Tobias, mestre do hiate ou pinaça, nos enganaram e voltaram para o estreito, como posteriormente

(14) « All the suche men in the galeon were most uncharitably put a shore into the woods in the snowe, raine and cold, where men of good health could skarcely indury it, where they ended their lives in the highest degree of misery. » — *John Jane*.

(15) A 18 de Maio de 1592, segundo John Jane.

eu soube por alguns dos seus tripolantes que foram apprehendidos depois de mim no Brasil (16).

Tres ou quatro dias depois saltou comnosco uma tormenta, que rompeu o mastro do *Roebuck* e fêl-o apartar-se de nós, de modo que ficámos no mar, mettidos em um navio grande sem companhia alguma.

Não sabiamos o que nos cumpria fazer. Assentou-se, finalmente, em seguirmos para Santos, com o fundamento de ahi encontrarmos os navios de nossa conserva.

Durante essa tempestade estava eu sentado sobre uma caixa sem poder utilizar-me dos meus proprios membros ; e, succedendo inclinar-se o navio de um lado, resvalou a caixa de estibordo para bombordo, indo parar entre um canhão e a cama do mestre carpinteiro de um lado, e do outro, entre igualmente um canhão e a cama do cirurgião, e assim permaneci toda a noite penetrado de frio. Graças a Deus, não virou a caixa, que, se tal houvesse acontecido, eu não teria certamente evitado a morte.

Ao outro dia acalmou-se a tempestade. A maior parte dos marinheiros e gageiros, fatigados da faina da noite inteira, vieram dormir debaixo da coberta, e quando os chamavam para algum serviço não acudiam. Isto deu lugar a que o general descesse, munido de um pedaço de cabo do tamanho e grossura de um braço. Um dos marinheiros, vendo-o appproximar-se, escondeu-se atraz de mim, mas o general deu fé d'elle, e atirou-lhe um golpe que me alcançou em um

(16) Cavendish attribue todas as suas desgraças a essa retirada do capitão Davis com os pequenos navios da flotilha, unicos proprios para entrarem em nossos portos.

John Jane, amigo do capitão Davis, lança a culpa a Cavendish, que, alterando sua derrota, deu lugar a que se apartasse o *Desire* do *Leicester*. Foi o *Desire* surgir no porto desejado, e, tendo ahi esperado embalde pelo general, seguiu para o estreito de Magalhães.

lado da cabeça, com que fiquei como morto; e como meia hora depois ainda me achassem a jazer no estado em que me deixára o general, agarraram-me para me lançarem ao mar por uma das portinholas, mas aprouve ao Senhor que eu entrasse a fallar justamente n'essa occasião, o que me valeu a vida. Aqui um d'aquelles indios, que foram de noite á camara do general, acertou de cahir ao mar e morreu.

Depois de passarmos muitos trabalhos, alcançámos enfim o porto de Santos, onde, porém, não encontrámos nenhum dos navios que se haviam apartado de nós. Aferrámos diante de um engenho sito na borda do mar. Perguntou o general se alguém desejava desembarcar, e a isto se offereceram os capitães Stafford, Southwell e Barker, e com elles mais umas vinte pessoas. Metteram-se em um batel feito de caixas de assucar e aduelas de pipas de vinho, vogaram para terra e assenhorearam-se do engenho. Ahi encontraram um barco grande; tomaram-n'o, encheram-n'o de viveres, e o enviaram para o nosso navio, onde foi mais aceito do que se viêra carregado de ouro. Ficámos ahi todo este dia. No outro tornaram elles a enviar ao *Leicester* o batel grande carregado de assucar e milho. O general lhes mandou recado que se recolhessem quanto antes a bordo, ao que responderam que ainda havia provisões em terra, e não se reembarcariam emquanto não expedissem tudo para bordo.

Tres dias depois de haverem os nossos desembarcado, foram sorprendidos pelos portuguezes. Lá se achava o batel pequeno, mas, como o vento cursava de terra, succedeu que este dia não foi a ella o batel grande, e sim no immediato, e de volta nos trouxe a noticia de como fôra aquelle outro batel espedaçado e os nossos mortos. Um dos indios, de que tenho fallado varias vezes, havia acompanhado os nossos. Quando estes e os contrarios se achavam no mais acceso da briga, o indio, vendo-se já ferido de flecha no pescoço,

boca e mais partes do corpo, e conhecendo a disposição do lugar se pôz em fugida, nadou para o *Leicester* em um pedaço de madeira, e nos referiu que toda a nossa gente havia sido rôta (17).

Pareceu ao general acertado partir d'este porto para a ilha de S. Sebastião, e caso não encontrasse ahi nenhum dos seus navios seguir para a Inglaterra; mas no dia em que iam os partir de Santos appareceu além da boca do rio Bertia (18), onde nos achavamos surtos, o navio *Roebuck*. Disparou um tiro de canhão, a que respondemos. Veiu, pois, ter connosco com o seu mastro partido, e juntos nos approximámos da cidade, afim de arrasal-a com a nossa artilharia. Encalhou, porém, o galeão *Leicester* pela pouca profundidade d'agua, e com muito custo foi posto a nado. Em consequencia d'isto, assentou-se em que se dirigissem oitenta homens para um pequeno rio que não fica longe da cidade, e desembarcassem no campo das mandiocas, batatas, bananeiras e pinheiros.

Os portuguezes, vendo os nossos subirem o rio, sahiram ao seu encontro em seis canôas; mas, tanto que os nossos atiraram, retrocederam, de modo que dos batéis, depois de se haverem provido abundantemente d'aquellas raizes, se tornaram a recolher a salvamento em nossos navios.

Achava-se no *Leicester* um portuguez que tinha sido apriisionado no navio que tomámos em Cabo Frio. Acompanhára-nos em nossa viagem ao estreito de Magalhães. Vendo os males que nos affligiam, disse que conhecia uma cidade

(17) Esta narração differe em varias circumstancias de Cavendish. —*Carta citada.*

(18) Bertioga? Cavendish diz haver surgido na *bahia de S. Vicente*; mas um navio do porte do *Leicester* não podia surgir senão na *barra grande de Santos*.

chamada Espirito Santo, da qual os nossos navios se podiam approximar, e nós, a nosso salvo, assenhorearmo-nos de muitos engenhos e havermos n'elles numeroso gado. Este dito do portuguez nos fez mudar do proposito em que estavamos de buscar a ilha de S. Sebastião ; dirigimo-nos, pois, para o Espirito Santo.

Depois de uma viagem de oito dias, chegámos á boca do porto, e emfim surgimos. O general ordenou logo que sabissem os batéis a sondar o canal que vai para o interior, e isto feito não se encontrou metade da profundidade indicada pelo portuguez. Contrariado o general, e entendendo que o portuguez o illudira, fêl-o enforcar sem mais indagações (19).

Todos os gentis-homens, que ainda restavam, pediram para sahir em terra e entrar á cidade. Não pareceu ao general acertada a empreza, e apresentou differentes difficuldades, mas nem por isso desanimaram aquelles, e tanto insistiram, que o general escolheu cento e vinte (20) dos melhores homens que havia em ambos os navios, e lhes deu por chefes o capitão Morgan, excellente soldado, e o tenente Royden.

Um dos batéis foi ter diante de um fortim, d'onde os nossos repelliram os portuguezes. O segundo batel entrou um pouco mais pelo rio, e chegou a um lugar onde escaramuçaram vivamente com o inimigo, perdendo quasi todos os nossos as vidas ; porquanto, havendo desembarcado sobre uma penha que se achava diante do forte, ao saltarem do batel, resvalaram, e, armados como estavam, cahiram no

(19) O piloto portuguez assegurára que o general encontraria cinco braças d'agua na barra do Espirito Santo, o que está de accordo com o que affirma Pimentel em seu *Roteiro*, pag. 304: « na entrada d'esta bahia ha oito, sete, seis braças, e mais dentro cinco. »

(20) Obra de oitenta homens, diz Cayendish.

mar e se afogaram quasi todos. Em uma palavra, perdemos oitenta homens (21), e dos quarenta que voltaram não havia um que não estivesse ferido de flecha, e alguns o estavam em cinco e seis partes do corpo.

Uma vez que não tínhamos aqui que esperar proveito algum, assentou-se em voltarmos á ilha de S. Sebastião, onde queimar-se-hia um dos nossos navios, e depois seguiríamos para o estreito de Magalhães. Os do navio *Roebuck*, inteirados d'isto, se foram embora durante a noite, de modo que tornámos a ficar sós. Aportámos de feito na ilha de S. Sebastião, segundo fôra determinado.

N'este entretanto permanecia eu debaixo da coberta, enfermo, estropiado e quasi morto á fome, e tão desfallecido estava que não podia subir nem descer.

Quando chegámos a esta ilha de S. Sebastião, foi o primeiro cuidado pôrem os doentes em terra, afim de que elles se houvessem como melhor podessem. Foram desembarcados vinte, que com quanto se achassem fracos, podiam todavia ter-se em pé e andar; eu, porém (bem como um outro), estava em pessimo estado, pois—pobre de mim!—tinha ainda esbrugados os dedos dos pés, o corpo fraco, e não podia andar nem fallar.

Assim indisposto me depuzeram em terra, e n'esse lugar permaneci desde as cinco horas até das onze para o meio-dia, quando o sol, attingindo o ponto culminante, diffundiu-me tal calor pelo corpo, que voltei a mim, despertando como de um somno. Olhei ao redor de mim, e vi os que foram postos em terra comigo, uns mortos e outros moribundos. Haviam elles comido de certas ervilhas que crescem na borda do mar, e envenenaram-se! Quando vi estendidos alli aquelles companheiros, rendi graças a Deus por havêl-os

(21) Vinte e cinco, assegura Cavendish. Em pontos essenciaes di verge a carta de Cavendish da narração de Knivet.

livrado de suas misérias, e lamentei que tão cruel fosse a minha desventura, que a mesma morte se recusava a pôr fim á minha penosa e mesquinha existencia!

Olhei para o interior da terra, e, não descobrindo senão aquellas ervilhas, reflecti que, se comesse d'ellas, morreria, e se não comesse, o resultado seria o mesmo — pereceria de fome. Fitei o mar, esperando que de novo viesse o batel á terra; mas, ai de mim! foi illusoria a minha esperança. Não me restava, pois, senão aguardar que dentro em breve viesse a morte.

No entretanto, baixando as aguas, foi Deus servido que eu avistasse o que quer que fosse a se mover na praia; fui-me arrastando para ella de gatinhas, qual uma criança, e encontrei na lama muitos carangueijos. Tirei uma das minhas meias, enchi-a d'aquelles crustaceos, e, ajudando-me o melhor que pude, dirigi-me de rastos para uma figueira ôca, onde achei um grande fogo. Puz os carangueijos sobre as brasas e comi-os; isto feito, deitei-me e dormi até á seguinte manhã. Quando amanheceu, puz-me a observar a maré, esperando tornar a obter do mesmo alimento, e assim me fui nutrindo uns oito ou nove dias, sem vêr pessoa alguma.

Como o fetido dos cadaveres, que o mar não levára, era mui forte, procurei afastar-me d'aquelle lugar. Fui caminhando pela praia á procura de outro sitio onde assistisse, e cheguei a um formoso rio que desagua no mar. Como havia ahi agua doce, pareceu-me que encontrára um excellente local onde me fixasse; mas não se havia mettido meio quarto de hora depois que ahi chegára, quando vi um grande vulto levantar-se d'agua, o qual vulto tinha no dorso grandes escamas, medonhas e não menores garras, e uma comprida cauda. Dirigio-se esse animal para mim, e, não podendo eu evital-o, fui ao seu encontro, e fiquei attonito com vêr

diante de mim semelhante monstro! Deteve-se elle abrindo as fauces, e me apresentou uma comprida lingua, qual harpão. Entreguei-me nas mãos do Senhor, certo de que seria devorado; retrocedeu, porém, o monstro, e metteu-se outra vez no rio. Acompanhei-o até á margem.

Não ousando permanecer n'esse sitio, no seguinte dia fui mais para dentro, e encontrei na praia, a modo de um navio de quilha para cima, uma balêa, coberta de uma sorte de musgo, por alli se achar desde algum tempo. Construi n'esse lugar uma cabanazinha, e vivi quatorze dias da balêa.

Por esse tempo mandou o general desembarcar, no lugar em que me haviam posto em terra, quarenta homens a cargo de John Chambers (de presente em Londres), para ahi pescarem com uma rêde e limparem o seu batel. Desembarcada esta gente, abandonei o meu rancho e a balêa; e como achava-me então soffrivelmente bem disposto, e podia caminhar por haver curado os dedos dos pés com agua do mar, fui ter com os nossos.

Tendo estado esses homens em terra sete ou oito dias, e havendo preparado agua e lenha para o navio, desembarcaram os portuguezes do Rio de Janeiro na ponta do norte da ilha, não longe da balêa, e apprehenderam dois dos nossos, escapulindo-se um terceiro, que á noite nos veio avisar de como haviam sahido em terra portuguezes e selvagens.

N'este mesmo dia apanhámos na praia uma grande taruga, e rogámos aos companheiros que tivessem animo, pois, a ser aquillo verdade, bom seria para nós, persuadidos como estavamos, que o general não nos tornaria a receber a bordo (22). Encommendámo-nos, pois, a Deus,

(22) Cavendish assegura que muitos dos seus preferiam passar-se para os portuguezes a acompanhá-lo outra vez ao estreito de Magalhães.

bebemos agua pura á saude de nossos amigos, e resolvemos caminhar pela praia, com uma camisa branca á guiza de bandeira de paz (o mar, porém, estava tão alto que a não podemos fazer vêr). Assentámos de montar guarda, revezando-nos aos quartos, até que os avistassemos.

Fui eu quem fez a primeira guarda, e estando fatigado de vigiar, chamei um dos companheiros para me render mas, respondendo-me elle com voz forte : — Tá! tá! isso não passa de uma mentira!—fui ter com elles e me detei a dormir junto ao fogo. Não havia, porém, adormecido, quando foram connosco os portuguezes. Levantei-me de prompto, mas fui agarrado de um d'elles por uma perna. Levaram-nos todos para bordo do mar. Bateram com páos accesos sobre as cabeças de todos que foram apprehendidos comigo.

O indio que me vigiava estava munido de um facão, e correu-me duas ou tres facadas, mas eu as evitei e exclamei em portuguez « que lhes contaria algumas novidades se me poupassem a vida. »

Acudiu um portuguez, e tomando-me preso, contei-lhe algumas cousas como melhor pude, e assim conservei a vida por então.

Entregando-me o portuguez outra vez ás mãos de um selvagem, declarei que acompanharia aquelle para onde me quizesse levar, ao que observou o portuguez que eu nada tinha que temer, visto como o selvagem era um dos seus escravos e conduzir-me-hia ao capitão. Assim, que forçoso me foi acompanhar o selvagem, sem saber para onde.

Levou-me este cannibal pela praia, e fomos ter a uma penha que sahe ao mar; tomou-me então elle ás costas, e, tendo nadado comigo por fóra dos parceis, continuámos a nossa viagem, e caminhámos quasi toda a noite, até que emfim chegámos a um grande banco na costa. Ahi o

selvagem assobiou, foi respondido por um outro selvagem, e appareceram immediatamente cinco ou seis portuguezes, e entre elles o capitão.

Este trazia nas mãos um pedaço de pão e marmelada, e ao vêr-me perguntou o que tinha de novo a lhe dizer? Respondi que tinha muita fome, pelo que lhe rogava que me dêsse alguma cousa a comer, e depois lhe contaria tudo o que soubesse. Entraram os portuguezes a rir, e deram-me pão e peixe. Feita a refeição, respondi com verdade a tudo quanto me perguntaram.

N'esta sorpresa morreram vinte e oito dos nossos, escapando sómente eu e Henrique Barraway, pela minha intervenção.

CAPITULO II

Knivet é levado ao Rio de Janeiro e convive com os portuguezes e indios.—Faz varias excursões n'aquellas partes.

No dia seguinte o *Leicester* levantou ancoras e se fez á vela; mas para onde não sabia eu.

Quanto a nós, levaram-nos os portuguezes para o Rio de Janeiro. Estava eu ás ordens do sujeito que, na noite em que me aprisionaram, salvou-me a vida. Era este sujeito um *mestiço*, o que quer dizer—meio portuguez, meio indio.

Em numerosas canôas chegaram os portuguezes á cidade de S. Sebastião, sita no Rio de Janeiro.

Entraram fazendo uma tal matinada com gaitas e tambores, que acudiram á praia todos os vizinhos da cidade para nos verem. Dispuzeram-se as canôas em circulo, como se fossem combater. N'isto me agarraram dois portuguezes e me jogaram para terra, dizendo: *Ahi vai o nosso esbulho.*

Descabeçava a maré com muita força e levou-me para o fundo. Eu ter-me-hia, sem duvida, afogado se não me valêra uma certa mulher, a qual, vendo que a correnteza me arrebatava, mandou em meu auxilio dois ou tres dos seus negros, e assim me salvou.

Sendo em terra, e sabendo que todos os portuguezes se achavam na igreja de Nossa Senhora (23), quiz entrar tambem no templo, mas não m'o permittiram elles pela razão de não ser eu *christão*.

Levaram-me logo á presença do governador (24), que fez presente de minha pessoa ao mesmo individuo que me salvára a vida, com o que muito folguei, porque não havia sido maltratado d'esse sujeito, desde que com elle vim da ilha de S. Sebastião. Assisti com elle tres mezes. Pôz a meu cargo uma casa de sua priopriedade. Levava eu os seus porcos para o mar, e ao voltar trazia-lhe uma mancheia de grandes caranguejos, que eu tirava dos buracos que esses crustaceos fazem na luma, mettendo o braço quanto este podia alcançar.

Foi-me esta uma vida commoda. Meu amo chamava-me de filho; jantavamos e ceivamos juntos; dormia eu em uma rêde no mesmo quarto que elle occupava.

Certo dia em que eu estava occupado a lavar na praia os bucorinhos, fui sorprendido por uma canôa com portuguezes. Levaram-me comsigo para a cidade. Não tardei a descobrir a casa de meu amo e corri para ella. De caminho vi Henrique Barraway.

No seguinte dia fui conduzido á presença do governador. Perguntou-me quem era; respondi-lhe que um pobre mari-

(23) Não nos consta que houvesse então na cidade de S. Sebastião alguma igreja com esta invocação.

(24) Salvador Corrêa de Sá, que exercia o seu segundo governo desde 1578.

nheiro. Ouvindo isto, Henrique Barraway quiz reprehender-me, e perguntou-me qual era o meu intento exprimindo-me assim. Retorqui-lhe que eu não era senão o que havia dito.

Ordenou o governador que me levassem para o engenho.

Ahi permaneci tres mezes, incumbido de andar acima e abaixo, em um batel, a transportar cannas e madeira para o engenho. Labutei assim até que se fizeram em pedaços os meus vestidos.

Vida mofina! Não tinha que comer nem que vestir, e recebia tantas pancadas como um escravo nas galés. Desesperado, envergonhado de que os portuguezes me vissem por mais tempo tão desnudado, assentei de fugir para as florestas, e assim fiz.

Preparei uma cabana em uma grande cavidade no mato, e n'ella vivi sete mezes.

De dia ia pescar para viver, e de noite buscava a casa dos indios, com quem commutava peixe por farinha de cassave e varias sortes de raizes que me serviam de pão. Afinal mandou o governador buscar-me, vestiu-me e ordenou-me que fosse trabalhar em uma horta. Para ahi transportava terra, e cavava para plantar couves e nabos.

Algum tempo depois tive ordem de metter-me de novamente no batel de assucar. D'esta vez trataram-me mais duramente que d'antes, pois o feitor tinha-me odio e a todos os inglezes, e procedia comigo como se eu fôra antes um cão do que um homem.

Havia quatro mezes que eu lidava no batel, quando chegou do Espirito Santo Martim de Sá, um dos filhos do governador.

Este homem, compadecido de minha sorte e misera vida, pediu ao pai que me dêsse a elle, o que lhe foi concedido, e muito contente fiquei com o meu novo amo.

Tendo eu servido dois annos a Martim de Sá, succedeu desgostar-se elle de sua madrastra (25), d'onde se causou ordenar-lhe o governador seu pai, que elle fosse para um lugar chamado *Wianasses* (26), cujos moradores tinham pazes com os portuguezes, e por facas e machados lhes vendiam mulher e filhos.

Acompanhei meu amo em sua viagem.

Chegámos a um lugar chamado *Jawarapipo*, o que vale tanto como: *é esse o cão?* Vendo Martim de Sá que eu o servia com solicitude, ordenou-me que com oito dos seus escravos, carregados de machados e facas, fosse buscar um outro genero de selvagens chamados *Pories* (*Puris*), que haviam igualmente assentado pazes com os portuguezes; desde muito, porém, os portuguezes os não procuravam.

Fui, pois, ao dito lugar, onde me receberam do seguinte modo:

Fui conduzido a uma casa grande, que suppoz ser do rei d'elles, a quem chamavam *merovichava* (*morubixaba*). Tanto que ahi cheguei, ataram uma bonita rêde entre dois postes, e me fizeram sentar n'ella. Isto feito, apresentaram-se-me não menos de vinte mulheres, algumas das quaes repousaram as cabeças sobre os meus hombros, e outras sobre os meus joelhos, e entraram todas a fazer uma tão temerosa algazarra, que fiquei pasmo; entendi, porém, que devêra conservar-me quieto até que houvessem acabado (27).

(25) *Schoonmoeder*, assim como a palavra franceza *belle-mère*, tanto significa *sogra*, como *madrasta*.

(26) Os habitantes é que se chamavam *Guayanazes*, e senhoreavam a costa desde Angra dos Reis até Cananéa.

(27) « E' mui geral entre os indios este costume, mais natural do que talvez pareça á primeira vista; porquanto o primeiro sentimento que se agita é o do lapso de tempo decorrido desde a ultima entrevista, dos amigos perdidos n'este intervalo, e das mudanças e vicissitudes da vida humana. » — *Southey*.

Retiraram-se as mulheres, e entrou um velho, cujo corpo estava pintado de vermelho e negro. Tinha na cara tres grandes buracos, um no labio inferior e outro em cada face; em cada um d'esses buracos trazia uma pedra verde. Armado de uma maça ou espada de páo, se pôz diante do lugar que eu occupava; fallou com voz firme e forte; bateu nos peitos e coixas, berrando como se houvêra perdido o sizo. Não fez outra cousa o velho cannibal senão gritar e passeiar de um para outro lado. Depois de todo esse berreiro, bateu-me sobre a cabeça, deu-me as boas vindas, e mandou que me apresentassem a comida que havia em sua casa.

Duas ou tres horas depois da minha chegada havia-se propalado, por toda a aldêa e lugares vizinhos, que eu alli era vindo.

Estando eu n'essa aldêa, veio ao lugar em que me achava um selvagem chamado Waynembuth, acompanhado de duas mulheres. Este selvagem Waynembuth tinha odio entranhado aos portuguezes. Collocou as mãos no pescoço d'aquellas mulheres, e começou a bailar com ellas diante de mim.

Tendo assim dansado obra de um quarto de hora, fallou-me por estes termos: « Estais vendo estas mulheres? Pela minha valentia conquistei os seus favores, e jurei satisfazer o seu desejo, que é matar-te, como tenho feito a outros. »

Observei-lhe que eu não viêra como inimigo seu ou de algum dos seus, e sim como amigo para lhes trazer algumas cousas que sabia lhes faltavam; e se só a minha vida o podia satisfazer, assegurava-lhe que por isso haviam de soffrer elle e a sua aldêa. A isto não me respondeu, e encaminhou-se para os meus haveres, que eu puzêra junto a mim para passal-os às suas concunbinas.

Vendo eu isto, levantei-me da rêde, puxei da espada, e o

repelli de tal modo dos meus haveres, que quasi o puz por terra e tirei-lhe a vontade de repetir a tentativa. Foi-se pôr ao longe a dizer-me injurias e a ameaçar-me de matar-me, e isto com taes gritos que acudiu o *morubixaba*.

Vendo-me este com a espada em punho, perguntou-me o que havia. Contei-lhe o que se passára entre mim e o meu adversario. Ouviu-me o velho, e, voltando-se então para o cannibal que me quizera fazer força, perguntou-lhe que razões tinha para lhe fazer tal vergonha, offendendo a um dos seus amigos em sua casa ? E com animo irado intimou-lhe que se retirasse de sua aldêa, pois do contrario arrepende-se-hia de alli ter ido.

Com isto retirou-se Waynembuth com suas barregãs, temendo mal maior.

A' seguinte manhã recebemos a noticia de como Waynembuth se puzera em marcha com trezentos flecheiros, com o fim de levar-me á força para sua aldêa e ahi matar-me, segundo o modo de sua terra, bem como que recommendára ás suas mulheres que tivessem preparado o vinho por toda a aldêa.

Informado d'isto o velho *morubixaba*, logo ordenou que todos os seus se puzessem em armas, e abalassem com elle para repellir o cannibal que lhe viêra fazer aggravo. Mostraram-se todos igualmente dispostos e animados, dizendo que preferiam morrer a incorrer no desagrado do *morubixaba*.

Abraçou-me este varias vezes, e pediu-me que o esperasse em sua casa. Agradei-lhe a sua generosidade, mas protestei que de nenhum modo me deixaria ficar em casa. Sahi, pois, com elle a campo para dar batalha aos cannibaes.

Sendo no campo, averiguámos que eramos muito mais numerosos que os contrarios. Enviaram-nos elles tres ou quatro dos seus, como embaixadores, para avisar-nos que

vinham folgar e escambar connosco o que tinham. Em resposta, o velho lhes concedeu a todos a liberdade de irem á sua aldêa, menos áquelle cannibal que no dia anterior o havia offendido.

A' tarde fiz presente ao velho de todos os meus haveres, e lhe pedi que em retribuição houvesse de mandar-me pôr fóra de suas terras.

No outro dia deu-me o velho setenta escravos e trezentos flecheiros para me conduzirem até á outra banda do rio Parahyba. D'ahi voltou essa escolta, e em quarenta dias fui ter facilmente á ilha Grande, onde encontrei Martim de Sá, que muito folgou com a minha volta e prometeu dar-me um dos selvagens por escravo; mas, quando chegou ao Rio de Janeiro, vendeu-os todos e não me deu nenhum.

Depois de estar em casa dois mezes, quiz o meu amo mandar-me de novo ás terras dos selvagens para haver escravos. Como, porém, eu soubesse que os não haveria, mostrei má vontade a fazer esse serviço. Ameaçou-me o meu amo de reenviar-me a seu pai, conjecturando que eu preferiria ir ter com os selvagens a voltar ao batel de assucar. Mas, na esperança de ser melhor tratado, mostrei-me disposto a tornar ao engenho do governador.

Com effeito voltei, e sendo em casa do governador, ordenou-me elle que fosse pescar em um batelzinho, afim de tirar do pescado azeite para o engenho.

Certa noite sahi para pescar um cão marinho, que os portuguezes chamam *tubarão*. Para este fim colloquei-me ao lado de uma penha, puz debaixo de mim a linha de pesca e ferrei no somno.

Por volta da meia-noite, com o repontar da maré, veio um tubarão, e arrebatou-me debaixo de mim a corda e o anzol. Acordei, lancei mão da corda, e, sem saber como, resvalei da rocha. Envolvendo-se-me na perna a corda,

puxou-me o peixe para dentro do mar. Tanto que cahi n'agua, deitou-se para mim o monstro, como se me quizesse devorar. Vendo-o approximar-se e que tinha na boca o anzol, puxei-o com a mão e elle recuou. Lembrei-me que, segundo o costume dos indios, trazia atada ao pescoço uma faca; valli-me d'ella, e fiz em pedaços a corda, que, se tal não fizêra, houvêra certamente terminado a minha mesquinha existencia.

Fiquei todavia mui maltratado das pancadas que recebêra, batendo de encontro á rocha. Em quatorze dias não pude andar nem ter-me em pé.

Quando me restabeleci, tornou o governador a mandar-me pescar.

Por esse tempo soube-se no Rio de Janeiro que o Sr. Hawkins (28) se achava no Cabo Frio. Esta noticia foi parte para que eu com tanto melhor vontade sahisse á pesca, quanto esperava abordar os seus navios.

Com effeito, estando a pescar, certo dia, junto á uma ilha arredada duas leguas de terra, passaram por diante d'ella ao longe os navios do Sr. Hawkins, e como o tempo estava claro os pude reconhecer. Tanto que os avistei, mandei que desembarcassem na dita ilha os indios, que me acompanhavam, recommendando-lhes que fossem procurar provisões para nós. Conjecturava eu que o Sr. Hawkins levaria a sua gente a refrescar, áquella noite, na ilha de S. Sebastião.

Desembarcados os indios e terçando-me o vento, icei a vela e governei para a ilha de S. Sebastião. Mas sahiu-me tão contraria a sorte que, quando avistei os navios, fui saltado de uma subita tormenta que me impelliu para uma

(28) Parece-nos que este Hawkins não é o conhecido marinheiro inglez, *Sir John Hawkins*, mas o seu filho *Sir Richard Hawkins*, que em 1593 empreendeu á sua custa uma expedição para as Molucas e Indias orientaes, e visitou as nossas costas.

liha (29), tão pejada com parceis, que o meu batel se fez em pedaços entre elles, e eu mesmo feri-me nas rochas e fiquei em lamentavel estado. Tomei terra n'essa ilha, e n'ella passei tres dias sem comer e sem saber como a havia de abandonar.

N'este entretanto os indios que eu deixára na ilha, junto a qual estivemos a pescar, foram contar ao governador que eu os enganára. Assim informado, mandou o governador sahirem duas canôas em procura dos navios.

Abicaram as canôas á ilha em que eu naufragára, e ahi me encontraram os portuguezes mui mal ferido das rochas e quasi morto á fome. Em seguida endireitaram para a ilha de S. Sebastião, mas, como já havia partido o Sr. Hawkins, voltaram ao Rio de Janeiro.

Para ahi me levaram com as mãos atadas atraz das costas. Fui recebido de todos com apodos e o epitheto de fugitivo. Conduziram-me á casa do governador, que olhou-me com o senho carregado e ordenou que me levassem á prisão.

Estive encarcerado quatorze dias, jazendo no chão como um perro, e tendo por unico alimento agua e farinha de cassave. Tendo resistido a toda essa miseria, condemnaram-me á forca por transfuga e lutherano.

Ao passar por diante do convento dos jesuitas, sahiram os padres com um grande crucifixo, e, ajoelhando-se aos pés do governador, supplicaram-lhe que me perdoasse. Fui perdoado e reconduzido á prisão.

Tres dias depois levaram-me ao mercado com ferros nas mãos e pés, e assim me fustigaram com cordas que nenhuma parte do meu corpo ficou intacta. Depois do castigo, metteram-me de novo na prisão, segundo as ordens dadas, e n'ella permaneci mais quatorze dias, vivendo d'agua e fari-

(29) Talvez a ilha ou restinga de Marambaia.

nha de cassave. A minha cama era o chão; tinha o corpo pisado e coberto de vermes pelo contacto da terra onde me deitava.

Findos os quatorze dias, mandou o governador que me puzessem nas pernas ferros do peso de trinta libras. Carreguei-os nove mezes, e, assim acorrentado, tive de trabalhar no engenho como um escravo.

O feitor tratava-me, não como um homem, mas como um cão, pois odiava tanto a todos os estrangeiros, que nunca fui á sua presença sem a certeza de ser batido, do que resultou tomar eu tal canseira á vida, que cahi em desespero e fiz tudo para pôr-lhe termo.

Representei muitas vezes ao governador o modo deshumano por que era tratado, e com quanto elle visse que o meu corpo estava escalavrado e denegrido de bordoadas, não teve compaixão de mim. Assim, que não descobri outro meio de acabar com tão mesquinha sorte senão matando o feitor; e um favoravel ensejo se me offereceu para pôr em effeito este desigño.

Uma noite cheguei com um carregamento de cannas, despejei a canôa, e, como fazia frio, entrei para a casa de assucar e colloquei-me no assoalho diante do forno. Meia hora depois entrou tambem ahi o feitor, e, me encontrando a dormir, bateu-me de tal modo com um esgalho em minhas costas nuas, que pareceu-me haverem-se partido todos os ossos do corpo. Puz-me em pé de um salto, e vendo-o prompto a exercer sobre mim a sua perversidade repetindo o golpe, lancei-lhe os braços, e, recorrendo á uma faca que trazia comigo, feri-o no lado, no braço e nas costas. Gritou que eu o matava. Eu, que estava d'isto convencido, fugi para o grande mato. Como estava escuro, serviu-me a noite para me occultar, de modo que não souberam por onde me haviam de perseguir.

Quando clareou, vagava eu á toa, rogando a Deus que fosse servido de permittir que eu antes deparasse um leopardo ou leão que me devorasse, do que cahisse em poder dos portuguezes, pois bem sabia que, se o governador me colhesse ás mãos, infligir-me-hia o mais cruel castigo que se pôde imaginar.

Errando assim nas selvas, senti que se approximava uma partida de homens. Aterrado, não sabia o que fizesse por salvar a vida: ora corria como um louco, ora sentava-me e me punha á escuta. No entretanto percebi que de todos os lados approximavam-se homens. Afinal vi que estava em aperto; lancei então os olhos para uma arvore grande, cujas folhas do tamanho e espessura de um ninho de aguia crescem pegadas umas ás outras. Os indios chamam-n'a *cara-vala*. Ahi me escondi. Não havia decorrido um quarto de hora, quando appareceram muitos indios a procurar-me por aquelles arredores; dispararam varias settas para o lugar em que eu me occultava, mas como não deram fé de movimento algum foram-se embora.

Passei dois dias naturaes n'essa arvore, e por não haver comido n'este espaço de tempo achava-me, ao sahir do meu escondrijo, mui debilitado. Todavia, sendo noite cerrada, fui ter á praia. Seguindo por ella vi uma canôa varada em terra. Não longe d'ella dormiam tres selvagens, tendo junto a si arcos, settas, anzoes e raizes. Tomei o que me convinha. Continuei a caminhar pela borda do mar até que cheguei á ponta da ilha (30), onde dei com um selvagem adormecido na arêa.

Observando-o mais de perto, vi que era um dos escravos de meu amo, o qual havia morto a um dos companheiros,

(30) A ilha que ainda hoje se chama do *Governador*, onde sabemos que Salvador Cerrêa de Sá tinha um engenho.

pelo que não ousava tornar à casa. Tomei-lhe o arco e flechas que comsigo tinha e o acordei. Tanto que deu com os olhos em mim entrou a choramigar, pedindo-me que o não levasse para casa do senhor. Declarei-lhe que isso seria dez vezes mais fatal a mim do que a elle.

Contei-lhe o que me succedêra, e indaguei d'elle se sabia algum lugar onde podessemos pôr a salvo dos portuguezes as nossas vidas.

Este selvagem era em sua terra um personagem. Chamava-se Quarasipsiuca (Coaracyjuba?), o que quer dizer *sol amarello*. Nunca homem algum votou-me amizade mais sincera do que elle.

Após madura deliberação resolvemos nadar da ilha para a terra firme. Puzemos peito ás aguas, e com perigo de vida atravessámos aquelle braço de mar, que tem de largo, pelo menos, duas leguas. Depois de tão longa travessa tomámos terra, mui fatigados e desfallecidos, ao pé de um monte, denominado Paranapiacino. São selvas onde muitos homens eram devorados pelos leopardos, tigres, leões, crocodilos, surococouis (surucucús) e outras cobras.

Todavia preferiamos cahir nas garras de um leão ou nas fauces de uma serpente, a voltarmos ás mãos sanguinarias dos portuguezes.

Viajámos trinta e sete dias por essas brenhas, aventurando diariamente a vida, pois encontravamos muitos leões, leopardos, e grandes serpentes, mas guardou-nos o Senhor. Alimentavamo-nos de mel silvestre, palmitos e uma especie de cobra que os selvagens chamam boacyva (*boyassica*). No cabo d'esse deserto chegámos a um campo raso, onde encontramos muitos pinheiros.

Cruzando e vagando assim por essas regiões, divisámos, não longe de nós, fumo no bosque. Approximando-nos mais, conheci onde estavamos, e disse a Quarasipsiuca que esse lu-

gar era *Pianita*, onde tão bem me acolhêra Jawarapipo quando Waynembuth quiz tirar-me a vida.

Fomos, pois, ter com os selvagens, e estes nos receberam amigavelmente, particularmente o meu velho amigo Jawarapipo.

Depois de haver descansado um pouco, pedi aos indios que convocassem uma assembléa geral de sua gente, porque eu desejava, em presença de todos, dar-lhes as razões de minha vinda á sua terra. Annuiram a isto.

Quando se acharam todos reunidos comecei a discorrer, fazendo-lhes vêr que os portuguezes procediam cruelmente com os de sua nação, pois os reduziam á escravidão, marcavam-n'os como cães, e os batiam tão desapiedadamente como se não fossem de carne e osso. Contei-lhes como eu mesmo fui tratado, e lembrei-lhes o modo mui differente por que os meus compatriotas (31) se houveram em tempos anteriores com os indios. Incitei-os a levantarem os brios abatidos, e a se defenderem de taes tyrannos, que, sob a capa de amizade, os opprimiam ignominiosamente. Disse-lhes, finalmente, que eu havia morto a um portuguez, e tencionava acabar os meus dias entre os indios, uma vez que me promettesse n guardar a mim e si mesmos dos portuguezes.

Terminada a minha allocução, vieram muitos d'elles abraçar-me, e com muita segurança prometteram guardar a si e a mim, enquanto lhes corresse o sangue nas veias e tivessem braços para entesar os arcos.

Nove mezes vivi entre esses selvagens.

Por esse tempo veio Martim de Sá áquellas partes para haver mais escravos. Chegou a um lugar, que não fica longe

(31) Knivet dava-se por francez.

da ilha de S. Sebastião, e se chama *Jaquerequere* (32). Mostrou-se muito cortez com os cannibae, e fazendo-lhes mimos de facas, machados e coraes, angariou-lhes de tal sorte as vontades, que elles não só lhes entregaram para escravos filhos e filhas, como communicaram-lhe que eu e Quarasi-piuca estavam em um lugar vizinho.

Sabendo isto, mandou Martim de Sá que quatro portuguezes e vinte selvagens me fossem buscar á Pianita, os quaes, ali chegados, apregoaram tanto e por toda a parte a magnanimidade de Martim de Sá, que os selvagens, sem mais deliberação, me entregaram de mãos e pés atados.

Assim voltei ao poder do filho de meu amo.

Entregue a Martim de Sá pelos cannibae, todos os que anteriormente me haviam protestado ser os meus melhores amigos, mostraram-se agora os meus maiores e encarniçados inimigos. Zombavam de mim e me injuriavam, batiam-me na cabeça, e contavam aos portuguezes que eu envidára esforços para concital-os a se levantarem contra elles.

Martim de Sá ouviu tudo em silencio, e recommendou a alguns portuguezes e indios que me vigiassem de modo que eu não fugisse. No seguinte dia fez-me comparecer á sua presença, e disse que se compadecia de minha desdita, porque eu havia de ter provavelmente um máo fim.

Com isto dava-me a entender que o feitor do engenho havia morrido dos ferimentos que eu lhe fizera, e por isso acreditava firmemente que eu, na fórma da lei, seria condemnado e punido com a morte.

Quando acabou de fallar, pedi-lhe que me protegesse, lembrando-se dos serviços que eu prestára a elle e ao pai, e

(32) *Juquiriqueri* ou *rio de Curupacé*, limite septentrional da capitania de S. Amaro. Lança-se na enseada do seu nome, ao norte da ponta de S. Sebastião.

considerando o muito tempo em que estive sujeito ás brutalidades do feitor.

Prometteu ser-me amigo no que pudesse. Isto moveu-me a pedir-lhe que concedesse-me terminar os meus dias entre os cannibaes, certo de que eu não poderia suscitar embaraços a elle e aos seus. Não m'o concedeu, mas prometeu salvar-me a vida, uma vez que eu fosse buscar mulheres, rapazes e raparigas ao lugar chamado pelos selvagens Parahyba-Wereob.

Com quanto aventurasse eu a vida indo á terra d'esses anthropophagos, onde nunca fôra, todavia preferi (certo, como estava, de que pelo meu delicto merecêra a morte) fiar-me mais uma vez da misericórdia dos gentios a sujeitar-me á sanguinaria crueldade d'aquelles christãos portuguezes. Mostrei-me, pois, disposto a servir ao capitão, mas concebia em segredo a esperança (Deus me é testemunha) de não mais o tornar a vêr.

Dirigi-me, pois, para as florestas, acompanhado de doze selvagens, sem saber para onde.

Conduziram-me os selvagens por altos montes e varios rios caudalosos. Em terra corriamos o perigo de encontrar leões, leopardos e grandes serpentes; n'agua não receiavamos menos os crocodilos, jararacas, *capucarás* e outras cobras d'agua.

Depois de uma jornada de vinte e cinco dias por aquellas selvas, chegámos a um rio da largura do Tamisa. Disseram-me então os selvagens, meus guias, que o lugar onde tínhamos de fazer o nosso negocio era ás margens d'este rio, mas em que altura não sabiam com segurança.

Construimos um batel da entrecasca do cedro, e n'elle descemos o rio. Não havíamos levado muito tempo a acompanhar a corrente, quando demos fé de um batel da mesma feitura, no qual vogavam dois cannibaes.

Quizeram elles evitar-nos, mas como lhes levavamos vantagem em numero, os alcançámos primeiro que elles abicassem á terra.

Achava-se em minha companhia um selvagem da nação d'aquelles, chamado Morosoey, o qual foi tomado pelos *Wainasses* e vendido aos portuguezes. Sabia, pois, fallar a lingua dos *Tamoyos*, que eu entendia mui bem.

Mui admirados ficaram os dois cannibaes da canôa com verem homens vestidos, e como o seu compatriota estivesse tambem á portugueza, não o reconheceram a principio. Mas, se fez moesa a elles o vêr-nos, não menos admirado fiquei ao contemplal-os, pois em minhas viagens anteriores nunca havia encontrado selvalgens arreiados d'aquelle modo. A' primeira vista pareceu-me que, quaes passaros, haviam nascido com pennas no corpo e na cabeça. Untavam os corpos com a gomma de certo balsamo, e os traziam engenhosamente emplumados com pennas de variadas côres, tendo apenas descobertas as pernas.

Depois de nos havermos mutuamente considerado um certo tempo, ordenei a Morosoey que se dêsse a conhecer aos seus compatriotas, lhes declarasse o que alli nos trazia, e lhes pedisse que fossem annunciar em sua aldêa a nossa vinda, afim de que não perturbasse aos seus a nossa visita inesperada, o que os cannibaes prometteram fazer.

A cada um d'elles demos uma faca e alguns coraes, e com isto se foram muito satisfeitos diante de nós.

Duas horas depois vieram ter connosco, a cantar com rosto prazenteiro, alguns quinhentos selvalgens d'aquella nação. Mostraram folgar que viessemos traficar com elles, e nos convidaram a entrar em sua aldêa.

Ahi chegado, sahiram a receber-me com cantos e dansas, grandes e pequenos. Fui recebido em todas as casas pelos principaes da aldêa com muitas ceremonias e largas fallas.

No dia immediato entrei a fazer trato de escravos com elles. Comprei noventa e levei-os todos a Martim de Sá, que me esperava na Ilha Grande.

Entregando-lhe esses escravos, pedi-lhe que me deixasse ficar entre os cannibae até que elle intercedesse por mim a seu pai. Riu-se, e respondeu-me que não receiasse tornar á casa do pai, porquanto o portuguez vivia, e, tendo-se res. tabelecido dos seus ferimentos, partira para o Rio da Prata. Assegurou-me que o pai estava inquieto por minha causa, pois receiava que alguma cobra, ou leão ou leopardo, me houvesse comido.

Voltando eu depois ao governador, benzeu-se este de admirado por me tornar a vêr depois de tão longa ausencia, e mandou-me logo para o engenho, onde assisti um anno, empregado em encaixotar os assucares. N'este anno ganhei duzentas corôas em dinheiro.

Deliberei-me então a ir para Angola na Ethiopia, o que me foi concedido pelo governador, prometendo-me elle sua protecção em tudo o que podesse fazer por mim. Quando, porém, estava o navio a pique, mandou-me fóra da cidade com fingida commissão, e d'este modo fiquei em terra, e perdi tudo o que havia ajuntado para a minha viagem.

Um ou dois mezes depois succedeu serem os *Wainasses* accommettidos por uma casta de selvagens chamados *Tamoyos* (33). Aquelles haviam assentado pazes com os portuguezes e procediam como amigos, ao passo que estes eram pelo contrario, os mais encarniçados inimigos que os colonos tinham na America.

Os *Wainasses*, tendo perdido muitissimos dos seus em um combate, não estavam em estado de tornar a ferir batalha

(33) Os *Tamoyos*, que haviam occupado a costa desde o Cabo Frio até Angra dos Reis, se achavam então internados.

com os adversarios, pelo que chamaram os portuguezes em seu auxilio. Em consequencia d'esta rogativa, meu amo, governador da cidade, mandou seu filho Martim de Sá a soccorrêl-os com setecentos portuguezes e dois mil indios.

Asseguraram-nos os *Wainasses* que, quando muito em um mez, chegaríamos ás terras dos *Tamoyos*.

A 14 de Outubro de 1597 (34) partimos em muitas canôas do Rio de Janeiro. Levariamos a costa por mão em demanda de um porto denominado Paratec (Paraty), que dista d'aquella cidade trinta leguas (trinta e cinco).

No primeiro dia de viagem saltou connosco uma tormenta que nos fez receiar sossobrarmos ; o Senhor, porém, nos guardou as vidas. Todavia perdemos tudo o que levavamos connosco, pois com a tormenta viraram as canôas, e, agarrando-nos aos fundos d'ellas, fluctuámos, com grande perigo de vida, para a praia.

O lugar, em que desembarcámos, dista tres leguas do rio Wareteena.

O capitão mandou que retrocedessem as canôas ao Rio de Janeiro, afim de se proverem de viveres. Esperámos dois dias que voltassem. No terceiro fomos para um sitio da Ilha Grande, chamado Ippôa, onde assistiam dois ou tres portuguezes. Ahi tivemos para comer batatas e bananas.

Detivemo-nos cinco dias n'esse lugar, porque esperavamos quinhentos selvagens de uma ilha chamada Jawarapipo, chegados os quaes, partimos em demanda do porto de Paratec, para onde nos dirigiamos.

Era noite, e tinhamos de navegar do mar directamente para uma bahia, e ahi encontrámos infelizmente uma balêa que virou uma de nossas canôas ; mas salvou-se a gente.

Fomos, pois, abicar ao porto mencionado.

(34) Ha engano n'esta data.

No dia seguinte ao da nossa chegada o capitão mandou tirar d'agua as canôas e cobril-as cuidadosamente com ramos de arvores, pois queria começar quanto antes a sua jornada por terra.

Quando chegámos a Paratec, veio ter connosco, noite fechada, um selvagem de nome Alecio, da aldêa Jequere-quere, sita na costa defronte da ilha de S. Sebastião.

Este Alecio trouxe consigo oitenta flecheiros, e offereceu-se a acompanhar o capitão com os seus.

Puzemo-nos, pois, a caminho pelos montes.

Na seguinte noite, vendo o capitão que Alecio estava deitado no chão, tomou-me a rêde em que eu tencionava dormir, e deu-a ao cannibal, de modo que tive de resignar-me a pernoitar no chão.

Queixando-me a alguns portuguezes d'esse procedimento injusto do capitão para comigo, communicaram-me elles que o pai do capitão me havia mandado a esta jornada para dar cabo de mim, ao que observei simplesmente que *far-se-hia a vontade de Deus*.

Continuando nossa viagem, caminhámos tres dias, e fomos ter ao pé de um grande monte que os indios chamam Paranapeacano (35), palavra que significa *vista do mar*. E' este monte tão alto que levámos tres dias a subil-o e tres a descêl-o.

Dois dias depois chegámos a um campo assentado, semelhante a um prado coberto de comprida hervagem; havia ahi abundancia de pinheiros.

Ahi acampámos esta noite. Matámos passante de seiscentas cobras, mas ninguem foi mordido d'ellas, excepto um

(35) *Paranapiacaba* (sitio d'onde se avista o mar) é, como se sabe, uma serra da provincia de S. Paulo, ramo da do Cubatão; mas é manifesto que Knivet designa com este nome aquella parte da *Serra do Mar* (talvez a do *Facão*), por onde subiram os da expedição.

indio chamado Jeronymo: primeiramente ficou inchado, depois saltou-lhe o sangue dos ouvidos e unhas, e logo morreu.

Depois de viajarmos quarenta dias por valles e montes, fomos ter a um grande rio chamado Paracuona (Parahybuna?). Para atravessal-o, servimo-nos de umas cannas que atámos com juncos e flexiveis vergonteas, a modo de uma balsa, a que os portuguezes chamam *jangada*. Mas, como o vento e a correnteza eram mui fortes, gastámos quatro dias primeiro que fizessemos a travessa.

D'este rio avançámos vinte dias, e fomos ter a um grande monte denominado Penaze Wawe Apacone. Caminhámos quatro dias antes de chegar ao seu cume, já porque chovia copiosamente, já principalmente porque estavamos todos mui fracos e desprovidos de viveres. Como, porém, alimentava-nos a esperança de encontrarmos logo os inimigos, fizemos diligencia por chegar ao alto do monte, e em um dia chuvoso caminhámos desde as seis da manhã até ás duas da tarde, quando o capitão mandou fazer alto, e ordenou que cada um preparasse o seu rancho para passar a noite.

Desembarcei-me logo de minha carga, e fui ao monte cortar os ramos de uma arvore, chamada *sammambaia* (36), que nos resguardasse da chuva. Como fazia mui to frio e eu não havia comido este dia, estava tão debilitado que, tentando derribar um ramo, cahiu-me das mãos o instrumento. Tive de sentar-me sob uma arvore, onde houvera acabado os dias, se o meu fiel amigo Henrique Barraway, notando a minha demora, não viéra procurar-me. Achando-me tão incommodado que eu não podia fallar nem ter-me em pé, levou-me como melhor pôde ao acampamento, onde, tendo sido collocado diante do fogo, tornei a restabelecer-me,

(36) *Sambambair* ?

Transposto este monte, chegámos a uma região de um solo baixo e humido, onde se achavam muitos cannibae chamados *Pories* (*Puris*). A's vezes appareciam cem ou mais d'elles vindos dos bosques, e tanto que recebiam de nós alguma cousa, se retiravam sem sabermos para onde, e reappareciam outros tantos. Mantivemo-nos aqui em ordem e precavidos com boa vigia, porque estavamos mui fracos e receiávamos ser aggreddidos pelos selvagens.

Jornadeámos mais quatro dias e alcançámos o rio Parahyba, onde houvemos peixe em abundancia, e foi esta a nossa unica comida.

Certo dia sahi a pescar. Como chovia um pouco, voltaram os tres indios que me haviam acompanhado, de modo que fiquei só. Quando pretendi voltar ao acampamento pelo mesmo caminho através dos bosques, por onde tinha vindo com os indios, perdi-me. Tornei, pois, outra vez ao rio, certo de que permanecendo em suas margens, havia de dar com o lugar em que acampava o capitão. Sendo já um pouco tarde, fui ter inesperadamente a um sitio, onde se achavam alguns cem *Poris* entre homens e mulheres.

Conjecturei que morreria ás mãos d'esses cannibae; não me fizeram, porém, mal algum. Tomaram-me a faca e instrumentos de pesca, e deram-me a comer do seu alimento, que era um assado de carne de macaco. Comi satisfatoriamente, e, terminada a refeição, fizeram-me elles um apparelho de umas kannas sêccas, que podesse servir para nadar-se, e n'elle vim ter com brevidade ao nosso acampamento á margem do rio.

Esses selvagens nos indicaram um lugar a dois dias de viagem d'ahi, no qual encontraríamos favas ou ervilhas, milho e raizes de cassave.

Em um dia atravessámos o rio, e no seguinte puzemo-nos

a caminho em demanda do sitio indicado pelos *Poris*. Gastámos, porém, entre o rio e aquella aldêa sete dias.

Em dita aldêa quasi que só encontrámos mulheres, e interrogando-as ácerca dos seus maridos, informaram-nos que, tendo elles sahido a guerrear com os *Tamoyos*, foram todos mortos.

Encontrámos ahi uma porção de milho, mas não estava maduro. Todavia nutrino-nos d'elle durante uma semana inteira.

Esses cannibaes chamam-se *Tapuyas*.

Encaminhámo-nos para as aldêas de uma familia de cannibaes chamada *Waanawassous*, que não assistiam longe do lugar em que estávamos.

Chegando á uma d'ellas, appareceram-nos vinte velhos a manejar suas espadas de páo, com rosto prazenteiro, que é o modo por que, como atraz se disse, dão a alguem as boas vindas. Depois de esgrimirem por muito tempo as suas espadas, nos perguntaram o que alli nos trazia. Respondemo-lhes que vinhamos guerrear com os *Tamoyos*.

N'isto veiu connosco um velho, cujo corpo estava pintado de vermelho e azul; nas mãos trazia arco e settas e nos pés carrancas. Acompanhava-o uma de suas filhas, a qual, tendo sido captivada por um portuguez de Satumsense (santense?), fugira com outros escravos a seu senhor, e tornára á casa paterna.

N'este lugar adoeceram todos os nossos, assim indios como portuguezes, por haverem comido certa fruta doce e agradável, mas venenosa. Morreriam todos senão lhes valêra um sobrinho de meu amo, chamado Enefrio de Say, com a mezinha de um chifre, de que tinha comsigo um pedaço.

Não achamos aqui outro alimento senão algumas poucas batatas.

Fugiram-nos todos os selvagens *Waanawassous*, levando-

nos a nossa roupa branca. Carywasou, o velho de que acima fallei, acompanhado de dez rapazes ladinos, veio guiar-nos, e conduziu-nos por entre dois montes, onde, durante quarenta dias, caminhando desde a manhã até á noite, quando acampavamos, subimos pela margem de um rio.

Estavam os nossos mui fatigados e quasi mortos á fome. Os indios morriam tomados de medo de um espirito que, diziam elles, os matava, chamado Coropío (Curipira). Muitos queixavam-se de estar possuidos dos espiritos denominados Avasaty. Os que se sentiam apossados d'este espirito queriam que os atassem de pés e mãos, com as cordas de seus arcos e os flagellassem com as de suas rêdes. Não sei, porém, que nenhum se restabelecesse com semelhante processo.

(Purchas diz que Knivet lhe referira ter ouvido um indio, que estava n'esse estado, fallar com o espirito e ameaçal-o de fazer-se christão, se o espirito o perseguisse, e com tal ameaça este o abandonára).

Os mais dos nossos indios morriam de um genero de doença, que é commum em todas as terras quentes, a saber: os doentes entravam a suar, sentiam-se desfallecidos, appareciam vermes no recto, os quaes lhes devoravam os intestinos, de modo que os enfermos, sem saberem o que lhes causava o mal, morriam de langor ou consumpção.

Para combater este mal, usavam os indios introduzir no anuŝ uns pedacinhos de limão e pimenta verde. Agua salgada é igualmente um bom remedio. E' sem duvida a esta mplestia que succubem os nossos inglezes nas costas do Brasil e Guiné. A doença começa com dôres de cabeça e febre ardente; para rebatê-la, nos sangravamos logo, o que fazia morrer a nossa gente.

Tendo assim marginado o rio, chegámos a uma planicie arborisada de pinheiros, cujos fructos, porém, não estavam maduros.

Um pouco de mel silvestre foi o unico alimento que encontrámos.

Viajámos mais um mez. Entraram então os portuguezes a desanimar e lançarem de si os seus andrajos, por não os poderem trazer por mais tempo. Quanto a mim, para que conservasse a vida, tive de carregar, de ordem do capitão, dois mosquetes e de ajudar diariamente a fazer a sua cabana. E meu amigo Henrique Barraway achava-se tão incommodado, que me foi necessario conduzi-lo pela mão e ás vezes carregal-o ás costas.

N'esta jornada forçoso nos foi comermos os nossos escudos feitos de couro crú de bufalo. Comemos tambem um couro de vacca que o frade trazia para resguardar da chuva o seu serviço. Quem tinha um sapo ou cobra para comer considerava-se feliz.

No fim d'este campo, onde perdemos cento e oitenta homens, chegámos a uns montes, e entre outros a um chamado Itapuca, o quer dizer *monte de compridas pedras*. N'elle encontrámos umas pedras negras do comprimento de mais de uma vara, e tão redondas como se fossem de madeira torneada.

Chegados ao cume do monte, não podemos descer senão do seguinte modo: na encosta do monte crescem muitos vimes e arvores chamadas *jaquetivá* (jequitibá?). Prendiamos os vimes em uma arvore grande, e ajudando-nos d'elles iam os descendo a pouco e pouco bem cem braços.

N'este monte encontrámos numerosos palmitos, muito mel silvestre e toda a sorte de frutas.

Os cannibaes, nossos guias, nos disseram que dentro em quatro dias seriamos com os nossos inimigos *Tamoyos*; mas jornadeámos ainda mais de vinte por uma região arida e negra, onde mal vinha alguma herva. Todavia encontrámos muito mel de abelha fabricado no chão, bem como um ani-

mal da fôrma e tamanho de um varrão. O focinho tem mais de um covado de comprido, a cauda é grande, e de côr negra e cinzenta. Este animal introduz a lingua nos formigueiros, e quando as formigas a cobrem, elle a recolhe e engole os insectos.

Passado este arido campo, chegámos a um monte chamado Itaowbo, o que quer dizer *monte de pedras verdes*. Ahi nos vimos em maiores apuros do que nnnca.

Isto levou os portuguezes a conjurarem-se e representarem ao capitão que, ao seu vêr, o fim dos cannibaes era leval-os por aqui e acolá até que perezessem. O capitão chamou então o velho cannibal, e lhe observou que, com quanto elle cannibal lhe houvesse informado que de sua aldêa á dos *Tamoyos*, nossos inimigos, poder-se-hia ir facilmente em vinte dias, havia mais d'este espaço de tempo que o acompanhavamos. Respondeu o velho que, se dentro em dois dias, não nos conduzisse á aldêa inimiga, queria perder a cabeça, e nos daria por escravos os seus compa-nheiros.

Consoante com esta affirmação de Carywassou, chegámos dentro em dois dias defronte da aldêa inimiga, sita na banda opposta do rio Javary, rio que nasce nas montanhas do Potosi no Perú (37).

Da banda do rio que occupavamos havia muita mandioca e favas plantadas pelos selvagens d'aquella aldêa.

A' tardinha chegámos defronte da aldêa, e durante toda a noite nos conservámos occultos.

O designio do capitão era colher ás mãos, pela madru-

(37) *Jaguary*. O autor substitue nas palavras da lingua *tupí* o *g* pelo *u*. Não é crível que a expedição se internasse até o *Javary*, affluente do Amazonas; as montanhas, que Knivet chama de Potosi, são talvez as da cordilheira da Mantiqueira, pois que Martim de Sá atravessou o valle do Parahyba.

gada, alguns dos selvagens, quando acertassem de atravessar o rio em busca de mantimento.

Os nossos, esquecidos da conjunctura em que se achavam, pois esperavamos brigar com os *Tamoyos*, comeram, esta noite, tanta mandioca, que entraram todos a vomitar e não se podiam ter em pé: morreram treze.

Como não apparecesse de manhã cedo nenhum dos selvagens, ficaram os portuguezes mui admirados, e receiando que os *Tamoyos* estivessem emboscados em algum lugar, não ousaram transpôr o rio. Isto levou o capitão a ordenar-me que passasse o rio, o que fiz em um escudo de madeira.

Penetrei na aldêa e não deparei pessoa alguma; achei sómente alguns pucaros grandes cheios de milho verde, muitos melões e dois grandes abestruzes. Tomei o melhor dos mantimentos que ahi achei, levei-os ao capitão, e bradei aos nossos que não tivessem medo, pois que não havia na aldêa viva alma.

Permanecemos n'este lugar dois mezes, e n'este espaço de tempo ceifámos, de ordem do capitão, as plantações de mandioca dos indios. Recommendou elle tambem que cada qual se provesse da farinha necessaria para a torna-viagem, pois que estava resolvido a retroceder d'alli.

Não tinhamos para comer senão batatas e farinha de casave, que nós mesmos preparámos, mas não em grande quantidade.

Pegado á aldêa havia um pantano, onde, quando chovia, abundavam as rãs. Iamos apanhar-as de noite com velas de cêra.

Certa noite, em que eu tinha de entrar de sentinella á meia-noite, succedeu chover ás onze horas. Disse então ao meu amigo Barraway: « Desejava que me fosseis apanhar algumas rãs, pois não tarda chamarem-me para a guarda. »

Accedeu Barraway ao meu pedido, mas voltou logo depois com as mãos vazias, dizendo que junto ao pantano se achava uma grande cobra, que dera saltos atraz d'elle. Declararam os indios que essa cobra era das taes que avançam para o fogo.

Pedi a Barraway que me indicasse o sitio em que achava esse reptil, e, tendo-me elle informado convenientemente, muni-me do cabo de um machado, o qual era de uma madeira negra e pesada, e de uma velinha de cêra, e sahi em procura da cobra, tendo o cuidado de occultar a luz atraz de mim para não ser ella vista do meu adversario.

Chegando ao lugar indicado, e pondo a luz á vista, achei-me tão perto do reptil, que ainda quando o quizesse evitar não poderia. Tanto que a luz lhe feriu os olhos, deixou cahir uma grande rã que trazia na boca, erriçou a pelle, como um peixe grande quando levanta as escamas, escancarou as fauces, e parecia querer lançar-se sobre mim. Descarreguei-lhe o golpe, e feri-a de tal modo na cabeça e dentes, que a arma penetrou até os miolos. Depuz a vela no chão, e arredei-me cinco ou seis passos para o lado.

Estando a cobra a fazer muito ruido dentro d'agua, não tirei os olhos da luz, a vêr se, segundo se dizia, avançava ella para o fogo; mas como não fizesse tal movimento, tornei a levantar a luz e dirigi-me cautelosamente para o lugar onde a tinha ferido. Encontrei-a com a cabeça ensanguentada e os olhos esbugalhados: estava morta. Amarrei-a então com um comprido vime em torno da parte dianteira do corpo e arrastei-a para o acampamento.

Chegando ao meu alojamento, perguntei se me haviam chamado para a guarda, ao que Barraway e um portuguez me responderam negativamente. Comecei então a cortar a cobra aos pedaços para dar d'ella ao capitão e repartil-a com os nossos.

Estava entretido com este serviço, quando chega à porta o nosso alferes, entra e começa a esbordoar-me com um pedaço de pão. Não sabendo o que o movia a tão insolito procedimento, agarrei-o e cahimos ambos. Acudiram os portuguezes que se achavam na casa; separaram-nos, e perguntaram ao alferes por que razão me aggredera d'aquelle modo. « Porque, respondeu elle, o capitão se havia levantado e não encontrára pessoa alguma de guarda. » Ouvindo isto, affirmaram todos que ninguem me havia chamado.

Ordenou o alferes que eu fosse apresentar-me ao capitão. Fui; mas este, sem me ouvir, ordenou que dois indios me atassem a um poste e me surrassem com as cordas de uma rêde. Roguei ao capitão que indagasse do caso, e se averiguasse ter eu commettido falta, poderia então mandar-me enforcar, segundo a lei militar.

N'este entretanto, não havendo ainda os indios desembaraçado as cordas da rêde, entraram João de Sousa, homem de idade, capitão da nossa guarda avançada, e uns vinte portuguezes que assistiam comigo no mesmo quartel, e vendo-me amarrado ao poste, observaram ao capitão que eu não era culpado, porquanto ninguem me havia chamado. A' vista d'isto ordenou o capitão que me soltassem, e mandou-me para a guarda.

Tornei ao alojamento em procura da espada, e dirigi-me incontinenti ao lugar em que tinha de velar. Ahi encontrei o sujeito que, em minha presença, affirmára ao capitão que me havia chamado e não recebêra resposta. Logo que o vi, perguntei-lhe se não se pejava de me ter levantado um falso testemunho. Em resposta entrou a vomitar palavras injuriosas, chamando-me *perro de inglez*, *heretico*, etc. Vendo-me assim offendido por aquelle bruto mestiço, segurei a espada com ambas as mãos, e assentei-lhe com os copos tal pancada na cabeça, que lhe fiz uma grande ferida.

O capitão, informado do occorrido, mandou metter-me immediatamente no tronco com ferros nas mãos.

Assim passei toda a noite e uma parte do dia seguinte. Pela tarde vieram dois portuguezes lêr-me uns artigos aranjados pelo capitão ou de ordem d'elle, nos quaes se continha que eu matára varios indios doentes por havêl-os encontrado a sós, e brigára e fizêra desordem no corpo da guarda, do que poderia ter facilmente resultado uma revolta, e por tudo isto era condemnado á morte. Lidos estes artigos com sua sentença, recommendaram-me os portuguezes que me preparasse para morrer, e retiraram-se.

Meia hora depois veio o frade ter comigo, e me perguntou se estava disposto a confessar-lhe os meus peccados. Respondi-lhe que eu não havia roubado a ninguem, e escusado era manifestar-lhe em confissão os meus peccados, porque Deus sabe e conhece todos os segredos do coração dos homens.

Depois de me admoestar e aconselhar sobre varias cousas, retirou-se tambem.

Foram todos os portuguezes pedir ao capitão que me perdoasse. O capitão, longe de os attender, declarou, que, se elle não me fizesse enforcar, não lhe permittisse Deus voltar á terra de christãos.

Permanecendo eu nos ferros e no tronco, tornou o frade a vir ter comigo pelas quatro horas da madrugada, e me rogou que, achando-se proxima a minha ultima hora, preparasse-me para morrer como christão. Respondi-lhe que esperava achar graça no Senhor.

Das seis para as sete horas entrou um alferes, acompanhado do escrivão, de dois ou tres portuguezes, e um indio que trazia nas mãos uma corda. De ordem dos portuguezes passou-me este indio a corda em torno do pescoço, e assim fui conduzido ao lugar da execução.

Achando-se então agrupados ao redor de mim todos os portuguezes, fallei-lhes em voz alta por estes termos :

« Meus senhores, o capitão não me condemnou à morte pelos malefícios que acaso praticasse ; mas levado do odio que me tem, o qual provém de um falso dito de seu primo, que aqui se acha presente, como se eu o não tivesse querido salvar. Por estas, e não por outras razões, é que me condemnaram á força. »

Emquanto assim fallava, desceu da parte superior da casa o indio, que fazia de carrasco, e empurrando-me a cabeça, disse : « Que é que estás ahí a dizer ? Não sabes que o pai do capitão mandou-te para aqui afim de que nunca mais voltasses ? »

Encolerisaram-se então os portuguezes com o carrasco. João de Sousa, Graned del Galbo, Fostino Albanos e uma grande parte dos portuguezes entraram a murmurar, perguntando uns aos outros : « Que poder tem o capitão para dar morte a este homem ? Não viemos a estes sertões em serviço do rei, senão em proveito proprio, e o capitão não é mais que um bastardo do governador. » Do que resultou ficar sustada a execução.

João de Sousa foi ao capitão e fallou-lhe assim : « Senhor, não sabemos onde nos achamos, já muitos dos nossos têm morrido, e não é avisado diminuir ainda mais as nossas forças, porquanto não sabemos se algum de nós voltará á casa. Portanto, vos pedimos que perdoeis áquelle homem, uma vez que o ferido não corre perigo, e o inglez é tão bom soldado como qualquer de nós. »

O capitão soltou uma pesada jura, protestando que eu havia de morrer.

A' vista disto, João de Sousa e outros lhe pediram que mostrasse a ordem que tinha para dar-me morte ; se nenhum a tinha da parte do rei, não havia eu de morrer

n'aquella occasião, pois que elles, tanto quanto o capitão, responderiam pela minha vida.

Ouvindo isto, sahiu o capitão transtornado de colera, fazendo recriminações a João de Sousa, que era, dizia elle, o patrono dos rebeldes. Mas João de Sousa assegurou que manteria tudo o que havia dito. E assim livre-me da forza.

Estivemos dois mezes n'esta aldêa, como disse; e depois de nos provermos o melhor que podemos, seguimos para outra, onde havia milho plantado de fresco. Ahi detivemo-nos tres mezes á espera que amadurasse o milho.

D'esta aldêa tornaram os portuguezes para casa, menos eu e doze galhardos mancebos, pois pedimos ao capitão a nossa dispensa afim de irmos correr aventuras, o que nos foi concedido.

Quanto a mim, solicitei a minha dispensa, porque receiava que o capitão me maltratasse durante a volta. Demais, parecia a todos pouco avisado voltarmos ao Rio de Janeiro, uma vez que não sabiamos onde estavamos, e não ousavamos retomar o caminho por onde vieramos, pois os *Pories*, *Lepos*, *Tominenos* e outros cannibae, vendo-nos tão fracos, certamente haviam de dar sobre nós.

CAPITULO III

Singulares peregrinações de Knivet e doze portuguezes. — Estes são victimas dos selvagens anthropophagos. — Knivet assiste entre os selvagens e depois entre os portuguezes. — Foge para Angola, d'onde é reenviado para o Brasil. — Depois de muitas aventuras parte para Lisboa.

Os doze portuguezes que se despediram comigo do capitão eram os seguintes: Francisco Tavares, Luiz de Pino, Gonçalo Fernandes, Thomaz Delvare, Luiz Loello, Mathias del

Gallo, João de Silvesa, Pedro de Casta, Antonio Fernandes Gorgedias, Manoel Caldeira e mais dois.

Feitas as nossas despedidas, pareceu-nos que mais acertado era buscarmos o mar do sul do que voltarmos com as mãos vazias. Fabricámos, pois, uma canôa grande da casca de certa arvore, e n'ella fomos descendo durante uma semana inteira o rio Javary.

No fim d'este rio (38) encontrámos uma pequena aldêa de seis casas. Havia muito, porém, segundo nos pareceu, que não eram habitadas. Em ditas casas achámos muitos pucaros e vasos de terra, e em alguns d'elles uns pedacinhos de ouro presos á linhas ou cordas, com que os indios pescavam.

Encontrámos tambem pedras preciosas, algumas verdes como a relva do prado; numerosas pedras brilhantes, e tão puras como o crystal, d'ellas azues e verdes, d'ellas vermelhas e brancas, e portanto de bellissima apparencia.

Esse ouro e essas pedrinhas preciosas nos levaram a suppor que não estavamos longe do Potosi.

Abandonámos então a nossa canôa e resolvemos jornada por terra.

Encaminhando-nos ao rumo do sudoeste, fomos ter á uma montanha grande e selvagem (39).

Depois chegámos a um lugar, cujo solo, sêcco e de uma côr escura, estava crespo de collinas e penhascos. Varios ribeiros tinham ali suas origens.

Nas adjacencias de muitos d'esses pequenos rios encontrámos pedacinhos de ouro de tamanho de uma avelã, e na lama ouro como arêa.

(38) Ha ambiguidade no texto: *ten eynde der selven* se pôde referir-se tanto a *week* (semana) como *rivier* (rio).

(39) Se Knivet desceu pelo Jaguary, uma das nascentes do Piracicaba, e caminhou do rumo do sudoeste, foi ter á serra do Araraquara na provincia de S. Paulo.

Passada esta região, sahimos em uma formosa terra lavradia, onde nos provimos (?).

Em a distancia de dez dias de viagem avistámos uma montanha reluzente. Lançava de si tal brilho essa montanha, quando o sol pairava sobre ella, que, estando nós na planicie, não podiamos caminhar ao seu encontro, pois nos offuscava os olhos. Nada obstante, conseguimos chegar á sua raiz.

Ahi encontrámos muitos tamanduás.

Levámos pouco mais ou menos vinte dias a caminhar ao longo d'essa montanha, sem depararmos caminho por onde a transpuzessemos. Finalmente, chegámos a um rio que corre por baixo d'ella.

Fomos então em conselho sobre o melhor modo de passar para o outro lado. Alguns dos companheiros tiveram por mais acertado continuarmos a seguir pela raiz da montanha do que atravessal-a por aquelle rio. « Se estas aguas, diziam elles, não sahem da banda opposta, feito será de nós todos, pois ser-nos-ha impossivel voltarmos contra a correnteza. »

Eu, porém, usei de outra linguagem: « Amigos, lhes disse, podemos aventurar as nossas vidas na presente conjunctura, tanto como as temos aventurado varias vezes no passado. Se não nos resolvermos a transpôr esta montanha, poderemos viver aqui, é certo, emquanto aprouver a Deus, mas sem honra, sem fama e sem religião; viveremos quaes brutas alimarias.

« Entendo, pois, que é mais acertado passarmos por baixo d'esta montanha, fiando-nos do Senhor, que, assim como nos tem livrado até ao presente de perigos successivos, não nos ha de abandonar n'este commettimento. E certo é que, se a sorte nos fôr favoravel e sahirmos da outra banda encontraremos ou hespanhoes ou indios, pois

creio que todos vós tendes ouvido dizer, que do alto do monte Potosi avista-se, em tempo claro, esta serra. »

Estas razões induziram os meus companheiros a se aventurarem por baixo da montanha.

Para este fim preparámos uma espaçosa jangada, feita de umas cannas grandes. Media essa jangada tres e meio covados de largura e seis de comprimento, dimensões necessárias para que podessemos n'ella deitar-nos a dormir.

Matámos muitos tamanduás, os seccámos e assámos para nos servir de alimento, pois não sabíamos o tempo que levaríamos sob aquella abobada.

Tendo-nos provido de lenha, e achando-se tudo prestes, encommendámo-nos a Deus e demos começo á nossa navegação subterranea.

Embocámos por aquelle canal. As aguas faziam um rumor semelhante ao de vozes humanas.

Entrámos em uma segunda-feira pela manhã, e sahimos em outra manhã; mas se a viagem se prolongou por um ou dois dias é o que não sei.

Logo que a luz do dia nos feriu os olhos, expandiram-se os nossos corações.

Sahidos que fomos do furo da montanha, vimos casas de um e outro lado. Entrámos, pois, a deliberar o que melhor seria, se termo-nos quietos a vêr se passaríamos de noite além d'aquella povoação, ou entregarmo-nos ás mãos dos indios. Resolvemos de commum accordo ir ter com os indios.

Tomada esta deliberação, disse-lhes eu : « Ora pois, amigos ! Uma vez que nos concertámos sobre este ponto, assentemos tambem no que havemos de dizer quando nos interrogarem, como certamente nos interrogarão, sobre quem somos e d'onde viemos. »

Os portuguezes exclamaram : « Dir-lhes-hemos que somos portuguezes. »

« — Eu lhes declararei que sou francez, » disse eu.

Isto feito, encaminhámo-nos para as casas dos indios. Estes, em nos vendo, sahiram ao nosso encontro com arcos e flechas, ataram nossas mãos, prenderam-nos uns aos outros com cordas passadas pela cintura, e assim nos levaram para a sua aldéa.

Ahi chegados, vieram logo dois ou tres velhos interrogar-nos sobre que casta de gente eramos. Responderam os portuguezes que eram *portuguezes*, e eu que era *francez*.

Duas horas depois tomaram elles um dos portuguezes, passaram-lhe uma corda nova em torno do corpo, e segurando tres indios em uma extremidade da dita corda e outros tantos na outra, o levaram para uma praça. Ahi veiu um velho dizer-lhe que « olhasse bem em redor de si e dêsse a todos as boas noites, pois que não havia de vêl-os mais. »

Pouco depois appareceu um guapo mocetão, tendo o rosto e os braços pintados de vermelho. Disse ao prisioneiro : « Considera-me bem. Eu sou aquelle que tem morto a muitos de tua nação e vai matar-te a ti tambem. »

E, dizendo isto, descarregou o golpe sobre a nuca do portuguez. Cahi a victima, e com segundo golpe o algoz a acabou.

Tanto que o portuguez expirou, arrancaram-lhe o couro com um dente de coelho, e, agarrando-o pela cabeça e pés, o suspenderam nas chãmmas. Isto feito, tiraram-lhe com as mãos a membrana interior (?) da pelle, e ficou descoberta a carne branca da victima. Cortaram-lhe em seguida a cabeça, que foi dada ao algoz. Deceparam-lhe as mãos, depois os braços, e successivamente todas as partes do corpo, membro por membro, os quaes, cortados aos pedaços, foram distribuidos por todas as casas.

Terminado este serviço, entraram os indios a dansar e as mulheres a preparar o vinho,

No dia immediato cada qual cozeu o seu pedaço de carne em um vaso com agua, afim de que as mulheres e meninos bebessem do caldo.

Em tres dias consecutivos não se empregaram em ou'ra cousa que não em comer, beber e dançar.

Decorridos esses dias, foi tratado do mesmo modo outro portuguez, depois mais outro, e successivamente todos, ficando de resto unicamente eu.

Vendo eu que os selvagens haviam morto a todos os meus companheiros, tinha por certo que me estava reservada a mesma sorte. Vieram, porém, elles, dizer-me: « Amigo, nada temas. Os teus antepassados foram nossos amigos e nós os d'elles; não assim os portuguezes, que nos reduziram á escravidão, e por isso procedemos com esses nossos inimigos como viste. »

Ouvindo taes palavras, assegurei que « nenhuma razão tinha para receiar, pois bem sabia que elles não me eram inimigos, senão amigos, e, accrescentei, que largo tempo havia que me achava preso entre os portuguezes. »

Esses indios chamavam-se *Tamoyos*.

Dois mezes depois da minha chegada, entraram os *Tamoyos* em guerra com os *Tomomines* (*Temiminós*). Acompanhei-os.

Sendo os *Tamoyos* no campo, como eram muito menos numerosos que os contrarios, foram quasi que batidos e estavam a ponto de fugir para as montanhas. Vendo eu, porém, que os *Tamoyos* brigavam de um modo estulto, correndo desordenadamente sobre o inimigo como uns touros, ensinei-lhes como se deviam dispôr e emboscar, de sorte que, recuando a proposito, viessem os inimigos a cahir na boca do lobo. Dest'arte alcançámos victoria sempre que nos batemos com os *Tomomines*, e os meus conhecimentos da arte de guerra grangearam-me uma tal consideração

entre os *Tamoyos*, que não quizeram mais sahir a campo a guerrear sem que eu os acompanhasse.

Em breve rompemos e destroçámos tantas vezes os *Tomomines*, que forçoso lhes foi abandonarem suas terras e irem assentar morada em sitios mais alongados de nós, com o que ficámos em paz.

Offereceram-me esses *Tamoyos* varias de suas mulheres ; mas eu recusei o mimo, pretextando que não era costume casarmo-nos fóra de nossa terra.

Vencidos os *Tomomines*, desfructámos quatro mezes de paz ; mas, no cabo d'este tempo, veio um outro genero de cannibaes, os *Topinaques* (*Tupiniquins*), assistir em um monte vizinho, chamado dos Indios Tamiwa ou *monte do Ouro*. Logo que esta noticia chegou ao nosso conhecimento, preparámo-nos para sahir em som de guerra contra os nossos novos vizinhos. Com effeito abalámos em numero de cinco mil homens.

Depois de uma viagem de cinco dias, chegámos ao acampamento dos *Topinaques*. Mas, estes, informados de que nos puzemos a caminho, haviam abandonado a sua aldêa e fugido. Seguimol-os durante dez dias, e de caminho iam os *Tamoyos* colhendo ás mãos muitos velhos e velhas, a quem logo devoravam.

Fomos assim no encalço dos *Topinaques* até á margem de um grande rio, mas não ousámos atravessal-o com receio de que o inimigo nos accomettesse ao desembarcarmos. Voltámos, pois, d'aquelle rio Morgege (*Mogy?*) para a nossa aldêa.

Lográmos paz durante oito mezes, e resolvemos então abandonar a nossa aldêa, como adiante se dirá, e partimos para algures.

Estando em dita aldêa, andava eu inteiramente nú, trazendo apenas as vergonhas cobertas com algumas folhas.

Certo dia sahi a pescar por passatempo. Sentei-me á borda da agua, e entrando a considerar comigo mesmo o estado em que me achava e o em que anteriormente vivêra, maldisse da hora em que ouvi nomear o mar, e lamentei a loucura de haver abandonado a patria que nunca mais recuperaria ; nem sequer esperava tornar a vêr gente christã !

Emquanto me abandonava a esses tristes pensamentos, chegou-se a mim um velho, que era um dos principaes da aldêa, e entrou a praticar comigo. Communicou-me então que « as cousas haviam corrido á medida dos seus desejos, quando habitavam no Cabo Frio, porque tinham trato com os francezes, e se achavam abundantemente providos de tudo ; agora, porém, não tinham facas, machados, nem o mais que lhes era necessario, pelo que viviam bem pobremente. »

« — Desejo de coração, lhe retorqui, que tu e os teus vão morar para a marinha, em lugar onde não tenhais que temer dos portuguezes. »

Finda esta nossa conversação, retirámo-nos para as nossas casas.

Deu-se pressa o indio a contar o que eu lhe havia dito. A' seguinte manhã vieram á casa, onde eu assistia, alguns vinte dos principaes da aldêa a indagar de mim se lhes poderia indicar um sitio em que encontrassem navios francezes. Respondi-lhes que entre o Rio da Prata e outro que os portuguezes chamam dos Patos (40) haviam de encontrar francezes, e em todo o caso não poderiam ser ahi molestados pelos portuguezes. Accrescentei que melhor era habitar-mos na costa, onde teriamos tudo em abundancia, do que n'aquelles sertões em que viviamos unicamente de raizes.

(40) O rio Biguassú, na provincia de Santa Catharina, segundo Ayres do Casal.

Ouviram-me os velhos e levaram aos seus as minhas informações, com o que ficaram todos ardendo em desejos de buscar o mar Assim que aprestou-se tudo o que era necessario para a nossa partida, e em numero de trinta mil, nos puzemos a caminho.

Transpuzemos muitos montes, e atravessámos muitos rios e terras selvagens. Encontrámos varias pedras preciosas nas vizinhanças d'esses rios.

Chegámos em seguida a uma região arenosa, por onde caminhámos durante vinte dias. E porque receiavamos entrar nas terras em que ha muitos hespanhoes, terras populosas e em paz com aquelles europeus, deitámos caminho ao rumo do norte.

N'esta direcção fomos avançando até que nos acercámos das terras das Amazonas, que os indios chamam Mandiscusyanas. Guiámos então para o sul.

De boa vontade veria eu os *Tamoyos* brigarem com as *Amazonas*; mas elles não ousaram fazê-lo, porque aquella terra era mui populosa, e não seria difficil morrerem todos.

Chegámos ao rio dos Patos, onde encontrámos algumas canôas feitas de entrecasca de certas arvores.

Descemos n'ellas o rio durante uns oito dias. Ahi fazia-se o rio bastante largo, e de uma e outra banda viam-se arvores cortadas, do que inferimos que não estavam longe da costa ou de alguma aldêa de *Waynasses*, pois estes selvagens não habitam nunca arredado do mar.

Vendo os indios que poderiam assentar morada n'aquelles lugares. Respondi que, ao meu vêr, deviamos ficar alli quietos, e despachar nove ou dez moços valentes a descobrir alguma aldêa, e, sendo caso que a encontrassem, iriamos então á noite pôr-lhe cerco, e d'este modo assenhorear-nos-hiamos d'ella.

Foi aceito este alvitre. Sahiram a explorar dez d'entre os indios. Noite cerrada, voltaram sem haver visto aldêa alguma; encontraram, porém, um trilho ao longo do rio e nos trouxeram alguns pedaços de corda.

Era manifesto que á margem do rio estava assentada alguma aldêa. Resolvemos, pois descer o rio, alta noite, em nossas canôas a vêr se descobriamos essa aldêa.

Embarcámo-nos e viajámos toda a noite. Pelas quatro da madrugada sahimos em uma bella bahia, vimos o mar diante de nós, e, tanto que montámos uma certa ponta que sahe de terra, descobrimos uma aldêa.

Saltaram em terra os nossos com a maior presteza. N'este entretanto clareou o dia, e sendo nós descobertos por alguem que se dirigisse da aldêa para a praia, logo se levantaram todos os da aldêa e vieram accommetter-nos. Eramos, porém, mais numerosos e estavamos melhor ordenados, de modo que puzemos os contrarios em fugida com morte de muitos.

Cahiram em poder dos *Tamoyos* trezentas pessoas entre homens e mulheres. Esses prisioneiros foram logo mortos e comidos.

Chamavam-se esses selvagens *Caryos* (*Carijós*).

Em sua aldêa encontrámos grande provisão de cassave, milho, batatas, bananas, melões e outras frutas da terra. Encontrámos igualmente muitas piastras de uma caravela, que ahi naufragára recentemente, e cujos tripolantes hespanhoes se tinham retirado por terra para Buenos-Ayres.

Os portuguezes haviam tido pazes com esses indios, mas estavam então em guerra com elles.

Dos fugitivos, uns foram ao Rio da Prata pedir auxilio, e outros dirigiram-se por terra a S. Vicente para o mesmo fim.

Passando a noticia de S. Vicente ao Rio de Janeiro, esquiparam logo os portuguezes uma frota de caravelas e ca-

nôas, cujo commando foi dado a Martim de Sá, que já se achava de volta de sua viagem ao rio Javary, onde eu me havia apartado d'elle.

Chegados os portuguezes, sahiram á noite contra a nossa aldêa e a cercaram. Pelas tres horas da madrugada um indio, que viêra com os portuguezes, gritou aos nossos que se não mechessem, pois do contrario seriam passados todos á espada. Os *Tamoyos*, ouvindo o que lhes dizia o indio, entraram a fazer grande soada com seus arcos e flechas; mas, apenas os portuguezes dispararam um tiro, ficaram todos mofinos e sem pinga de sangue mettidos em suas rêdes.

Quando amanheceu, dando comigo o filho de meu amo, persignou-se e benzeu-se. Perguntou-me onde ficaram os meus companheiros, respondi-lhe que os indios os mataram e comeram.

Pelas dez horas foram tirados das casas e interrogados os indios. Alguns d'elles asseguraram que eu os movêra a matarem os portuguezes, mentira que, se se confirmasse, acarretar-me-hia a morte. Mas aprouve a Deus desmascarar os calumniadores pela propria boca dos indios.

Após isto os portuguezes mataram, em numero de dez mil, todos os velhos e mulheres, e particularmente os que eram réos no assassinato dos meus companheiros. Os vinte mil restantes foram repartidos como escravos.

Assim voltei á casa do meu velho amo, e fui enviado com os *Tamoyos* para um engenho que elle levantára recentemente.

Durante tres mezes eu e os escravos nos empregámos em transportar das matas grandes pedaços de madeira.

Por esse tempo veio noticia do Cabo Frio que os selvagens *Waytacasses* (*Goytacazes*) tinham feito assento um pouco ao sul d'aquelle cabo, em certos sitios d'antes occupados pelos *Tamoyos*. Salvador Corrêa de Sá despachou

para ahi seu filho Gonçalo Corrêa de Sá, e eu tive de acompanhá-lo; posto que de má vontade.

Perlongámos a costa durante oito dias, e tivemos sempre abundancia de peixe.

Em seguida chegámos a um lugar chamado Itaoca, palavra que significa *casa de pedra* (41). Nunca vi casa tão forte: é uma penha grande e elevada, em que se pôde entrar por uma larga porta. Disseram os indios que S. Thomaz (S. Thomé) havia ahi prégado aos seus maiores.

Não longe d'ahi via-se uma pedra do tamanho de quatro canhões grandes, assentada acima do chão sobre outras quatro, como esteios, que não eram muito mais grossos do que um dêdo. O santo a convertêra por um milagre, segundo affirmavam os indios, de madeira em pedra.

Contavam tambem que o santo prégava aos peixes do mar e que estes o escutavam.

Ao longo da ribeira do mar viam-se ainda varias pedras ou parceis grandes, em que se notavam pégadas de pés descalços, todas do mesmo tamanho.

Continuando nossa viagem, caminhámos durante quatro dias por um grande deserto e chegámos a um monte grande chamado Abousanga Retam. Na costa acérca d'esse monte encontrámos uma pequena aldêa de *Tamoyos*, que, por occasião do primeiro assalto feito por Salvador Corrêa de Sá, se haviam retirado para ahi, e nunca mais se ouvira falar d'elles.

O chefe da aldêa contava, segundo os indios nos deram a entender por signaes, cento e vinte annos, e, apezar de tão avançada idade, era um velho vigoroso e galhardo. Tinha grandes buracos no labio e nas faces, em cada um dos quaes trazia uma bonita pedra verde.

(41) A *Casa de Pedra* fica ao norte do Cabo Frio.

Fizemo-nos senhores d'essa pequena aldêa, onde habitavam quinhentas pessoas. Perguntámos aos *Tamoyos* se sabiam onde estavam os *Waytacasses*. Responderam-nos que sim e a elles nos conduziriam em tres dias.

Chegada a esse lugar a nossa expedição, metteu-se aquelle selvagem Abousanga entre os portuguezes e exclamou: « Quem nunca viu Abousanga venha agora vê-lo, e quem o ousar seguir verá o de que elle é capaz ! »

Isto dito, correu com o seu arco e flechas para o meio dos inimigos. Vinte e uma flechas o feriram. Diante dos nossos olhos matou a tres *Waytacasses*. Logo, porém, que demos sobre estes, se lançaram a monte, ficando apenas um em nosso poder.

Abousanga, ferido como estava, viveu ainda quatro horas. Perguntámo-lhe por que se batêra com tão temerario ar-rojo. « Porque fôra um grande guerreiro, respondeu-nos elle, e, tendo sempre vivido como homem livre, preferia morrer agora a viver no captivo. » Dito isto, pediu aos portuguezes que o baptizassem e o doutrinassem ácerca de Deus, promettendo crêr tudo quanto a tal respeito lhe expuzessem.

Ensinaram-lhe então os portuguezes que Deus era o salvador das almas e dava vida aos homens, e se Abousanga arrependia-se sinceramente de suas faltas e queria baptizar-se, seria salvo. Respondeu que cria tudo quanto lhe representaram, e rogou que quanto antes o baptizassem. Assim se fez, e morreu Abousanga pedindo graça ao Senhor até á sua ultima hora.

Voltámos d'aqui para S. Sebastião.

Quando chegou á casa deu Gonçalo Corrêa de Sá tão favoravel testemunho de mim a seu pai, que este me ordenou que velasse sobre elle por toda a parte.

Por esse tempo veio de Portugal a noticia de que uma

frota ingleza estava a partir para o Brasil. Esta noticia levou o governador a mandar levantar um forte sobre certa altura á boca do porto. Levantaram-n'o, porém, tão sobre as aguas, que, tres mezes depois de concluido, o mar o comeu com toda a artilharia que n'elle havia.

Atraz disse eu que, tres mezes depois que fui apprehendido, veio o *Desire* do estreito de Magalhães á Ilha Grande, onde foram mortos dezeseis dos nossos (42) e aprisionado um tal André Tower.

(42) Segundo a relação de John Jane, o *Desire* voltou á Ilha Grande a 30 de Janeiro de 1593. Ao romper do dia seguinte, 31, o capitão Davis desembarcou com vinte e quatro homens, suppondo surprender os portuguezes em suas casas, mas encontrou-as todas queimadas e arrasadas. Surgiu então o *Desire* em uma das enseadas da parte septentrional da ilha. Todos os dias sahiam em terra alguns dos tripolantes para haver frutas e mandioca, fazer lenha e aguada, e outros serviços necessarios, para que podesse continuar sua viagem o destruido navio. No dia 5 de Fevereiro, apezar dos sonhos agoureiros que, durante a noite anterior, perturbaram o somno dos tripolantes e do proprio capitão, desembarcaram uns quinze homens.

« All the forenoon, continúa o navegante inglez, they laboured in quietnesse, and when it was ten of the clocke, the heat being extreme, they came to a rocke neere the woods side (for al this country is nothing but thick woods). and there they boiled cazavi-roots, and dined; after dinner some slept, some washed themselves in the sea, all being stripped to their shirts, and no man keeping watch, no match lighted, not a piece charged. Suddently as they were thus sleeping and sporting, having gotten themselves into a corner out of sight of the ship, they came a multitude of Indias and Portugales upon them, and slew them sleeping: only two escaped, one very sore hurt, the other not touched, by whom we understood of their miserable massacre: with all speed we mauned our boat and landed to succour our men, but we found them slaine, and laied naked on a range one by another, with their faces upward, and a crosse by them.»

E accrescenta a seguinte circumstancia, digna de nota: « we saw two very great pinnesses come from the River of Janero very ful of men; whom we mistrusted came from thence to take us: because there came from the River of Janero souldiers to Santos, when the generall had taken the towne and was strong in it. »

No seguinte dia o *Desire* partiu da Ilha Grande para a Inglaterra.

Este homem tinha conhecimentos da arte de curar, e, restabelecendo a alguns enfermos, fez mui boas curas. Como Tower sabia predizer muitas cousas, tomavam-n'o os portuguezes por feiticeiro. Só tinha um olho, e no lugar do outro diziam os portuguezes que trazia um demonio familiar.

Tower assegurou que havia de descobrir um meio de tirar a artilharia que jazia no fundo do mar. Para este fim mandou fazer uma veste de couro, e tão bem a breou e engordurou, que ficou de todo em todo impermeavel. Preparou depois uma grande cabeça toda breada e munida de um enorme nariz, e collocou diante do nariz tres bexigas e duas diante da boca. Isto feito, convidou-me a metter-me dentro d'aquelle aparelho e descer ao fundo do mar, afiançando-me que era cousa de facil execução. Respondi que só aventuraria a minha vida em semelhante empreza se fosse muito bem recompensado.

Chamou-me então o governador e me disse que, « se eu fosse prender um annel ao ouvido de uma das peças, dar-me-hia dez mil corôas, e um passaporte para a minha patria ou para onde eu quizesse ir. » Prometti que, com o adjutorio de Deus, faria a diligencia por servil-o.

Achando-se tudo prestes, levaram-me os portuguezes, com muita solemnidade e orações ao Senhor, para que fosse propicio áquella empreza, ao lugar em que se perdêra a artilharia.

Enverguei a vestimenta de couro, e tendo-se-me atado ao corpo uma grande pedra, fui lançado ao mar em dezoito braças de profundidade. Como, porém, era enorme a cabeça de couro, e estava bem breada e alcatroada, succedeu impellirem-me as aguas para cima, ao passo que a pedra, pesada como era, me puxava para baixo, do que me resultou uma sensação tão penosa, que me parecia que a corda da pedra far-me-hia o corpo em pedaços.

Tinha eu uma faca atada a uma das mãos; cortei com ella a corda e assomei á tona d'agua, onde dei-me pressa em arrancar do rosto as bexigas e lacerar o couro, pois estava quasi suffocado. Um mez inteiro andei desacordado.

Instei e trabalhei incessantemente com meu amo para que me concedesse partir, pois desejava tornar á patria. Não me attendeu. Vendo eu que nenhum outro meio tinha de o abandonar senão fugindo, assentei de me evadir para Angola com o fim de servir o rei como soldado em Masangano até que podesse ir ter com o rei de Anyeca, que estava de guerra com os portuguezes, e passar-me á Turquia pelas terras do Preste João.

Firme n'este proposito, embarquei-me a 27 de Junho de 1597, sem que meu amo soubesse, no naviozinho de Manoel Andreas, que seguia para Angola.

N'esta viagem descahimos tanto para o cabo da Boa Esperança, que tínhamos por certo o naufragio, pois aquelles mares são mui grossos, e as ondas quebram, por causa do fluxo das aguas, com tanta furia, que não ha navio que lhes possa resistir. Partiram-se o nosso mastro grande e o da mesena. Mas Deus nos favoreceu com um vento de léste que nos levou ao porto de Angola.

Durou cinco mezes esta viagem, de modo que alguns navios, que haviam sahido do Rio de Janeiro dois mezes depois de nós, chegaram primeiro.

Sabendo eu isto, não ousei sahir em terra com receio de ser reconhecido pelos portuguezes.

No dia seguinte ao da nossa chegada abordou-nos um bachel grande, cuja gente indagou de nós se tínhamos farinha de cassave para vender. Respondemos que sim, e lhes perguntámos para onde se dirigiam. Disseram que esperavam a maré para subir o rio Guansa-Tomasongano.

Isto me pareceu muito ajustado ao meu proposito. Passei-me, pois, ao batel, com quanto estranhassem os portuguezes que fosse eu voluntariamente para Massangano, que ninguem buscava de boa vontade, e onde os homens morriam como pintainhos.

Subimos o rio Guansa (Coanza) durante nove dias. N'este espaço de tempo succumbiram dois soldados portuguezes ao excessivo calor que nos penetrava até o coração.

Tres dias depois de estar eu em Massangano, D. Francisco de Mendonça Furtado, tendo recebido uma carta de Salvador Corrêa de Sá, seu amigo particular, mandou o governador da cidade de Congo capturar-me. Este, tendo-me colhido ás mãos, levou-me pelas terras do rei de Congo, e, depois de uma viagem de seis dias, chegámos a um lugar chamado S. Francisco, onde se achava D. Francisco de Mendonça. Esse lugar não dista muito do reino de Manicongo.

Recebeu-me o governador com palavras cortezes, e perguntou-me o que me movêra a ir de mim mesmo para Massangano. Em resposta referi-lhe que, tendo servido muito tempo a Salvador Corrêa de Sá e passado muitos perigos no serviço, tanto d'elle, como de seu filho, nunca havia sido recompensado por elles, pelo que resolvêra aventurar antes a minha vida em proveito do rei, do que continuar captivo do governador por mais tempo.

Mandou o governador que me levassem para Angola, commendando que me puzessem dois machos de ferro nas pernas para que eu não fugisse.

Quatorze dias depois, fui enviado para o Rio de Janeiro em uma caravela de Francisco Lewes. Cheguei no fim de dois mezes a S. Sebastião.

Fui apresentado ao governador com os meus machos nos pés. Vendo-me o governador entrou a rir-se, e gracejando deu-me as boas vindas da Inglaterra. Depois de chasquear

de mim por muito tempo, mandou tirar-me os machos, vestiu-me e tratou-me bem.

Obra de dois mezes depois aportou na Ilha Grande um pequeno navio de guerra, cujo capitão chamava-se Abraham Kock. Andava espreitando os navios que estavam a vir do Rio da Prata (43), e certamente os teria apresado se não lhe fugissem no batel cinco dos seus, os quaes descobriram que o dito navio alli se achava. E com effeito sete dias depois da partida de Abraham Kock surgiram no mesmo porto tres caravelas.

Os cinco marinheiros, tendo sido recebidos por um frade que viêra de S. Vieente, foram trazidos ao Rio de Janeiro.

Andava eu então nas graças do governador, e pelo meu valimento receberam os prisioneiros todos os favores que pude obter, particularmente um d'elles chamado Robert Heixt, que os outros me disseram ser pessoa nobre.

Durante obra de tres mezes assistimos em um povoado na costa, onde um tal Thomaz Cooper, homem casado, residia e fazia o seu negocio. Eramos nove inglezes e tres neerlandezes.

Ahi resolvemos assenhorear-nos de uma das embarcações do Rio da Prata, quando ellas viessem ao porto, e n'ella fugir.

Frequentava eu diariamente com Heixt a casa de um portuguez, onde eu era mui bem visto. Uma certa noite foi Heixt á essa casa, e furtou uma boceta com sessenta piastras e duas ou tres moedas hollandezas.

Pedi-lhe que restituisse o dinheiro; mas, em vez d'isso, Heixt, que era um desavergonhado, maltratou-me, e lar-

(43) Pela carta de Francisco Soares, escripta do Rio de Janeiro em Junho de 1596 a um irmão, sabe-se que eram então muito frequentes as communicações do Perú com o Brasil pelo Rio da Prata.

gou-se para a casa do governador, a quem referiu tudo o que tinhamos traçado, affirmando que eramos uns *hereticos*, ao passo que elle era muito bom *catholico*. Accrescentou que eu havia furtado, na noite anterior, a chave do armazem do rei para tirar d'ahi, como tirára, polvora e mosquetes, e escondêra uma e outra cousa na casa de Thomaz Cooper.

Graças a Deus, fomos accusados d'este maleficio antes de o haver praticado, que, se assim não fôra, todos nós teriamos ido parar na forca.

Fomos levados á presença do governador, a quem descobrimos tudo.

Disse, porém, Heixt:

« — Senhor, ide á casa de Thomaz Cooper e ahi haveis de achar a polvora e vinte mosquetes, que Antonio roubou do armazem para o fim que eu disse. Se não achardes, como eu digo, affirmai então que sou mentiroso e má lingua. »

Sem demora fomos mettidos todos, de ordem do governador, na prisão, e dirigiu-se elle com Heixt á casa de Thomaz Cooper, onde não achou polvora nem mosquetes. Foi igualmente ao armazem, e viu que estava tudo intacto e nos seus devidos lugares.

Isto o encheu de colera contra Heixt, assim apanhado em flagrante mentira, e o levou a dizer que « ainda não havia visto uma casta de homens tão perversos e malvados como nós, pois machinavamos a ruina uns dos outros. »

Não decorreu muito tempo depois d'este episodio, quando o governador mandou Heixt, pelo seu máo procedimento, para Angola. Ahi D. Francisco o mandou para Massangano, onde Heixt morreu em miseravel estado.

Foi tambem pouco mais ou menos por esse tempo que accusaram André Tower de haver comido carne em sexta-feira, pelo qual delicto o prenderam; mas tendo Tower pago cem piastras, foi solto,

Um mez depois de solto fugiu elle para Pernambuco. O governador, informado da sua fuga, mandou que sahisssem duas pequenas caravelas para perseguil-o e trazêl-o ao Rio de Janeiro.

Em uma d'essas caravelas iam o filho do governador Gonçalo Corrêa de Sá, o sobrinho do bispo (44) e muitos moços nobres.

Sahiram as caravelas, e quando já se achavam perto do navio em que navegava André Tower, levantou-se de pancada uma forte tormenta.

A pequena caravela em que se achava o filho do governador, não se podendo manter no mar, arribou á terra, morrendo tres d'elles, entre os quaes o sobrinho do bispo. Correram todos o risco de sossobrar, mas salvou-os Martim de Sá, que se achava n'aquellas vizinhanças a cortar, com cem escravos, páo-brasil para um navio de seu pai.

A outra caravela seguiu para Pernambuco e voltou com Tower ao Rio de Janeiro. Aqui foi elle preso, e teria acabado na forza se toda a cidade não intercedesse em seu favor. Foi tambem enviado para Massangano, onde morreu.

No anno de 1598 aportaram no Rio de Janeiro dois navios hollandezes, cujo capitão era o hollandez Jasper Ferdinand. Tendo este apresentado passaporte portuguez, o governador lhe permittiu desembarcar os seus haveres. Negociaram os tripolantes durante tres mezes e ajuntaram muito dinheiro.

Estando de verga d'alto os navios hollandezes, quizeram os empregados do rei embargal-os, porque o passaporte do capitão não era bom. Acudiu, porém, o governador, dizendo:

(44) O primeiro prelado do Rio de Janeiro falleceu em Junho de 1597 na capitania do Espirito Santo, e o seu successor, o padre João da Costa, tomou posse da prelasia em fins do anno de 1598. A qual dos dois se refere Knivet?

« Porque não olhastes para isso em tempo? Fiando-me de vós, disse eu ao capitão que entrasse, porque o seu passaporte era bom, e agora vindes-me dizer que não é assim. Pois dissei o que quizerdes; uma vez que dei minha palavra ao hollandez, e entraram os seus navios com minha permissão, hão de sahir livre e desembaraçadamente. »

E de feito partiu Jasper Ferdinand para Angola.

Veiu, não muito depois, ao Rio de Janeiro com duas urcas o governador-geral de toda costa do Brasil D. Francisco de Sasa (Sousa), e, sabendo que Jasper Ferdinand partira para Angola, mandou que uma caravela fosse ahi apresiar os seus navios para o serviço do rei. Mas Ferdinand, informado d'esta ordem, embarcou-se immediatamente (no porto de Angola), e, em que pezassem aos portuguezes, se fez á vela.

N'este mesmo anno veio Francisco de Mendonça de Vasconcellos succeder a meu amo no cargo de governador da terra (45).

A urca, em que vinha o novo governador, acertou de enfiar a barra ao tempo em que o governador meu amo ia visitar um engenho novo de sua propriedade. Chegando á boca do porto, entrou a urca a disparar sua artilharia, e, como ignorasse meu amo a razão por que atirava, mandou preparar sem demora uma canôa grande para se fazer ao mar, e logo que se informasse do caso, voltar á cidade.

Não se havia mettido meia hora depois que vogavamos, quando nos surpreendeu uma tormenta que virou a nossa canôa. Certamente teria o governador perdido n'essa occasião a vida, se o não auxiliara, em primeiro lugar Deus, e depois eu. Todos os escravos nadaram para terra, mas eu

(45) Fica assim confirmado que no anno de 1598 terminou o segundo governo de Salvador Corrêa de Sá, bem como que seu successor Francisco de Mendonça e Vasconcellos, tomou posse, no mesmo anno, da administração da colonia fluminense.

e um mulato escravo, chamado Domingos Gomes, o agarrámos, e, collocando-o entre nós ambos, o levámos para a canôa, na qual segurou-se meu amo, e assim o fomos impellindo para terra. Ahi o mar se levantava em serras e quebrava com furia, tomando o caso um aspecto tal, que nos parecia havermos todos de morrer, pois as ondas nos jogavam contra os comoros ou montes de arêa, e depois nos arrebatavam para o pégo.

Emfim, tomei terra. Vi que meu amo, trazido por um vagalhão, approximava-se da praia. Eu e o meu bom amigo Domingos Gomes aguardámos, attentos, que a onda reben-tasse para salvá-lo, e com effeito conseguimos puxal-o para terra; mas como não podia articular uma palavra, pareceu-nos que não escaparia.

Vendo nós o estado em que se achava o nosso amo, agarrámol-o pelas pernas e o suspendemos entre nós ambos com a cabeça para baixo, e d'este modo despejou elle muita agua e tornou a si.

Considerando meu amo desmaiado como estava, d'sse eu: «Claro está que o mar não distingue um governador dos mais homens.»

No dia seguinte entrou meu amo (na cidade), onde encontrou seu successor.

Não pouco satisfeito fiquei com a vinda do novo governador, pois persuadi-me que era chegada a occasião por mim tão desejada de tornar em breve á patria.

N'este mesmo anno lançaram ancoras á boca do porto quatro navios hollandezes, do que se causou tomar armas toda a cidade.

Achava-se então meu amo no engenho, e eu na cidade para cuidar de sua mulher. Vendo esta que os portuguezes andavam acima e abaixo com suas armas, ordenou-me que tomasse um mosquete e fosse para um dos fortes. Assim fiz.

Sendo eu no forte, o governador passou revista ás forças que n'elle havia, e mandou buscar polvora e chumbo. Como eu sabia manejar bem o meu mosquete, e o governador tinha os inglezes na conta de bons soldados, agradeu-se de mim, e eu fallei com elle.

Depois de haver eu fallado ao novo governador, um certo João de Selvea o avisou que cumpria trazer-me em cuidadosa vigia, que não fosse eu passar-me aos hollandezes, pois peor do que isso havia eu praticado, e nenhuma duvida poria em nadar á noite em um pedaço de madeira para um d'aquelles navios. E contou-lhe então o que havia eu feito ao ex-governador meu amo.

Assim inteirado, tomou-me o novo governador pela mão e conduziu-me á prisão, onde estive encarcerado durante vinte e sete dias, não sendo solto senão depois que os navios hollandezes partiram da entrada do porto em demanda da Ilha Grande.

Mais de dois mezes depois que chegára a S. Vicente o governador-geral, appareceu n'aquelle porto uma grande urca de Amsterdam, chamada *Gulde Veereld*, cujo capitão era Laurens Bitter. Essa urca havia estado na ilha de S. Thomaz, na do Principe e em seguida no estreito de Magalhães, onde perdêra muitos dos seus, e, obrigada dos ventos contrarios, tornára ás costas do Brasil.

Chegando a dita urca a S. Vicente, mandou o capitão um batel á terra, com recado ao governador que elle era negociante, e desejava que se lhe concedesse a licença de fazer trato com os portuguezes. Assegurou-lhe o governador sob a sua firma e sello que o capitão não soffreria offensa alguma, e, uma vez que pagasse os reaes direitos, poderia partir quando e para onde bem quizesse.

Com esta segurança entrou o capitão em sua urca n'aquelle porto, e mandou desembarcar todas as suas mercadorias.

O governador-geral ia visitar diariamente o capitão em seu navio, e lhe promettia haver-se como amigo.

Desembarcadas as mercadorias, e achando-se em terra a maior parte dos holandezes, dirigiu-se para a urca um bom troço de portuguezes, cantando e tocando guitarra. Os flamengos, vendo-os vir d'aquelle modo, não tomaram má suspeita, pelo que poderam os portuguezes entrar no navio. Começaram a saltar e beber com os flamengos; mas, quando estes menos o pensavam, puxaram aquelles das espadas, mataram a dois, e se fizeram senhores da urca em proveito do rei (46).

No começo do anno de 1599 chegaram diante da cidade da Bacia (Bahia?) nove urcas, mas nada poderam fazer.

Quatro mezes depois que chegára o governador-geral a S. Vicente, teve meu amo que fazer alli. Acompanhei-o.

Quando chegámos, achava-se o governador a cincoenta leguas, em um lugar no interior, onde lhe constava haverem muitas minas de ouro (47). Não tendo achado, porém, cousa que pagasse o trabalho, despachou gente mais para o sertão em busca de um sitio chamado Itapusik. Como eu conhecia esse lugar, tive ordem do governador-geral para seguir para alli.

Encontrámos em Itapusik minas não vulgares. Trouxemos uma porção de terra (aurifera) e varios pedacinhos de ouro, que achámos em lugares lavados pelas aguas.

Muito folgou com isso o governador-geral; deu-nos pelo achado mais do que elle valia, e enviou-o ao rei, a quem requereu permissão para averiguar se essas minas eram

(46) A duplicidade da politica d'aquelle tempo faz verosimil esta anedocta.

(47) Segundo os nossos escriptores, D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, se dirigiu, em Março de 1599, ao sertão de Sorocaba para examinar as minas descobertas por Affonso Sardinha e seu filho.

laváveis ou não. Mandou igualmente quarenta mil libras em laminas de prata preparada na mina de S. Paulo, a doze leguas de S. Vicente (48).

Quando eu me achava em Itapusik, partiu meu amo para casa. Em consequencia de sua retirada, tive de servir como soldado até que partissem navios para o Rio de Janeiro. Servi tres mezes, e fui muito bem recompensado pelo governador, que remetteu-me de novo para meu velho amo.

Depois d'isto mandou-me meu amo para um lugar chamado *Orgelen* (Orgãos). E' uma serra que se avista do Rio de Janeiro. Ahi encontrámos uma pequena mina de ouro e mui preciosas pedrinhas.

Por esse tempo chegou de Hespanha uma urca, em que vinham um bispo e um governador hespanhol, os quaes partiriam em uma embarcação menor para o Rio da Prata e d'ahi para *Somma* (para cima?).

Pouco depois da chegada d'esse navio, manifestou-se no Rio de Janeiro uma doença a modo de sarampo (variola?), mas em verdade, tão fatal como a peste; pois, no decurso de tres mezes, ceifou no Rio de Janeiro passante de tres mil pessoas entre portuguezes e indios.

Andava eu então occupado em ir e vir á noite do engenho em um barco, transportando páo-brasil para a urca; e por causa do ar inchou-me de tal modo uma das pernas, que eu não a podia mover. E' commummente mui perigoso, n'aquella região, expôr-se ao ar durante a noite quem está quente; pois, como a terra é cálida, penetra o ar com muita força, e faz enfermar de repente um ou outro membro do corpo humano. Durante bem um mez andei bastante incommodado d'essa perna.

(48) Nunca houve mina de prata na villa, hoje cidade de S. Paulo. Knivet refere-se talvez a de Biraçoyava, d'onde se extrahiui alguma prata, mas em tão pequena quantidade que foi afinal abandonada.

A 14 de Agosto do anno de 1601 embarcou meu amo Salvador Corrêa de Sá, com sua mulher Dona de Soso, n'aquella urca, para seguir viagem do Rio de Janeiro para Pernambuco (49).

Navegámos ao rumo de léste. A 15 continuámos a em-pegar-nos. A 16 caminhámos ao nordeste, e pelas dez horas houvemos vista do Cabo Frio. A 17, 18 e 19 continuámos a deitar caminho para léste com vento noroeste, e levavamos esta derrota, porque receiávamo-nos das arêas e parceiros chamados Abrolhos, sitos entre aquelle cabo e o Espirito Santo.

A 20 tivemos vento sul, e fomos caminhando ao nordeste até 25, que foi quando o vento saltou para o norte. Governámos então a léste para o mar, e mantivemos esta derrota até o ultimo do mez.

No dia 1º do seguinte mez escorremos a costa com vento sudoeste e prôa ao nordeste até 7.

A 8 o capitão e o piloto, tomando a altura do sol, averiguaram que estavamos a dez e meio grãos de latitude á banda do sul da linha.

Emquanto praticavam um com o outro ácerca da viagem, veio dizer-lhes um marinheiro que havia apanhado dois ou tres peixinhos. Ouvindo isto um hespanhol, chamado Gaspar Couquero, homem algum tanto pratico n'aquella costa, disse ao capitão: « Tende cautela, que receio estejais mais perto de terra do que suppondes, pois não sabeis quanto as correntes vos apanham a oeste para terra.» Observaram-lhe em resposta, os flamengos, que elle se occupasse com o que lhe pertencia, e que, sem suas instrucções, bem sabiam como se haviam de haver.

(49) Esta viagem de Salvador Corrêa de Sá a Portugal, sua estada em Pernambuco, etc., são factos ignorados.

O piloto assegurou que estávamos apartados de terra mais de quarenta leguas, e governou ao norte.

A' meia-noite de 9 demos fé de terra. Immediatamente lançou o piloto a sonda, e, encontrando oito braças d'agua, ordenou aos marinheiros que virassem as velas, e assim se fez. Era o vento nordeste.

Estávamos muito mettidos em terra, e não nos podemos amarar, porque viamos parciais a estibordo e bombordo do navio. Antes de aprestar as nossas ancoras, descahimos tanto para os parciais a sotavento, que forçoso foi arribar a elles.

Se não fôra Deus servido de salvar-nos, houvéríamos todos perecido, pois o nosso navio esteve bem uma meia hora com a prôa sobre um dos ditos parciais. Já nos preparávamos para cortar os mastros, e alijar caixas e bahús, pois tínhamos por impossivel poder conservar alguma cousa ; mas, como disse, acudiu-nos o Senhor, permittindo que, quando nós menos pensavamos, viesse quebrar-se sobre o parcel um grande golpe de mar, que nos pôz em oito braças entre penhas e arrecifes. Escapámos assim, com o adjutorio divino, de tamanho perigo !

No dia seguinte avistámos na praia alguns selvagens. Ordenou então o governador que me puzessem em terra para entender-me com elles, saber que costa era aquella e se podíamos ir por terra a Pernambuco. O capitão mandou que desembarcasse tambem commigo um *maluco* chamado Antonio Fernandes. Este, porém, chegando á terra, não quiz saltar com medo dos canibaes.

Portanto fui só ter com elles. Depois de os haver saudado ao modo da terra, perguntei-lhes como se chamava aquelle lugar. *Cororeyspe* (Cururipe), disseram elles, isto é, *rio das rãs ou sapos*. Accrescentaram que não estávamos longe do Rio de S. Francisco, e que um espaço ao norte

ficava o rio de S. Miguel; que elles eram escravos dos portuguezes de Pernambuco, e haviam levado gado á Bahia, d'onde voltavam para casa.

Um d'esses escravos acompanhou-me a bordo. Fallou com o governador e contou-lhe muitas cousas.

Ao outro dia pediu a mulher do governador a este que abandonasse o navio e seguisse viagem por terra, ao que meu amo annuiu. Mandou, pois, desembarcar todos os seus haveres preciosos, e recommendou ao capitão que, si podesse, seguisse para Pernambuco, e no caso contrario voltasse á Bahia, d'onde partiria quando d'alli sahisses outros navios para Portugal.

Na urca achavam-se nove barris de prata, que o governador-geral enviava a D. Diogo de Quadro, encommenda esta confiada aos cuidados de meu amo até Pernambuco (50).

Abandonámos, pois, o nosso navio.

O lugar para onde foi impellido o navio, distava ainda quarenta leguas de Pernambuco.

Partindo do rio das Rãs, ou parceis chamados *bayhã Deamrobrio* (baixos de D. Rodrigo), eu e Domingos tivemos de carregar, durante doze leguas, uma caixa de ouro pertencente a meu amo e sua mulher, pois do rio das Rãs até Upavasou (lugar muito accommodado para se tomar agua) contam-se tres leguas; de Upavasou até o rio Casvays... até o rio chamado de S. Miguel, contam-se mais quatro leguas.

Descançámos ahi tres dias e encontrámos um *mameluco* muito rico, chamado João de Recho.

Alugou o governador uma pequena embarcação de pesca, para n'ella seguir para Pernambuco.

(50) Prata vinda talvez do Perú: Vide a carta citada de Francisco Soares.

No mesmo dia em que partimos d'aquelle rio em dita embarcação, levantou-se do nordeste uma grande tormenta. Diligenciámos, pois, recolher-nos de novo ao rio, o que não foi sem grande perigo, pois o vento teso impeliu-nos para um parcel, que não demora longe da praia, ao sudoeste da boca do rio. Todos os que sabiam nadar se lançaram ao mar e nadaram para a terra, o que alijou de tal modo o batel, que se pôz elle de novo a nado.

Após isto, disseram o governador e sua mulher que queriam proseguir a sua viagem por terra, e assim se fez.

Ao seguinte dia chegámos a um outro rio grande, chamado Uno, sito a tres leguas de S. Miguel. E' tão largo que um navio de honesto porte pôde procural-o para tomar agua.

Partidos d'este rio, fomos ter a outro chamado Jaquareasik (Jaraguá?). Aqui ordenou o governador que eu e Antonio Fernandes fossemos adiante, em busca de um pequeno poyoado ou lugarejo, afim de dispôr as cousas para a sua vinda.

Vinha em nossa companhia um portuguez chamado Rafael Pereira, que, á fina força, quiz acompanhar-nos n'esta jornada. Com quanto lhe dissessemos que tinha de atravessar varios rios caudalosos, pelo que era mais acertado que elle ficasse com os nossos amos, não esteve por isso.

Puzemo-nos, pois, nós tres, a caminho, e ao outro dia chegámos a um rio mui formoso chamado Santo Antonio. Passámol-o em uma balsa de cannas.

Fomos ter em seguida a um lugar que os indios chamam *Amecuva Prisemes*, o qual é, de ordinario, procurado pelos francezes.

D'aqui, caminhando por um solo pedregoso, fomos vêr um bello rio, denominado Camarayuya (Camaragibe). Em uma jangada, que é um apparelho de tres páos ligados, subimos um pedaço por esse rio.

Sahindo em terra á seguinte manhã, encontrámos um bello campo, e vimos muitissimo gado e um engenho, em que se moia canna. Esse engenho pertencia a um allemão, a quem entregámos a carta do governador (51).

Tanto que o allemão leu a carta, mandou preparar dez moios de cassave, e matar dois bois e muitas gallinhas e perús, para receber meu amo. Estivemos n'esse engenho uma semana inteira, e nós dois fomos muito bem tratados.

Partimos para Porto Calvo, que fica a tres leguas de Areseove. E' este um excellento porto e muito capaz em qualquer tempo. Em seus arredores enchem-se annualmente umas duas mil caixas de assucar, pelo menos.

N'este lugar encontrámos Manoel Mascarenhas (52), que tinha comsigo duzentos cavallos. Descansimos dois dias e seguimos para Pernambuco.

Depois de estarmos vinte dias em Pernambuco, Jelisiano Cuello (Feliciano Coelho) mandou recado a Manoel Mascarenhas que elle se achava cercado no Rio Grande, pelos *Potivares* (*Petiguares*), e se não fosse soccorrido com a maior presteza, o rei perderia a cidade e todos elles as vidas.

Resolveu Mascarenhas ir em pessoa soccorrer a cidade, deixando o governo de Pernambuco confiado a meu amo (53).

(51) « O engenho chamava-se *Buenos-Ayres*, e ainda hoje existe. O allemão era Christovão Lins, tronco de uma numerosa descendencia em toda a diocese de Pernambuco». — *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*, tom. 2º, pag. 22 nota 2.ª

(52) Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro donatario de Pernambuco, constituiu em 1533 seu lugar-tenente para governar esta capitania a Manoel Mascarenhas Homem, e este a governou durante quatorze annos.

(53) Esta expedição ao Rio Grande do Norte contra os *Petiguares*, que já haviam assentado pazes em 1593 com Jeronymo de Albuquerque, é igualmente desconhecida.

Partimos de Pernambuco em numero de quatrocentos portuguezes e tres mil indios, e, depois de uma jornada de sete dias, chegámos ao Rio Grande. Entre Pernambuco e esta cidade tivemos uma viya escaramuça com varios selvagens.

Tendo-se acercado da cidade do Rio Grande, dirigiu Mascarenhas uma larga falla aos portuguezes e indios para animal-os contra aquelles gentios (cujas forças consistiam em não menos de quarenta mil homens), e recommendou que todos nós nos confessassemos aos nossos pais espirituaes e d'elles recebessemos o Sacramento, porquanto tencionava atacar, no outro dia, os nossos inimigos.

E vivo foi o assalto; porquanto, tendo aquelles cannibaes aprisionado, em uma escaramuça hayida no dia anterior, duzentos homens, mataram a muitos dos prisioneiros para os devorar; e emquanto estavam entretidos a comer e beber, mui descuidosos de nossa yinda, cahimos sobre elles. Vendo isto os da cidade, sahiram tambem a campo. Assim, que foram os selvagens accommettidos de pancada por todos os lados, e forçados a levantar o cerco com perda de tres mil prisioneiros e cinco mil mortos.

O rei d'esses cannibaes, chamado Piraiuwath (Pirajuva), palayra que significa *barbatana de um peixe*, tendo sido vencido por um numero tão diminuto de homens em comparação da cópia dos seus, mandou alguns embaixadores a Mascarenhas, para ajustarem pazes, promettendo porem-se elle e todos os seus á obediencia dos portuguezes e deixarem-se baptizar, uma vez que Mascarenhas restituisse todos os prisioneiros e permittisse viverem os de sua nação como homens livres. Aceitou Mascarenhas a proposta, e assim sujeitou-se ao rei de Hespanha uma das maiores provincias do Brasil septentrional.

Concluido este pacto, o capitão-geral deu-se pressa em

levantar duas casas mui fortes á margem do rio, junto á cidade, e mandou vir quarenta peças de ferro de Pernambuco, vinte para cada uma d'ellas.

Muitos soldados houveram, n'esta jornada, pedras mui preciosas, e em algumas aldêolas inoffensivas varios diamantes, rubins e muitas saphyras azues. Encontrámos tambem muito ambar amarello, que os índios chamam *pirapoun arepoty* (54). D'esta vez favoreceu-me a sorte de algum modo, pois tive de lucro mais de quinhentas corôas.

Quando voltei a Pernambuco, encontrei meu amo prompto para seguir viagem para Portugal no mesmo navio que o trouxéra do Rio de Janeiro, e que estivera a ponto de sossobrar nos baixos de D. Rodrigo, onde desembarcámos. Havia voltado da Bahia.

N'essa mesma occasião encontrei ahi dois inglezes. Um d'elles era um gentil-homem chamado Thomaz Turner; o outro chamava-se Musgrave, e era piloto de uma fusta de Newton, negociante em Londres.

Por conselho meu, Turner foi ao Rio de Janeiro, e d'ahi se passou á Angola, onde realizou grandes lucros, negociando com suas mercadorias, pelo que agradeceu-me depois na Inglaterra. Continuêmos, porém, com a minha viagem.

Salvador Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro, chefe do Espirito Santo, Porto Seguro, Santos e S. Vicente (55), empreendeu viagem para casa com quinze urcas de Hamburgo, sete fustas de Emden e Hamburgo, e

(54) *Pirá oçu-repoty*.

(55) Estes titulos são fantasticos. Salvador Corrêa de Sá nunca teve patente de capitão-general: foi simples *capitão-mór governador* do Rio de Janeiro. E', porém, certo que teve a superintendencia das minas descobertas na capitania do Espirito Santo, ao norte, e as de Paranaguá, ao sul, na capitania de S. Vicente. Vide Pizarro, tom. 2.º pag. 114. Silva Lisboa, tom. 1.º pag. 300

algumas vinte caravelas, todas carregadas de assucar. O governador era almirante em um navio velho, denominado *Maria de Hamburgo*, do porte de setecentas toneladas, pertencente a Hans Burgo. A *Nova Maria*, do porte de quinhentas toneladas, pertencente a Adriano Cornelisz, servia de vice-almirante. A sota-almiranta, pertencente a um tal Conrado, era do mesmo porte. Acompanhavam-nos ainda um navio grande, o *S. Joris*, pertencente a um tal Hans Dijke, e mais outros.

Partiu esta frota de Pernambuco a 15 de Agosto, e em dois mezes chegou á Lisboa.

Ahi estive nove mezes em casa de meu amo. Depois adoeci, e gastei tudo o que trouxéra do Brasil.

Achava-me, pois, em miseravel estado, e peor seria se não me soccorresse uma generosa senhora ingleza, que encontrei em um convento de Lisboa e ao presente n'elle recebida (recolhida?), pois, graças a Deus e á ella, escapei da miseravel morte a que estava condemnado.

Estava eu, pois, mui enfermo, emquanto assisti em casa de meu amo. Puzeram-me na parte posterior da casa, e ahi tinha por cama um pedaço de esteira velha. Assim vegetei seis semanas na maior das misérias.

Sobreveiu-me a molestia com uma febre ardente. Como havia morrido Domingos Gomes, não veio pessoa alguma tratar de mim, senão um pobre escravo de meu amo, que, de amizade para comigo, trazia-me de quando em quando agua e algum alimento. Aconteceu-me, porém, passar dois dias sem uma nem outra cousa !

Tendo assim jazido durante seis semanas, procuraram-me Turner e Musgrave, acompanhados de alguns hollandezes, que, cotisando-se, deram-me doze schillings.

Já havia eu recebido tão generosos mimos d'aquella piedosissima Sra. Foster, que preferia morrer a que ella

soubesse a penuria em que eu me achava; mas Thomaz Musgrave de Rateliffe, sabendo quantos favores ella me fizêra, induziu-me a escrever-lhe, o que fiz, posto que a meu pezar. Logo que a Sra. Foster leu a minha carta, mandou-me cincoenta corôas, e entrou a visitar-me diariamente.

A minha doença tomou, nada obstante, tal incremento, que todos os que me viam entendiam que eu não me havia de restabelecer sem os cuidados de um doutor. Interveiu a Sra. Foster, e, allegando que eu era um parente seu, obteve que eu fosse transportado para o hospital do rei.

No espaço de dois mezes fui abandonado vinte uma vezes (como morto); mas afinal restabeleci-me, e, nada mais receiando, fui despedido com cortezia do hospital e recebi dez schillings.

Tendo sahido do hospital, pareceu-me mais acertado abandonar a casa do meu amo e procurar meios de vida. Com estas vistas dirigi-me á alfandega do rei, onde, entre toda a sorte de estrangeiros, encontrei alguns escossezes, que procuravam quem os entendesse. Ouvindo isto, offereci-lhes os meus serviços, e ganhei tanto quanto desejava, pois me pagavam muito bem o meu trabalho de traduzir (ou interpretar).

Propuzeram-me varios negociantes hollandezes que eu tornasse, em proveito d'elles, ao Brasil e ás Indias; respondi-lhes que desejava visitar primeiro a Inglaterra, pois alimentava a esperança de poder ganhar ahi honradamente o meu pão. Mas, ai de mim! mostrou-me a experiencia que era illusoria a esperança de voltar á patria.

Permaneci ainda algum tempo em Lisboa para voltar á Inglaterra, e começou a sorte a mostrar-se-me adversa, como sempre. Vivia eu muito commodamente á custa de negociantes estrangeiros que não sabiam fallar hespanhol,

quando, um bello dia, veiu-me dizer alguém, na alfandega do rei, que o meu amo Salvador Corrêa de Sá ordenava-me que tornasse á sua casa, e se o não obedecesse, mandar-me-hia buscar, quer eu quizesse, quer não.

Para encurtar razões, direi que não dei importancia a isso, e continuei em companhia das mesmas pessoas. Mas vêde: eis que me vêm de novo visitar os meus velhos companheiros—*a prisão e a desgraça*—desesperando eu outra vez de voltar á patria mais do que nunca.

O meu velho amo, Salvador Corrêa de Sá, vendo que eu relutava em procural-o, indispôz contra mim o vice-rei Christovão de Moura, fazendo-lhe sentir que, se eu voltasse á Inglaterra, poderia fazer muito mal. Tanto bastou para que fosse eu agarrado na rua como um facinora publico e conhecido, levado á prisão e mettido em um calabouço, onde (Deus me seja testemunha) passei tres dias sem comer e sem beber; nem sequer me podia ferir os olhos a luz do dia!

Afinal descobri uma restia de luz. Desanimado, quasi louco, subi contra a parede para chegar áquella fresta, e, conseguindo alçar-me até ella, arranquei o pedaço de taboa que mascarava uma grade de ferro. D'ahi entrei a soltar gritos tão lamentosos, que muitas pessoas, de compaixão para comigo, se agruparam diante da janella a lastimar-me sem me poderem valer (56).

— Aqui termina a narração, pois não foi escripto como Knivet sahiu da prisão e tornou á patria.

(56) D'esta narração se deduz que Salvador Corrêa de Sá achava se em Portugal, quando foi expedido o regimento de 15 de Agosto de 1603 sobre a superintendencia das minas.

DOCUMENTOS

RELATIVOS À

HISTORIA DA CAPITANIA, DEPOIS PROVINCIA, DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

COMPILADOS E COPIADOS NA SECRETARIA DO GOVERNO EM
PORTO ALEGRE, DE ORDEM DO CONSELHEIRO

BARÃO HOMEM DE MELLO

Ex-presidente da mesma provincia.

(Pelo mesmo Exm. Sr. offerecidos ao Instituto Historico)

(Continuados da pag. 302 do tomo XL, parte I)

CONTINUAÇÃO DA CORRESPONDENCIA DE PAULO JOSÉ DA SILVA GAMA(*)

Mappa da tropa miliciana.

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de pôr na presença de V. Ex. o mappa da tropa miliciana d'esta capitania, em que V. Ex. verá trinta e uma companhias sem regularidade e numero de homens, vendo-se decisivamente a impossibilidade que ha de serem disciplinados, emquanto não forem divididas em tres regimentos, com officiaes habéis e capazes para o serviço da campanha, o que não succede em uma grande parte dos que existem presentemente, uns por ve-

(*) Extrahida dos livros de registros da correspondencia dos governadores do Rio Grande de S. Pedro, existentes na secretaria do governo em Porto Alegre.—Liv. 1º, 1802 a 1812; liv. 2º, 1812 a 1816; liv. 3º, 1816 a 1821 (até Julho); liv. 4º (Agosto), 1821 a 1825.

lhos e doentes, e outros por serem negociantes que só cuidam no seu commercio, havendo n'esta capitania grande numero de fazendeiros proprios para occuparem os postos de cavallaria miliciana, tanto por serem abastados, como pelo seu desembaraço e praticas d'esta campanha.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 4 de Dezembro de 1803.—Ilm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Creação de villas para a administração da justiça.

Ilm. e Exm. Sr.— A perturbação continua em que vive a população d'esta capitania, composta de trinta e seis mil e setecentas e vinte uma almas, conforme o mappa das freguezias, excepto os nascidos no presente anno e tropa de linha, na superficie de quatro mil e quinhentas leguas ou mais, cada uma quadrada, com uma só justiça leiga, me anima a interceder a seu favor, participando á V. Ex. a precisão em que se acha de ser munida de um remedio prompto.

Em tanta distancia, em uma povoação já consideravel, impossivel é que uma só camara, com um unico juiz ordinario, acudam com promptidão, zelo e cuidado, e distribuir com justiça e conforme a legitima ordem de julgar a cada um o que é seu.

Pela maior parte acontece (quanto ao fôro civil), que os poderosos levem a melhor o seu partido; porque os miseraveis, tímidos de longuissimas viagens e de enormes despesas consequentes, abandonam e desprezam os seus interesses.

E pelo que toca ao criminal, vejo o delicto quasi sempre impune.

Esta justiça frouxa, não podendo dentro do tempo que as leis prescrevem, fazer as precisas averiguações para desco-

brimento dos crimes (como nos casos de devassa), annullam-se a cada passo os processos, havendo de seguir o rigor das leis, cuja execução e observancia, em taes circumstancias e em tanta distancia se faz impraticavel.

E a não ser prestar-lhe eu o meu auxilio todas as vezes que o pedem, se perderia inteiramente o preciso e indispensavel respeito ás mesmas justiças. Do que tudo vai resultando por uma necessaria consequencia o extinguir-se a boa fé dos contratos, a certeza dos dominios e a segurança publica. Os cartorios estão cheios de autos de reclamações de contratos solemnemente convencionados: vê-se ahi pleitos eternos sobre circumscripções de limites, a que os juizes já por falta de livros e já por impossibilidade de procederem a vestorias não sabem pôr termo: vê-se mais accordãos da relação do Rio de Janeiro annullando sentenças crimes por falta de requisitos, que aliás do ventre dos autos se deduz patentemente o delicto commettido, e quanto a seu aggressor; vê-se emfim além de outras mais desordens uma confusão immensa na ordem de processar, contra o direito e contra a pratica estabelecida. A' vista do que não pôde entrar em duvida a necessidade que ha de se crearem algumas villas n'esta capitania, dividindo-se mais commodamente em quatro districtos, e em cada um dos quatro erigir-se uma villa com sua camara respectiva, juiz ordinario e mais justiça competente, assim e da mesma fórma que presentemente ha n'esta de Porto Alegre, se S. A. R. o Principe Regente, nosso senhor, houver por bem attender esta minha representação, e se dignar consequentemente mandar que se ponha em execução esta providencia, achando-a coherente: deverá esta povoação, intitulada villa de Porto Alegre ser a cabeça do primeiro districto, erigindo-se em villa, concedendo-se-lhe o seu foral, que ainda o não tem proprio; porque, apesar de que a camara resida presentemente aqui,

contudo o foral pertence á villa do Rio Grande de S. Pedro, onde nada ha de justiça, incluindo-se n'este primeiro districto as freguezias de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, Nossa Senhora da Conceição de Viamão, a do Senhor Jesus do Triumpho e de Nossa Senhora dos Anjos da Aldêa, vindo a compôr-se todo este districto de onze mil duzentas e vinte sete almas, excepto a tropa de linha, e recém-nascidos no presente anno, no qual se deve conservar toda a justiça da mesma fôrma que existe.

A villa do Rio Grande de S. Pedro deve ser a cabeça do districto d'aquella fronteira do sul, que já tem o seu foral, e onde precise crear-se uma nova camara e toda a justiça correspondente como a do Porto Alegre, devendo-se incluir tres freguezias, a saber: a primeira, chamada do mesmo nome S. Pedro do Rio Grande, com todas as suas capellas filiaes, a de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e a de S. Luiz de Mostardas; e vem a montar a sua população em onze mil duzentas e noventa almas, contadas como acima.

A freguezia de Nossa Senhora do Rosario do Rio Pardo deve da mesma fôrma ser erigida em villa, como cabeça de todo aquelle districto da fronteira do norte, annexando-se-lhe todas as suas capellas filiaes, e além d'isso a freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira e de Santo Amaro, e a de S. José de Taquary, parecendo-me muito a proposito que aquella povoação, que tem o nome de Rio Pardo, se mude no de villa do Principe, creando-lhe igualmente justiça e officiaes competentes como as outras: monta a sua população em nove mil quinhentas e noventa e nove almas.

Finalmente, a freguezia de Santo Antonio da Patrulha, situada nas cabeceiras do rio Tramandy não deixa de se fazer attendivel para ser creada em villa com o seu respectivo foral, constituindo-se-lhe uma camara.

Parecendo-me da mesma fôrma que esta seja novamente denominada com o titulo de villa de Anadia, ficando como cabeça de todo aquelle districto que comprehende para cima da serra, obstando-se a que os povos tenham o grande incommodo da passagem dos rios que quasi o cercam.

Em cuja divisão mais deve attender-se á commodidade dos povos do que a sua população, annexando-se-lhe as freguezias de Nossa Senhora da Oliveira de Cima da Serra; e a de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, compondo-se de quatro mil e oitenta e..... almas a sua povoação.

Deus guarde a V. Ex. Porto Alegre, 4 de Dezembro de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia. — *Paulo José da Silva Gama.*

Senhor.— Por provisão de 12 de Julho do anno proximo passado me ordena V. A. Real que, ouvindo o ouvidor d'esta comarca e camara das villas notaveis, informe com a precisa individuação dos districtos e villas onde ainda não ha juizes de fôra, e que pela sua população, remetta um mappa exacto, e pelo estado da sua cultura e commercio precisam, para commodidade dos povos e boa administração da justiça, que n'elles se crêm semelhantes lugares de magistratura; ao que tenho a honra de informar á V. A. Real que na minha conta de 4 de Dezembro do anno passado que já remetti á real presença de V. A. Real pela secretaria de Estado competente e pelo conselho ultramarino, mostro não haver n'esta capitania mais que uma villa que tenha o seu foral, e a grande precisão que ha de crearem ao menos quatro villas para a boa administração da justiça e commodidade dos povos; na mesma occasião remetti o mappa da população e demonstração do commercio d'esta capita-

nia pela exportação e importação do anno de 1802, julgando eu com todo o respeito que a villa do Rio-Grande de S. Pedro, pela sua grande população e muito commercio, em que sempre ha contestações, seria muito conveniente um juiz letrado, não só porque o districto tem em si pela sua população e numero de casas rendimento sufficiente para a subsistencia d'este ministro, como porque a decisão das causas que podem ahi ventilar-se exige conhecimentos diversos dos de um homem leigo, como geralmente succede ser o juiz ordinario. V. A. Real mandará o que fôr servido.

Porto-Alegre, 25 de Agosto de 1804.— *Paulo José da Silva Gama.*

Justificação da prisão de um desordeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Dos papeis inclusos, que tenho a honra de pôr na presença de V. Ex., se colligirão os justos motivos que me obrigaram a prender, á ordem de S. A. Real, a Guilherme Pereira de Carvalho, carpinteiro da ribeira, motivos que cansaram todos os recursos da minha prudencia, excitaram a minha rectidão e imparcial justiça, me reduziram, emfim, á necessidade de desaggravar a autoridade publica que me foi confiada, e de conservar illeso o character de que me acho revestido, de cujo respeito e veneração tanto pende o bom regimen d'esta capitania.

O mencionado Guilherme Pereira, talvez com falsas informações, havia obtido ob e subrepticamente do meu antecessor Sebastião Xavier da Veiga Cabral a concessão de um terreno, que se declara em n. 1, concessão que jámais poderia verificar-se, por ser positivamente prohibida pela carta régia de 13 de Março de 1797, que remetto por cópia em n. 2. Movendo-se posteriormente algumas contestações

sobre o dito terreno, e recorrendo a mim para a sua decisão, examinei os..... e achando que, não só o terreno era nas margens do rio Cahy, assaz navegavel e bordado de bellissimas matas, as mais vizinhas d'esta villa, mas ainda que a sobredita concessão do meu antecessor era de uma data posterior á carta régia, que reservava para a propriedade exclusiva de S. A. Real todas as matas que beiram os rios, cassei os titulos e mandei que se despejasse aquelle lugar, como consta do n. 3.

Apezar d'isso, continuando a persistir o dito Guilherme, e pensando eu que talvez procedesse demissão da parte do official, a quem tinha encarregado de intimar e executar a minha ordem, expedi segunda ao mesmo, que vai em n. 4.

Quando parecia ter cessado tudo, e depois de tê-lo corrigido pela sua desobediencia com uma leve prisão de onze dias, passou a desenfrear todo o genero de insultos, dando todas as provas da sua ousadia e orgulho, já mandando citar para um libello crime ao official executor da minha ordem, já respondendo-me com um ar de mofa e petulancia á reprehensão com que eu proprio lhe estranhava um comportamento tão insolente. Menosprezada assim a minha autoridade, esgotados todos os meios de prudencia, para salvar comtudo e patentear a minha inteireza, mandei legalmente inquerir, e devassar as circumstancias e enormidade d'este delicto (cujos documentos e devassa remetto juntos); á vista d'elles mais cabalmente se poderão conhecer minha moderação e prudencia, os insultos e pertináz desobediencia com que foi atacada a minha dignidade, remettendo e reservando unicamente á S. A. Real a justa punição d'este individuo, que fica retido na prisão publica d'esta villa, para que não grassem mais tão perniciosos exemplos, cuja impunidade seguramente tenderia a desor-

ganisar a boa ordem e systema d'esta colonia nascente, que, povoada de homens de todas as classes, de banidos e degradados, se animariam a attentar sobre o meu character publico, jámais se executariam ao minhas ordens, e a cada passo se frustrariam, e illudiriam aquellas medidas e providencias, que, dirigindo-se a promover o bem commum e prosperidade geral d'este paiz, necessitam comtudo de um pleno vigor e da mais exacta observancia, para que possam produzir effeitos felizes.

Deus guardé á V. Ex. Porto Alegre, 16 de Abril de 1804.
—Ilm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Ilm. e Exm. Sr.—Posto que acompanhando o meu officio de 16 de Abril do anno passado levei á presença de V. Ex. o processo e indagação judicial dos delictos puniveis, attentados do carpinteiro Guilherme Pereira de Carvalho, pelos quaes o retinha em prisão até ulterior decisão de S. A. Real, comtudo posteriormente, chegando aqui de correição o ouvidor-geral d'esta comarca, pronunciando-o tambem e sentenciando-o no seu fôro réo de crimes gravissimos, me requereu para que o deixasse remetter com os autos para a relação de districto, no que eu facilmente convim e o entreguei, não obstante a mencionada conta dirigida á V. Ex., tendo em vista que, delucidando-se n'aquelle tribunal de justiça a depravada indole de um tal individuo, melhor se colligisse a imparcialidade e inteireza dos meus procedimentos, e que é só por dever e rectidão, e depois do mais maduro e reflectido exame, que me vejo obrigado a obrar contra taes infractores das leis, e que atacam sem o menor respeito as autoridades constituidas.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 6 de Outubro de 1805.—Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Creação da alfandega

Illm. e Exm. Sr.—Por officio de 7 de Maio do anno passado, que me foi dirigido pela secretaria de Estado dos negocios da fazenda, e no qual se me ordena o estabelecimento de alfandega n'esta capitania, e igualmente me determina a fundação de uma casa de arrecadação na ilha de Santa Catharina, nomeando para este fim os officiaes que se julgarem precisos para receberem provisoriamente os direitos do commercio, que por ora se fizer com a dita ilha, servindo para governo o mesmo regulamento interino que houver para alfandega do Rio Grande, se em tudo fôr applicavel, ou fazendo-se as alterações que mais se apropriarem ás circumstancias da terra e á qualidade do commercio; e, como o governo d'aquella ilha seja subalterno d'essa capitania, para cabal desempenho das referidas expressas determinações, rogo á V. Ex. que haja de expedir as ordens e providencias necessarias ao seu respectivo governador para que, assim intelligenciado, dê pontualmente todas as informações que se lhe exigirem sobre este objecto, e preste os auxilios precisos afim de realizar-se pontualmente uma fundação, que a bem do real serviço me é tão positivamente recommendada.

Deus guarde á V. Ex. Rio Grande, 28 de Abril de 1804.—Illm. e Exm. Sr. D. Fernando José de Portugal.—*Paulo José da Silva Gama.*

Cópia do officio do vice-rei em resposta d'este.

Recebi a carta de V. S. de 28 de Abril do corrente anno, expondo-me que por officio de 7 de Maio do anno passado, que lhe foi dirigido pela secretaria de Estado dos negocios da Fazenda, se lhe ordenava o estabelecimento da alfandega n'esse continente, e a fundação de uma casa de arrecadação na ilha de Santa Catharina, nomeando para esse fim os officiaes competentes, e rogando-me, que expedisse eu as ordens ao governador d'aquella ilha, para dar todas as informações que se lhe exigissem sobre este objecto, e prestar os auxilios precisos afim de realizar-se uma fundação que lhe era tão positivamente recommendada.

Na persuasão de que não será da mente e intenção de S. A. Real que V. S. passe a fazer um estabelecimento em um territorio que não faz parte do governo que lhe foi confiado, e que está immediatamente sujeito a este, não posso condescender com o que V. S. me requer a este respeito, muito mais não tendo recebido ordem alguma régia pelas repartições competentes, em que se me participasse que V. S. se achava autorisado para fazer aquella nova criação, nem me communicando V. S. as suas idéas sobre este objecto, para vir no conhecimento se d'aqui podia resultar algum inconveniente e prejuizo ao commercio ou aos reaes interesses, pois unicamente recebi com a chegada de V. S. á esta cidade um officio do presidente do real erario, em data de 28 de Julho de 1801, para lhe dar por cópia a pauta da alfandega para melhor poder informar sobre o estabelecimento, taxação e avaliação, com que deveria ser formada a da que se ia estabelecer n'esse continente, o que promptamente executei, sem que até agora fosse sabedor dos passos que V. S. deu n'esta materia.

Todas estas solidas razões que se me offerecem para não

satisfazer ao que V. S. me requer, as ponho na real presença de Sua Alteza pelo tribunal do erario régio, com o officio que V. S. me dirigiu para que o mesmo senhor se digne resolver o que fôr servido.

Deus guarde á V. S. Rio de Janeiro 5 de Junho de 1804.—
D. Fernando José de Portugal.—Sr. chefe de esquadra Paulo José da Silva Gama, governador do continente do Rio Grande.

Cultura do tabaco Virginia.

Illm. e Exm. Sr.—Pelo bergantim *Animo Grande*, que n'esta occasião vai em direitura d'este porto ao de Lisboa, remetto para ser apresentada á V. Ex. seis barricas com folha de tabaco Virginia e um caixote com vinte maçarocas do mesmo tabaco, producção da semente remettida pelo Exm. antecessor de V. Ex.

Este vegetal foi beneficiado sem despeza alguma da fazenda real, e julgando V. Ex. ser util a continuação d'esta planta por conta da real fazenda, se poderá augmentar a pequena feitoria que já fiz, com uma modica despeza, sendo esta administrada pela junta d'esta capitania.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 5 de Julho de 1804.
—Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.—*Paulo José da Silva Gama.*

Justificação de seus actos.

Illm. e Exm. Sr.—Ha dois annos que soffro em silencio todo o genero de incommodos proprios da má indole e pes-

sima criação em que achei esta colonia, e talvez os mesmos esforços de prudencia ainda me conteriam; talvez o receio de misturar intempestivamente aos grandes interesses actuaes do Estado a fraca consideração de assumptos pessoas ainda retardaria os desejos de justificar-me, se agora me não constasse que se tratava de atacar o mais delicado da minha honra e manchar o meu character publico, firmado em mais de trinta annos de serviço nas circumstancias mais criticas e mais importantes commissões do governo; já então os mesmos motivos e principios, que faziam suspender a minha propria defesa, agora instam; n'este caso minha mesma indignação é um dever, e nada me convem poupar para desmacarar a impostura e a vil calumnia que contra mim secretamente tramam.

Noticiaram-me a poucos dias que alguns individuos, com quem sem duvida me terei necessariamente inimizado pela inteireza com que exerço o meu cargo, cabalando e minando a minha ruina, tem levado á presença de V. Ex. uma conta urdida de factos, uns inteiramente falsos, outros desfigurados ou revestidos de côres horriveis, e o mais é que muitos até corroborados e firmados por pessoas, que em virtude dos seus officios publicos têm toda a fé e presumpção de verdade, tocando ainda ao excesso de passarem á outras capitancias a mendigar, e solicitar o apoio e sectarios das suas falsidades; sem perda de tempo tenho ordenado ao desembargador ouvidor da comarca, aqui chegado a poucos dias, ministro de uma reconhecida probidade e inteireza, para que averigüe esta materia do modo mais solemne e mais exacto, para que assim, legalmente contrastadas semelhantes imputações, sejam remettidas e possam ser julgadas pela imparcial rectidão de V. Ex.

Nas estreitas circumstancias em que me acho, procuro conciliar o direito natural da minha defesa com as regras

e dignidade do meu lugar; não, Exm. Sr., eu não imploro graças n'este momento, eu só recorro á justiça; eu a reclamo com esta confiança respeitosa que se funda na minha propria consciencia; eu tenho direito a reclamar-a, pois que a justiça é uma divida do throno, e é do interesse geral da sociedade que se não ataquem e manchem impunemente as autoridades constituídas.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 19 de Fevereiro de 1805.—Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Commercio e finanças da provincia.— Alfandega.

Illm. e Exm. Sr.— Nada me interessa com maior fervor do que a fiscalisação da real Fazenda. Diminuir as suas despesas o quanto é possível, fazer arrecadar anciosamente tudo o que possa pertencer-lhe sem damno dos vassallos, e esquadrinhar novos recursos para augmental-a, são os objectos do meu maior desvelo.

E o aviso de 19 de Setembro do anno passado, que acompanhou a cópia da provisão da mesma data, veio animar os meus esforços, dando-me de certo modo esperança de que serão bem vistos os meus trabalhos e fadigas. A alfandega, este estabelecimento saudável para a capitania, que por ora existe provisoriamente conforme as ordens que tive, é o recurso mais efficaz para saldar a receita e despesa d'ella, como já em alguns dos meus anteriores officios mostrei á V. Ex. A vastidão e abundancia d'este paiz em generos de exportação, o seu commercio consideravel e navegação, finalmente a minha propria experiencia, corroboram cada dia mais esta minha opinião. Este mesmo parecer tem sido o da junta da real Fazenda; e me atrevo a

avancar que o será sempre de todo o vassallo bem intencionado, que fallar sobre esta materia com zelo, e conhecimento da causa, e não seduzido por informações vagas e parciaes.

Além da sensação e estranheza ordinaria, que sempre causâm os novos estabelecimentos, consta-me que alguns negociantes, sacrificando aos seus proprios interesses os da patria e do soberano, têm requerido em nome d'estes povos, com razões frivolas e contradictorias, a extincção do dito estabelecimento; porém felizmente não escapa ás penetrantes vistas de V. Ex. que as alfandegas são o meio mais suave e menos sensivel por que se exigem dos povos os impostos, impostos indispensaveis para acabarem de supprir as despezas d'esta capitania, na qual a instituição da alfandega só verdadeiramente lhe pôde ser nociva por verem que fica estragada e prohibida a ruinosa introduccção das fazendas de contrabando.

Consequentemente estou bem persuadido que a mesma alfandega deverá subsistir, por ser um meio absolutamente necessario para o indispensavel accrescimo das rendas reaes, e que nenhum dos direitos, que se impuzeram conforme a pauta que já remetti annexa ao meu officio de 25 de Agosto de 1804, merecem diminuição. E só me lembro fazer alguma reflexão sobre o dos escravos, os quaes, subsistindo o intoleravel abuso do commercio de Montevidéo com as capitancias do norte, precisam alguma mod ficacção. Não foi com pouca consideração, nem imponderaveis razões, que se assentou que, sendo um genero muito susceptivel de contrabando, que facilmente se passava pela fronteira ao dominio hespanhol, e que não obstante quaesquer cautelas, não ficavam aqui quantos entravam, era bem que dessem primeiro na alfandega algum lucro vantajoso á real Fazenda. E apezar de que se combinasse que, não tendo os despacha-

dos para Minas esta occasião de desvio, e onde pela differença do trabalho e do sustento são menos duraveis, assim mesmo nunca se igualaram uns com outro direito, vindo a fazer differença de 1\$500, aqui, de menos. Mas estas razões assaz ponderaveis, que fazem persuadir que tal imposto é razoavel, vão cessando.

O commercio directo para Montevidéo faz abundar esse paiz consideravelmente d'este genero, que alli entra francamente; com esta extracção têm os escravos montado a um preço nos portos do norte que admira, e por conseguinte vem a fazer-se sensivel a um dos nossos lavradores o comprar-os.

E é tal a desgraça que tem havido (e talvez ainda haja tempo) em que os escravos em Montevidéo sejam mais baratos que no Rio Grande. Supposta, pois, esta abominavel correcção, fica evidente que será sensivel n'esta alfandega o direito de 12\$ por cada escravo, e que n'este caso, se á V. Ex. parecer, se poderia diminuir até pela metade. Entretanto que, se aquella navegação cessar, nunca se poderão chamar grandes os direitos estabelecidos; porque então abaterá no Rio e Bahia o preço dos escravos, ou teriam aqui bastante extracção. E todos os mais eu os acho bastantemente proporcionados, e affirmo que não deve diminuir-se.

Lembro-me que o assucar, tabaco, aguardente de canna e arroz, como deixam de pagar os direitos estabelecidos nas alfandegas do reino, quando são importados n'esta capitania, parece deviam de pagar os mesmos direitos que aliás pagariam nas ditas alfandegas, porque ainda assim mesmo ficavam aqui mais baratos estes generos, por ser muito menor o preço dos fretes. A decima e donativo que pagam as carnes, exportadas d'aqui, na alfandega do Rio, seria muito a proposito que revertisse para esta capitania,

visto que tem já cessado o motivo por que alli foram impostos, não fazendo aquella despezas algumas com a tropa d'esta. Além do accrescimo que vão tendo as rendas d'esta capitania, achando-se por um balanço particular que se fez, que de Agosto a Dezembro do anno passado rendêra a alfandega 11:884\$499 em dinheiro e fianças idoneas, na fórma do foral, seria ainda muito mais vantajoso se S. A. Real, á semelhança do que acaba de conceder á capitania do Ceará pela provisão do conselho ultramarino de 19 de Agosto de 1803, outorgasse uma igual graça para que os ditos generos que se importassem em direitura do reino ou da costa d'Africa, por espaço de dez ou doze annos, só estivessem sujeitos á metade dos direitos que costumam pagar-se nas mais alfandegas do Brasil. D'esta sorte se fomentaria a navegação directa, e consequentemente floresceria o commercio com maior vantagem, e se promoveria a cultura, objecto principal e mais interessante á esta colonia.

Seria muito providente conceder-se uma moeda provincial que girasse unicamente dentro dos limites d'esta capitania.

Aqui já ha um commercio bastantemente consideravel, e como o paiz é em si superabundante dos generos da primeira necessidade, e nem todos os seus districtos produzem com igualdade, tendo uns mais, outros menos de certos generos que lhe são respectivamente proprios pela diversidade e qualidade das terras, mas que n^o todo fazem uma perfeita abundancia, sendo necessaria consequentemente a permutação; fica evidente que com o numerario privativo se fomentava a industria, e até muito principalmente a população; porque a belleza do clima, a sua abundancia, com o numerario proprio chamaria não só os casaes agricultores, mas artifices, de que tanto precisa esta capitania. E tanto

mais se deve julgar necessaria esta providencia n'este paiz, quanto elle se vê falta de dinheiro, não só pelo motivo da falta geral, mas pela inferioridade do preço a que estão reduzidos os generos que exporta, que não compensam a importação. Com a providencia da moeda privativa, ainda que o commercio externo fosse de pouco momento e que o contrabando de Montevidéo não cessasse, nunca as forças da capitania diminuiam de um modo tão rapido, porque não só restariam lavradores e criadores de gados, mas todas as classes de occupaões subsistiriam sempre.

Para isto, pois, lembrava-me de ser de muito interesse, que por conta d'esta thesouraria se mandasse cunhar na fundição do Rio as barras de ouro vindas por S. Paulo, e pesos castelhanos que entram nos cofres da mesma thesouraria, até que se completasse cento e cincoenta ou duzentos mil cruzados.

E d'esta fórma vinha a lucrar-se a senhoriagem, que não montaria em muito pouco, não fallando ainda em alguma liga que os pesos não dispensam. Podia então fazer-se cunho diverso do que gira n'esta America, e augmentar-se a cada moeda algum valor mais, ainda que pequeno, cujo padrão S. A. Real se dignaria mandar formalisar ao seu real arbitrio.

Sendo muito justo, porém, que o direito da senhoriagem e todo o mais excesso ficasse pertencendo em proveito d'esta thesouraria, e d'isso mesmo tirar-se o custo de algum cobre tambem provincial, que seria preciso cunhar-se até vinte mil cruzados, advertindo que o mesmo augusto senhor se dignaria tambem, que na thesouraria do Rio de Janeiro se cobrassem as despesas da fundição.

A realizar-se este plano, segundo meu vêr, continuando a ter o mesmo valor o dinheiro que actualmente gira, sem duvida que será de um palpavel interesse. O subsidio litte-

rario ordenado pela lei de 10 de Novembro de 1772 seria muito util aproveitál-o para auxilio das despesas d'esta capitania, o qual recahindo sobre o genero mais barato do paiz, qual é a carne, seria quasi insensivel ao povo e redundante á Fazenda real, pois que, matando-se ordinariamente em todos os açougues 11,592 rezes por anno computadas umas por outras a nove arrobas com um real em cada libra, vem a lucrar-se annualmente 3:338\$496, que não podem perder-se. E d'este mesmo ramo de arrecadação podem tirar-se as despesas para algumas escolas publicas que S. A. Real estabelecer n'esta capitania, de que muito precisa, como já dei conta ao mesmo senhor pela secretaria de Estado competente.

Os terrenos das marinhas das povoações tambem agora se passam a aforar (o que se não tinha feito por se não fazer tudo a um tempo), á semelhança do que se tem praticado geralmente por todas as capitancias.

Estou certo que se taxará a um fôro proporcionado, que não seja lesivo, ao mesmo tempo que não se perderá de vista o proveito da Fazenda, por serem semelhantes terrenos muito cobiçados pelos particulares.

Não haverá, porém, descuido em se deixarem os.... sufficientes e serventia publica, do que tudo dará conta a junta da real Fazenda.

N'essas terras, que se conquistaram á S. M. Catholica na proxima passada guerra, vieram incluidas algumas fazendas proprias da sua corôa, que eram as em que estavam postadas as suas guardas, com gados e cavalhadas necessarias para sua sustentação e guarnição. Taes eram a do *Serrito*, a de Santa Tecla ou Pirahy, Santa Rosa, Quilombo, etc. D'estas fazendas se incorporaram na corôa as duas primeiras por estarem desoccupadas de intrusos.

E d'aquella primeira, separando-se quatro leguas de

campo para custeio de quatro mil cavallos para guarnição da tropa do Rio Grande, se arrendou o resto que ficava, que será tres a quatro leguas, por 1:450\$ em seis annos.

A segunda anda em praça para tambem se arrendar, que terá sete leguas na sua extensão.

Não se tem cuidado, porém, em arrendar as outras por motivo da grande multidão de intrusos vassallos portuguezes, que se acham dentro, os quaes eu não me atrevo a expulsar, com o receio de que venha acontecer alguma das funestas consequencias de que já ha exemplo, de se passarem aos dominios estranhos, com damno gravissimo do Estado e prejuizo d'esta capitania, onde é preciso fomentar e não destruir a sua povoação. Pelo que sem uma resolução suprema de S. A. Real nada mais alterarei a este respeito.

Lembra-me uma providencia, que seria muito util não desprezal-a.

A cavallaria precisa remontar-se annualmente de cavallos, e a Fazenda real tem muita falta d'elles n'esta capitania.

Por isso como os estancieiros, senhores de extensas terras as desfrutam sem mais encargo, do que o dizimo, parece que não ficariam lesados se se lhes impuzesse a pensão ou tributo de pagarem cada um anno por cada uma sesmaria de tres leguas, alcançada gratuitamente, um cavallo manso, novo.

Isto lhes era quasi insensivel; porque, amansando elles todos os annos grande porção de cavallos para custeio das suas fazendas, nada lhes custava darem um cavallo por cada uma sesmaria; e S. A. Real lucrava bastante, vindo este tributo de cavallos a remontar-lhe todos os annos sem despeza a sua tropa n'esta capitania, o que não acontece agora.

Nem se deve obstar a dizer-se, que semelhantes estancieiros se acham onerados já com o quinto dos couros e

gado vaccum ; porque este tributo, recahindo sobre uma producção, facil e vantajosa, e pouco dispendiosa, nada os lesa.

Sobre o maneiio que era costume dar-se á muitas e diversas pessoas, além da tropa, torno a repetir que não obstante a sua despeza ser menos enorme, depois que pela junta se estreitou, comtudo assento que só á mesma tropa se deve dar, excluindo-se tudo mais que o não fôr, e n'esta generalidade comprehender tambem os vigarios encomendados, tirando-se-lhes as ordinarias que costumam receber a dinheiro por esta thesouraria.

Devendo elles muito bem contentar-se com a congrua paga pela Fazenda real, e com as offertas, oblações e concessões que lhes prestam os fieis. Advertindo que, quando se realize o pagar-se a tropa regularmente, assento que só aos soldados e officiaes inferiores se deve dar carne e farinha de guerra, podendo todos os mais d'ahi para cima, incluidos os capitães, ser privados do municio. Tenho-me cansado fortemente, e com bastante proveito, sobre o economisar e poupar as despesas da Fazenda real.

Obras da primeira necessidade, que não podem evitar-se, como são casa da polvora e armazens reaes, e quartel para a tropa, que nada havia, tenho traçado fazêl-as em tempo opportuno, e quasi sem consideravel despeza á Fazenda real.

A primeira que se acha quasi prompta, distante d'esta villa legua e meia, com seu quartel para a guarda ahi destacada, vai-se concluindo com muito pouca despeza pela Fazenda real, do que o municio da carne e farinha para os presos de galês e obreiros, que, sendo escravos, tenho conseguido de seus senhores carinhosamente emprestal-os gratuitamente por uma alternativa, assim commodá, como regular. Em materiaes nada se tem despendido pela real fazenda; na pedra tenho feito lucrar acima de 600\$000.

No taboado que tem entrado para os armazens reaes, quinhentos; para o que mandei estabelecer uma serraria com officiaes ajornalados, pagos com o producto de parte do mesmo taboado, que para o mesmo fim se vende. Para cal e telha usei de igual artificio; e as madeiras grossas, que se precisam para a construcção do novo trapiche da alfandega e mais obras, são tiradas por soldados, que dispensados da obrigação, vencendo soldo e municio, se contentam depois com o premio de alguns mezes de..... De sorte que posso assegurar que, livres de todos as despezas, tenho feito lucrar pela minha agencia e industria para a real Fazenda, n'estes materiaes, 2:000\$, excepto o que para o futuro espero se aproveite.

Se não obstaco a decadencia d'este paiz pelos motivos dos contrabandos acima referidos, e como com individual exposiçõ se dá conta n'esta occasião pela junta da real Fazenda á S. A. Real por via de V. Ex., certamente que sem vexame dos povos, eu faria luzir esta capitania com todos os seus ramos.

Eis-aqui o que por ora me lembro expôr á V. Ex. em cumprimento da mencionada provisõ, na qual se me ordena que proponha aquellas providencias, que, depois da mais circumspecta e madura deliberação, assentasse o que exige o estado d'esta capitania. Entretanto que tudo o mais que para o futuro occorrer relativo a este objecto, eu não me descuidarei jámais de o representar separadamente.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 30 de Março de 1805.
— Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.— *Paulo José da Silva Gama.*

Sobre as rendas da capitania e donativos.

Illm. e Exm. Sr.— Persuadido de que cumpri o meu dever dar á V. Ex. uma fiel e exacta conta de tudo quanto obro, ainda por differente repartição, cuja informação poderá acaso alguma vez concorrer para as medidas e providencias de V. Ex., remetto por cópia o meu officio de 30 de Março d'este anno, no qual, em consequencia da provisão e aviso de 19 de Setembro do anno passado, que, dirigido pela secretaria da Fazenda, me recommendava expuzesse todos os recursos mais apropriados para desempenhar o atrasamento ; e que concorresse para o augmento das rendas d'esta capitania, dêsse o meu parecer sobre os meios que me parecessem mais idoneos e efficazes para desempenhar estes fins que tão positivamente se me recommendam.

Igualmente em resulta da carta régia e aviso de 6 de Abril do anno passado, pelo qual se me ordenava que, fomentando o zelo e fidelidade d'estes povos, os convidasse a concorrerem com um dom gratuito nas actuaes urgencias do Estado, já me acho em estado de remetter n'esta occasião por principio de maior remessa 5:000\$ em letras sacadas a favor do real erario, além de uma porção importante de letras pertencentes á divida passiva da real Fazenda, que se vai assim amortizando, e além de uma quantidade de generos e animaes que têm offerecido e prestado os fazendeiros, que, depois de vendidos e apurados, farei com a brevidade possivel enviar o seu importe ao mesmo real erario, como se me determina por aquella repartição.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 30 de Março de 1805.
— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.— *Paulo José da Silva Gama.*

Illm. e Exm. Sr.— Em observancia da carta régia e aviso de 6 de Abril do anno passado, que, retardada, só por segunda via recebi a 10 de Novembro do mesmo anno, tenho tomado todas as medidas tendentes ao cabal desempenho do seu objecto, bem que a plena arrecadação dos donativos tem pendido de alguma demora pela vastidão e distancias consideraveis d'esta capitania, e pela natureza dos generos, pelos effeitos e animaes com que têm contribuido alguns dos fazendeiros.

Comtudo, além da importante porção de letras pertencentes á divida passiva d'esta capitania, que se têm doado, já me acho em estado de enviar n'esta occasião 5:000\$, por principio de maior remessa, preferindo e adoptando o systema de que taes remessas de dinheiro d'esta thesouraria da Fazenda sejam feitas com letras sacadas sobre negociantes do Rio de Janeiro, a favor do real erario, remetendo-se as ditas letras á junta do Rio de Janeiro para esta ou cobrar as quantias, e remettê-las em dinheiro para Lisboa por alguma embarcação de guerra, ou fazer sacar novamente outras a favor do mesmo real erario, onde deverão ser pagas em moeda metallica.

Eu não cesso de empregar todo o zelo e actividade para apurar a avultada quantidade de generos e animaes, que estes povos quotidianamente prestam, afim de effectuar com a brevidade possivel semelhantes remessas por meio d'estas ou outras iguaes disposições, que desejarei se façam dignas da approvação de V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 30 de Março de 1805.
— Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.— *Paulo José da Silva Gama.*

Fallecimento do brigadeiro Rossio.

Illm. e Exm. Sr.—Participo á V. Ex. que no dia 10 do corrente mez falleceu n'esta villa o brigadeiro do corpo de engenharia Francisco João Rossio, segundo commissario da demarcação de limites, ficando entregue e responsavel dos papeis pertencentes á commissão o tenente-coronel do mesmo corpo e commissão Francisco das Chagas Santos, que de tudo dei parte ao vice-rei do Estado para me determinar a este respeito o que julgar conveniente ao real serviço.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 12 de Outubro de 1805.—Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Questão de limites.

Illm. e Exm. Sr.—N'esta occasião envio pessoalmente o meu ajudante de ordens representar miudamente á V. Ex. as contestações ponderosas que tem suscitado o vice-rei das provincias do Rio da Prata sobre os limites das nossas duas fronteiras; além d'este objecto principal da sua commissão, o encarrego de requerer efficazmente á V. Ex. a decisão dos meus officios sobre armamento, promoção de tropa paga, da formação dos corpos milicianos, e de outros assumptos e providencias, que tão immediatamente influem sobre a sorte e segurança futura d'esta capitania.

Juntamente terá elle a honra de apresentar á V. Ex. quatro estandartes, despojos dos povos de Missões, conquistados aos hespanhoes na proxima passada guerra, os quaes serviam nas funcções solemnes das suas camaras.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 18 de Outubro de 1805.—Ilm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Cultura do trigo.

Ilm. e Exm. Sr.—Em desempenho do aviso de V. Ex. do 1º de Abril do anno passado, havendo de contestar a *Memoria* que o acompanhou, sem comtudo entranhar-me em mais longas e diffusas discussões, julgo sufficiente certificar á V. Ex. que, já pela falta de braços, já pelos vicios da sua economia rustica e talvez pouco fomento, esta capitania apenas presentemente lhe resta um superfluo de trigo para abastecer as outras capitancias ao norte, montando ordinariamente a sua exportação annual n'este genero a cento e noventa e quatro mil alqueires em grão, e a quatro mil arrobis em farinha, isto é, pela medida da terra, que pela de Portugal monta a trezentos e oitenta e oito mil, e nos annos pouco ferteis, como o actual, de tal sorte sobe de valor, que tem custado a 2\$200 em primeira mão.

Porém como esta capitania, pelos seus recursos e fecundidade natural, cresce todos os annos gradualmente em população e commercio, bem pôde ser que d'aqui a pouco tempo venha a ser verificavel e vantajosa ao commercio directo de trigos para o reino, o qual por ora offerece difficuldades: e como em semelhantes materias eu não conheço meios mais seguros, que as tentativas que se fazem em pequeno, entre as embarcações que este anno se dirigem e navegam directamente d'aqui para a metropoli, consta-me que uma galera de Joaquim Pereira de Almeida, negociante d'essa praça, leva, entre outros generos, uma porção de trigos, afim de calcular a conta que poderá ahi fazer, cujo

resultado virá então a servir de norma e base para as especulações futuras, havendo já aqui todas as proporções para a moagem, e construindo-se n'esta mesma capitania as barricas, para as quaes abunda de excellentes madeiras.

Sobretudo, porém, protestarei á V. Ex. que jámais considerarei idoneo, antes summamente ruinoso, o arbitrio de um privilegio, excluindo de todo o negocio activo e passivo d'esta capitania ; experimentariamos então as funestas consequências do monopolio e o commercio d'ella, que progressivamente floresce e se alenta, até navegando já em direitura para essa capital; estancaria, e infallivelmente desfalleceria e arrastaria mil outros tristes resultados, que sem duvida não escaparão ás luzes superiores de V. Ex., quando aliás o seu primeiro e principal fomento deve ser a liberdade do commercio.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 2 de Março de 1806.
—Ulm. e Exm. Sr. conde de Villa Verde.—*Paulo José da Silva Gama.*

Questão com a camara.

Senhor.—O estranho procedimento que acaba de praticar a camara d'esta villa, fazendo a eleição de um capitão-mór das ordenanças d'esta capitania, e remettendo-a ao depois para ser approvada pelo vice-rei do Estado, sem haver comigo a menor contemplação, nem eu levemente ser ouvido sobre a idoneidade e aptidão do eleito; tão novo e extraordinario modo, bem differente ainda do que sempre constantemente se pratica em semelhantes nomeações com os governadores meus antecessores, me obriga a representar vivamente á V. A. Real, pois que me vejo constituido no maior embaraço e confusão, quando tenho em vistas as

disposições expressas da carta régia de 2 de Novembro de 1787, cuja devida e exacta observancia foi posteriormente recommendada por aviso de 15 de Julho de 1801 pela secretaria de Estado de ultramar, que por cópia ponho na real presença, e á vista da provisão do conselho ultramarino de 26 de Outubro de 1804.

Se, como estou intimamente persuadido, as mencionadas ordens devem ter um pleno vigor, e me compete privativamente a execução d'ellas, digne-se V. A. Real fazer sentir á sobredita camara d'esta villa, quanto são abusivos semelhantes procedimentos, e se contrapõem á ordem e systema dos planos, que em desempenho das referidas disposições régias, eu devo propôr, e até para que em desprezo da minha propria autoridade não prosigam jámais n'aquelles actos e assumptos, em que por lei e por uso constante eu devo ter toda a consideração e voto, para o levar immediatamente á augusta presença de V. A. Real.

Deus guarde á V. A. Real. Porto Alegre, 28 de Maio de 1806.—*Paulo José da Silva Gama.*

Illm. e Exm. Sr.— Persuadido que era do meu proprio dever de mostrar eu immediatamente á V. Ex. o ponto a que têm subido as rendas annuaes d'esta capitania, cujo governo me foi confiado, tenho a honra de apresentar á V. Ex. as relações inclusas, e das quaes V. Ex. colligirá que, estabelecendo, logo que aqui cheguei em 1803, a junta da Fazenda, tenho de tal sorte coarctado antigas e abusivas despesas, e regulado as actuaes, que, sem lançar mão de extraordinarios recursos, têm augmentado annualmente as suas rendas 54:659\$020, vindo a chegar o seu total rendimento

a 100:564\$060, e equilibrando já sua annual despeza com a sua correspondente receita, como V. Ex. observará na demonstração n. 5, subsistindo apenas a insignificante deficiencia de 3:450\$102, por metter em conta de despeza da capitania os 6:000\$ para fardamento da tropa, o qual costuma vir da metropoli, mas assim mesmo espero ver saldada no presente anno pelo augmento progressivo que vão desenvolvendo alguns dos seus artigos.

Assim, sem multiplicarem impostos directos e pesados, e sem abstrahir o seu commercio e industria, economisando simplesmente as veias da sua natural riqueza, já V. Ex. vê quanto este fertil paiz é susceptivel de ser uma bella e talvez das mais interessantes colonias.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 25 de Setembro de 1806.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia, Sr. conde de Villa Verde, Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.— *Paulo José da Silva Gama.*

Sobre os indies.

Illm. e Exm. Sr.—As repetidas ordens e providencias com que os nossos augustos soberanos têm sempre recomendado aos governadores do Brasil a conciliação e bom tratamento dos indios, formaram desde o principio do meu governo os meus maiores desejos de attrahir as nações selvagens que confinam com este paiz; com effeito, do auto incluso, que por cópia tenho a honra de apresentar á V. Ex., com geito e promessas consegui por um cacique dos indios *Charruas*, por nome D. Gaspar, viesse pessoalmente a esta capital implorar a protecção de S. A. Real e pactuasse

aquelles ajustes que julguei mais vantajosos; persuado-me que um semelhante passo não deixará de ser considerado sobremaneira util e importante por todos os lados, pois não só se irão assim reduzindo ao gremio da nossa santa religião estes infieis, a tantos seculos sepultados na cegueira do paganismo; mas, ainda debaixo mesmo de um ponto de vista politico, uma tal alliança é de summo interesse ao Estado em occasião de algum rompimento com a nação confinante, sendo estes individuos os mais destros no manejo dos cavallos e os mais praticos d'esta campanha, por cujos motivos se têm feito sempre temer e receiar dos hespanhoes, que anciosamente desejam a sua total extinção, e assim no tempo da paz servindo-nos de uma formidavel barreira contra qualquer surpresa dos nossos vizinhos, na guerra sem despezas á real Fazenda augmentarão o numero dos hostilidades.

Desejarei que estas medidas, cogitadas pelo meu zelo em defesa e abono d'este governo, sejam igualmente dignas da approvação de V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 25 de Setembro de 1806.—Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa, Sr. visconde de Anadia, Sr. conde da Villa Verde.—*Paulo José da Silva Gama.*

Receio de invasão na capitania.—Noticias.—Precauções.

Carta ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Illm. e Exm. Sr.—N'este momento acabo de receber por cópia e aviso que o marechal Joaquim Xavier Curado faz ao marechal Manoel Marques de Sousa, e o qual da mesma fórma remetto á V. Ex., posto que bem persuadido que este ultimo já o terá anticipado á V. Ex.

Protesto á V. Ex. que, com toda a actividade e energia conveniente, estou tomando as medidas para defesa d'esta capitania, para cujo effeito faço promptamente avizinham-se ás fronteiras toda a tropa de linha, e ficam promptas as milicias, marchando eu sem perda de tempo para o Rio Grande afim de observar de mais perto quaesquer movimentos e providenciar os acontecimentos occorrentes; comtudo não posso eximir-me de reiterar á V. Ex. as mesmas representações que já tenho feito, de que estou falto de tropa precisa para guarnecer toda uma tão vasta fronteira, sem officiaes superiores vigorosos para serem encarregados dos commandos, e desprovido de pistolas e clavinas, como tudo V. Ex. verá mais circumstanciadamente das relações que tenho tido a honra de enviar á V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 26 de Setembro de 1808.—Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.
—*Paulo José da Silva Gama.*

Cópia da carta escripta pelo marechal Curado ao marechal Manoel Marques de Sousa, e da qual faz menção o officio acima.

Illm. Sr. Manoel Marques de Sousa.—Tenho muitas razões para me persuadir que o Rio Grande vai a ser atacado

sem demora, e que os simulados pretextos para se me não responder, encobrem a malicia de ganhar tempo para os preparativos da marcha, que julgo será pelo Serro Largo. V. S. promptifique-se com diligencia e silencio, e mande parte immediatamente ao Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, visto que lhe não posso escrever nas circumstancias em que me acho.

Mande V. S. com a maior brevidade as cartas inclusas para virem os regimentos de Santa Catharina e S. Paulo; e bom será logo transporte, porque o da ilha pôde vir já. V. S. comtudo não faça movimento algum se não houver motivo urgente, senão depois que souber que cheguei ao campo neutral.

Apezar de todas as dissimulações ainda me resolvo a esperar amanhã; como estou já fóra da praça, e mais prompto a seguir, continuo a solicitar d'aqui mesmo a resposta de que preciso.

Aprompte-se V. S., persuadindo-se que não hei de perder tempo, e escreva ao seu governador pedindo-lhe toda a tropa e milicia, que talvez seja muito pouca.

Deus guarde á V. S. muitos annos. Povo de Pando, 16 de Setembro de 1808. De V. S. muito certo amigo.—*Joaquim Xavier Curado.*

Carta ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Illm. e Exm. Sr.—Quando, em conformidade do meu officio de 26 de Setembro proximo passado, que dirigi a V. Ex. em resulta da participação do marechal Joaquim Xavier Curado ao marechal Manoel Marques de Sousa, e a qual na mesma occasião remetti por cópia; eu havia dado

as providencias n'elle indicadas, seguindo immediatamente para a villa do Rio Grande; recebo em caminho um officio do marechal Manoel Marques de Sousa, incluindo a cópia d'essa carta e aviso do dito marechal Curado, que tudo por traslado apresento á V. Ex., posto que em consequencia d'isto expeço instantaneamente ordem para que se retirem os transportes que eu já havia anticipado, para conduzirem o regimento da ilha de Santa Catharina, comtudo não julguei ainda conveniente retrogradar, mas sim proseguir na minha marcha para aquella villa do Rio Grande.

Deus guarde á V. Ex. Estancia dos Palmares, 6 de Outubro de 1808.—Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.—*Paulo José da Silva Gama.*

Cópia das cartas indicadas no officio acima, escriptas pelo marechal Curado ao marechal Manoel Marques de Sousa e ao commandante do regimento da ilha de Santa Catharina.

Illm. Sr. Manoel Marques de Sousa.—Meu amigo e senhor. Agora que chego á Santa Theresa se me offerece oportunidade de responder á carta de V. S. de 23 do corrente, em que me faz favor pretender ouvir o meu modo de pensar.

N'estas circumstancias respondo que, visto os publicos fundamentos do impresso de S. A. Real, com data de 19 ou 20 de Agosto, em que faz publica alliança com Hespanha, Inglaterra e Sicilia, não se deve emprehender acção alguma hostil, e muito menos atacar uma praça sem positiva e mais recente ordem da côrte. Eu penso tanto assim, que julgo conveniente que V. S. mande retroceder o comboio que se

destinou para o regimento de Santa Catharina, e que se entregou ao commandante essa carta que vai aberta para que V. S. se possa inteirar do seu conteúdo,

Finalmente, se V. S. tem ordens particulares ou posteriores que se opponham ante meu modo de pensar, fica sendo evidente que deve obedecer; porém não sendo assim, julgo que se não deve adiantar um passo pelas razões já indicadas.

Comtudo V. S. praticará o que melhor lhe parecer.

Deus guarde á V. S. muitos annos. Santa Theresa, 30 de Setembro de 1808. De V. S. amigo muito amante e obrigado.—*Joaquim Xavier Curado.*

Precauções defensivas.

Carta ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Tendo já ayisado á V. Ex. que, apezar dos successos que rapidamente mudaram a face das cousas, julgava comtudo conveniente postar-me interinamente em um ponto mais immediato á fronteira, onde estivesse mais ao alcance de observar a conducta e os movimentos dos hespanhoes, recebo n'este momento a participação de que, em consequencia da desunião que reina entre o vice-rei interino do Rio da Prata, D. Santo-Iago Liniers, e o governador de Montevideo, cujas criticas circumstancias e fermentação geral n'aquella provincia já communicariam á V. Ex. os marchaes Curado e Manoel Marques, marcharam por terra e por mar tres mil homens de Buenos-Ayres para atacar a praça de Montevideo, por não quererem n'esta receber o novo governador nomeado por Liniers para a dita praça,

recolhendo por isso o actual governador de Montevideó todas as partidas que andavam na campanha; sollicitamente espero as resultas ou posteriores noticias, tendo já distribuido pelas fronteiras os petrechos de guerra que n'esta capitania existiam, e os milicianos promptos á primeira ordem, afim de poder repellir qualquer invasão ou estratagemas que rebufadamente projectem.

Deus guarde á V. Ex. Rio Grande, 14 de Outubro de 1808.— Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.— *Paulo José da Silva Gama.*

Sobre as tropas.

Carta ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

Pela ilha de Santa Catharina acabo de receber o officio de V. Ex. de 2 de Novembro proximo passado, em desempenho do qual para o contra-almirante Sir Sidney Smith ache mais promptas as tropas, quando chegue a necessital-as, ordenei que se aquartelassem na villa do Rio Grande e nas suas immedições os destacamentos que novamente vieram; semelhante expediente foi assim adoptado para restringir-me ainda mais a facilidade dos meios de serem ellas revistadas pelos officiaes commissionadas do sobredito contra-almirante, porquanto nem aquelle local, inteiramente areento, nem a falta absoluta de commodidades, permittia que fossem alli estacionados, tendo por isso sido o meu plano de central-os n'esta capital, onde, como de um foco, e de ponto médio podiam dirigir-se para qualquer dos postos das fronteiras, e ainda para Santa Catharina, onde urgissem as circumstancias, verificando ao mesmo tempo uma das principaes recommendações de V. Ex., de

disciplinar tanto as tropas de fóra, como as proprias d'esta capitania, que aliás tão necessitadas se acham de exercicio e manejo ; podendo asseverar á V. Ex. que existem bem destituidas das precisas instrucções, pois que os officiaes e soldados a longo tempo destacados em postos tão remotos, pela campanha, só cuidam nos seus interesses particulares; e assim, fazendo-as revezar e alternar pelas tropas de fóra, conseguiam-se, além de immensas vantagens, como mais amplamente poderei evidenciar á V. Ex., dois utilissimos fins, já de que a tropa nova tomasse o conhecimento da campanha, já de que os corpos d'esta provincia se instruissem no seu competente manejo e disciplina, debaixo das vistas dos seus governadores, que fiscalisariam exactamente semelhantes funcções; d'esta sorte pretendia dissipar alguns abusos, que só terão termo se V. Ex. annuir a estas minhas proposições.

Conservo já promptos os mappas da tropa de linha e miliciana aqui existente para remettê-la ao contra-almirante Sir Sidney Smith, a quem prevenirei que, quando queira para qualquer fim os corpos d'esta capitania, me antecipe algum aviso para reunil-a no posto que me indicar, visto que, não me sendo conveniente conservar desguarnecidas as fronteiras, os tenho distribuido pelas diversas guardas avançadas e provincia de Missões, e os milicinos pelos seus respectivos districtos, protestando ultimamente á V. Ex. que em algum espaço que permite as pesadas funcções d'este governo, não me descuido de estudar tudo quanto possa concorrer para o bom serviço de S. A. Real nos diversos assumptos em que pela pratica e experiencia de seis annos me supponho assaz inteirado.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 3 de Dezembro de 1808.— Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.— *Paulo José da Silva Gama.*

Cultura do linho canhamo

Carta ao Serenissimo Sr. infante almirante-general.

Serenissimo senhor.—Desejando dar á Vossa Alteza noções tão cabaes e satisfactorias, quaes convem ao summo interesse dos importantissimos artigos, sobre os quaes Vossa Alteza me manda informar na portaria de 20 de Julho proximo passado, pelo que pertence ao estado actual da cultura do canhamo, seu melhoramento e progressos, e a possibilidade de extrahir consideraveis quantidades de oleo da semente do linho; offereço como parte integrante da minha informação o parecer incluso do inspector da real feitoria do linho canhamo, a quem mandei ouvir como pratico e experiente n'esta materia.

Além do que deyo primeiro que tudo reclamar de absoluta e indispensavel necessidade (o que já tantas vezes tenho proposto pelas secretarias de Estado da Fazenda e dos negocios ultramarinos) a faculdade de remover o estabelecimento da sobredita real feitoria para um terreno pingue, commodo e apropriado á semelhante plantação, pois que inteiramente é improprio o sitio em que actualmente ella existe; d'esta mudança depende principalmente da prosperidade d'aquelle real estabelecimento, como evidencia o seu inspector na conta junta, aliás continuará a jazer no antigo estado de languidez e acanhamento, e a esperar-se apenas a conservação da semente á custa de aturadas diligencias e cuidados.

Entre os meios de fomentar o melhoramento e progressos da interessantissima cultura do canhamo por todos os proprietarios d'esta capitania, influiria immenso a execução do plano da factura do oleo extrahido da linhaça, como

economica e praticamente se calcula no documento incluso n. 4, e cujas excellentes amostras acompanham este officio; suscitando-se assim um novo ramo de commercio, que forneceria abundantemente as precisões indispensaveis da medicina, da pintura e de outras artes; outro meio de estímulo era pagar-se no principio cada arroba de canhamo pelo mais alto preço que nos fica o estrangeiro, ao qual elle não cede em qualidade; conviria tambem a instituição de uma mesa da inspecção, á semelhança das da Bahia, Pernambuco e outras capitánias, reservando-se á competencia d'esta mesa a disposição dos fundos applicados para a compra do canhamo, a lotação das suas diversas sortes e qualidades, applicando as medidas mais adequadas para attenção e prosperidade da sua cultura, e ampliando-se ainda na sua jurisdicção a vigiar sobre todos os outros ramos do commercio, agricultura e industria d'esta provincia, e ultimamente não me parece fôra de proposito franquear que n'esta capital erigissem os particulares por sua conta cordoarias, para que d'esta sorte, pela concorrência dos compradores do canhamo, se reanimasse a plantação d'este genero e se superasse a abusiva desconfiança em que sempre têm aqui vivido os lavradores, de que não paga nem equivale este aos outros artigos da sua cultura.

Enquanto á existencia de arvores rezinosas, d'onde possa extrahir-se o alcatrão para uso da marinha real, posto que geralmente me informam que nas matas d'esta capitania, á excepção da amoreira, não se encontram arvores rezinosas, e que abundando de pinheiros, estes, por demasiadamente aquosos, não distillam alcatrão; comtudo eu não afianço ainda totalmente estas observações, visto que ellas não são feitas por um investigador sabio e munido dos conhecimentos necessarios para discernir as diversas qualidades de pinheiros, e para distinguir o pinheiro denominado de pez,

que, vegetando na Carolina meridional em terrenos muito mais pantanosos e alagadiços, d'elle extrahem os americanos-ingleses o alcatrão, o pez, etc.

De quaesquer resultados e experiencias que occorrerem n'esta materia promptamente terei a honra de levar á presença de V. A. Serenissima.

Deus guarde á V. A. Serenissima. Porto Alegre, 20 de Dezembro de 1808.—*Paulo José da Silva Gama.*

Carta ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

Illm. e Exm. Sr.—Apezar dos maiores desejos que tenho de corresponder ás remessas de linho canhamo, que V. Ex. me exige no seu officio de 15 de Novembro proximo passado, me vejo comtudo na estricta circumstancia de desenganar á V. Ex. que, á excepção d'essa quantidade que annualmente se colhe na real feitoria, do linho canhamo, não é possivel conseguir porção alguma dos proprietarios particulares, os quaes pertinazmente se têm recusado á sua plantação.

Não persuada, porém, á V. Ex. que semelhante carestia haja procedido de deleixo meu; mas antes, desde o principio do meu governo, tenho-me esforçado com a maior effi-cacia em reanimar este importantissimo artigo, mandando ao proprio inspector da real feitoria do canhamo por todas as fazendas d'esta capitania a distribuir a semente e a instruir do methodo da sua plantação; igualmente em diversos tempos tenho representado pelas secretarias de Estado dos meios que podem empregar-se para fomentar a sua cultura, e dos obstaculos que é preciso remover em consequencia das propostas que me tem feito o mencionado inspector, e as quaes por cópia aqui incluo, asseverando á V. Ex. que

se um tal ramo não tem prosperado n'esta provincia, não é porque o terreno e o clima deixa de ser-lhe particularmente apropriados, como V. Ex. terá observado nas porções de linho que d'aqui se tem enviado, e das amostras de oleo que faço acompanhar a este officio, protestando á V. Ex. que enquanto se não realizarem os meios, que acabo de informar pela secretaria de Estado dos negocios do Brasil, difficultosamente o linho canhamo chegará ao grão de prosperidade e de abundancia de que incontestavelmente é susceptivel.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 26 de Dezembro de 1808.—Ilm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.
—*Paulo José da Silva Gama.*

Chegada da legião de S. Paulo.

Carta ao Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.

Ilm. e Exm. Sr.—Participo á V. Ex. que nos dias primeiro e segundo do corrente chegaram á villa do Rio Grande cinco embarcações, que conduziram do porto de Santos o corpo de artilharia volante da legião de tropas ligeiras de S. Paulo, e o qual desembarcou alli nos dias 3 e 4 no estado que V. Ex. verá do mappa incluso.

Ainda agora não posso circumstanciar a relação do trem, petrechos e munições de guerra, por não haver ainda recebido aviso de acharem-se desembaraçados.

Posso comtudo certificar á V. Ex. que, para o serviço da referida tropa, acham-se promptos mil e quatrocentos cavallos e cincuenta bestas muares para o uso da artilharia.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 10 de Fevereiro de 1809.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*Paulo José da Silva Gama.*

Carta ao Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.

Illm. e Exm. Sr.— Julgo dever anticipar à V. Ex. das contestações que de novo suscita o actual governador de Montevidéo, tanto relativamente aos roubos e introduções clandestinas de contrabando, como sobre os verdadeiros limites d'estas fronteiras, incluindo para isso n'este as cópias fieis da representação dos fazendeiros, e officio d'aquelle governador e da resposta que lhe dei.

Semelhante materia já foi vigorosamente discutida quasi desde o principio do meu governo; e sendo então vice-rei d'este Estado o Exm. Sr. conde de Aguiar, lhe remetti cópias authenticas de toda essa correspondencia, e as quaes existirão no archivo da antiga secretaria do extincto governo, d'onde V. Ex. com maior brevidade poderá mandar extrahir, para mais a fundo intelligenciar-se sobre este assumpto.

Deus guarde à V. Ex. Porto Alegre, 16 de Fevereiro de 1809.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *Paulo José da Silva Gama.*

Sobre o commando das tropas.

Carta ao Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.

O dezar, e até prejuizo do real serviço, que ordinariamente resultam dos encontros de jurisdicção e competencia, me movem a rogar à V. Ex. haja de declarar-me se o marechal de campo Joaquim Xavier Curado, está encarregado da inspecção da tropa da artilharia a cavallo de S. Paulo, parte da qual acaba de chegar em reforço d'esta capitania,

como já participei á V. Ex. em data de 16 d'este mez, porquanto pelas ordens posteriores de V. Ex., sendo-me determinado que conservasse prompta a referida tropa e a da guarnição d'este governo, e em estado de poder passar-lhe revista e tomar o commando d'ella o contra-almirante Sir Sidney Smith apenas entraram no porto da villa do Rio Grande as duas primeiras companhias d'aquelle corpo, expedi logo ao marechal commandante da fronteira Manoel Marques de Sousa, e ao commandante da sobredita tropa, as ordens que ajunto em n. 1; porém com alguma admiração, por não achar-me prevenido de avisos, instrucções competentes, recebo o officio, que incluo em n. 2, no qual me participa o marechal Manoel Marques que o marechal Curado principia a indicar actos de inspecção sobre a mencionada tropa; entretanto eu lhe contestei com o officio, que apresento por cópia em n. 3, instando vivamente á V. Ex. que quanto antes se digne aclarar-me n'este ponto, para evitar quaesquer collisões entre os referidos dois marchaes e para meu proprio regimem.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 27 de Fevereiro de 1809.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *Paulo José da Silva Gama.*

Exploração de ouro.

Carta ao Illm. e Exm. Sr. conde de Aguiar.

As frequentes noticias, e denuncias que se me faziam, de que nos districtos d'esta capitania appareciam abundantes minas de ouro e de outros metaes inferiores, me moveram a encarregar com algum segredo d'essa investigação a um

official miliciano, que é acostumado a distinguil-as, e a reconhecer os signaes exteriores que as caracterisam e annunciam, me dêsse uma informação exacta do local e mais circumstancias adequadas a fazer uma justa idéa da importancia das referidas minas; com effeito apresentou-me as amostras de ouro n. 1, 2 e 3, as quaes com a minuta junta acompanham este officio, remettendo tambem n'esta occasião a amostra n. 4, que já achei n'esta secretaria do tempo do meu antecessor.

Para providenciar extravios, tenho passado as mais restrictas ordens, e dirigi um officio ao ouvidor da comarca para que devassasse sobre este assumpto na conformidade da lei.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 2 de Março de 1809.
— Ilm. e Exm. Sr. conde de Aguiar.— *Paulo José da Silva Gama.*

Portos da capitania — Condições defensivas d'esta.

Carta ao Serenissimo Sr. Infante.

Determinando-me V. A. Serenissima que eu informe o estado actual dos portos d'esta capitania, as suas mais importantes escalas de commercio, e a conservação, restauração e melhoramento d'elles, como tambem o que julgo mais acertado a respeito da guerra maritima defensiva e offensiva contra o fatal commum inimigo, a ser preciso proceder a ella immediata, vigorosa e hostilmente. N'esta capitania, que tenho a honra de reger, apenas ha dois portos, um central, sito na latitude austral de 30° 1' 40", e na longitude oriental de 360° 54', dezoito e meia leguas de oeste

da costa do mar oceano e quarenta e quatro quasi de nor-nordeste da sua barra no dito mar, e outro, a que verdadeiramente se pôde chamar maritimo, sito na latitude austral de 32° 1' 30'', e na longitude oriental de 326° 5', legua e quarto norte da mencionada barra.

Tanto aquelle, junto á esta capital villa de Porto Alegre, na lagôa de Viamão, cabeceira da grande lagôa denominada dos Patos, como este fronteiro á villa do Rio Grande, servem para ancoradouro dos hiates do commercio interior, e para as embarcações de dois mastros que não demandem mais fundo do que de quatorze até dezoito palmos, por ser pouco maior do que este o maximo que se encontra assim no variavel canal da barra, como nos tortuosos da referida lagôa dos Patos, o que procede de ser a costa e os terrenos a ella adjacentes rasos e de baixios.

Nenhum arbitrio me pôde occorrer a respeito do melhoramento d'estes portos, porque sendo elles soffriavelmente abrigados, e não havendo acontecido catastrophe alguma ás embarcações depois de ancoradas, apezar das tempestuosas tormentas que ás vezes repentinamente se offerecem, só resta em damno da navegação o mencionado pouco fundo dos canaes e a mudança que ás vezes succede n'elles.

O que, porém, a respeito dos da entrada da barra, está já a annos remediada com o estabelecimento de uma catraia, dirigida por um competente patrão-mór para servir de guia e presidir principalmente a entrada das mesmas embarcações. Porque, emquanto ao aperfeiçoamento dos mencionados canaes, seria uma cousa impossivel, visto a *machina* de arêas que são conduzidas no tempo das enchentes pela immensidade de aguas que sahem pela mencionada barra. Defeito este que a meu vêr igualmente se seguiria em qualquer paragem d'esta costa em que se intentasse, á força de avultadas despesas, abrir outra barra. O moveção terreno

arenoso, assim da boca da mesma barra, como das margens oppostas do rio em equidistancias de um terço de legua, e mais até o dito ancoradouro do Rio Grande, não permite que se conservem com duração fortes ou reductos proprios para manejo de grossa artilharia: os que houveram na guerra de 1762, tempo em que a planicie se achava ainda solida e permanente, já não existem nem vestigios; presentemente seria assaz custoso e dispendioso o construir obras defensivas de consideração nas mesmas paragens, onde avultados montões de areãs, a que vulgarmente denominam n'este paiz—cômoros—estão sempre em continua agitação e transmutação pelos ventos.

Assim, tendo a nosso favor para a defensiva as difficuldades da entrada da mesma barra, só lembra augmentar estas difficuldades com a opposição das baterias fluctuantes das barcas cinhoneiras, as quaes por demandarem muito menos agua, podem não só em linha de batalha cobrir toda a garganta da mencionada barra, mas tambem fazem todas aquellas evoluções que se julgarem precisas e adequadas para a resistencia, e muito principalmente sendo ao mesmo tempo coadjuvadas de terra com algumas baterias fixas, que, conforme as antedecencias, se podem construir peremptoriamente, e os parques de artilharia collocados onde as circumstancias da defesa os exigir. Pois que para a conducção dos ditos parques permite o terreno da praia suas commodidades; e para a formatura de reductos de pouca duração, a serem necessarios, sempre haverá meios de se erigirem.

A marinha mercantil d'esta capitania, sendo tão sómente a competente para o seu actual commercio, não poderá lembrar-se de estabelecer armadores para o curso, ainda nas circumstancias de que fossem convenientes; comtudo, para a defesa da barra se poderão armar em guerra algumas das embarcações do mesmo commercio.

Estas, porém, não remedeiam a total falta de barcas canhoneiras, de que estamos desprevenidos, e se fazem tão indispensaveis, como já ponderei.

E' o quanto o meu limitado discernimento me pôde subministrar para fazer subir ás sabias vistas de V. A. Serenissima.

Deus guarde á V. A. Serenissima. Porto Alegre, 13 de Abril de 1809.—*Paulo José da Silva Gama.*

GOVERNO DE D. DIOGO DE SOUSA, DEPOIS CONDE DO RIO PARDO.

Illm. e Exm. Sr.— Tudo o que havia n'esta capitania respectivamente a trabalhos graphicos e astronomicos deve achar-se n'essa côrte, não restando aos ditos respeitos cousa alguma registrada n'este governo; pude, porém, descobrir ainda na mão do coronel Joaquim Felix da Fonseca, na relação de algumas longitudes e latitudes observadas, que remetto á V. Ex. inclusa no officio com que elle m'a dirigiu, sendo este o unico meio que tive de poder dar algum cumprimento ao aviso de V. Ex. escripto em 14 de Outubro do anno precedente.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 15 de Abril de 1810.
— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Illm. e Exm. Sr.— A unica carta geographica que se tirou a limpo d'esta capitania foi levada para essa côrte pelo coronel Francisco das Chagas Santos, e não me consta haja d'ella cópia. Vi na mão do brigadeiro Alexandre Eloy Por-

telli um esboço confuso, por onde fôra aquella coordenada, mas que só pôde servir de apontamento a quem o fez. Isto é o que se me offerece dizer á V. Ex. em resposta ao seu officio de 16 de Janeiro d'este anno.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 7 de Maio de 1810.
— Illm. e Ex.m. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Cavallaria do Rio Grande.

.
De todos os pareceres eu prefiro o do marechal Manoel Mirques de Sousa, tanto pelo que respeita á constituição, como a posição, regimen e conservação dos corpos militares d'esta capitania; não pôde, á vista das condições que lhe foram propostas, haver nada mais acertado do que pondéra este official general tão conhecedor do local, tão intelligente e tão modesto. Julgo, porém, que em lugar de um batalhão de seis companhias de artilharia, que elle indica, se deveria formar um regimento completo, a que ao menos se chamasse cavallaria artilhada; este corpo é assáz necessario; não ha difficuldade em o recrutar, porque n'esta capitania, onde apenas poucos braços se applicam á cultura, a falta de fabricas e outros empregos sociaes faz sobejar gente, que até convem applicar á tropa para socego publico; e de toda a mesma tropa é indispensavel afastar a idéa de servir a pé, porque os habitantes, acostuma-los a andar desde criança a cavallo, e a não mandarem nem pretos a um recado desmontados, têm em grande desprezo serem alistados na infantaria e artilharia a pé, quando aliás se prestam voluntariamente para assentar praça nos corpos de cavallaria, nos

quaes, ao contrario do que succede n'aquelles, são mui raras as deserções, além de que tropa de pé n'este continente nunca pôde ser util, pois quasi todo fica coberto d'agua no inverno, e no verão a terra tão entorroadada e dura, que até aleija os animaes; bem sei que um regimento assim completo augmenta consideravelmente as despezas da fazenda real; porém eu não conheço meios de sustentar forças por outro modo. E acrescento que, n'este sul da America, a nação, que tiver mais e melhores cavalladas, ha de sempre vencer; fôra de antigos exemplos temos o ultimo no successo do Serro Largo, onde os hespanhoes em numero muito maior, formando-se a pé por terem os cavallos cansados, foram completamente batidos pelos portuguezes.

Em consequencia do que me foi ordenado, e não admitindo as circumstancias occurrentes a permutação repentina da formatura dos novos corpos, advertida na supradita carta régia a qual tenho observado litteralmente; levo tudo isto á presença de V. Ex. e fico esperando as ulteriores resoluções do Principe Regente, nosso senhor.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 17 de Abril de 1810.
— Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Conselho de generaes em Porto Alegre.

Ilm. e Exm. Sr.— Em 2 de Março passado recebi o officio n. 1 do commandante interino do Rio Grande, com as partes n'elle inclusas ns. 2, 3 e 4, em que se me noticiou a vinda escoteira de Elio governador de Montevideó, ao forte de Santa Thereza na fronteira hespanhola; convoquei

logo os marechaes de campo Manoel Marques de Sousa, Patricio José Corrêa da Camara, Joaquim Xavier Curado; o brigadeiro Alexandre Eloy Portelli, e os tenentes-coroneis Joaquim de Oliveira commandante da legião de S. Paulo, e Felix José de Mattos, commandante do destacamento que aqui achei de parte do batalhão de infantaria e artilharia d'esta capitania; então pareceu bem que se mandasse demorar no Rio Grande a totalidade das praças constantes do mappa A, de que se compunha a quarta divisão da legião de S. Paulo, alli desembarcada, debaixo do commando do brigadeiro Gonçalo Antonio da Fonseca; que d'esta villa fosse o corpo da mesma legião guarnecer o Rio Grande, e que, exceptuando o marechal Patricio José, que devia recolher-se ao Rio Pardo, que expedi a ordem B; no dia 4 congregamo-nos outra vez, e considerando-se maduramente não só o máo estado da legião, quanto ao armamento, carretas e falta de instrucção das tres divisões ultimamente chegadas, mas o do grande numero de doentes, assim da que se achava no Rio Grande, como nos hospitaes d'esta villa, com bexigas e outras molestias, e mais que tudo a desconfiança em que um tal movimento ia pôr os hespanhoes, já muito receiosos do acantonamento que a primeira divisão tivéra n'aquelle districto, assentou-se unanimemente, e eu convim, que se recolhesse a partida destacada do batalhão, a qual por ser da guarnição propria do Rio Grande lhes não fazia ciumes; que se enviassem algumas patrulhas á fronteira e campos neutraes, a titulo de apprehender desertores, diligencias a que elles estavam acostumados, porém verdadeiramente com a incumbencia particularmente recommendada de proteger os portuguezes que se têm estabelecido nos ditos campos, caso quizessem expulsal-os á força armada, que era o mais que no momento se receiava, á vista das cartas ns. 8, 9 e 10, que vieram no

mesmo tempo ao marechal Manoel Marques, presumindo-se também que a vinda do Elio tivesse por principal motivo a defesa das costas contra a esquadra franceza, que se dizia haver sahido de Toulon para ellas, ou a segurança do territorio do seu commendo pelo que respeitava as insurreições da cidade da Paz noticiada igualmente n'aquelle tempo pelas cartas ns. 11 e 12, cujo juizo depois se verificou com as cartas ns. 5, 6 e 7; resolveu-se mais que a barra do Rio Grande se deveria guarnecer com algumas baterias moveis por ser impossivel conservarem-se estaveis pela natureza do local, como a experiencia havia demonstrado; e, em virtude de tudo quanto venho de referir, passei as ordens que vão dasde ns. 13 a 18, havendo-as primeiro conferido minudamente com o marechal Marques, e brigadeiro Portelli, aos quaes com particularidade respeitavam.

Por esta occasião escrevi ao vice-rei de Buenos-Ayres o officio da cópia C, concebido nos termos das ordens que V. Ex. vocalmente me deu nas vesperas da minha partida, e capeei com o pretexto da sahida da esquadra de Toulon o designio da defesa da barra e praias, para que lhe não causasse estranheza esta novidade communicada pelos seus emissarios, que não deixam de pesquisar os nossos passos.

Em vindo resposta a communicarei á V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 3 de Maio de 1810.
— Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Terrenos auriferos.

Ilm. e Exm. Sr.—Para levantar os planos dos terrenos auriferos vieram os dois engenheiros Jacintho Desiderio Cony e João Vieira de Carvalho, juntamente com os direc-

tores mineiros, e me parece não serem precisos mais para o dito fim. Ainda não tive noticias directas participadas pelos referidos mineiros; porém, a verificar-se mesmo por metade a riqueza das minas já enunciada na carta da cópia inclusa, me persuado que o objecto d'estas commissões, a cujo respeito estão dadas todas as providencias de que V. Ex. e o Sr. conde de Aguiar me incumbiram, è digno de muita attenção.

Aqui não ha engenheiro algum de profissão, pois o coronel Francisco das Chagas Santos, a respeito de quem eu me não atrevo impugnar o conceito que V. Ex. fôrma dos seus talentos, está commandando os povos de Missões, e o coronel Joaquim Felix da Fonseca, certamente muito mais intelligente que aquelle, porém igualmente insciente dos conhecimentos necessarios ao engenheiro, tem, tão modesto como honrado, a ingenuidade de manifestar na representação inclusa a sua insufficiencia para o dito emprego que elle não pediu, e lhe foi conferido por informações pouco fieis, e semelhantes á outras de pessoas que n'essa côrte se ouviram sobre as promoções d'este continente. Posto isto, respondo ao officio de V. Ex., de 17 de Novembro passado, que julgo conveniente V. Ex. mande algum que realmente seja engenheiro.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 29 de Maio de 1810.
—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Soda, potassa, salsa-parrilha, marmore, ferro, no Rio Grande.

Ilm. e Exm. Sr.—Temos n'esta capitania tanta salicornia (*sic*) que se pôde dizer inextinguível, e, portanto,

haverá quanta *solt*, *potassa*, cinzas, gravelladas, etc., se queira. Remetto á V. Ex. a nostras do primeiro ensaio, á vista das quaes, e da nota junta do processo, conhecerá que aquella planta não é inferior á de Cartagena e Alicante. Remetto mais uma especie de *salsa-parrilha* ha pouco descoberta n'esta capitania, cuja effiecia medicinal está provada; tambem envio um pedaço de lage de *pedra marmore* de uma pedreira, d'onde se podem tirar pedras de toda a grandeza que se queiram, e juntamente um pedaço de *mina de ferro*, que me parece abundante, da qual ha muita quantidade aqui.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 21 de Junho de 1810.—Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa*.

Convenção do sitio do Pando.

.
Ainda que a meu entender não convenha tirar argumentos do tratado de garantia de 11 de Março de 1778, ratificado no sitio do Pando a 24 de Março de 1780, achando-se interrompido pelos hespanhoes em 1801, sem que nada desle então se concertasse ácerca do que n'elle fôra pactuado no tocante á parte meridional da America, contudo, a ser por algum modo vigorosa, ou applicavel a convenção contratada no art. 3º, poderão d'ella deduzir-se razões sobejas, para o Principe Regente nosso senhor mesmo de viva força obstar ás funcções da supradita nova junta governativa, quando o seu exercicio lhe seja desagradavel e o Estado interesse n'essa resolução.

Releve V. Ex. a ousadia da minha lembrança, desculpavel pelo meu zelo,

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 7 de Agosto de 1810.— Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.

P. S.— Incluo aqui tambem a cópia n. 32 do bando que mandei publicar, com o fim de evitar as emigrações para os dominios de Hespanha, sem que faça ciume aos hespanhoes.— *D. Diogo de Sousa.*

Lelintrax.

Ilm. e Exm. Sr. — Chegou o tenente do real corpo de engenheiros Guilherme Christiano Feldner, e se lhe estão apromptando no trem alguns utensilios necessarios à diligencia de que vem encarregado, para a qual ha de seguir por toda a semana futura, dirigindo-se primeiramente ao Rio Pardo, e depois ao lugar de Camacuam, onde agora de novo consta haver outra mina de Lelintrax, (*sic*): e dos progressos das suas explorações irei dando parte á V. Ex., como V. Ex. determinou por aviso de 1º de Junho d'este anno.

Deus guarde á V. Ex. 23 de Agosto de 1810. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

— — —
Pelles de tigre.

Ilm. e Exm. Sr. — Pela sumaca *Concordia* remetto, com outro conhecimento igual a este aqui incluso, ao governador da fortaleza da Conceição, vinte pelles de tigres, que aqui pude achar; e as cincoenta que faltam para preencher a conta ordenada no aviso de V. Ex. com data

de 24 de Julho, irão em chegando da fronteira, aonde as mando buscar, o que não succederá antes de mez e meio ou dois mezes.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 9 de Setembro de 1810. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Novidades nos dominios hespanhoes.

Ilm. e Exm. Sr. — Inclusas remetto á V. Ex. as novidades que me têm chegado dos dominios hespanhoes, das quaes não deixará V. Ex. de concluir que os principios revolucionarios e terrorosos da junta de Buenos-Ayres, hão de vir a inquietar-nos essencialmente, se remedios energicos applicados na presente crise, não atalharem os progressos do mal.

Deus guarde á V. Ex. Rio Grande, 24 de Novembro de 1810. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Ilm. e Exm. Sr. — No dia 2 do corrente mez sahi de Porto Alegre para esta villa, e sendo pela contrariedade dos ventos obrigado de arribar para a Lagôa Mirim, tive occasião de vêr a localidade das guardas d'esta fronteira.

Em chegando aqui dispuz a marcha das tropas estacionadas n'este quartel no modo que V. Ex. verá da cópia inclusa n. 1; e agora só espero vento favoravel para regressar áquella capital, onde ao tempo de partir recebi o honroso officio que V. Ex. me dirigiu com data de 25 de

Setembro, cujas expressões muito agradeço á V. Ex., persuadido que a voz dos soberanos vêm mais ou menos harmoniosa pelos ditos que a communicam.

Não chegou ainda o dinheiro que V. Ex. accusava no referido officio; e isto me tem posto em transes, pois não é possível de modo algum que nem em uma pequena parte seja fornecida pelos rendimentos d'esta capitania a manutenção da legião de S. Paulo; se V. Ex. descobrisse meios d'ella subsistir por administração directa com subsídios fornecidos da capitania a que pertence, então não haveriam faltas na prestação dos soldos da tropa propria d'este continente, mesmo augmentada na fórma que V. Ex. indica no seu inspirado aviso de 8 de Outubro, e haveria até meios de saldar por soluções a divida atrazada d'elles.

Em um dos avisos de 31 de Outubro se refere V. Ex. ao que me escrevêra no dia antecedente, mas eu não o recebi; póde ser venha em alguma embarcação que traga viagem mais demorada.

Deus guarde á V. Ex. Rio Grande, 24 de Novembro de 1810. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Linho canhamo,

Illm. e Exm. Sr. — O projecto que a nossa côrte teve de promover a cultura do linho canhamo n'estes contornos, principiou a ser executado em 1747; porém com tão máo successo, que mesmo por tres vezes se extinguiu a semente até ao anno de 1784, em o qual o vice-rei Luiz de Vasconcellos, por officio de 2 de Outubro, que deve existir na secretaria de Estado dos negocios do Brasil, deu uma diffu-

sissima conta das objecções que haviam contrariado os progressos d'aquella cultura praticada pelos lavradores, e expôz o novo systema que adoptára de estabelecer no sitio de Cangussú uma feitoria á despeza da Fazenda real; contudo, ou fosse por impropriedade do terreno, como insinuaram os administradores da referida feitoria, em consequencia de que se mudou depois para as margens do rio dos Sinos, onde não tem melhor prosperado, ou fosse por defeito do mesmo systema, participando dos inevitaveis erros tantas vezes advertidos pelos economicos politicos, de tentar estabelecer ramos de agricultura com administrações reaes; o certo é que de taes feitorias, lesivas aos interesses da fazenda, apenas se tem tirado a utilidade de conservar as sementes.

Quanto a mim, o maior obstaculo á cultura do canhamo, é, como parece V. Ex. estar já assaz instruido, a falta de pagamento aos lavradores, ou a dependencia d'elles com a Fazenda real; desvanecida esta difficuldade pelas medidas que V. Ex. bem reflectidamente indica, de manejar a compra do linho por uma pessoa particular, exporei algumas outras medidas que julgo necessarias.

Primeira, ajuntar no presente anno grande quantidade de linhaça para se distribuir aos agricultores; e, como se não poderá alcançar tanta quanto chegue ao abastecimento de todos, convem no primeiro anno attender mais á reprodução da semente que á colheita do linho, isto debaixo de instrucções dadas pelos commissionados da pessoa encarrregada das compras, auxiliadas com providencias do capitão-general.

Segunda, não sendo menos difficultoso destruir a má fé dos lavradores do que principiar a cultura do canhamo, convirá convocar os commandantes dos diversos districtos, e, como agentes para as compras do linho, entregar-lhes

algumas porções de dinheiro, animando-os também com esperanças de premios, afim de que se esforcem em persuadir aos fazendeiros as vantagens que lhes provêm de uma tal cultura.

Terceira, por não tornar a cahir nos antigos tropeços, cada commandante deverá pessoalmente receber nas villas dos seus districtos, assim as ordens respectivas a este negocio, como a semente, ficando responsavel, tanto da conservação d'esta, que da sua reproducção até um determinado limite em dado tempo.

Quarta, convirá que o linho se recolha a esta capital com a marca appensa do lavrador, para no acto da entrega inspectarem os commissionados a sua qualidade e notarem os defeitos que acharem, procurando-se assim aperfeiçoar a melhor qualidade d'elle, e dispôr para o futuro o arbitramento de tres sortes e preços differentes, como se pratica em alguns paizes; o que comtudo não será util sem que primeiro esteja generalisada a cultura.

Quinta, o linho deverá ser recebido dos lavradores no estado de rama, como se costuma em quasi todas as partes, e não assedado, cuja operação é propria das pessoas intelligentes que o manipulam nas fabricas, conforme a applicação a que cada artista o destina, e mui diversa, embaraçante e até incompativel com o trabalho do agricultor. Ora, como n'este estado não pôde embaraçar-se o linho sem grande despeza e ruina d'elle, deverá estrigar-se, embalolar-se e imprensar-se nas villas, para depois ser transportado com maior economia e mais bem acondicionado. O preço que parece razoavel actualmente é de 3\$200 cada arroba; e como um fardo de linho pesando seis arrobas pôde ser reduzido a um cubo de dois palmos e meio de face, que corresponde ao volume do surrão de trigo de quatro alqueires, pôde arbitrar-se o frete de uma arroba

de linho para o Rio de Janeiro a 320 rs. Posto isto, chegaria o linho em rama áquella côrte pela despeza de 14\$080 o quintal, se não houvesse a considerar outras de custeio, preparação, conducções interiores n'este continente, salarios dos commissionados e de seus agentes, etc., etc., o que tudo me faz persuadir se deve calcular com o custo de 16\$ por quintal. O oleo da linhaça, que aqui se sabe extrahir menos mal, pôde, pela venda da superflua, ao futuro influir muito na conveniencia do lavrador, e abrir um vehiculo assaz lucrativo de commercio ; por isso me lembra que tambem este objecto se deverá recommendar á pessoa designada para a incumbencia das compras do linho, afim de ficarem os desembolsos com estas suavi-sados em parte com os interesses provenientes d'elle.

Ultimamente me parece que, não só é necessario afastar dos lavradores todo o indicio de virem a ser algum dia privativas da Fazenda real ou de seus encarregados as compras, quer do linho quer da linhaça, mas que até é preciso segural-os de uma permanente liberdade de venderem a quem lhes offerecer maior preço.

Tendo por effeito de obediencia expendido as minhas idéas, resta-me pedir á V. Ex. se digne, em attenção aos multiplicados e ponderosos assumptos que presentemente me occupam, desculpar com benignidade a inexactidão d'ellas.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 14 de Dezembro de 1810. — Illm. e Exm. Sr. conde das Galvêas. — *D. Diogo de Sousa.*

Informação sobre um requerimento.

Illm. e Exm. Sr.— Sem embargo da attestação graciosa do marechal Patricio José Corrêa, que José Joaquim Saldanha ajunta ao requerimento incluso, e contra a qual deve haver a mesma prevenção que a respeito das muitas que elle costuma passar, pois que o tal chamado exercito hespanhol nunca passou de cem homens, e o supplicante tudo quanto fez foi augmentar a depravação, que resultou de varios ranchos de facinorosos se avançarem sem ordem a roubar os miseraveis camponezes; eu não vejo outro motivo de attenção para com o supplicante, do que de haver quebrado uma perna quando acompanhou o capitão João de Deus Menna na occasião d'este ir annunciar a paz áquelles poucos soldados hespanhoes, incidente casual, pelo qual ainda que podesse merecer alguma attenção, deveria ficar desvanecida pela má conducta que o supplicante sempre tem mostrado, e de que por muitas vezes tem sido castigado com prisões.

A' vista d'esta pura verdade que devo pôr na presença de V. Ex., em cumprimento do seu aviso de 21 de Agosto de 1810, não acho a supplica d'elle em circumstancias de ser deferida.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 2 de Janeiro de 1811.
— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Chegada de D. Diogo de Sousa ao Rio Pardo a 20 de Janeiro de 1811.

Illm. e Exm. Sr.— Hoje, pelas tres horas da madrugada, cheguei a esta villa, onde encontrei a carta inclusa do com-

mandante de Missões, da qual, bem a meu pezar, vejo irem accrescendo motivos para os receios preditos nos ultimos officios que de Porto Alegre escrevi á V. Ex., que, devendo servir de base ao systema das nossas operações, fazem, segundo penso, mais urgente o plano que indiquei para subtrahir o territorio do Uruguay á jurisdicção da junta de Buenos-Ayres.

Encontrei aqui os dois capitães engenheiros, que acompanharam os directores mineiros do ouro, os quaes sem pedirem licença, nem haver no destacamento official de patente, para, em conformidade das instrucções, os substituirem nas assignaturas dos conhecimentos, se iam retirando com determinação de passarem á essa côrte, por dizerem tinham acabado os trabalhos da sua commissão. Pedi-lhes estes trabalhos, afim de os enviar á V. Ex., mas responderam-me que os tinham em borrões informes, que tencionavam pôr em limpo depois de chegarem ao Rio de Janeiro, e portanto incapazes de serem remettidos.

Em consequencia das ordens de V. Ex. dei-lhes as leis, uma para o campo que commanda o marechal de campo Joaquim Xavier Curado, e outra para o em que está Manoel Marques de Sousa, onde se precisa de lei; e com esse destino se ficam apromptando.

Agora dizem que os supraditos directores mineiros acharam um veeiro de ouro mais rico; não sei se esta noticia será tambem desmentida pelo effeito como as anteriores; porém de qualquer sorte sempre me parece que S. A. Real convem mais mandar regular a mineralisação d'este continente pelo methodo ordinario, com que n'ella se prosegue em as outras capitánias.

Depois d'amanhã tenciono proseguir na minha viagem, e de todo o lugar que occorrerem objectos de ponderação farei á V. Ex. as competentes participações.

Deus guarde á V. Ex. Rio Pardo, 20 de Janeiro de 1811.
— Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Regresso de Elio.

Ilm. e Exm. Sr. — Ao sexto dia da minha sahida do Rio Pardo para o acampamento de S. Diogo recebo n'este sitio a carta inclusa do marechal de campo Manoel Marques de Sousa, acompanhada das tres a que elle se refere, as quaes todas me apresso dirigir á V. Ex., para lhe constar o regresso de Elio, de quem as opiniões politicas lhe não serão desconhecidas.

Para qualquer projecto relativo aos nossos vizinhos hespanhoes, não se pôde contar com pessoas determinadas: a experiencia tem mostrado que as autoridades apenas entram, sahem logo dos exercicios; isto faz vêr quanto se acha vacillante o systema da publica administração governativa.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Passo de Santa Barbara, em 30 de Janeiro de 1811.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Sobre o governador hespanhol Elio.

Ilm. e Exm. Sr.—A cinco dias de viagem distante do acampamento de S. Diogo, aonde me destino, recebo a carta por cópia inclusa, que me dirigiu D. Xavier Elio; sobre o conteúdo d'ella e da resposta que lhe dou, da qual tambem ajunto cópia, regulará V. Ex. as suas ordens nos termos que julgar mais convenientes ao real serviço.

Eu duvido muito que a junta de Buenos-Ayres o receba na qualidade de vice-rei, não só em razão de ter sido installada pela disposição de um que nomêa a junta central com igual legitima autoridade, mas porque as tropas patricias já antes o haviam recusado na de inspector-geral, de cujo cargo com effeito não chegou a ter exercicio, apesar de que as européas, então menos enfraquecidas que hoje, lhe eram afeiçãoadas e o queriam. Quanto ás forças militares de que elle ostenta, creia V. Ex. que é uma imposição de que as de Buenos-Ayres, no caso de não o admittirem, bem cedo lhe mostrarão a futilidade, pois com effeito taes tropas não têm nem com que arme e mantenha os poucos camponezes do territorio de Montevidéo.

Posto que presentemente é difficil communicar com o Paraguay, eu hei de procurar os meios que se me proporcionarem para sondar a opinião do governo, e saber os successos das tropas de Buenos-Ayres contra aquelle governo, onde dizem foram já batidas, mas do que nada consta com certeza, pela vigilancia, que é, em não deixarem passar para aquem do Uruguay noticias algumas.

Ainda que a perspicacia com que V. Ex. administra os interesses da nossa nação, ha de bem antevêr os riscos eyentuaes de um dia se declararem independentes as colonias hespanholas, é do meu dever lembrar que as nossas operações se devem antecipadamente dirigir a evital-os ou tornar-os menos funestos, pois seja ou não Elio vice-rei e qualquer outro, se a peninsula não resistir, certamente cada provincia das colonias de Hespanha se torna um governo separado.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no campo de S. Raphael, em 3 de Fevereiro de 1811.—Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

No acampamento de S. Diogo.

Ilm. e Exm. Sr. — A 9 do corrente mez cheguei a este acampamento, cujo local posto não seja por todas as partes dominado, e por isso improprio a defender, é comtudo o mais commodo d'estes contornos pela abundancia de agua, lenha e pastos.

Achei a infantaria da legião de S. Paulo muito melhorada na sua instrucção, e o corpo de artilharia em perfeição, tanto a respeito da disciplina, como da qualidade dos soldados e cavallos, vantagens que se deve mui particularmente á intelligencia, e actividade do marechal Joaquim Xavier Curado.

O regimento de dragões, ainda que menos exercitado, em consequencia de algumas contemplações do dito marechal para com o seu chefe, está assim mesmo capaz de entrar em acção, tendo excellente gente e soffrivel cavallhada.

Os armamentos, parque e munições de guerra, acharam-se pelas revistas e exames em termos de serviço. Os milicianos aqui acampados estão armados e montados; porém ainda carecem de mais ensino, que se lhe vai dando: e uma companhia de *Guaranys* a cavallo, que guerreiam com lanças, póde já ser empregada.

Agradeço muito á V. Ex. a remessa de 40:000\$, que agora me avisam os deputados] da junta da Fazenda real terem chegado pela via de Santa Catharina, e ficarem recebidos nos cofres da mesma junta. Um tal soccorro nas actuaes urgencias do erario é um semi-milagre que se deve á V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general em o acampamento de S. Diogo, 17 de Fevereiro de 1811. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Novidades nos dominios hespanhoes.

Illm. e Exm. Sr. — Remetto inclusas debaixo dos ns. 1, 2, 3, e 4, as ultimas novidades que aqui têm chegado dos dominios hespanhoes, todas ellas de muita importancia, particularmente as do n. 2, pelas quaes verá V. Ex. verificada a minha profecia avançada em officio n. 16 de 3 do corrente mez. Tenho sobre as mesmas novidades de prevenir á V. Ex. que, sem embargo de na resposta da junta de Buenos-Ayres se dizer que, á excepção de Montevideo, não chegaram os cinco mil homens de que se trata em o n. 3, nem alli ha tropa com que se ataque Buenos-Ayres, apezar de que o vice-rei pelo seu genio fogoso assim o deseje, e para esse fim procura recrutar sem distincção de classes ou idades todos os que podem pegar em armas. Devo tambem communicar á V. Ex. que os habitantes, e até os funcçionarios da campanha de Montevideo, desejam tanto a nossa entrada, que, passando o coronel Thomaz da Costa a comprar n'ella mil cavallos de ordem minha, todos e mesmo o commandante..... lhe seguravam que, se a compra era afim de passarmos áquelle territorio, não se fazia preciso despende dinheiro em cavallos ; que fossemos, e nos dariam gratis quantos quizessemos; e o capitão Artiga, que commanda as tropas hespanholas no arroio da China, sendo incumbido por ordem da junta de Buenos-Ayres de reclamar ou invadir os terrenos por nós conquistados, disse ao capitão de dragões Antonio Pinto, seu amigo, o qual commandava uma das nossas guardas das fronteiras, que entrava n'essa diligencia, porque esperava que a Princeza, nossa senhora, fosse declarada com brevidade regente dos dominios aquem do Rio da Prata, e depois concordaria com o Príncipe Regente de Portugal, nosso senhor, o que lhe parece ácerca da linha de limites.

Aqui passaram no dia seguinte ao da minha chegada officios que o vice-rei Elio dirigiu ao governador do Paraguay, Bernardo de Velasco; isto que me deixa crêr não ter este succumbido: eu ainda não tive resposta d'aquelle, nem noticias d'este; quando me chegarem darei parte á V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Quartel general no acampamento de Bagé(*), 18 de Fevereiro de 1811.—Illm. e Ex. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Sobre as arêas do Rio Grande e regimen das aguas da lagôa dos Patos.

Illm. e Exm. Sr.—Inclusa no aviso de V. Ex., datado aos 30 de Janeiro, recebi a *Pro-Memoria* offerecida n'essa côrte por Guilherme Christiano Feldner, que, adiantado pouco ou nada nos conhecimentos dos methodos e especies de plantas uteis á cultura dos solos arenosos, que com bom successo principiaram a adoptar-se nos territorios de Berlim, e depois se tem applicado a outros muitos, não dissolve as difficuldades que offerecem as arêas do Rio Grande, onde a impetuosidade dos diversos ventos reinantes n'aquella costa removem enormes morros de arêa, que sufocam toda a qualidade de vegetaes; e estes mesmos motivos causam da variação da barra e dos bancos n'ella formados, e que não poderá jámais dar-se remedio ainda por meio das machinas de limpar e augmentar o fundo dos portos. O que ha de bem celebre a notar sobre os areaes do Rio Grande, é que elles existem sobre campinas que criaram

(*) Deve haver engano. Em 18 de Fevereiro devia estar ainda no acampamento de S. Diogo.

excellentes pastos, nos quaes, mettendo os hespanhoes immensos gados e cavalhadas para serviço do seu exercito, destruíram os ditos pastos, e levando os ventos as partes terreas mais subteis, ficaram as arêas soffrendo as agitações dadas pela furia d'elles; e, igual origem de cansaço, nos campos excessivo numero de gados tiveram os arenaes, que da parte do norte da barra e mais para o interior hoje se observam.

Um phenomeno que eu não pude verificar, mas que por ocular observação me persuadi existir, posto ninguem ainda n'elle reflectiss., é o de que pela barra do Rio Grande não sahe ao mar nem um quinto da massa d'agua que dos rios interiores afflue para ella. Esta minha inducção merece ser observada, e realizando-se tambem deveria indagar-se, se as aguas são transmittidas nas lagôas; mas nem eu tenho tempo, nem os instrumentos necessarios para entrar agora em taes operações.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de S. Diogo, 26 de Fevereiro de 1811.—Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Elogio ao marechal Manoel Marques.

Illm. e Exm. Sr.—Inspectando a tropa d'este acampamento, achei a legião de cavallaria ligeira d'esta capitania em perfeição, o que é uma consequencia natural do reconhecido zelo do seu chefe o marechal de campo Manoel Marques, a quem por mais este motivo fiz na frente d'aquelle corpo os elogios que lhe são devidos e aos seus officiaes; e é pena que não tenha aquelle corpo passado a regimento completo em conjunctura que se faz preciso, e que podia

ser disciplinado debaixo das vistas immediatas de tão habil commandante.

O batalhão de infantaria e artilharia, apesar da actividade do seu chefe, o brigadeiro Alexandre Eloy Portelli, ainda precisa ser mais exercitado em ambas as armas; o que eu espero se consiga no lapso de tempo dado para o ensino de muitos recrutas que ahi têm assentado praça.

A cavallaria miliciania, por ora em mui pequeno numero, tambem espero se ponha no estado de servir, logo que se ajuntem os dois terços que da totalidade d'esta fronteira tenho mandado vir para aqui. Isto é o que se me offerece informar á V. Ex., e novamente sou obrigado a recorrer á V. Ex. para que se digne solicitar do Principe Regente, nosso senhor, as ordens para as novas formaturas dos corpos de milicianos e de linha, que V. Ex. me annunciou no seu aviso de 8 de Outubro precedente,

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, 13 de Março de 1811.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Responde aos avisos do conde de Linhares.

Ilm. e Exm. Sr. — Hontem, pelas oito horas da manhã, cheguei de volta do acampamento de Bagé a este de S. Diogo, e hoje ao meio-dia recebi por parada em terceira via o aviso de V. Ex. de 21 de Fevereiro, que acompanha a carta régia da mesma data; mais cinco avisos, em que V. Ex. explica energicamente as intenções do Principe Regente, nosso senhor, relativas ao comportamento que devo seguir na prestação dos auxilios pedidos pelos officiaes hespanhoes; não pôde soffrer equivocação alguma a minha intelligencia; mas como tem occorrido circumstancias que

então não eram presentes, nem ao mesmo augusto senhor, nem á V. Ex., eu julgo do meu dever manejar as ordens d'aquelle aviso com attenção ás eventualidades de que dei conta á V. Ex. nos meus ultimos officios escriptos de Bagé, ao menos entretanto que V. Ex. sobre elles me não der resposta; tambem se me offerece expôr á V. Ex. que ao methodo prescripto no dito aviso ácerca da marcha e serviço das tropas, me parece preferivel o já approved pelo anterior aviso de V. Ex. de 25 de Setembro.

Concernentemente á carta régia, digne-se V. Ex. beijar por mim a soberana mão do Principe Regente, nosso senhor, em demonstração do meu reconhecimento, e assegurar á S. A. Real que na execução das ordens que por ella me incumbe para a formatura dos corpos milicianos, me servirão de guia o alvará de Dezembro de 1802 e carta régia de Outubro de 1807.

Respectivamente aos cinco avisos de 22 ácima mencionados, apenas posso agora certificar á V. Ex. que serei pontual em cumprir as sabias ordens com que V. Ex, n'elles me illumina, e em dar as informações que determina.

Ultimamente, pelo que pertence ao aviso de 28 do referido mez, no qual V. Ex. me participa que S. A. Real fôra servido perdoar o crime de deserção ao cabo do regimento de dragões Candido Victor da Fontoura, determinando que elle passasse a servir com praça de soldado do 1º regimento de cavallaria do exercito, mandei executar a real ordem na parte que me toca; porém é preciso dizer á V. Ex. que esta é a quarta deserção do dito cabo, feita de uma guarda da fronteira, e levando um cavallo reuno e uma espada do uniforme.

Remetto á V. Ex. as cópias A, B, da resposta que dou ás cartas de Elio, datadas a 6 do corrente mez, que inclui

no meu officio de 13, n. 52, e d'ellas verá V. Ex. a precisão de tratar cautelosamente com aquelle vice-rei, summamente inconsiderado; e que a meu entender, vai perder tudo nos arriscados ataques que premedita contra Buenos-Ayres, e aos quaes me persuado, não quererá S. A. Real expôr as suas tropas, facultando-lhe o commando d'ellas collectivamente com o das suas; motivo novo por que espero, ainda com mais razão, que o mesmo real senhor approve que me vá regulando pelo disposto no acima accusado aviso de V. Ex. de 25 de Setembro, ou conforme as occurrencias dos acontecimentos o pedirem.

Na cópia 6 offereço á V. Ex. as noticias que hoje me chegam do Uruguay: tambem outro emissario conta que ouvira dizer ter-se batido a 9 d'este mez a columna de Rozamora com tropas de Velasco, de que resultára grande e igual mortandade de uma e outra parte; comtudo, isto precisa verificação.

A marcha da tropa para S. Borja, que vai principiar depois d'amanhã, trazendo uma multidão grande de providencias a tomar, não me permite escrever agora á V. Ex. com mais extensão.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de S. Diogo, 20 de Março de 1811.— Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Providencias nas fronteiras.

Ilm. e Exm. Sr. — Desde que escrevi á V. Ex. o meu officio n. 78, com data de 30 de Abril passado, não tenho recebido mais noticias dos dominios hespanhoes, que as mencionadas nas duas cartas inclusas do marechal de campo Manoel Marques de Sousa. Como para o lado

de Montevidéo é que vão engrossando as borrascas, eu tenciono partir para o acampamento de Bagé no dia 17 do corrente mez, e dirigir á fronteira do Rio Grande a maior parte das nossas forças, mesmo que antes não receba resposta de D. Bernardo de Velasco, cuja excessiva demora excede o retardamento que se podia presumir da demora do official que lhe conduzira a minha carta em Itapua, mencionada na inclusa que me dirigiu o commandante d'aquelle quartel.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Povo de S. Borja, 11 de Maio de 1811.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Organisação de forças.

Illm. e Exm. Sr. — Ponho na presença de V. Ex. cópia n. 1º da ordem por que fiz organizar n'esta provincia um regimento de milicias *Guaranis*, a cavallo, e tres companhias de cavallaria miliciana, que hão de servir de casco a um regimento completo, quando a população o permittir; mais cópia n. 2º do plano, para as formaturas d'estes corpos, a que ajunto os figurinos dos seus uniformes, e finalmente cópias ns. 3 e 4 das propostas do commandante d'estes povos para o provimento dos postos até capitão inclusive, com as quaes inteiramente me conformei, o que indica a copia n. 5.

Quanto aos postos de ajudante e sargento-mór que são de apposição, assim como as propostas de coronel e tenente-coronel, ainda não providos, escreverei á V. Ex. em outra occasião menos estreitada. Com estas forças, e com o destacamento do batalhão de infantaria e artilharia d'esta capitania, constante do mappa n. 6, fica sufficientemente

guarnecida a fronteira de Missões, por cujo lado não ha presentemente nada que receiar; e não deixo aqui o destacamento de dragões, quasi todo composto de velhos e incuraveis, a muito dos quaes mandei dar baixa; porque aquelle regimento está diminuto de praças, e ficaria extremamente enfraquecido, continuando a dar o mesmo destacamento.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Povo de S. Borja, 22 de Maio de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Conflicto com o governador de S. Paulo.

Illm. e Exm. Sr.— Levo á presença de V. Ex. a carta A, que me dirigiu o capitão-general de S. Paulo, á qual ajunto a cópia B da minha resposta, em que me não fiz cargo dos seus insultos, ignorando como por consequencia d'elles poderia tratá-lo na distancia de mais de quinhentas leguas. Bem devêra este capitão-general reflectir que o meu silencio na resposta cópia A ao seu officio de 27 de Agosto no qual já me advertiu sobre a facilidade de conceder baixas a soldados da legião, assaz lhe insinuava a ser mais circumpecto para comigo; mas isto não foi bastante, antes talvez por isso mesmo quiz caprichar da minha moderação. Sinto que ficassem na secretaria os documentos em que se têm fundado todas as minhas resoluções para cada uma d'aquellas baixas; porém offereço á V. Ex. na exposição E do brigadeiro e do tenente-coronel da mesma legião um relatório veridico, e como n'ellas se procedeu; e asseguro á V. Ex. que igual marcha tenho constantemente observado nos tres governos que S. A. Real ha sido servido confiar-me, sem que possa apparecer exemplo algum de eu conceder

nem uma unica baixa arbitrariamente. Eu não mandei dar baixas a mais de cincoenta crianças de onze annos; tão pouco a negros comprados naturalmente dos mais viciosos, ou a mulatos ajustados, que se offereceram e aceitaram em lugar de soldados, quando a legião se recrutou e marchou para este continente, nem ainda a velhos vagabundos incapazes de aprender a servir, com que se formou a legião, illudindo as ordens régias e preparando assim na origem apparecimento d'ella como acontece pelas continuas deserções; se admitti requerimentos de baixas, fundavam-se em motivos de graves molestias, sobre que precederam legaes informações de tantas pessoas gradas e honradas, a quem é preciso não atacar. Ora, perdôe V. Ex. que eu lhe escreva em resposta á carta do capitão-general Antonio José da Franca e Horta, tal como d'elle; mas a questão que se deriva só V. Ex. a pôde propôr á S. A. Real depois de bem examinar os papeis inclusos, e o mesmo augusto senhor resolver. Vem a ser: se a baixa que por mim levou Lourenço dos Reis Galvão deve subsistir, ou se ha de produzir effeito a absoluta portaria do capitão-general de S. Paulo, pretextada com uma causa a que chama representação, e não é outra que resposta insinuada e agitada na propria sala do governo, proferida por individuo de costumes pessimos, como consta da exposição do brigadeiro e attestação á ella junta: primeiro queira V. Ex. participar-me a deliberação do Principe Real, nosso senhor, a este respeito.

Concernentemente aos utensilios que o referido capitão-general requer, esquecido do que sobre esta materia se lhe tem por tantas vezes avisado, verá V. Ex. da exposição do brigadeiro e da cópia n. 2 do meu officio de 16 de Fevereiro, que isto é uma impertinencia proveniente da sua falta de reminiscencia. Nesta mesma occasião recebeu o brigadeiro Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá, chefe da le-

gião de S. Paulo, carta do capitão-general da dita capitania, em que lhe estranha o dirigir as propostas á secretaria de Estado de V. Ex. por minha via, e não pela sua, limitando-se só a mandar-lhe cópias d'ellas: este é também um ponto essencial, sobre o qual rogo á V. Ex. se digne decidir com a conspícua que costuma pesar os objectos importantes do real serviço.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Povo de S. Borja, 23 de Maio de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Movimentos nas fronteiras.

Illm. e Exm. Sr. — Com as duas cartas inclusas do marechal Manoel Marques de Sousa, datadas em 27 e 29 do mez precedente e outras a que ellas se referem, informo á V. Ex. dos movimentos que têm havido nas immediações das nossas fronteiras, os quaes nos tocam já muito de perto.

Da resposta que dei áquelle marechal na data de hontem verá V. Ex. que eu persisto, e agora com tantos maiores motivos, na mesma intenção de que já dei conta á V. Ex. no meu ultimo officio remettido por duas vias, a que ajuntei cópia das ordens que a elle communiquei. Levo também á presença de V. Ex. uma carta do coronel commandante de Missões, que é verdadeiramente uma pusillanidade militar, pois que, montando as forças que lhe accusei na minha resposta, de que ajunto cópia, quasi mil praças, a que pôde ajuntar mais defensores tirados da população, e tendo, além das bocas de fogo que lhe accuso, munidas de cem tiros cada uma, e alguns armamentos que foram para alli remettidos no tempo do meu antecessor,

dos quaes os que eu vi não estavam em mão estado, póde muito bem defender-se contra qualquer insulto, posto que, a meu entender, muito remoto, achando-se os paraguayos e uruguayos sem gente nem armamentos ou artilharia, o Paraná guarnecido com *buques* de Montevidéo, e elles em uma posição fechada com os rios Ibicuy e Uruguay, nenhum d'elles susceptivel de passarem seiscentos hespanhoes em menos de quinze dias, e nenhum só, sendo-lhes os passos disputados. Agora vem encontrar-me no caminho o tenente-coronel D. Joaquim Gaião e Bustamante, ajudante de ordens do vice-rei do Rio da Prata; a historia que elle conta é a seguinte: que partira de Montevidéo no dia 19 de Abril, com vinte e seis soldados, a vêr a tropa que tinha sahido d'aquella praça a explorar a campanha; unindo-se com o tenente-coronel D. Diogo Errera, que se achava com cincoenta e tantos homens, passára só ao povo de S. José a vêr a partida alli existente, commandada pelo ajudante D. Izidro Cassada (é o que por duas vezes me trouxe cartas de Vigodet e Elio), e a pedido d'este o reforçára com vinte praças; porém que o mesmo ajudante, sabendo que elle no dia seguinte ia defender o referido posto com a gente que estava ás suas ordens, avisára os do partido de Buenos-Ayres para o irem occupar a toda pressa, o que com effeito effectuaram na madrugada do dia seguinte e com tanta perfidia da parte do mencionado ajudante, que, quando, pelas nove horas da manhã, se dirigia ao povo, já á legua e meia de distancia, as mesmas tropas da dependencia de Montevidéo, combinadas com os gaúchos e população, o atacaram, fazendo-lhe muito fogo, apezar de que conseguira ganhar duas casas da povoação, em que pretendia defender-se; mas depois fôra obrigado render-se no terceiro ataque que ahi soffreu, ficando prisioneiro, mais o supradito tenente-coronel D. Diogo Errera, cinco

officiaes, com setenta e tantos soldados, sendo mettido e os mais officiaes em grilhões e todos tratados atrozmente; e diz que, a não serem os desertores portuguezes ao serviço de Buenos-Ayres, que mais vivamente o forçaram, tivéra resistido a todos os outros sem embargo do grande numero: seguiu-se ser mandado prisioneiro com toda a sua gente para Buenos-Ayres, entregue á uma escolta, onde haviam quatro portuguezes desertores da legião do Rio Grande; e, como depois de passar o Uruguay, o commandante d'esta escolta, indo á uma estancia sua, fronteira á villa de Belem, recolher os muitos cavallos e gados que tinha roubado a titulo de transportes, onde mandou pôr as marcas da sua fazenda, os taes quatro portuguezes, estando de sentinella a elles, os soltaram, e forneceram armas e munições, com que poderam repassar juntamente com os quatro soldados portuguezes o Uruguay, tirarem cavallos nos territorios da mesma villa, para se transportarem ao acampamento de S. Diogo, distante d'esta estrada quinze leguas, onde ficaram esperando as minhas ordens; eu os mando ir para Bagé, dando-lhes as providencias de muniçamentos e transportes até aquelle acampamento, onde verei que destino lhes devo dar, segundo as circumstancias occurrentes, pois que nas actuaes nem elles podem passar a campanha, nem eu envial-os por mar a Montevideo na monção em que ainda quando estamos, segundo meu plano, não achasse n'isso inconveniente.

Levo em minha companhia o supradito ajudante de ordens, e por elle fui informado de que presentemente houve uma nova insurreição em Buenos-Ayres, de que resultára serem arcabuzados, fóra da cidade quatro leguas da junta, tres coroneis e mais alguns officiaes; general Bolgrano fóra chamado alli á instancia do povo para responder pela conducta militar nas campanhas com os do Paraguay, e Can-

deau ficára substituindo no commando das tropas destinadas no bloqueio de Montevidéo, cujo numero diz, não passará de mil soldados, aos quaes se terão ajuntado quatro ou cinco mil faccionarios dos districtos da mesma praça. Eu procurarei conduzir as minhas operações com as cautelas necessarias, e o melhor possivel, para que o Principe Real nosso senhor, não ficando compromettido por ellas, haja de tomar as deliberações que julgar convenientes aos seus reaes interesses. Bem vê V. Ex. quanto na minha posição, se me faz preciso implorar-lhe os soccorros promptos de mais de mil homens armados, com os meios para a subsistencia d'elles, e não menos a breve remessa de dinheiros para a manutenção da que serve n'este continente; e por isso repito novamente estes pedidos, que confio obter do incansavel zelo e medidas efficazes com que V. Ex. dispõe melhoramentos ao Estado.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Povo de S. Borja, 3 de Junho de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

P. S. Nem dos officios que dirigi á V. Ex. pelo meu ajudante de ordens Miguel Lino de Moraes, nem dos mais que desde então tenho dirigido, recebi até agora resposta alguma.

Chega ao acampamento de Bagé : 20 de Junho.

Illm. e Exm. Sr. — No dia 14 do corrente mez cheguei a este acampamento, havendo-me adiantado á marcha que faz a tropa commandada pelo marechal de campo Joaquim Xavier Curado, o qual, segundo meu calculo, não a poderá concluir ainda dentro d'estes oito dias, pelos obstaculos das muitas geadas, excessivos frios e copiosas chuvas que aqui

temos soffrido. Achei a tropa ao commando do marechal de campo Manoel Marques de Sousa prompta, e só espero a vinda d'aquella para, depois de reparadas algumas pequenas faltas acontecidas no transito do caminho, dar principio ao plano de operações que indiquei á V. Ex. pela cópia da minha carta, escripta ao marechal de campo Manoel Marques de Sousa em 17 de Maio, inclusa no officio n. 88, que com a mesma data dirigi á V. Ex. Ajunto aqui os rascunhos das proclamações aos habitantes da campanha de Montevidéo, e portuguezes n'ella existentes, que, coherente com o dito plano, tenciono mandar publicar em conjunctura opportuna.

Não posso ainda levar á presença de V. Ex. o plano de execução, sendo-me preciso primeiro concertal-o com os officiaes generaes, quando elles estiverem todos congregados.

Ponho no conhecimento de V. Ex., em a cópia da carta que ao intendente da marinha dirijo com data de 7 do corrente mez, a carencia que experimento de objectos essenciaes, apezar da qual romperei as barreiras difficilosas que elle offerece.

Já no meu officio de 20 de Agosto do anno passado, aprovado pelo despacho de V. Ex. de 25 de Setembro do mesmo anno, expendi motivos ponderosos por que eu me determinava entrar na campanha de Montevidéo á testa das minhas tropas; áquelles accrescem agora outros muito maiores, deduzidos da intriga politica que é necessario manejar na frente d'ella, para o que, sem embargo de ser pouco perito, sempre me saberei desembaraçar melhor que os meus officiaes-generaes; e tambem não poucos offerecidos pela reflexão de dever pôr a salvo estes mesmos officiaes-generaes, e as minhas tropas da orgulhosa disposição e mal coordenada combinação com que Elio dirige as suas opera-

ções, por isso bastantemente infelizes, como se vê nas gazetas inclusas, no meu officio de 18 do corrente mez; por tudo, pois, eu vou commandar em pessoa as nossas forças, conservando, porém, o governo nos termos que então disse.

Remetto á V. Ex. na cópia da carta que o vice-rei do Rio da Prata me dirigiu na data de 8 de Maio, e me foi entregue á duas jornadas d'este acampamento: n'ella verá V. Ex. uma collecção de despropositos politicos e militares, ácerca dos quaes me parece é melhor não responder; e tambem ahi achará V. Ex. uma prova de que lord Strankford desvia as provincias hespanholas da dependencia de uma só vontade, e procura arranjar uma accommodação unicamente destinada a estabelecer tratados de commercio entre ellas e a sua nação, como se praticou por occasião das desavenças de Caracas.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, 20 de Junho de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Conselho de guerra consultivo.

Illm. e Exm. Sr.— Levo á presença de V. Ex. a ordem por que com data de hoje estabeleci um conselho de guerra consultivo, para a disposição das operações militares na presente campanha, como havia annuciado no meu officio de 20 de Agosto do anno passado.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, em 3 de Julho de 1811.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Sobre a alforria de um escravo.

Illm. e Exm. Sr. — Requerendo-me o preto Ventura, supplicado na representação inclusa de Antonio de Oliveira Guimarães, que, havendo-se-lhe passado carta de liberdade em Moçambique por ter com outros mais represado um corsario francez que os aprisionára, e vindo ao Rio de Janeiro procurar o supplicante, que fôra antes seu senhor, este, não só sumira a dita carta, mas, receioso d'elle poder, na occasião da minha chegada ao Rio de Janeiro, aclarar a sua liberdade, como lhe noticiára o feitor da chacara onde estava, o remettêra ao Rio Grande, com recommendação positiva de o venderem para os dominios hespanhoes, a qual effectivamente se executára, e que fugindo, d'aquelles dominios, fôra apprehendido na dita villa, castigado por ordem do commandante interino com quinhentos açoutes e exilado na ilha dos Marinheiros em grilhões, afim de tornarem a envial-o ás possessões hespanholas, apesar de clamar que era forro e que eu por tal o reconheceria; e vendo que o supramencionado preto referia tão circumstanciadamente o facto do corsario, como os successos de diversas embarcações antes tomadas pelo mesmo corsario, do qual me servi para as recuperar, que fazia acreditavel a sua exposição, mandei, depois de ouvir o marechal de campo Manoel Marques de Sousa, commandante effectivo do Rio Grande, sobre a realidade da venda d'elle para a campanha de Montevideô, violencia do castigo e privação incommunicavel na ilha, passal-o a Porto Alegre, onde, sendo reconhecida a identidade de sua pessoa por alguns pretos meus, e um que juntamente com elle fôra escravo de Joaquim de Moraes Rego Lisboa, capitão-mór dos rios de Sena, proferi o despacho da cópia inclusa, que casualmente pude tirar do

livro da porta da secretaria, havendo-o pedido para outra averiguação. Os documentos d'esta questão acham-se na dita secretaria; porém do accusado despacho bastantemente se conclue a sem razão do supplicante, a cujo respeito o meu parecer seria menos moderado, quando elle me não tivesse atacado declaradamente; porém em taes circumstancias o limito em rogar á V. Ex. mande chamal-o, e lhe diga que eu me darei por citado, depositarei o valor que quizer dar ao preto, e afiançarei os jornaes até final decisão, da causa contendida comigo, pelos prejuizos resultantes do meu despacho, de que se queixa, e em reconvenção dos quaes provarei os crimes das suas aggressões que occulta; mas que de sorte alguma coopere V. Ex. para a continuação das violencias, que pretende praticar com o miseravel preto, solicitando a remessa d'elle para a cadêa d'essa cidade, afim de, como homem poderoso, contra quem não tem defesa, saciar a iracundia propria do seu orgulho. Isto é o que se me offerece informar á V. Ex., cumprindo as ordens que me participou no seu aviso de 5 de Junho.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, em 7 de Julho de 1811.— Illm. e Exm. Sr. conde de Aguiar.— *D. Diogo de Sousa.*

Marcha das tropas.

Illm. e Exm. Sr. — Tendo no meu officio n. 102 de 20 de Junho passado dito á V. Ex., que depois de congregados os officiaes-generaes, lhe enviaria o plano de execução que parecesse melhor nas actuaes circumstancias, remetto incluso agora por cópia o extracto do que se assentou na primeira sessão do conselho de guerra consultivo, de que trato no meu officio n. 107 de 3 do corrente.

Levo 'tambem á presença de V. Ex. a cópia da ordem para a marcha d'este acampamento, que se effectuará a 15 do presente mez, alliviando a tormenta do terrivel temporal que ha dias nos incommoda. Não foi possivel accelerar mais a dita marcha, porque havendo da columna commandada pelo marechal de campo Joaquim Xavier Curado chegado aqui a 27 de Junho, e as bagagens no dia 6 d'este mez, era 'necessario tomar um intervallo de tempo proporcionado para descanso das tropas, concerto das roupas e reparo de armamentos.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, em 11 de Julho de 1811.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Responde aos avisos do conde de Linhares.

Illm. e Exm. Sr.— Depois de escrever á V. Ex. os meus officios n. 102 de 20 de Junho e n. 104 de 22 do dito mez, tenho recebido os despachos que V. Ex. me expediu em data de 30 de Maio, e de 1 e 6 de Junho, que felizmente removeram os receios de obrar só pela minha opinião, expendida n'aquelles officios, sem que ordens positivas ratificassem a conveniencia d'ella.

Novamente agradeço á V. Ex. o conceito que fórma do meu prestimo, o qual espero seja efficaz pelos esforços do meu desejo ; e beijo mil vezes a mão de S. A. Real, que me liberalisa tantos testemunhos de confiança no meu zelo. Em conformidade do que disse á V. Ex. n'aquelle supra accusado officio n. 104, deixei no dia 6 do corrente sahir d'este acampamento para o Rio Grande os prisioneiros hespanhoes, auxiliados dos necessarios transportes, afim de passarem d'alli por mar a Montevidéo ; e ao tenente D. Mi-

guel Belchior, que partiu a 3, entreguei a carta, cópia n. 4, em resposta á que me escrevêra o vice-rei, inclusa por cópia no mesmo meu officio n. 104, e remettendo-lhe a que V. Ex. lhe enviou dentro do accusado despacho de 30 de Maio: as outras cartas que V. Ex. me encarregou para Buenos-Ayres no referido despacho, como tambem nos de 30 de Abril, 4 e 3 de Maio, mais nos de 4 e 6 de Junho, foram todas dadas a Filippe Contucci: não pouco risco soffreram no transito ao seu destino, por causa das guerrilhas dos dois partidos que cruzam a campanha.

Incluo aqui uma carta que o dito Contucci deixou para V. Ex., e a que elle me dirigiu sobre o importante objecto da promptificação de boiadas e cavalhadas, que me dá maior cuidado.

Na carta junta, que ultimamente recebi do commandante de Missões com data de 18 de Junho, verá V. Ex. quanto são sinistras as intenções da junta de Buenos-Ayres a nosso respeito, e que D. Pedro Ortiz, que eu noticiei acompanhára a nossa columna, se determinou caminhar para o Paraguay. Tambem apresento á V. Ex. seis cartas achadas em uma lata, que conduzia do Paraguay; e ultimamente a carta que hoje recebeu o marechal Manoel Marques de Sousa de José Randeau, por um official acompanhado de dois soldados, os quaes tenciono demorar e com pretextos politicos não permittir-lhes separar-se das nossas tropas, persuadido de que a sua particular commissão foi de nos espionar.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no acampamento de Bagé, em 12 de Julho de 1811.

P. S. Envio mais á V. Ex. as ultimas gazetas que têm vindo de Montevidéo. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares. — *D. Diogo de Sousa.*

Recebimento de despachos da côrte.

Illm. e Exm. Sr.—Tres dias antes de chegar á esta villa, recebi em caminho dois despachos de V. Ex. : um por segunda via, com data de 9 de Junho precedente ; outro por primeira via, com a de 14 do mesmo mez ; e, ficando bem inteirado das sabias ordens que V. Ex. até com tão claros conhecimentos locaes e cautelosas prevenções eventuaes me expede, só me resta segurar-lhe, que ellas serão exactamente cumpridas, e que da sua observancia podem bem esperar-se felizes resultados.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na villa de Mollo, em 29 de Julho de 1811.— Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Diversas providencias.

Illm. e Exm. Sr. — Hontem recebi com bastante retardamento a resposta (cópia n. 1) de Rondeau ao meu officio de 27 de Julho, accusado com n. 14 em o que dirigi á V. Ex. na data de 29 d'aquelle mez ; a minha deliberação sobre esta resposta foi mandar hoje marchar a columna da direita e amanhã a da esquerda, para que juntas do outro lado do rio Taquary se dirijam á Santa Theresa, antes que nos difficultem mais este projecto, considerado de essencial importancia.

Nas cópias ns. 2 e 3 verá V. Ex. as disposições com que deixo aqui um destacamento, e a contemplação que me pareceu ter a este respeito com o commandante D. Joaquim da Paz, homem de mui pouca actividade, porém inclinado ao bem e com predisponencia a adoptar quaesquer proposições favoraveis á côrte de Portugal ou aos interesses da Princeza, nossa senhora. Depois de escrever á V. Ex. o

acima mencionado officio de 29 de Julho, concorreu Filippe Contucci com as rezes que declara a relação n. 5 para municiar a tropa, e promette continuar este soccorro, emquanto elle estiver nos dominios hespanhoes, dando a entender o faz como donativo gratuito, cuja importancia aqui é do valor de 660 réis cada cabeça. Pelos meios que communiquei á V. Ex. no supra referido meu officio de 29 de Julho, pude ajuntar remonta de uma muda de cavallos; e em consequencia fiz recolher para a nossa guarda do Serrito perto de dois mil, que por magros estavam incapazes de serviço algum.

Devo participar á V. Ex. que a effeito das diligencias de D. Joaquim da Paz só appareceram cento e sessenta e nove cavallos, os quaes não foram pagos a quatro pesos como elle os havia avaliado, porque a isso occorreu o secretario do governo de Montevidêo, na fôrma que indica a cópia n. 4; todos os outros se tiraram de rincões mui distantes d'esta villa, onde os insurgentes os escondiam; e com esta industria continuaremos a fornecer a tropa de cavallhada, o que não é praticavel conseguir de outra alguma sorte.

Envio á V. Ex. a gazeta de Buenos-Ayres n. 54 que Rondeau ajuntou á sua resposta.

O marechal Alexandre Eloy Portelli chogou ao Serrito com as tropas do seu commando no dia 10 do corrente, e hoje lhe expedi as ordens constantes da cópia 6.

Tenho a satisfação de communicar á V. Ex., que entre tantas despezas, e apezar da falta dos dinheiros d'essa côrte, estão já feitos os fardamentos do regimento de dragões e da legião de S. Paulo, e se ficam tambem apromptando os do batalhão e da legião do Rio Grande, tudo á custa d'esta capitania, não se devendo, á vista da nudez da tropa que passava a paiz estrangeiro, esperar mais tempo as remessas dos effeitos que para ahi se haviam pedido.

Remetto em n. 7 cópia do edital, que hontem mandei affixar, e noticia á V. Ex. que ainda não compareceu ninguém a pedir satisfação de divida alguma.

Respeito á entrevista que elle teve com os emissarios de Buenos-Ayres, da qual não resultou mais que encarregarem-se estes de fazer presente á junta as suas proposições, entendendo escreverá á V. Ex. circunstanciadamente.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na villa de Mello, em 12 de Agosto de 1811. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Supplica em beneficio do finado marechal Fonseca e Sá.

Ilm. e Exm. Sr. — Dirijo á V. Ex., para que se digne levar á presença do Principe Regente, nosso senhor, uma carta que do leito da morte me escreveu o marechal de campo Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá, na ante-vespera da minha sahida do acampamento de Bagé, onde, ficando sacramentado e ungido, e depois falleceu a 23 de Agosto precedente. A saudosa memoria d'este camarada, devida ao zelo e honra com que se empregava no serviço de V. A. Real, desculpa o arrojo de eu tambem pela mediação de V. Ex. interpôr os meus suffragios para o mesmo augusto senhor ser propicio ás ultimas rogativas d'elle.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na villa de Mello, em 18 de Setembro de 1811. — Ilm. e Exm. Sr. conde das Galvéas.— *D. Diogo de Sousa.*

Informação sobre promoções na legião de S. Paulo.

Ilm. e Exm. Sr. — Na ilha Paraguay recebi noticia de

haver fallecido em Bagé aos 23 de Agosto precedente o marechal de campo graduado Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá, chefe da legião das tropas ligeiras de S. Paulo; e por isso expedi no dia 18 do corrente mez a ordem da cópia inclusa ao marechal de campo Joaquim Xavier Curado, commandante-geral da dita legião, não só para me remetter as informações respectivas áquelle corpo, mas tambem a proposta dos postos vagos, acompanhada de outra dos que poderão vagar, caso o Principe Regente, nosso senhor, se digne promover o tenente-coronel Joaquim de Oliveira Alvares a coronel da referida legião, como parece interessa o real serviço, por ser official muito instruido, estimado dos seus subditos, e ter, pela confiança que d'elle fazia o marechal Sá, carregado em toda a campanha com o regimen economico e disciplina da legião. Quanto ás informações que dependem da combinação de muitos assentos e de uma extensa escripturação, para a qual falta o tempo e até o papel, não póde o marechal Curado por agora promptifical-as; quanto, porém, ás propostas, que a meu vêr estão formalisadas com justiça e zelo do serviço, achará V. Ex. actualmente vagos, e na da letra B a que respeita ao segundo de uma promoção extensiva tambem a outros postos maiores, para que haja por bem levar á presença de S. A. Real aquella das duas que com a sabia reflexão julgar mais conveniente a bem do serviço do mesmo augusto senhor; devendo comtudo levar á consideração de V. Ex., que esta proposta letra B comprehende o sargento-mór Pedro da Silva, a quem escrupuliso elogiar com expressões diminutas ao seu grande merecimento, e o capitão André da Motta de Carvalho, de cuja intelligencia e actividade ninguem duvida, o qual, apezar de haver soffrido em S. Paulo uma preterição mal merecida, não afrouxou nada de honra; como sempre, se empregou na carreira das armas.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na villa de Mello, em 26 de Setembro de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Recebimento de despachos da côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Participo á V. Ex. que recebi os seus despachos de 23, 26 e 30 de Agosto precedente, e fico bem inteirado das ordens n'elles expedidas para as executar com a devida pontualidade. V. Ex. adivinhou que a fortaleza de Santa Theresa não faria grande resistencia, como verificou o successo de que já lhe dei conta por officio n. 127 de 18 do corrente mez; e creio não deixará também de realizar-se o seu vaticinio respectivo ao alevantamento do cerco de Montevidéo, para onde no dia 2 ou 3 de Outubro proximo futuro faço marchar as tropas, seguindo pela estrada de Maldonado; d'alli escreverei á V. Ex. com mais extensão, não me restando agora tempo que agradecer á V. Ex. o exito das minhas propostas, e beijar a mão de S. A. Real pela mercê de as attender.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no forte de Santa Theresa, em 28 de Setembro de 1811. — Illm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Informa sobre a prisão, que ordenára, de dois capellães do exercito.

Illm. e Exm. Sr. — Chegando ao acampamento de S. Diogo em Fevereiro do corrente anno, succedeu fallear sem Sacramento um soldado no hospital, e ficar em o domingo seguinte sem missa a legião de S. Paulo; entrei na averiguação dos motivos d'estes factos, e dando-se-me

por desculpa do primeiro, que os capellães não tinham recebido participação do perigo em que se achava aquelle enfermo, e do segundo que ao respectivo capellão lhe não levaram aviso; determinei que os capellães e cirurgiões comparecessem á parada e ordem geral, onde se costumam receber as participações das novidades e distribuir as necessarias providencias. Isto que é pratica constante em todas as guarnições e acampamentos, e muito conforme á natureza das funcções dos empregos d'elles, assim como assistirem aos exercicios de fogo e de cavallaria, não lhes agradou nada, pela relaxação do serviço com que estavam familiarisados; porém sujeitaram-se ao cumprimento da minha deliberação, sem se objectar a ella mais que uma murmuração infundada dos dois capellães de dragões e da legião de S. Paulo, querendo persuadir serem isentos de qualquer outra jurisdição fóra da sacerdotal. Acontece depois, no dia de entrudo, embriagarem-se estes dois bons padres-capellães, mais o alferes de dragões José Corrêa de Miranda, e entre os delirios em que se achavam, persuadirem-lhe devia casar com uma meretriz vinda de S. Paulo, que tinha em sua companhia; a qual antes vivêra bastante tempo na de um furriel de seu proprio regimento, de quem tivêra filhos, e ainda passou a manhã d'aquelle mesmo dia na de um cabo de esquadra do dito regimento; cujo casamento se effectuou, recebendo-os alli logo o capellão de dragões, sem proceder proclama alguma, sem ter commissão do paracho, e sem a licença que como official militar carecia.

Em consequencia de um tal desatino, mandei prender o referido alferes e tambem este padre-capellão, que, sem embargo das mencionadas nullidades, sustentava contra a disposição dos canones a legitimidade do matrimonio; por equipocação intimou o official encarregado d'esta diligencia em

nome do brigadeiro Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá a dita ordem ao da legião, o qual com bastante alizez respondeu que nenhuma autoridade tinha sobre elle para o mandar prender, e que mesmo eu para assim o praticar precisava primeiro declarar o crime; esta resposta ao referido brigadeiro me obrigou, com effeito, mandal-o prender, e poucos dias depois soltar, deixando o ou ro como motor d'esta desordem ser mais seriamente castigado até pela contumacia em que estava de ter obrado bem, e de ter autoridade para isso, e de ser valioso o casamento, como o quiz provar por um insensato requerimento que me fez, e de cujo despacho sinto não deixar registro na secretaria, o que não é possível executar-se em campanha, afim de V.Ex. vêr o que eu disse e juntamente constar: por uma inobservancia de ordem, ausentando-me eu para o acampamento de Bagé, nem elle chegou a ser recolhido na prisão de que se queixa. A' vista, pois, do expellido, ficou invalido o dito casamento, e foi preciso que no povo de S. Borja o revalidasse o cura d'elle, que reprovou e demonstrou a nenhuma autoridade do sobredito sacerdote, e a nullidade em que estava.

A prisão em que estiveram, e de que se offendem, era a mesma para onde iam os officiaes até capitães inclusivamente, e nunca a de facinorosos, escravos e criminosos, como falsa e descaradamente allegam.

Tinha-me lembrado, pela má conducta d'estes dois individuos, de seus costumes, e vida bem conhecida no exercito e na capitania do Rio Grande, apesar do pouco tempo que n'ella está um d'elles, remettêl-os com os seus crimes ao bispo d'essa côrte, para os corrigir segundo as culpas de cada um; mas o meu systema de não perder pessoa alguma, e a falta que ao mesmo tempo faziam ao mencionado exercito para as confissões, celebrações da missa, etc., foram os motivos de me não resolver a isso,

afirmando, porém, á V. Ex. que estes dois sacerdotes, um dos quaes deve ser bem conhecido á V. Ex., e pelas informações que deu o marechal Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá, antes d'elle entrar no campo, coherentes com as que costuma a dar, e a conducta do outro lhe é menos notoria, pelo deleixo do marechal Patricio José Corrêa da Camara, que nunca coordenou em informações exactas do seu regimento; são os homens de vida a mais libertina e escandaloso, commettendo no decurso d'ella factos assaz indecorosos ao character que professam; são, emfim, uns refinados hypocritas e muito máos sujeitos, por taes conhecidos, desprezados aqui, como melhor pôde á V. Ex. informar o coronel Miguel Lino de Moraes, meu ajudante de ordens, que n'esta occasião vai incumbido de pôr na presença de V. Ex. outros assumptos; pois não é facil referir por escripto miudamente o que a qualquer d'elles justamente pertence. O de dragões, pedindo-me licença no povo de S. Borja para ir á villa do Rio Pardo vêr seu pai, que se achava doente, teve o descôco de logo publicar que não voltava mais, e effectivamente o pôz em pratica, porque não fez jámais caso dos avisos que se lhe dirigiram para se recolher ao seu corpo, dando por causa molestias suppostas; obrigando-me assim a mandar expedir pelo seu coronel a ordem n. 1, que até hoje não produziu o effeito desejado, e a ordem n. 2 para serem por outro suppridas as suas funcções, sendo a sua ausencia o motivo por que a mais tempo não informei sobre esta representação: eu tenho conservado no maior segredo para com os commandantes das columnas, e officiaes superiores por acautelar algum excesso contra os padres, pela injustiça com que tão atroz e perfidamente foram calumniados na parte mais melindrosa e sagrada em que se funda a moral dos bons cidadãos.

Tenho dito, em summa, o que de mais notavel se me offerece ácerca da mesma representação inclusa no aviso de V. Ex. com data de 26 de Abril; resta-me agradecer á V. Ex. confiar da minha vigilancia, que evite se repitam na presença do Principe Regente, nosso senhor, queixas de semelhante natureza, e o que eu certamente me comprometto a não serem falsas, como esta, cujo caso eu devo resalvar.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general em a cidade de Maldonado, aos 15 de Novembro de 1811.—Ilm. Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Sobre o exito das marchas e disciplina do exercito.

Ilm. e Exm. Sr. — Lisongêo-me de haver preenchido as vistas das ordens régias, que V. Ex. me tem expedido em differentes épocas, na parte relativa a fazer respeitar as armas do Principe Regente, nosso senhor, pelos revolucionarios de Buenos-Ayres, e conduzil-os com as nossas forças a um arrançamento pacifico com Montevidéo, pois pelas direcções das nossas marchas, e pontos que fomos ganhando, sempre as tropas d'elles fugiram adiante das de S. A. Real; e logo que nos approximavamos ao cerco, buscaram e acharam na flexivel inconstancia ou louca desconfiança de Elio o recurso da sua salvação; e dando-me por intelligenciado das ordens que V. Ex. novamente repete no seu despacho de 23 de Outubro sobre objectos politicos e militares, nada mais se me offerece ponderar além do que já levei expellido n'esta occasião pelo meu officio n. 167 de 18 do corrente mez.

Quanto ao boato de havermos apprehendido alguns depositos de grãos, devo dizer á V. Ex. que só aqui achamos

um de oitenta fangas de trigo, pertencente á fazenda real, no qual eu não consenti que se tocasse, e o mesmo determinei se observasse com outros armazens de pessoas particulares, por todos os povos que temos passado, permitindo só o consumo que elles d'estes e outros generos quizessem expontaneamente vender.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na cidade de Maldonado, aos 20 de Novembro de 1811. — Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.— *D. Diogo de Sousa.*

Sobre successos politicos e militares nos dominios hespanhoes.

Ilm. e Exm. Sr. — Tendo já em officio, com data de hontem, dito á V. Ex. que o choque acontecido nas proximidades de Belem, entre as tropas hespanholas e portuguezas, não foi desvantajoso á estas, devo agora em resposta ao despacho secretissimo, que V. Ex. me dirigiu a 6 de Fevereiro, certificar-lhe que o mencionado choque e outras hostilidades de que tenho dado conta, começaram por parte do exercito de Artigas, e creio que não sem consentimento da junta de Buenos-Ayres, como annunciei pelo meu officio n. 167 de 18 de Novembro do anno passado, e V. Ex. poderá concluir de varios documentos remettidos em diversos officios mais.

O que me admira é ser aquelle successo referido por carta de Montevidéo nos termos que V. Ex. avisa, sabendo-se alli muito bem a verdade d'elle, d'onde infiro com mais razão haverem n'essa côrte emissarios de Buenos-Ayres, que espalham noticias convenientes aos seus fins. Das disposições que temos tomado, e que V. Ex. verá nos documentos que ajunto a um dos meus officios da data de hontem, parecem preencher as condições que V. Ex. me

prescreve, e dos mesmos documentos conhecerá V. Ex., que as minhas medidas vão com prévia cautela dirigidas conformemente as suas instrucções. Em n. 63 dos ditos documentos encontrará V. Ex. uma carta de Manoel Cypriano de Mello, tratando de um plano, que eu não me atrevo propôr, considerando estarmos proximos á estação invernosa, que aqui é terrivel, mas que em outra qualquer me parecerá adoptavel, pois que, sem dissipar com caustico actual a cabeça da hydra constitucional de Buenos-Ayres, que não reconhece superioridade nas côrtes de Hespanha, nunca se conseguirá pacificação, quer as mesmas côrtes confirmem ou neguem a regencia á Princeza, nossa senhora, a quem os membros da junta são tão oppostos, como ao Principe Regente, nosso senhor. Por cartas da Europa se avisa que já não vem a commissão combinada de emissarios inglezes e hespanhoes, que estava destinada a tratar da pacificação d'estas provincias; e consta que a junta de Buenos-Ayres os mandará pela America Ingleza á França pedir os soccorros que Bonaparte pelos seus lhe promettêra. Se S. A. Real houver por bem mandar a gente que requeri, e cujo numero pôde preencher-se na maior parte, fazendo-se effectiva a execução das ordens, que antes do convenio havia dirigido o Sr. conde de Linhares, para o governador me enviar todas as praças da legião de S. Paulo no pé de guerra, e o de Santa Catharina as do regimento d'aquella ilha no estado completo, vindo umas e outras por mar, afim de chegarem com maior brevidade, e ao mesmo tempo se dignar ordenar a expedição das embarcações que pedi, as quaes, supposto disse, não deviam demandar mais de seis palmos d'agua, podem, segundo melhores informações que depois tive, ser das que naveguem em dez palmos; então parece-me praticavel não só livrar da jurisdicção de Buenos-Ayres os territorios entre o Uruguay e Paraná,

mas também restabelecer o antigo governo do Paraguay ; achando-se o governador do Mato-Grosso prevenido e prompto a marchar para aquella provincia, assim que receber para isso participação minha.

Eu vou marchar no dia 14 do corrente para Paysandú, e n'aquellas immediações, a não occorrer motivos que me obriguem mudar de posição, espero as ordens de V. Ex., as quaes rogo á V. Ex. queira enviar-me quanto mais promptamente lhe fôr possível, para cuja diligencia julgo ser propria a mesma corveta *Calypso* que agora conduz os meus officios.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na cidade de Maldonado, aos 12 de Março de 1812.— Ilhm. e Exm. Sr. conde das Galvêas.— *D. Diogo de Sousa.*

Carvão de pedra.

Ilhm. e Exm. Sr. — Sobre a indagação de minas de carvão de pedra na capitania de S. Pedro, a cujo respeito vertem as ordens que V. Ex. me expediu por aviso de 27 de Fevereiro precedente, cumpre dizer á V. Ex., que na secretaria de Estado dos negocios da guerra deve existir uma *Memoria* do descoberto pelo cirurgião Vicente Venceslão Gomes de Carvalho, e outra das excursões do mineralogista Feldner, acompanhadas de amostras que indicavam a boa qualidade d'elle ; para se tentar agora as descobertas de outras minas que a casualidade não tenha offerecido á superficie da terra, convem que V. Ex. me forneça duas verrunas ou brocas de sondar, pois qualquer outro methodo de investigação é incerto e mui dispendioso.

Eu achei bom letrintrax entre as fixuras dos rochedos que sahem ao mar nas praias proximas á fortaleza de

Santa Theresa ; mas, além de ser hespanhol o territorio, eu ajuizei que os bancos eram pobres.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general no Serro Pellado, aos 29 de Março de 1842. — Illm. e Exm. Sr. conde das Galvêas.— *D. Diogo de Sousa.*

Sobre negocios militares.

Illm. e Exm. Sr.—Parti de Maldonado no dia 16 do corrente mez, como avisei á V. Ex. em officio n. 31 de 12 d'este mesmo mez ; e posto esteja á quarenta leguas distante d'aquella cidade, acho-me muito mais atrazado nas minhas marchas, do que tencionava e era necessario, senão por interceptar a junção das tropas de Buenos-Ayres com as de Artigas, que commanda Fresche, e supponho effectuada avista das participações, copias ns. 4 e 21, comprehendidas nas que desde n. 1 a n. 36, dirijo inclusas para intelligencia de V. Ex., ao menos por defender a passagem a este lado do Uruguay, onde já talvez se achem, visto que as dispostas ás ordens do coronel Thomaz da Costa, ainda que hajam chegado aos pontos que elle as destinava, eram insufficientes para occorrer a todos os passos em que aquellas podem praticar o transito ; mas um alluvião de grossas chuvas pôr cinco dias, acompanhadas de horriveis trovoadas, nos obrigou parar n'este campo, apezar de nem haver n'elle lenha com que se faça a comida ; comtudo o tempo veio hoje mais sereno, e se os arroios circumvizinhos, derem amanhã vão, iremos proseguindo viagem, e procurando ganhar em velocidade o que havemos perdido em tempo.

Nos ns. 1 e 2 achará V. Ex. as noticias adquiridas por Thomaz da Costa, em consequencia das quaes se determi-

nava sahir do acampamento de S. Diogo a 4 d'este mez, com intenção de ir atacar os indios ao rincão de Arapehy, e n'esta intelligencia lhe expedi as ordens n. 3, para depois descer ao Salto; sem embargo de haver sufficiente intervallo de tempo, ainda não tive aviso relativo ao resultado d'aquella empresa, que me pareceu importante.

Pelos ns. 5, 6 e 7, saberá V. Ex. o pedido de armas que me fez o capitão general Vigodet; o que me disse relativamente á entrada do bergantim *Falcão*, no rio Uruguay; o que lhe respondi ácerca d'estes objectos; e por inspecção do primeiro d'estes papeis não deixará V. Ex. de notar, não só o modo de pedir á hespanhola, que é sempre suscitando uma questão chimerica, mas a maneira de restituir com uma vã esperança; e, finalmente, a miseravel carencia em que elle se acha de armamentos para armar gente, quando a tivesse para organizar as companhias sôltas de que falla, em que povoação alguma pôde ainda verificar-se.

Levo ao conhecimento de V. Ex., com ns. 8, 9, 10 e 11, um inicial facto dos prévios receios, que por vezes communiquei a Vigodet sobre a opinião revolucionaria dos habitantes d'esta campanha, com a qual Artigas conta seguro.

Os ns. 12, 13, 14, 15, 16 e 17, instruirão á V. Ex. de que o cabildo de Montevidéo quiz fazer um presente a este exercito, contendo, segundo me informaram, alguns quintaes de bolaxa, algum vinho e alguma aguardente, que de parecer com os officiaes-generaes repudiei; porque não nos havendo aquella corporação nem Elio lisongeados ao menos com um cumprimento ou expressão na finda campanha passada, nem mesmo Vigodet o haver feito senão quando foi apertado para responder aos artigos que propuz mais ao governo de Buenos-Ayres em commum, e

quando se viu empenhado, sem forças, em novas querellas, julguei indecente receber um obsequio, que parecia engajamento obrigatorio para segunda campanha, e ligava a liberdade de obrar como nos convenha.....: não recusei, porém, o particular offerecimento de um almude de vinho, um presunto, tres queijos pinhas, e uma duzia de garrafinhas de licor do capitão-general, a cujo assumpto se referem os ns. 18 e 19, nos quies, entre outras materias, se trata tambem da condução de portuguezes, que se lhe haviam requerido e que até agora não chegaram.

Debaixo de ns. 20 e 21 vão duas cartas de Vigodet, a que respondi d'aqui, na data de 26, em *post scriptum* á minha carta n. 22 de 24 d'este mez, na qual lhe remetti a lista n. 23 dos muitos cavallos que haviam cansado, como, attenta á má qualidade d'elles, lhe predisse nas nossas constestações ácerca da questão de suas indemnidades; mais ns. 24 e 25, as ordens para a guarda e tratamento dos referidos cavallos, a circular n. 26 com que mandei recrutar cavallos para serem avaliados e pagos pela nossa caixa militar; e o edital n. 27, com que, apesar da sua repugnancia, proclamei aos portuguezes d'esta campanha, para se unirem ao meu exercito, supprimindo quanto no antecedente, que elle não quiz mandar imprimir, incumbia aos funcionarios hespanhoes.

Envio á V. Ex. em ns. 23 e 29 as novidades, que com bastante retardamento me chegaram, do sargento-mór Manoel dos Santos Pedroso, commandante de uma partida avançada no Quarahy, pertencente á divisão de Thomaz da Costa, e ajunto a copia n. 30 de uma carta do coronel João de Deus Menna Barreto, que indica a excessiva esquivança dos seus miliciannos em se recolherem ao regimento, o que tambem acontece com os dos outros differentes districtos.

O espirito de deserção, talvez favorecido por uma moderna ordenança, e tolerada pela equidade das sentenças superiores têm-se introduzido no meu exercito, a ponto de, sem mencionar a falta de quinhentos a seiscentos soldados de linha e milicianos, entre os desertados e não apresentados das licenças, com que foram por virtude do aviso de 16 de Abril de 1811, succederem-se ausentado na marcha de Maldonado até este lugar já o numero de sessenta e sete, como mostra a relação n. 31: posto isto, e examinados os mappas ns 32, 33, 34, 35 e 36, que manifestam montarem apenas a tres mil e quatrocentas e vinte tres as praças effectivas d'este exercito, e da tropa ás ordens de Thomaz da Costa; fica claro que não tenho gente para oppôr ás columnas de Buenos-Ayres, segundo as informações, compostas de mais de quinze mil homens. e que, portanto, é preciso V. Ex. se apresse soccorrer-me immediatamente com os dois mil que pedi, e ainda depois com maior numero até preencher uma totalidade com que possa fazer-lhe frente n'estas campanhas, e emprehender mesmo alguma invasão no seu territorio, sem cujo expeliente a guerra será muito longa e pouco util. Entretanto que espero os soccorros requeridos, eu procurarei collocar-me em um campo defendido junto á margem oriental do Uruguay, onde se me facilite recebê-los, e se me proporcionem vantagens de obstar aos progressos dos inimigos nos terrenos d'esta banda.

Conto que V. Ex. levando á presença do Principe Regente, nosso senhor, tudo quanto deixo exposto, se dignará expadir-me as deliberações do mesmo augusto senhor, pelo meio que julgar mais expedito, e que a mim me parece ser o da direcção de alguma embarcação á Colonia do Sacramento ou S. Domingos Soriano.

Deus guarde á V. Ex. Quartel general em o Serro-Pellado, aos 29 de Março de 1812. P. S. Insertas

remetto á V. Ex. as gazetas de Buenos-Ayres e de Montevideo, que recebi em caminho.—Ilm. e Exm. Sr. conde das Galvéas.—*D. Diogo de Sousa.*

Sobre negocios militares e politicos.

Ilm. e Exm. Sr.—Com as cópias ns. 1, 2, 3 e 4, informo á V. Ex. das circumstancias relativas a um choque que houve com os inimigos no passo da Alcorta, em o qual não sahio nenhum dos nossos feridos, apezar de se exporem a vulto descoberto na margem do rio, e os insurgentes fazerem dentro de espesso mato na barranca opposta um fogo vivo; a mortalidade d'estes não pôde avaliar-se em menos de trinta e cinco, entrando o primeiro commandante Rubio Marques e o segundo Germano Machain.

Pela cópia n. 5 será V. Ex. intelligenciado de que o bergantim *Falcão* arribou á Santa Catharina, como em um dos meus seis officios escriptos a 29 e 30 de Março precedente disse á V. Ex. estava eu persuadido; e nas cópias ns. 6 e 7 levo ao conhecimento de V. Ex. as ordens com que preveni o commandante do dito brigue para o tempo da sua chegada a Montevideo e á boca do rio Uruguay e Jaguary.

Apresento ultimamente á V. Ex. em cópias ns. 8, 9, 10 e 11, o que occorre na minha correspondencia com Vigodel depois d'aquellas datas; e é preciso que V. Ex. me remetta sem demora as duzentas balas de calibre doze que mencionei no meu officio n. 12 de 29 de Janeiro, seja para usar d'ellas ou para as restituir ao referido capitão-general, caso m'as envie, como lhe pedi no accusado n. 11, debaixo de pretexto de me haver esquecido mandal-as vir do Rio Grande.

Deus guarde à V. Ex. Quartel-general no passo de Filippe Peres, na margem occidental do Rio Negro, aos 17 de Abril de 1812.— Illm. e Exm. Sr. conde das Galvéas.— *D. Diogo de Sousa*,

Informação lançada nos requerimentos dos marechaes de campo Manoel Marques de Sousa e Alexandre Eloy Portelli.

Illm. e Exm. Sr.— O meu parecer é que, com attenção a não desgostar os supplicantes ou recahir nos inconvenientes que ponderei nos supra-mencionados meus officios, será melhor deixar o requerimento d'elles em esquecimento, que é um indeferimento politico; V. Ex., porém, aconselhará á S. A. Real como julgar mais justo.

Deus guarde à V. Ex. Quartel-general em a Barra do Arroyo de S. Francisco, aos 10 de Maio de 1812. — Illm. e Exm. Sr. conde das Galvéas.— *D. Diogo de Sousa*.

Sobre negocios politicos e militares.

Illm. e Exm. Sr.— Com as cópias inclusas das cartas do capitão-general Vigodet e das minhas respostas, mais de outros documentos n'estas accusadas, informo á V. Ex. dos acontecimentos posteriores ao dia 11 do corrente, data do officio n. 49 que ultimamente dirigi á V. Ex.

A demora da chegada dos meus officios, que remetti á essa côrte desde o mez de Janeiro d'este anno, me tem feito grande transtorno, pois da deliberação que S. A. Real fosse servido tomar sobre elles, dependiam os meus arranjos para as operações d'esta nova campanha, a qual é absolutamente impossivel continuar, mesmo debaixo de planos de pura defensiva, sem a prompta vinda dos reforços pe-

didos, agora mais necessários; havendo o governo de Buenos-Ayres empunhado contra nós todas as suas forças, que montam ao triplo das nossas; e ainda muito maiores serão precisas, nem só de gente, mas de embarcações de guerra e armamentos, a S. A. Real querer inhabilitar aquelle governo de proseguir no seu systema revolucionario, que nos será directamente muito prejudicial, quando consiga o projecto de senhorear-se de Montevideo.

A expedição de Goienoche parece pelo menos estar paralisada, como a tempos desconfio; e portanto não ha que contar o resultado d'ella.

Devo participar á V. Ex. que o bergantim *Falcão* não havia entrado no Rio Grande até 30 de Abril, sem embargo do commandante d'elle avisar em 15 de Março, que contava achar-se alli dentro em doze dias, como fiz sciente á V. Ex. no meu officio n. 44 de 17 de Abril; o fabrico que o dito bergantim tinha a fazer á sahida de Maldonado era vencivel em quatro dias, e se depois se lhe não descobriu precisão de maior obra, o que elle já deveria saber quando escreveu de Santa Catharina, então este official é muito máo executor das ordens que se lhe incumbem. Eu espero com impaciencia as ordens de V. Ex. respectivas á minha expedição e arriscada precisão; estou certo que V. Ex. as expedirá com sabia consideração, e conto que no cumprimento d'ellas não desmerecerei o conceito que tenho merecido á S. A. Real e á V. Ex.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na Barra do Arroio de S. Francisco, aos 21 de Maio de 1812. — Illm. e Exm. Sr. conde das Galvêas.

P. S. Remetto as gazetas de Buenos-Ayres que ultimamente me chegaram por varias vias; e vão notadas nos lugares que mais convem lêr-se. N'este instante me chegam os bombeiros que mandei ao Salto observar os movimentos

do exercito de Artigas, com a noticia de não haver d'este lado do Uruguay mais que algumas pequenas partidas do mesmo exercito, o qual tornou a passar para o outro lado, onde se acha acampado. Determino-me portanto a levantar o campo d'este sitio, e estabelecer em lugar vantajoso para obstar mais immediatamente as suas operações; e poder tambem receber os reforços que tenho pedido á V. Ex. — *D. Diogo de Sousa.*

Sobre a negociação de João Rademaker.

Illm. e Exm. Sr.— Se a minha obrigação é de obedecer pontualmente ás ordens de V. Ex., ella não é menor de expôr-lhe com singeleza os meus sentimentos, do modo que a minha alma os concebe. Pelo primeiro d'estes deveres eu poria, logo que recebi o officio de V. Ex. de 19 de Abril, as minhas tropas em marcha reversiva para as fronteiras do meu governo, se as não observasse indispostas a deixarem-me gravemente enfermo de um fleimão entre as duas vias, resultante da suppressão de umas sarnas, do qual ainda não estou restabelecido: se não julgasse preciso esperar as embarcações, que já sabia terem entrado no Rio da Prata, vindas do Rio Grande com munições e farinhas, de que este exercito estava privado a mais de quatro mezes; se não fôra necessario dar tempo de repousar e remendar-se uma gente que acabava de fazer mais de cento e quarenta leguas de jornada, e de que com tanto mais razão precisava o regimento de dragões e de milicias do Rio Pardo, bem como a divisão do sargento-mór Manoel dos Santos Pedroso, que por ordens minhas vieram reunir-se-me os dias passados, trazendo para cima de duzentas leguas de caminho; assim tambem as divisões do coronel Manoel Godinho Leitão de

Aboim, do capitão Antonio Adolpho Charau e do commandante do Arredondo, pelas quaes espero, não as devendo deixar dispersas pela longitude d'esta campanha ; se não deveria antes de ausentar-me dispôr a viagem por mar dos enfermos ao Rio Grande ; se não houvéra grande precisão de concertar os reparos de muitas peças de artilharia, os carros manchegos, e quasi todas as carretas de transportes, que se achavam em grave ruina por effeito natural do transito de tantas centenas de leguas, e em cujos trabalhos ainda se continúa ; e se, finalmente, me não vira privado das cavalhadas e boiadas de que preciso refazer-me em estação tão rigorosa, para tentar o regresso ao Serrito e á Cachoeira, lugares aonde consultei com os generaes do meu exercito nos deviamos recolher, e que distam d'aqui cento e vinte a cento e sessenta leguas, nem reflectisse no muito que convinha levar para os nossos dominios todos os cavallos que já podessem seguir por diante, de mais de cinco mil que nos têm ficado cansados, e que se acham em diferentes rincões mui remotos d'este sitio ; porém tenha V. Ex. a certeza, que eu me apresso em remover quanto antes estes obstaculos para voltar ao meu governo, como S. A. Real determina. Em consequencia do segundo dos meus deveres, posto bastantemente dê a conhecer á V. Ex. pelos meus escriptos juntos a este officio, bem que por outros anteriores, qual seja a minha opinião, e haja demonstrado por successos felizes o resultado das minhas operações militares, não posso comtudo prescindir de expôr directamente á V. Ex. com mais clareza, circumstancias que não era licito especificar nos referidos escriptos juntos.

Foi S. A. Real servido incumbir ao tenente-coronel João Rademaker a commissão que V. Ex. se dignou communicar-me no seu despacho acima citado de 19 de Abril, e sobre o objecto da qual ninguem devia estar mais instruido do

que eu, que, autorizado para tratar em todo o lato sentido taes negocios, me não havia poupado aos trabalhos de adquirir conhecimentos e pensar sobre elles.

Escreveu-me de Montevidéo o dito tenente-coronel a carta n. 1, que veio acompanhada da de n. 2 e 3, e eu sem sentir-me do preambulo vago em que ella era concebida, e que nada vinha ao caso, nem tão pouco de que elle se eximia observar ao pé da letra as insinuações que V. Ex. me transmittiu no seu supradito despacho, tanto mais indispensaveis para com algum conhecimento de causa sobre o que tinha a tratar, e das posições e progresso do meu exercito se saber dirigir na sua commissão, reflectindo que as mesmas insinuações não coincidiam perfeitamente com as instrucções que V. Ex. lhe déra por escripto ou talvez de palavra, me prestei pontual a fornecer-lhe na resposta n. 4 os materiaes que podesse applicar utilmente á sua negociação; no entretanto de parte de Montevidéo, em direitura a Buenos-Ayres, sem noções sobre a materia principal, se precipita a fazer proposições indicadas na extraordinaria ministerial n. 5, que me remetteu com a sua carta n. 6, cahindo na crassa ignorancia militar de assegurar ao governo da dita cidade, que eu já estaria em retirada por virtude das ordens que me remettêra na semana antecedente, as quaes só recebi no mesmo dia 26, que elle entrou em Buenos-Ayres, sem ponderar nenhum dos obstaculos sempre occorrentes nas marchas, principalmente em dominios estrangeiros, sem advertir, que é mais facil dispôr uma batalha do que uma longa marcha, porque para aquella se allivia a gente de todas as equipagens e impedimentos de peso, e para esta necessita conduzir tudo quanto se carece em uma república; sem se acordar da indignidade e descaradas mentiras com que ella foi impressa, que não podia deixar de causar-me a maior surpresa e desgosto, vendo perdida a oppor-

tunidade de acabarmos as querellas de Buenos-Ayres, com gloria nossa e seguridade d'este governo de Montevideó, de que muito depende a das nossas fronteiras, como V. Ex. mui sabiamente reconhece.

Já antes eu tinha tido uma iniciativa, pelo officio de D. Hilarion de la Quintana n. 7, a quem respondi nos termos que indica a cópia n. 8; e depois com aquella carta do tenente-coronel João Rademaker recebi juntamente a de D. Manoel Sarratea n. 9, as de D. José Artigas n. 10 e 11, e a do coronel D. João Florencio Terrada... n. 12, a cada uma das quaes dei as respostas que lhe vão unidas, procurando n'ellas testemunhar quanto me presto a cumprir as determinações de S. A. Real; e ao mesmo tempo convencendo a declarada falsidade e ignominia que nos resulta d'aquella extraordinaria ministerial, e guiando o nosso negociador ao verdadeiro caminho que nos é mais proveitoso e honesto, posto que, não sem receios de ser já tarde pela aceleração com que procedeu, sem esperar o meu parecer e informações.

Para provar mais á V. Ex. quanto me empenho em executar religiosamente as ordens do Principe Regente, nosso senhor, incluo aqui em n. 13 a resposta que dei ao coronel-commandante da provincia de Missões ainda antes de receber aviso algum de Buenos-Ayres.

Desde n. 14 a n. 20 achará V. Ex. cópias das ultimas cartas do capitão-general Vigodet, e de n. 21 a n. 23 as que eu lhe tenho dirigido; em umas e outras notará V. Ex. a boa intelligencia da nossa correspondencia, e o unico modo que descobri de poder-lhe participar a minha retirada consequente da conducta enigmatica do novo negociador, que lhe não podia ser occulta por muitos dias; e ultimamente o justo reparo que áquelle capitão-general causou a leitura da perfida extraordinaria ministerial, quando pelos

offícios do Sr. conde de Linhares, escriptos ao vice-rei Elío e á junta de Buenos-Ayres, no 1º e 6 de Junho de 1811, mais do officio que lhe escrevi de 29 de Fevereiro, e até pelo despacho duplicado de 6 de Fevereiro d'este anno, que V. Ex. me expediu a sello volante por mão d'elle, se julgava seguro debaixo da protecção de S. A. Real, e certo de que se não trataria de convenção alguma que lhe podesse ser prejudicial. A boa fé d'este capitão-general não soffre taxa alguma, pois ainda que elle tratou com Buenos-Ayres de um accommodamento, sem me fazer sciente, ulteriormente se viu nas gazetas d'aquella cidade, que esse accommodamento tendia em evitarmos o golpe de mão que a junta nos queria dar, e por cujo motivo procederam as novas dissensões da junta com o mesmo capitão-general. Não só porque, ausentando-me d'este territorio, ficariam isoladas, e sem soccorros as tropas que V. Ex. me diz se destinavam á Colonia em meu reforço, e igualmente uma charrua com petrechos de guerra, mas porque o transito das mencionadas tropas poderá fazer vacillar a firmeza do armisticio, me determinei tomar a resolução que V. Ex. encontrará inserta por cópia na do meu officio escripto ao capitão-general a 9 do corrente; e concernentemente a este reforço de tropas devo pôr na consideração de V. Ex. que, não sendo sufficientes para a defesa de todos os pontos vulneraveis das nossas fronteiras, nem podendo alli ser mantenidas, convirá antes sustar as suas remessas.

Os verdadeiros pontos da defesa das nossas fronteiras existem n'esta capitania; trezentos homens na fortaleza de Santa Theresa, a qual agora devemos abandonar, nos poupariam quatro mil que é preciso postar nas guardas do Serrito, Tahim e Albardão, para pôr o Rio Grande acoberto de alguma invasão; um destacamento de quinhentas praças no Serro Largo, patrulhando Taquarembó, suppriam á ou-

tras quatro, indispensaveis a guarnecer a linha desde Jaguarão até os Serros de Sant'Anna, e um exercito de tres a quatro mil homens, postado na margem oriental do Uruguay d'esde o Salto até o Ibicuy, enquanto os *buques* de guerra de Montevidéo embaraçavam do Salto para baixo a passagem das tropas inimigas, cobria toda a grande extensão dos serros de Sant'Anna até o Ibicuy, e protegia a provincia das Missões portuguezas, que aliás tem a sua guarnição particular; vantagens que se não poderiam conseguir com sete ou oito mil homens acampados na grande curvatura d'esta indefesa parte da nossa fronteira; além d'isto é muito para considerar a economia que provenha da occupação d'estes pontos em paiz alheio, como V. Ex. mais exactamente calculará, quando eu lhe enviar uma nota demonstrativa de que com o meu pequeno exercito, existente n'elle a onze mezes, tenho poupado mais de 120:000\$ da despesa que a Fazenda real faria com igual exercito estacionado na capiania de S. Pedro em tempo de paz, fóra de que lhe faltariam inteiramente os recursos para o fornecimento de gados, boiadas e cavalhadas, de que o mesmo exercito necessitava. Por tudo, pois, que deixo ponderado, e pelo cordial interesse que tomo na segurança dos dominios de S. A. Real, e até commovido da tristeza e abatimento que ás minhas tropas causou aquella infame extraordinaria ministerial, que o governo de Buenos-Ayres tem com vangloria propagado, introduzindo só na villa das Viboras oitocentos exemplares, com fim de alliciar os povos d'esta campanha, e de que receio provenham desastrosos resultados, humildemente peço ao Principe Regente, nosso senhor, e para isso imploro o valor de V. Ex., que o mesmo augusto senhor haja por bem não ratificar o nosso armisticio, sem que n'elle seja comprehendido o governo de Montevidéo, e se entenda por fronteiras, taes quaes eram reconhecidas

antes da marcha do exercito portuguez, as estipuladas no convenio de 20 de Outubro do anno passado, que tinha por limites a margem do Paraná, ficando vedado a um e outro governo introduzir tropas nos terrenos de Entre-Rios sem reciproco consentimento. Isto que nas actuaes circumstancias do aperto em que temos posto o exercito de Artigas, a cujo assumpto basta dizer á V. Ex. que em todas as acções da minha immediata disposição, durante as duas campanhas, não perdi um unico soldado, e que das parciaes, dirigidas por differentes commandantes, apenas têm perecido setenta e tantos, ao passo que dos inimigos se tem morto mais de mil: é inquestionavel que o governo de Buenos-Ayres receberia de bom grado esta proposição, tanto mais, quanto acabamos de obrigar as suas tropas, depois de receberem os ultimos reforços que podiam esperar, a fugir para além do Uruguay; e nos achamos senhores das localidades que elles antes occupavam: de outra sorte é entregar ao governo subversivo de Buenos-Ayres a praça de Montevideo com toda a sua guarnição e população, a quem a sorte das nossas armas regulava as disposições de ficarem tranquilladas, ou emigrarem para o Brasil; é submeter ao cutelo inimigo tantas familias fugitivas do Arroio da China, que com as de Paysandú vieram outra vez, á sombra das nossas forças, povoar esta villa, onde não achámos mais que um indio e uma india velhos; expôr ás tyrannias do inimigo muitos habitantes fugitivos que já têm formado as suas estancias, e finalmente arriscar a sorte das nossas fronteiras, que as tropas da Inglaterra, nação aliás poderosa para o que forem operações maritimas, nos não poderá ser util contra os ataques interiores de terra, onde só os portuguezes e hespanhoes, n'ella nascidos, cercados, são capazes de fazer a guerra, como já mostrou a experiencia a nove mil e tantos inglezes, que nunca se atreveram apartar-se

duas leguas para dentro das praças; e ahí mesmo morreriam de fome, se a avidez de grandes lucros não movesse a perfidia dos proprios hespanhoes a fornecer-lhes gados para comer. Tenho em ultimo lugar de chamar a attenção de V. Ex. sobre o *post-scriptum* da carta do tenente-coronel João Rademaker de 24 de Maio, que parece foi feita á vista dos membros do governo de Buenos-Ayres, e sobre a carta de D. Manoel Sarreatea, que, ajustando-se perfeitamente com a recommendação d'aquelle *post-scriptum* no tocante á extracção de gados e transportes no meu transito, já com caviloso ardil insinuam os mesmos membros jurisdicção no terreno do governo de Monteyidéo, que é por onde as minhas marchas podem effectuar-se, e urdem tramas para futuras discordias, em que são fecundos e mui versados.

Tão facil é illudir um agente que se adianta a tratar os negocios antes de adquirir todos os conhecimentos para isso impreteriveis.

Queira V. Ex., com a actividade e zelo que lhe é proprio, solicitar e expedir quanto antes as resoluções de S. A. Real sobre o que venho de expender, para que cheguem a tempo de serem propicias.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na Barra do Arroyo de S. Francisco, 13 de Junho de 1812.— Illm. e Exm. Sr. conde das Galvéas.— *D. Diogo de Sousa,*

Illm. e Exm. Sr.—Debaixo de ns. 1, 2 e 3º, envio á V. Ex. cópias da carta que me dirigiu o tenente-coronel João Rademaker com data de 8 do corrente, mais do armisticio n'ella accusado e da resposta que hontem lhe dei, na qual, pelos motivos que exponho em as notas á dita carta e armis-

ticio, julguei dever desligar-me d'este, entretanto que ignoro se S. A. Real quererá ou não ratificar-o, e ordenar-me haja de observar-o na maneira que elle está concebido.

Espero que o meu cauteloso procedimento será aprovado por V. Ex., visto nada embaraçar as ultteriores determinações do mesmo augusto senhor, a quem V. Ex. se dignará fazer tudo presente.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na Barra do Arroio das Canhas, aos 31 de Julho de 1812.—Illm. e Exm. Sr. conde das Galvêas.—*D. Diogo de Sousa.*

No acampamento de Cunhapirú.

Illm. e Exm. Sr.—No dia 26 do mez passado recebi, ainda na margem occidental do Quaraim, que divide a nossa da fronteira hespanhola, uma carta do tenente-coronel João Rademaker, junta pela cópia A, de que foi portador o ajudante dos dragões da patria, mandado para isso por D. Manoel Sarratea, actual general em chefe das tropas de Buenos-Ayres, escoltado com quarenta soldados; a esta carta respondi nos termos abreviados que indica a cópia B, poupando-me assim entrar no fim de uma campanha militar em outra carteadada com Rademaker, a meu modo de sentir mais irrita, principiando pelo ataque do protesto que elle caracteriza de solemne, e eu só devo chamar insolente, com tanta maior razão, porque nunca lhe disse que não regressava ás fronteiras do meu governo, antes, pelo contrario, logo na minha carta de 11 de Junho, que vem accusada na *Gazeta* inclusa de 26 do mesmo mez, e que manifestou ao governo de Buenos-Ayres, bem como nas seguintes, de que todas tenho enviado cópias á essa secretaria de Estado, sem-

pre lhe segurei que eu entrava em marcha logo que me fosse possível pratical-a.

Era tanto o empenho de Rademaker em que a mencionada carta me fosse entregue, que, não me havendo jámais remettido duplicata de alguma, apesar de eu seguir este estylo para com elle até a minha sahida de Paysandú, mandou de proposito Manoel Vidigal Portugal trazer-me a segunda via, com a qual chegou hontem a este acampamento dentro dos nossos dominios; e ainda que uma tal repetição da sua impertinencia não deixou de excitar em mim algum calor, eu me restringi comtudo a contestar-lhe puramente com a segunda via da supra accusada resposta. Quanto ás asserções que Rademaker avança para demonstrar haver da sua parte cumprido com as ordens de S. A. Real, V. Ex. melhor julgará se ellas são consequentes, posto me pareçam transvertidas a muitos respeitos, como largamente expuz em as notas que dirigi á V. Ex. com officio n. 60 de 31 de Julho, relativas á carta d'elle de 8 d'aquelle mez e armisticio que ella incluire, e accrescentarei agora que as excessivas instancias de Rademaker para a evacuação das minhas tropas, e a ousadia do governo de Buenos-Ayres na *Gazeta* de 10 de Julho, que envio á V. Ex. com algumas apontadas nos lugares, cuja leitura nos interessa, de publicar á face do nosso negociador o armisticio que devêra ser conservado em segredo entretanto que S. A. Real o não approvasse, me faz desconfiar que tudo foram estratagemas concertados ou em que Rademaker cahiu para obrigar ao mesmo augusto senhor a vigorá-lo com a sua ratificação, sem embargo dos dezares que envolve, e inconvenientes que d'elle resultam; por meio da minha volta a este governo, tanto a damnificação dos trens, como a grande distancia das tropas do Principe Regente, nosso senhor, difficultavam a S. A. Real obviar o designio da tomada de Montevidéo; e pela publicação do

armistício não só se levava em vista desanimar aquella praça da esperança de poder alcançar jámais a protecção do mesmo soberano senhor, mas indispor a Hespanha; mostrando que estava ultimado o grande negocio de S. A. Real não tomar parte entre as differenças de Montevideo e Buenos-Ayres, provenientes do systema de liberdade e independencia da metropoli, que o governo d'esta cidade tinha ultimamente adoptado; systema este que predisse nos havia de inquietar directamente ou mais cedo ou mais tarde, e que effectivamente já vai minando como preludios antecipados, como V. Ex. poderá observar das cartas do coronel Francisco das Chagas Santos, escriptas em 16 e 24 de Agosto, a que respondi na data de 6 d'este mez, e de que tudo ajunto cópias debaixo da letra C; devendo accrescentar para instrucção de V. Ex. que iguaes proposições sedutoras fez tambem o acima mencionado ajudante de dragões da patria, nos Tres Serros, aos capitães de dragões do Rio Pardo Sebastião Barreto e José Prestes, depois de se informar que elles eram americanos, segurando-lhes que o armistício tinha por objecto temporisar unicamente, enquanto o exercito de Buenos-Ayres ia tomar Montevideo, e que dado este passo se avançavam aos nossos terrenos, convidando os brasileiros com proclamas sustentados pelas suas forças, etc.

Na cópia D achará V. Ex. copiada a minha correspondencia com o capitão-general Vigodet, ulterior á que inclusa em n. 59 da data de 12 de Julho remetti á V. Ex.

O máo estado em que se acham os parques e armamentos, assim como o perecimento das cavalhadas e boiadas, não permitem, como tencionei e avisei á V. Ex. em officio n. 51 de 13 de Junho, que a columna da direita continue a sua direcção para o Serrito, e a da esquerda para a Cachoeira, sem primeiramente se repararem aquelles e se restabelecerem estas; porém me resolvi aquartelar uma no

acampamento de Bagé, e outra na guarda da Conceição, durante o resto do inverno, em cujo meio tempo passarei a Porto Alegre para dar diversas providencias que exigem a minha presença; e em outra occasião levarei ao conhecimento de V. Ex. as ordens que deixo aos marechaes commandantes das columnas para seus regimens.

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general em Cunhapirú, 11 de Setembro de 1812.—Illm. e Exm. Sr. conde de Aguiar. Pela secretaria de Estado dos negocios estrangeiros e da guerra.—*D. Diogo de Sousa.*

Terrenos auriferos

Illm. e Exm. Sr. Chegaram d'essa côrte os engenheiros e directores mineiros incumbidos da exploração dos terrenos auriferos d'esta capitania, e já partiram para a fronteira do Rio Pardo, onde dizem se encontram os mais ricos.

Adiantou-se-lhes da fazenda real 400\$ por principio de despesas, de que hão de dar contas. Pediram vinte escravos da feitoria, os quaes lhes hão de ser remettidos, julgo que antes de oito dias, logo que estiverem promptos de roupa.

Pelas cópias inclusas faço saber á V. Ex. as ordens que passei concernentemente á locação das guardas, promptificação de uma patrulha, seguimento das pessoas nomeadas, que andaram na excursão das minas e á prestação de soccoros eventuaes; quanto ás mais, de que V. Ex. me encarregou pelos seus officios de 16 de Novembro do anno passado e 9 de Fevereiro do corrente, se irão executando com o trato successivo em que são concebidas. Recommendo ao marechal de campo Manoel Marques de

Sousa, e este ao coronel de milicias Paulo Rodrigues Xavier Prates, o exame de alguns sitios, em que de novo se affirmava haver ouro, resultou o que V. Ex. verá da carta junta do dito coronel, áqual acompanha as duas amostras n'ella mencionadas, cujas asseguram os directores mineiros serem da melhor qualidade.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 18 de Abril de 1810.
—Ilm. e Exm. Sr. conde de Aguar.—*D. Diogo de Sousa.*

Aproveito a occasião que V. Ex. me proporciona de poder applicar ao serviço militar d'esta capitania ambos ou um dos engenheiros, que vieram incumbidos de levantar a carta dos territorios auriferos, cujo trabalho supponho terão adiantado, mas que ainda em contrario acontecimento pouco importa, pois todos os feitos pelos mineiros, pelos seis mezes precedentes, não produziram que quatro marcos de ouro, entrando em conta um que se lhes recusou receber na junta da Fazenda, mal limpo e de todo cheio de pedras; de sorte que cada marco custa á S. A. Real mais de dois mil cruzados.

O que me parece conveniente a este respeito, era estabelecer a mineralisação nos ditos terrenos ao modo ordinario, pagando-se o quinto do ouro que se extrahir.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 29 de Dezembro de 1810.
—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa.*

Ilm. e Exm. Sr. Inclusa n'este officio, que acompanha os planos dos terrenos auriferos, levantados pelos engenheiros Jacintho Desiderio Cony e João Vieira de Carvalho, achará V. Ex. uma carta que lhe dirigem os mesmos engenheiros.

Eu visitei os lugares mineralisados quando voltei da

campanha para esta capital, e fiquei sentido de que se mandassem retirar os mineiros no momento em que os trabalhos d'elles principiavam a ser tão lucrativos, e que appreciam minas assaz ricas.

A extracção do ouro pelos chamados faisqueiros, em todas as partes que se descobrem, não se poderá evitar por mais cautelas que se lhes opponham, como a experiencia tem mostrado ; e assim, ainda na supposição de que não convenha continual-a á conta da Fazenda real, sempre me parecia muito util permittil-a aos particulares ; com a contribuição do quinto ou estabelecimento de caixa de permutas, para que S. A. Real aproveite alguns interesses e se evite a concorrência de crimes ; V. Ex. pesará, porém, com a discrição que lhe é propria, e se a minha lembrança é ou não digna de subir ao conhecimento do Principe Regente, nosso senhor.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 27 Dezembro de 1812.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Aguiar.—*D. Diogo de Sousa.*

Informa contra um pedido de licença.

Ilm. e Exm. Sr.—O motivo por que o tenente-coronel do batalhão do Rio Grande, Felix José de Mattos, pede no requerimento incluso seis mezes de licença para ir á essa côrte, não me parece sufficiente obtêl-a mesmo no tempo de paz, e muito menos no da campanha, em que elle a não devêra solicitar, se tivêra mais estímulos de honra e zelo do real serviço. Isto é o que se me offerece informar á V. Ex., cumprindo a sua ordem de 23 de Setembro de 1811

Deus guarde á V. Ex. Quartel-general na cidade de Maldonado, em 14 de Outubro de 1813.—Ilm. e Exm. Sr. conde de Linhares.—*D. Diogo de Sousa*

(*Continúa.*)

HISTORIA

DA

GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 181 d'este volume)

Livro terceiro

CAPITULO I

De como para effectuar a traição, que tinham ordenado aos nossos os hollandezes que de nossa parte militavam, sahiu com todo o poder do Recife Jorge Gusmão, governador das armas hollandezas, e da batalha que teve com os portuguezes, e victoria gloriosa que os nossos alcançaram, e dos successos d'esta guerra.

No capitulo decimo setimo do segundo livro escrevemos como os flamengos, que entre os nossos militavam, andavam urdindo e machinando com os do Recife traição contra os nossos, sendo cabeça o capitão Nicolas, para que, sahindo os hollandezes com todo o poder do Recife, tivessem occasião na pendencia de volverem as armas e matar a nossa

infantaria, e vêr se por este meio podiam tornar a ganhar a campanha; porém não permittiu Deus que sortissem effeito seus intentos e designios. Por este tempo estavam nas estancias por fronteiras os capitães Paulo da Cunha Souto Maior, Pedro Cavalcanti de Albuquerque, João Cardoso, Francisco de Lisboa, João Nunes Victoria, João Ribeiro Villa Franca, Antonio Borges Uchôa, com suas companhias; e sendo nove dias do mez de Novembro de 1645, para pôr por obra esta facção, sahiu pela paragem da força dos Afogados o governador das armas hollandezas Gusmão, que da fortaleza do Rio Grande, aonde estava por governador, tinham mandado vir os do Recife para governar as armas, porquanto na casa forte de D. Anna Paes havia sido rendido e aprisionado Henrique Hus (Haus), como temos referido no capitulo decimo terceiro do segundo livro. Sahiu com todo o poder, com que então se achava, que passava de mil homens, ficando as forças guarneçadas, e se veiu emboscar de noite junto ao engenho de Antonio Fernandes Pessoa, e nas mesmas suas casas que estavam despejadas de gente; no seguinte dia, 10 de Novembro, vespera de S. Martinho, determinaram de buscar aos nossos; ao romper d'alva mandou o capitão Pedro Cavalcanti ao alferes Manoel de Sousa Uchôa com dois soldados a descobrir o campo, os quaes o foram fazendo; e como não acharam rasto pelo campo e caminho, não se precatando das casas do engenho, foram perpassando por ellas, e os hollandezes que estavam emboscados sahiram de improvisio, e mataram ao alferes e a outro seu companheiro, e o terceiro fugiu, e dando rebate acudiram logo os capitães nomeados que estavam por fronteiras á força dos Afogados, e começaram a pendenciar com o inimigo, que com muito impeto avançava, e logo as companhias dos hollandezes, que com estes capitães estavam nas estancias, se apartaram, pondo-se a um lado, pro-

curando sempre tomar a vanguarda, para que os que viessem atraz colhessem os nossos no meio, ou quando assim não succedesse podessem passar á sua vontade, dando cargas aos nossos, que, posto que não sabiam da traição, se foram sempre mesclando com elles.

Acudiram, tanto que se começou a pendencia, o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros, do arraial, que d'aquella parte d'onde se pelejava distava pequena meia legua, com toda a infantaria; e logo a hollandeza, que tambem do arraial chegou, se dividiu a um lado, ajuntando-se ás suas companhias que com os fronteiros estavam dando carga; sem os nossos advertirem, nos feriam a gente.

O sargento maior Antonio Dias Cardoso, que nunca se fiou dos hollandezes, indo botando para diante a gente que do arraial havia vindo, como era mandado, viu que os hollandezes de nossa parte tinham coberta a companhia de Paulo da Cunha, que estava mais empenhada, e temendo, como soldado tão experimentado, a traição que os hollandezes queriam executar, o soccorreu logo com a sua companhia do seu mestre de campo e governador João Fernandes Vieira, que, a não soccorrêl-a com tanta diligencia, pereceria, passando-se os hollandezes aos outros contrarios, aos quaes fez o sargento-mór retirar com muito trabalho um pouco atraz. Foram os nossos com tanto impeto sobre o inimigo, que o constrangeram a retirar-se para debaixo de sua artilharia, debaixo da qual, sem se recolherem para a força (sendo que das muitas vezes que alli se travou pendencia iam de fugida para dentro), pelejavam larga hora, esperando dessem os outros á execução a traição que haviam prometido fazer n'aquelle dia; mas não conseguiram seu tão desejado effeito, ou por verem muita gente nossa, ou por esperarem se cansassem os nossos, que, já de tantas cargas e

tão larga pendencia enfiados, investiram o inimigo á espada, indo na vanguarda o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros, pelejando com grande valor e animando os soldados debaixo da artilharia do inimigo, com tanto furor que foi fugindo para a força, seguindo-o os nossos até o fosso d'ella, fazendo-lhe notavel estrago, mas tambem com bastante perda nossa, porque além da mosquetaria deram com a artilharia da força, cheias as peças de balas de mosquete e de pedaços de ferro, e n'esta investida mallograram os traidores a occasião de investirem aos nossos pelas costas, por ficar junto a elles a cavallaria de que era capitão e cabo Antonio da Silva, que fez este dia, com a sua gente de cavallo, sua obrigação, e muitos moradores que vinham acudindo, assim de pé, como de cavallo, que, estando junto aos traidores, os cobriram, tendo já marchado para diante o capitão dos cavalleiros já dito com a sua gente, os quaes hollandezes não ousaram a mover-se, porque os moradores os não degolassem.

Retiraram-se os nossos com muito trabalho, debaixo da artilharia da fortaleza dos Afogados, cujas balas eram tantas que choviam, estando em tanto perigo e risco, que se não o fizeram, haviam de matar muita gente. Ao mestre de campo André Vidal de Negreiros lhe foi uma bala de peça, roçando a aba do chapéo, e o ar da bala o deixou assombrado. Retirou-se a nossa gente, e na retaguarda de todos o governador João Fernandes Vieira, que sempre andou mettido no meio da pendencia com grande risco e perigo de sua vida, sem se lhe dar requerimentos e protestos de pessoas graves, porque seu valor e esforço não lhe davam lugar a outra cousa; o mesmo fez o mestre de campo André Vidal de Negreiros, e o sargento maior Antonio Dias Cardoso, e os capitães e of-

ficiaes, e mais soldados, que o fizeram n'esta occasião com muito valor e esforço, acudindo tambem os moradores, principalmente os da Varzea, como mais vizinhos, com notavel diligencia e animo, a fazerem sua obrigação.

Admirada a nossa infantaria em vêr que os hollandezes não fizeram sua obrigação, por mais que foram impellidos do seu mestre de campo Theodoro Strade (*Hoogstraeten*); mas logo nos semblantes mostravam o que no coração encubriam. Ficou o inimigo com muita perda, e se recolheu para o Recife, levando comsigo os seus feridos e mortos que pôde carregar, e d'elles ficaram mortos na nossa campanha trinta e sete, afóra muitos feridos que foram mandando antes de se retirarem, e outros que ao pé da força e campina d'ella na investida lhe mataram, que não houve lugar para se contarem, nem a mosquetaria e artilharia do inimigo o dava, e tambem levaram para o Recife alguns officiaes de guerra, muitos para lhes darem sepultura, e, levando os mortos, lh'os fez largar Henrique Dias com tres cargas de mosquetaria, que lhe deu na campina que chamam do Tabor da, entre as forças, e das Cinco Pontes (*Pontas*) onde estava aguardando por mandado dos governadores.

Da nossa parte foram mortos sete homens, feriram trinta e cinco, nos quaes entravam o capitão Paulo da Cunha e o capitão Pedro Cavalcanti, e o ajudante Manoel de Abreu que ia governando a companhia da guarda do governador João Fernandes Vieira, por estar seu alferes doente, e o alferes reformado Antonio Dias Santiago, e deu uma bala nos peitos ao alferes reformado André Rodrigues, e lhe calhiu aos pés, ficando com pouco damno. Dos mortos foi um d'elles o alferes Manoel de Sousa Uchoa, filho do sargento-mór da Bahia, Gaspar de Sousa Uchoa, como acima temos dito.

Deus nos deu este bom successo e victoria, livrando-nos

de tal traição de tão intestinos inimigos, que não guardou e defendeu os nossos até então de tantos perigos, para que os deixasse perecer ás mãos de traidores, os quaes, entendendo viriam os nossos em conhecimento da traição, e que seriam descobertos e castigados, começaram a buscar modos e traças para se irem para o Recife, buscando occasião e tempo opportuno para o fazerem a seu salvo, como logo diremos.

Passados tres dias depois que com tanta perda se retirou o governador das armas hollandezas Gusmão, sem sortir o que desejava, estando os soldados de Henrique Dias emboscados entre as fortalezas do inimigo, veio passando uma tropa de hollandezes da cidade Mauricea para os Afogados, a mudar os que estavam de guarda na força, porquanto um hollandez descobriu, ou malsinou falsamente os do supremo conselho, que trinta francezes que assistiam na fortaleza tinham determinado de matar em uma noite a todos os hollandezes que n'ella estavam, e entregal-a aos portuguezes; com este aviso mandaram os do conselho supremo ao comendor da força, o que fizeram com muito segredo dentro de tres dias, e nunca se soube o que n'este caso succedeu mais que dizer um negro, que fugiu do Recife para a nossa parte, que treataram a quatro soldados e enforcaram a um, vindo pois, esta tropa de hollandezes para os Afogados, passando por onde estava a nossa emboscada, deram sobre elles os soldados de Henrique Dias, mataram dez e feriram alguns, e os mais, postos em fugida, largaram no campo muita roupa branca, e tomaram tres vivos que trouxeram ao arraial.

No seguinte dia 14 de Novembro avisou Henrique Dias aos nossos governadores em como todos os sabbados vinha uma tropa de hollandezes do Recife para os Afogados, com muitos negros carregados de mantimentos para os

soldados que estavam na fortaleza, e que bom seria armar-lhe algum laço para os acolher, e da volta fazer alguma empreza; sabendo isto o governador João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e, tendo também aviso que o inimigo estava para sahir com todo seu cabedal, se foram emboscar com todo o resto da nossa gente debaixo da artilharia da força dos Afogados, para que se o inimigo sabisse, dessem sobre elle, e, quando os hollandezes se recolhessem para a fortaleza, os fossem seguindo os nossos de tropas, e misturados com elles entrassem pela porta da fortaleza, e assim lh'a ganhassem, sem que do Recife lhes podesse vir soccorro, porquanto o caminho estava tomado com a gente de Henrique Dias, que também estava emboscada. Tanto que amanheceu no seguinte dia, ou porque teve aviso por algum traidor, ou porque sentiu os nossos emboscados por estarem muito perto da força, o inimigo não sahiu; porém entre as sete e as oito horas da manhã veio sahindo da cidade Mauricea a tropa dos hollandezes com o provimento para os soldados da força, e Henrique Dias deu sobre elles com a sua gente que tinha emboscada, e lhe matou doze homens, e tomou tres vivos e parte do provimento, e os demais começaram a travar pendencia; mas como era entre as fortalezas do inimigo, dispararam d'ellas tantas balas de peças de artilharia, que por não se arriscar a nossa gente até mataram muitos soldados no seguimento dos hollandezes que iam fugindo, se tornou Henrique Dias para a sua estancia, aonde já achou o governador João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros com toda a infantaria, porque, tanto que ouviram o estrondo dos mosquetes, levantaram logo as emboscadas e foram marchando, e muitos á vista da fortaleza a acudir a paragem aonde havia a pendencia, a qual quando chegaram já estava acabada.

N'esta occasião estava o capitão Paulo da Cunha com sua companhia alojada na casa de Sebastião de Carvalho, que foi o que descobriu (dizem) a conjuração, como temos contado, e tanto que ouviu o estrondo da artilharia partiu com sua gente de soccorro para a parte dos Afogados, e tanto chegou informado do que havia succedido, se tornou a recolher, gastando duas outras na ida e vinda, e havendo deixado na casa de Sebastião de Carvalho um bahu com a sua roupa de vestir, e os seus soldados as suas mochilas; e sendo a casa nova e mui forte, toda feita de tijolo, e ella em si grande e espaçosa, com sua escada de pedra de cantaria, e não ficando n'ella fogo, quando o capitão Paulo da Cunha tornou para ella, para se agazalhar com seus soldados, a achou toda abrazada com fogo e o emmadeiramento feito em pó, e em cinco as paredes cahidas e feitas em pedaços, e as telhas quebradas e tudo o mais abrazado, com tão notavel estado e em tão breve tempo, que, feitas diligencias notaveis sobre o caso, não se pôde achar nem por suspeitas quem podesse haver posto o fogo nas casas, julgando-se que aquelle estrago tão extraordinario não podia ser feito em tão breve tempo por arte humana, cousa que a todos causou uma geral admiração.

CAPITULO II

De como o capitão Nicolas e outro fugiram para o Recife com duas companhias de holandezes que entre os nossos militavam, e de como o mestre de campo e governador João Fernandes Vieira desfilizaram o terço do Strade (Hoogstraeten).

Em 16 de Novembro, receiando os holandezes que se soubesse a traição que tinham machinado, em se lhes fazendo o pagamento do seu soldo, que se lhes dava todos os

mezes pontualmente, foram ter com o governador João Fernandes Vieira e com o mestre de campo André Vidal de Negreiros dois capitães hollandezes, de que atraz fizemos manção, com suas companhias, dos quaes era um o Nicolas, e do outro não soube o nome, e lhe disseram que queriam fazer uma empreza de muita consideração em proveito dos nossos e damno do inimigo, e que para isso lhe mandassem dar ração para tres dias, que queriam ir fazer uma emboscada, aonde sabiam que haviam matar muitos dos inimigos, os quaes haviam sahir a buscar agua doce para beberem. Os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno lhes concederam licença, porque o governador João Fernandes Vieira lh'a não quiz conceder, antes disse que lhe parecia era traição que queriam, e que aquelles hollandezes haviam de ir-se para o Recife, que assim lh'o adivinhava o coração; comtudo, a pedimento do Theodoro Strater, lhes concederam os mestres de campo esta sahida, e o Straed (*Hoogstraeten*) lhes prometeu a cabeça á sua fidelidade.

Partiram os dois capitães hollandezes do nosso arraial com sessenta e cinco soldados, e foi com elles um ajudante nosso, com ordem aos capitães das estancias para que os deixassem passar livremente, o que assim se fez, e o ajudante se tornou. Os dois capitães flamengos disseram aos das nossas estancias que não se bulissem d'ellas emquanto não ouvissem carga cerrada de mosquetaria, e isto lhes disseram, porque pretendiam ir para o Recife; e passando pelas nossas estancias das salinas se foram emboscar entre os mangues junto ao rio Beberibe, aonde chamam o buraco de S. Thiago, e tanto que foi buixa-mar se passaram da outra parte do rio e se puzeram na restinga de arêa que faz divisão entre o rio e a costa do mar, por onde é a serventia ordinaria, que não ha outra do Recife para a villa de Olinda,

e tanto que alli se viram, e entre as suas fortalezas, foram marchando para o Recife, aonde os viêra esperar os do supremo conselho e muita gente fóra das portas, e os receberam com grande festa, sem os capitães das estancias os verem ir por estarem encobertos com as arvores mangues, nem tal imaginaram, antes foi particular favor de Deus não fazerem antes de se ir algum damno, podendo degolar alguns capitães que com sua gente estavam para aquella parte das salinas sem se prevenirem d'estes intestinos inimigos, e puderam levar comsigo e matar ao capitão Francisco de Lisboa, que estava assistente com sua companhia mais vizinho, e havia pouco que elle só havia fallado com elles.

N'este mesmo dia fugiu um negro mina para os nossos do Recife, e disse que os hollandezes estavam muito contentes por lhes haver entrado aquella tropa de seus soldados no Recife; ouviu o governador João Fernandes Vieira esta nova, e antes que se divulgasse por entre a gente, mandou aos capitães das estancias mandassem descobrir o campo por soldados praticos nos caminhos e atalhos d'aquella paragem, até descobrir o lugar aonde os hollandezes estavam emboscados, o que se fez com toda a diligencia, e não achando noticia de taes hollandezes tornaram com recado ao governador, o qual, tanto que isto ouviu, de que parece que fóra propheta, tratou com os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno o que se havia de fazer n'esta materia para maior segurança; e assim mandaram logo chamar ao mestre de campo Theodoro Strade (*Hoogstraeten*), e lhe deram conta do succedido, e lhe perguntaram o que lhe parecia que se devia fazer á vista de tão grande traição, o qual, como innocente no caso, lhes respondeu que não se podia persuadir que os dois capitães hollandezes, e soldados que comsigo levavam, se fossem para o Recife, porquanto muitos d'elles deixaram suas mulheres e

filhos, e seus escravos; porém, quando elles se houvessem ido, cousa certa era que a traição e conjuração estava machinada por todos, porquanto não eram sós aquelles os que estavam mancommunados, pois suas senhorias bem viram que elle lhes tirava os soldados que elles apresentaram, e em seu lugar lhes dera outros tirados a quatro e a cinco das outras companhias, pelo que, se aquelles foram para o Recife, todos os que entre nós estavam eram traidores, e conforme as leis da milicia eram todos culpados e dignos de morte sem remissão, e elle mesmo Strade (*Hoogstraeten*) em primeiro lugar, pois que aceitára o cargo de mestre de campo de gente tão falsa, e ditas estas e outras palavras se recolheu com o seu sargento maior Francisco de Latour á sua casa, tão confuso e triste, que não se atrevia a fallar com a gente, de pura tristeza e pezar.

Os nossos governadores mandaram logo tomar as armas a todos os hollandezes e mais estrangeiros que entre nós militavam, e os metteram dentro no nosso esquadrão, que logo se pôz a ponto de guerra, e lhes tomaram as armas, e foram mandados para a Bahia com alguma gente de guerra. Tambem os governadores mandaram ordem aos nossos capitães que assistiam na campanha do Rio Grande e na Parahyba, os quaes haviam levado consigo algumas companhias de flamengos para os ajudarem na guerra, que logo lhes tomassem as armas, e os mandassem com boa guarda para acompanharem os outros para a Bahia; e assim deitaram os nossos fóra do seu exercito a todos os estrangeiros, com que ficaram alliviados e fóra de tão grande perigo; sômente ficaram o mestre de campo Theodoro Strade (*Hoogstraeten*), e o sargento maior Francisco de Latour, e outros flamengos confidentes, com alguns cirurgiões, e dois mancebos mestres de obras, que andavam dando ordem e traba-

lhando na fabrica da nossa força, e tambem as mulheres flamengas que quizeram ficar na terra, dizendo que eram catholicas romanas; não fallo nas flamengas que n'estas capitánias, e na da Parahyba ficaram em suas fazendas, conforme ao edital do governador João Fernandes Vieira, de que nos capitulos atrazados temos feito menção, senão dos rendidos á nossa gente, que assentavam praça, que com tanta pontualidade se lhes pagava. E elles em pagamento iam urdindo traição. Theodoro Strade (*Hoogstraeten*) como ficou sem soldados, d'ahi a algum tempo se passou para a Bahia, onde lhe foi dado cargo de um terço de gente portugueza, do qual foi eleito em mestre de campo.

Foi o descobrimento d'esta traição, a juizo de prudentes varões, um dos grandes milagres que Deus obrou n'esta empreza da liberdade, porque se não descobrira, os moradores d'estas capitánias estavam vendidos, e na primeira occasião de retirada da nossa parte, ou de alguma pendencia embaraçada, ou de algum descuido nosso, nos haviam de matar a todos sem nenhuma piedade; e se acaso estiveram ainda entre nós, quando veio o Segismundo ou quando vieram os hollandezes, a poderosa e grossa armada, depois pelo tempo adiante no anno de 1648. E se se acharam nas batalhas dos montes Gararapes, como ao diante escreveremos, julgue o prudente leitor que desgraça e infortunio nas podéra succeder, sendo os nossos tão poucos e os inimigos tantos: e os que entre nós militavam que fariam n'esta occasião cercando-nos em meio? Mas são effeitos da Divina Providencia antevêr muito d'antes os males para lhes dar o conveniente remedio quando mais d'elle necessitam.

CAPITULO III

De como partiu para a Parahyba e Rio Grande D. Antonio Filippe Camarão com o seu terço, e o cabo de outras tropas de infantaria Antonio Jacome Bezerra, a fazer guerra ao inimigo, e das pendencias que houve, entre portuguezes e os hollandezes, em nossas estancias e fronteiras.

Temos escripto nos capitulos passados a morte que os hollandezes e indios deram aos moradores do Rio Grande, dos quaes mui poucos escaparam; o que sendo feito os hollandezes mandaram das fortalezas, assim do Rio Grande, como da Parahyba, gente de guerra, que andou recolhendo muito gado amontado dos moradores, e outro muito que tinham em seus curraes para provimento das forças e para mandarem ao Recife por terem muita falta de mantimentos; e Pero Poty andava com seus indios comboiando tambem muita quantidade de gado, e cada dia ameaçavam os flamengos aos moradores da Parahyba, que os havia de vir buscar com muita gente de guerra, para lhes fazerem o que haviam feito aos do Rio Grande; porém a elles se lhes dava bem pouco d'estes ameaços, porque estavam fortes na cidade da Parahyba, aonde assistia o governador Lopo Curado Garroque; mandou n'ella fazer muitas e boas trincheiras, e outras fortificações para sua defesa; e os outros dois governadores, Jeronymo Cadena e Francisco Gomes Muniz, na força ou arraial do engenho de Santo André, d'onde faziam muitos assaltos ao inimigo com a gente tambem da cidade, e algumas emboscadas junto da fortaleza do Cabedello e da outra força, matando e aprisionando hollandezes e indios, e com algumas companhias de gente portugueza e hollandezes, que por nós militavam antes de serem lança-

dos fóra, se fizeram algumas entradas no Rio Grande, como já temos referido no segundo livro, capitulo onze.

N'este meio tempo, que foi no mez de Dezembro, mandaram os governadores do arraial da Varzea á campanha do Rio Grande, principalmente ao districto de Cunhaú, que fica entre o Rio Grande e a Parahyba, a D. Antonio Filippe Camarão com seu terço de indios, e com duzentos *Tapuyos* que tinham chegado do Rio de S. Francisco, mandados pelo principal senhor d'elles, chamado o Rodella, para ajudarem aos nossos n'esta guerra; mandaram tambem ao capitão João Barbosa Pinto e ao capitão João de Magalhães, e por cabo de companhias ao capitão Antonio Jacome Bezerra, para que fizessem todo o damno possivel ao inimigo em vingança das crueldades e tyrannias que tinham usado com os moradores, e que queimassem as aldêas dos indios, e que juntamente trouxessem todo o gado que podessem para sustento da infantaria do nosso arraial; e quando os hollandezes se imaginavam vencedores, conhecendo seu poder tão superior ao nosso, então nos concedeu Deus uma famosa e celebre victoria em uma assignalada pendencia que ao diante escreveremos, onde mataram a maior parte dos hollandezes que foram os executores das mortes dos moradores de Cunhaú e do Rio Grande, onde deram principio a tão execranda maldade, e a muitos indios inimigos capitaes dos portuguezes, mostrando-se o Camarão ardiloso, além de muito animoso e experimentado n'estes feitos, e como succedeu em Janeiro do anno seguinte de 1646; chegando a escrever os successos d'este tempo, contarei esta famosa victoria e pendencia.

N'este interim, que foi no fim de Dezembro, sahiram do porto de Nazareth duas caravelas em direitura para o reino de Portugal, em uma das quaes ia Francisco Berenger de Andrade, e na outra Francisco Gomes de Abreu, mandados

pelos governadores, camara e povo de Pernambuco a significar á S. M. el-rei D. João, o quarto, de Portugal o miseravel estado, e calamidades em que aquellas capitánias estavam, e pedindo-lhe soccorro para o mar, pois a campanha já estava ganhada ao inimigo pelos moradores, capitaneados por João Fernandes Vieira, cabeça do levantamento da terra e governador da liberdade da patria; d'estas caravelas escapou d'entre as náos do inimigo a de Francisco Gomes de Abreu, que foi a salvamento ao reino; sabem o povo que o mandou, e os governadores se enganaram no sujeito, porque, esperando d'elle fizesse o que convinha ao bem da terra, experimentaram pelo decurso do tempo o damno geral que resultou de sua ida, por obrar ao contrario do que se lhe mandou; mas a em que ia Francisco Berenger de Andrade seguiram duas náos hollandezas, e a puzeram em tanto aperto, que não teve outro remedio mais que entrar no porto de Tamandaré, e salvar-se a gente e papeis de consideração que levava, e não se defendeu por não haver no Tamandaré nem uma defesa de reduto, nem artilharia; e porque não succedesse outra desgraça foi o governador João Fernandes Vieira fazer no dito porto um reducto com peças de artilharia, para que se alguma embarcação nossa, perseguida do inimigo, se recolhesse a elle, ficasse segura. Tambem mandaram tapar o porto de uma barreta, que tem a ponte de Nazareth, com pedra, para impedir por alli a entrada ás náos do inimigo; e tambem os governadores mandaram reformar a fortaleza do Pontal e a da boca da barra, com tudo o necessario, o que se fez com muita diligencia e cuidado, e em breve ficou tudo bem fortificado.

Por este tempo mandaram tambem os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, por expressa ordem que tiveram do governador-geral Antonio Telles da Silva, queimar todos os cannaviaes de assucar,

para que o inimigo não tivesse esperanças de levar proveito algum d'aquellas capitánias; e posto que o governador João Fernandes Vieira não foi d'este parecer, porque, moendo os engenhos, haveria cabedal para sustentar a guerra, com-tudo, obedecendo á ordem, foi o primeiro que mandou queimar a maior parte de seus cannaviaes, no que perdeu muitos mil cruzados; porém fez isto para que os mais tomassem o exemplo d'elle, e d'alli a poucos dias veio outra ordem que ninguem queimasse mais cannaviaes, com que cessou este incendio.

Entrou o anno de 1646, e chegou nova ao nosso arraial em como no porto de Nazareth havia entrado um barco do governador João Fernandes Vieira, que havia mandado á Bahia carregado de assucar, para lhe virem de retorno fazendas de roupas, assim de lã, como de linho, para dar fardas a seus soldados; sabendo isto partiu para o Pontal de Nazareth a tomar entrega das fazendas que lhe vinham, e tambem para comprar aos mercadores de uma caravela que tinha entrado no porto as que n'ella traziam para o mesmo effeito, e foi com elle o mestre de campo André Vidal de Negreiros, ficando governando o arraial e a gente de guerra toda o mestre de campo Martim Soares Moreno. Partidos elles, houve suspeita que um traidor mandou aviso ao Recife ao inimigo em como os governadores estavam em Nazareth ausentes do arraial, e assim, por não perder tempo, sahiu logo do Recife com um esquadrão formado, com determinação de fazer um reduto en re a sua fortaleza das Cinco Pontas e a dos Afogados, para que d'alli franqueasse o caminho aos seus e a serventia ordinaria, sem que os soldados de Henrique Dias lhe podessem fazer damno, como cada dia faziam.

Descobriu Henrique Dias por suas sentinellas o esquadrão do inimigo, e logo se partiu para o nosso arraial,

e deu conta do que se passava ao mestre de campo Martin Soares Moreno, e lhe disse que, em ouvindo o estrondo da bateria, lhe mandasse logo soccorro, porquanto elle ia a pelejar com os hollandezs, e não havia de consentir que fizessem o reducto que intentavam; partindo do arraial com polvora e balas necessarias, em chegando á sua estancia mandou logo passar toda a sua gente da outra parte do rio, e foi caminhando por entre as duas fortalezas do inimigo encoberto com o mato, até que avistou os hollandezes que estavam postos em esquadrão formados, e outra multidão de gastadores andaya occupada em cortar faxina e acarretar terra em carretas para o reducto que queriam fazer; mandou Henrique Dias investir com o esquadrão por tres partes, e lhe deu a primeira carga de mosquetaria a seu salvo, com a qual toda a turba dos gastadores fugiu para a cidade Mauricea, e com a segunda se retirou o esquadrão para a sombra da fortaleza das Cinco Pontas, e por aquella vez desistiram da obra principiada. Não houve ferido nem morto da nossa parte, e da do inimigo houve damno, mas não se soube quantos morreram: só se pôde colligir que o receberia, pois lhe deram duas cargas cerradas; logo começaram as fortalezas a jogar muita artilharia, e foi forçado a recolher-se Henrique Dias á sua estancia, e quando chegou o soccorro de nosso arraial já tudo estava quieto. Tiveram logo aviso d'este successo os governadores, e partiram com muita pressa de Nazareth para o arraial, e chegando aos 13 dias de Janeiro entre as duas e tres horas depois da meia noite, sem descansar, se partiram logo para a estancia de Henrique Dias, e se informaram d'elle o que se passava ácerca do inimigo fazer o reducto e o mais da pendencia, e, deixando-lhe ordem do que havia de fazer, se tornaram a recolher já dia claro para o arraial; e era

tanto o zelo que tinham de acudir, que vieram a maior parte do caminho do Pontal para o arraial, com fachos acesos, por fazer grande escuro.

Vendo o inimigo que de dia não podia fabricar o seu reducto, porquanto os soldados de Henrique Dias sempre andavam alerta, e de cada pé de mouta lhe sahiam ao encontro; em duas noites continuas não cessou de disparar muita artilharia da suas fortalezas, varejando com as balas das peças os matos circumvizinhos, e pelo escuro fabricou o reducto, um tiro de mosquete em distancia da fortaleza das Cinco Pontas, e aos 22 de Janeiro, dia de S. Vic'nte Martyr, pondo um e-quadrão formado junto ao reducto, começou com uma grande tropa de trabalhadores brancos e negros a roçar o mato por alli junto para descobrir o campo, para que sua artilharia jogasse livremente, sem sobresalto de alguma emboscada nossa. Tanto que isto soube Henrique Dias por os seus descobridores do campo, logo, sem dilação, partiu com sua gente, e passando outra parte do rio, e foi buscar ao inimigo com resolução deliberada, e travou com elle pendencia mui intrincada. Vinha o governador João Fernandes Vieira de sua casa, e em se apeando no nosso arraial ouviu o estrondo da mosquetaria continua para a parte da estancia de Henrique Dias, e logo se partiu deixando ordem ao sargento maior Antonio Dias Cardoso que fosse logo marchando após elle, com a companhia do dito governador. Partido João Fernandes Vieira, partiu, em seu seguimento a sua companhia, e alguns outros que logo marcharam, e, em chegando á estancia de Henrique Dias, soube que estava pendenciando com o inimigo, e estava posto em grande perigo por lhe faltar polvora; mandou logo passar da outra banda do rio a sua companhia e ao sargento maior, com provimento de balas e polvora,

e já quando chegou vinham alguns negros, soldados de Henrique Dias, de retirada, porque não tinham pólvora: n'este tempo um religioso de S. Bento, chamado Fr. João da Ressurreição, que de ordinario se achava nas pendencias, os animou, dizendo que fizessem cara ao inimigo, porque, se visse que elles vinham de retirada, os havia de seguir e degolar a todos na passagem do rio, e assim se detiveram; e andando o padre exhortando aos soldados, o passaram por uma espadua com uma bala de mosquete, de que esteve mui arriscado a perder a vida.

Passou n'este tempo o sargento maior Antonio Dias Cardoso da outra parte do rio e a companhia do governador João Fernandes Vieira, e mais tres companhias que vieram chegando, as quaes o governador mandou logo passar o rio; e providos os soldados de Henrique Dias de pólvora, começaram outra vez a travar uma cruel pendencia, que se foi accendendo de tal sorte, que durou a bateria mais de quatro horas; vendo isto os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, que haviam ficado no arraial, partiram de soccorro com uma grande tropa de gente; porém quando chegaram já era acabada a pendencia, e a nossa gente passada d'esta parte do rio, porque o inimigo, tanto que viu a sua gente em aperto, começou a disparar a artilharia das fortalezas, e foi necessario retirarem-se os nossos. N'esta pendencia nos matou o inimigo tres soldados pretos de Henrique Dias e feriram a quatro; tambem sahiu ferido o capitão Sebastião Ferreira, que a fez n'este dia com muito valor como os mais; do inimigo não se pôde saber ao certo quantos mataram, nem os que foram feridos; mas não ha duvida que o foram muitos, por receberem muitas cargas de mosquetes biscainhos que os nossos levavam. Acabada a pendencia se recolheu o governador e os dois mestres de

campo para o arraial com toda a infantaria, e Henrique Dias para a sua estancia.

Por este tempo tinha o inimigo no Recife grande falta de mantimentos, valendo um alqueire de farinha da terra cinco patacas, e uma laranja vinte réis, e um pote de agua doce um tostão; e assim estavam postos em miseravel estado, e se houvéra força por mar e o necessario por terra (que é o que faltou aos nossos), sem duvida se entregára; e os indios os incitavam a sustentar a guerra, e para isto se fintavam em grande somma de dinheiro, que deram aos do supremo conselho para fazerem paga aos soldados; e havia muitos debates entre os hollandezes e francezes sobre o sustentar-se a guerra: isto contavam alguns homens que para nós se vieram. Tambem os nossos soldados tomaram dois indios, que os governadores mandaram vestir e deram algumas cousas, e tornaram a mandar para o Recife, para que persuadissem a seus parentes e amigos que se passassem para a nossa parte com segurança de bom quartel e tratamento, e lhes perdoariam suas culpos; mas não teve effeito, porque os indios são grandes affeiozados aos hollandezes e inimigos nossos.

Em 29 de Janeiro d'este presente anno de 1646, em que imosentrando com a historia, sahiram do Recife cinco negros os quaes deram por novas, que ao Recife haviam chegado tres barcos carregados de feridos, que haviam escapado com vida de uma grande pendencia que os hollandezes tiveram no Rio Grande com o Camarão e outras tropas de capitães portuguezes, onde morreram muitos hollandezes e *Tapuyos* que andavam no seu exercito, e sahiram muitos feridos; e que d'aquelles que haviam vindo nos barcos todos iam morrendo, e que do Recife havia ido para o Rio Grande muito soccorro de gente e munições. Por esta relação souberam os nossos governadores a grande victoria

que os nossos alcançaram no Rio Grande, que, como veio a nova ao Recife por mar, foi muito mais breve que não por terra, por haver grande distancia de caminho, o qual depois souberam como succedeu ao certo d'ahi a alguns dias; e no seguinte capitulo escreveremos o successo d'ella, que foi uma das maiores pendencias que os nossos tiveram no Rio Grande, e insigne victoria, ficando castigados os hollandezes e indios que executaram tão execrandas crueldades com os moradores, como temos referido.

CAPITULO IV

Da batalha que teve o Camarão e as tropas da nossa infantaria em Cunha, districto do Rio Grande, e insigne victoria que alcançaram os nossos, vingando as mortes dos moradores do Rio Grande, e da jornada do mestre de campo André Vidal de Negreiros á Parahyba, e de como Henrique Dias intentou escalar um reduto do inimigo.

O Camarão com o seu terço de indios, e os capitães João Barbosa Pinto, João de Magalhães e Antonio Jacome Bezerra, que ia por cabo, com suas companhias de infantaria, como no terceiro capitulo d'este terceiro livro temos escripto, chegados á Parahyba e ordenando as cousas necessarias, partiram para a capitania do Rio Grande, levando consigo cincoenta homens d'aquellas capitancias que eram praticos n'aquellas paragens, onde chegados fizeram quanto damno poderam ao inimigo, e queimaram as aldêas dos indios em castigo merecido pelos males que fizeram, e mortes que com os flamengos deram aos moradores d'aquellas capitancias, e tambem ajuntaram muito gado vaccum para mandarem ao nosso arraial.

Tanto que o inimigo soube que as nossas tropas andavam

n'esta campanha do Rio Grande, ajuntou toda a gente que pôde, mandando vir parte d'ella das fortalezas do Rio Grande e da Parahyba, e fez um exercito de oitocentos soldados, a saber: quinhentos hollandezes, e trezentos indios e *Tapuyos* de sua facção, e veiu com este exercito buscar a nossa gente para a destruir e ficar absoluto senhor de toda a campanha. Sendo o Camarão e os outros capitães certificados por seus descobridores do campo que o inimigo estava posto em caminho e os vinha buscar, tratavam de se preparar para receber o encontro do inimigo com grande animo e esforço.

Estavam os nossos em uma campina como ilha, aonde um rio, posto que pequeno, fundo, atravessa o caminho que vai para a força do Rio Grande, e era isto no districto de Cunhaú (n'esta ilha havia pelejado o inimigo com o capitão João Barbosa Pinto, e outros capitães nossos e indios do Camarão, havia pouco tempo, como temos contado no capitulo decimo quinto do segundo livro), e a campina estava cercada pela parte esquerda com um tabocal de cannas bravas muito espesso e basto, e pela direita lhes servia o rio de muro. Fizeram os nossos soldados na entrada da campina uma trincheira, onde se alojou a gente com mantimento necessario; depois mandaram os capitães pôr a gente em ordem para pelejar com os hollandezes, como logo diremos. Havia no nosso exercito seiscentos soldados, a saber: trezentos e cincoenta indios, em cujo numero entravam os *Tapuyas* que tinha mandado o seu maioral, que chamavam o Rodella, do Rio de S. Francisco, como fica dito, e duzentos e cincoenta soldados brancos dos capitães acima nomeados, armados com espingardas e clavinas de roda, e n'este numero entravam os cincoenta moradores da Parahyba e Rio Grande, que com elles foram todos com resolução de pelejar com o inimigo, e vencer ou morrer, como animosos sol-

dados. Os índios do Camarão tinham seus mosquetes, nos quaes andavam bem exercitados, e os *Tapuyos* do Rodella armados com seus arcos e flechas.

Repartiu o Camarão e os mais capitães a sua gente pela maneira seguinte, a saber: o capitão João Barbosa Pinto e o capitão João de Magalhães com as suas companhias, e o Camarão com os seus índios e *Tapuyos* ficaram na trincheira principal, por onde o inimigo os vinha buscar e commetter, e a companhia do capitão e cabo Antonio Jacome Bezerra, com os moradores que o acompanharam, ficaram no cabo de uma campina guardando um caminho, por onde o inimigo podia também vir, o que não fez, porque veio pela parte principal aonde houve a pendencia que iremos contando.

Ordenada a gente pelos capitães e Camarão, uma nossa sentinella, que estava ao largo, deu rebate e veio fugindo para onde estava outra de mais perto, a qual, dando também rebate, ambos se recolheram para onde estava a mais gente. Trazia o inimigo a gente que dissemos, e os índios vinham todos armados de armas de fogo, excepto os *Tapuyas*, que traziam arcos e flechas; tanto que avistou com a nossa gente, que foi em 27 de Janeiro de 1646, veio um esquadrão, formado com deliberada resolução de investir, e os que vinham na vanguarda levaram dos alfanges e remetteram á trincheira, debaixo das bocas de seus mosquetes, e a começaram a cortar e desfazer, para que todo o esquadrão entrasse livremente e sem se descompôr. A primeira fileira dos nossos arcabuzeiros os recebeu galhardamente com uma carga cerrada, com a qual lhes mataram alguns soldados e feriram a outros, e logo, retirando-se para as costas das demais fileiras, para tornarem a carregar os arcabuzes, foram chegando as fileiras dos mosqueteiros e foram fazendo sua obrigação, com tanta ordem entrando uns e retirando-se

outros, que nunca tornaram pé atraz do lugar aonde os haviam posto; e os indios do Camarão, para fazerem mais damno ao inimigo mettiam duas e tres balas nos mosquetes, e durando a batalha mais de tres horas, tanto que se esquentaram os mosquetes aos nossos indios, como eram reforçados e biscainhos, tão grandes couces davam nos peitos dos indios, que davam com elles em terra, e se foi accendendo a pendencia com grande furor, e o Camarão soccorria a gente com outra de novo, e tres vezes que o inimigo intentou abalroar a trincheira, e ganhal-a e investir, os nossos lhe mataram muita gente e feriram mais.

Vendo o inimigo a terra toda coberta de seus soldados mortos e feridos, repartiu sua gente em tres batalhões, e ficando continuando a pendencia com o batalhão do meio, mandou pela parte direita uma manga para tentear se podia vadear o rio e acommetter por alli os nossos; mas os flecheiros do Camarão lhe impediram o passo, ficando alguns mortos no rio. Pelo lado esquerdo, para onde estava o tabocal cerrado mandou o inimigo deitar uma tropa grande de *Petiguares* e *Tapuyas*, a investir com o Camarão pelas costas, mas arrebentou-lhes a nossa gente que estava emboscada e lhes deu uma carga a seu salvo, aonde lhes matou quinze indios e feriu a outros, e, proseguindo com a segunda carga, apertou tanto com elles que os fez vir fugindo descompostos para onde estava o corpo do exercito dos hollandezes, a uns sem braços, outros coxeando, outros atravessados com as balas, e o campo todo banhado em sangue. Tocou suas trombetas o inimigo a ajuntar sua gente, o que ouvido pelos capitães e Camarão, e vendo que os hollandezes estavam descompostos, mandaram tocar suas caixas e trombetas a remetter; levantaram então os nossos indios e *Tapuyas* um grande alarido, segundo seu ordinario costume quando querem mostrar contentamento

e coragem, e de todas as partes da campina se vieram chegando para a trincheira para saltarem fôra e desbaratarem os hollandezes. Conhecida esta resolução pelo inimigo, pela preparação que estava vendo fazer, virou as costas, largou o posto, desistiu da empreza; e, carregando os mortos que pôde, se pôz em fugida sem ordem nem concerto, desejoso de chegar á fortaleza do Rio Grande, para dentro n'ella assegurar as vidas dos que escaparam, ficando os nossos com tão famosa e celebre victoria que lhes deu Deus, ficando no campo mortos cento e quinze, entre hollandezes, *Petiguares* e *Tapuyas*, que foram dos executores das mortes dos moradores do Rio Grande e Cunhaú, que permittiu Deus que na mesma parte em que deram principio a esta tyrannia, acabassem vencidos e mortos, no mesmo districto de Cunhaú, entre a Parahyba e Rio Grande, ficando o lugar da victoria mui perto do engenho do mesmo Cunhaú.

Ficou todo o campo e estrada, por onde se retirou o inimigo cheio de sangue, que parecia um lago, pagando com elle o dos innocentes moradores, quão pouco tempo havia que derramaram, e estava clamando ao céu por vingança como a do innocente Abel; e é para notar os que nossos capitães e soldados, assim estes, como que os vieram a primeira vez áquelle sitio com o capitão João Barbosa Pinto, affirmaram como testemunhas de vista, e outros muitos moradores, que, quando passaram pelo engenho de Cunhaú antes de haver esta pendencia, viram o lugar onde foram os moradores mortos, como já temos contado, com o sangue d'elles tão vivo e tão fresco, como se n'aquella hora fosse derramado, isto passados alguns cinco mezes, o que é cousa digna de consideração e exemplo, que nos admoesta a temer o castigo divino; pois estes hollandezes e indios tão em breve tempo piguram suas crueldades, uns ficando mortos e outros vencidos, e os que mataram o padre André do So-

veral, em Cunhaú, foram-se mirrando e seccando, e em breve morreram, raivando; e, como já temos contado no ultimo capitulo do segundo livro, o Jacob, flamengo, barbaro impulsor d'ellas, e o que lhe deu principio, foi morto á punhaladas pelo Gusmão, governador do Rio Grande, porque um pessimo tyranno, e cruel traidor até aos mesmos de sua nação causa aborrecimento; e o mesmo Gusmão que tambem devia de ser em ajuda e conselho da morte dos moradores do Rio Grande, onde então assistia por governador da fortaleza, foi vencido d'ahi a quasi um mez e meio, e desbaratado pela nossa gente, retirando-se com muita perda de seus soldados ao Recife, d'onde havia vindo pelos Afogados por governador das armas, como temos deixado escripto no capitulo primeiro d'este terceiro livro, e assim que, uns antes, outros depois, vieram a receber e experimentar o castigo merecido.

Tornando ao Camarão e mais capitães, festejando grandemente a victoria, e deram muitas graças a Deus, que foi o autor d'ella; principalmente este indião Camarão rendeu infinitas graças áquelle poder divino, de que tudo depende, porque foi homem temente a Deus e bom christão; e antes de entrar na batalha fez uma devota oração, tirando um relicario que sempre comsigo trazia, o qual de uma parte tinha esmaltada a imagem de Christo, e da outra a da Virgem Maria, Senhora Nossa, das quaes elle era mui devoto, e depois de beijar estas santas imagens com muita devoção, fez uma pratica a seus soldados com tão efficazes palavras, que mais pareciam de um cortesão politico, do que de um indio criado no sertão do Brasil.

Aproveitaram-se os soldados das armas, polvora e balas que os hollandezes mortos deixaram, e das que aos feridos tomaram; e a falta que tinham os nossos de polvora foi a causa por que não foram em seguimento dos vencidos; por-

que, como a bateria durou tanto tempo, iam-se-lhe acabando as munições, e já quando o inimigo virou as costas, não tinham os nossos mais que duas ou tres cargas de pólvora cada um; e assim as que os hollandezes levavam em suas bandoleiras lhes foi de grande proveito. Dos nossos soldados nenhum morreu n'esta pendencia, e sómente tres foram feridos; porém as feridas de pouca consideração, o que permittiu Deus por ser esta guerra feita por sua honra e por tão justa causa. Ficaram os nossos quatro dias no campo celebrando a victoria, e passados elles se recolhiam para a Parahyba, d'onde mandaram os nossos governadores, que estavam no arraial da Varzea a relação d'este glorioso successo; e o capitão João de Magalhães, deixando a sua companhia na Parahyba, veio escoteiro a pedir soccorro de pólvora, balas e de gente, para tornarem a buscar o inimigo; e já os governadores tinham noticia confusa d'esta victoria, que lhes deu um negro que sahio do Recife.

Em 29 de Janeiro, dois ou tres dias depois da pendencia, como no capitulo antecedente dissemos, que como veio a a nova por mar chegou tão em breve. O inimigo, tanto que chegou á fortaleza do Rio Grande, despediu logo no mesmo ponto tres barcos para o Recife, carregados de feridos; mas muito antes de chegar morreram no mar; e logo os do Recife mandaram soccorro de gente aos seus. As nossas tropas, chegadas á Parahyba, como dissemos, com algum gado, mandaram para o arraial da Varzea duzentas cabeças para sustentação da infantaria, o qual gado haviam ajuntado nos campos do Rio Grande, e do muito que tinham junto só este lhes ficou, porque todo o mais se tornou a amontoar com a vinda do inimigo e com o grande estrondo da mosquetaria que houve no dia da batalha.

Chegando o capitão João de Magalhães ao arraial, a pe-

dir soccorro de munição aos governadores para o Camarão, e mais tropas que ficaram na Parahyba, para tornarem á campanha buscar o inimigo, quiz o mestre de campo André Vidal de Negreiros tomar esta jornada á sua conta, e assim se preparou de tudo o necessario, e partiu do nosso arraial para a Parahyba dia de S. Matheus Apostolo, aos 24 de Fevereiro de 1646, com quatro companhias, as melhores de seu terço, das quaes eram capitães Paulo da Cunha Souto Maior, Antonio Gonçalves Tissão, Francisco Lopes, intitulado o Estrella, e Nicoláo Aranha, supposto que Nicoláo Aranha por estar muito enfermo não foi com a sua companhia; porém foi o seu alferes governando-a. Tambem foram n'esta occasião duas companhias do terço de Henrique Dias, a saber: uma de crioulos e outra de negros minas.

Tanto que o mestre de campo partiu logo no Recife, e souberam os hollandezes, por aviso de algum traidor, que nunca se pôde saber quem foi, sendo partido André Vidal de Negreiros, partiu o governador João Fernandes Vieira pessoalmente a visitar as nossas estancias, e provêl-as de gente e munições da guerra, encarregando muito aos capitães que estivessem de sobreaviso e tivessem boas vigias; tambem deu ordem a Henrique Dias e aos mais capitães das estancias (os quaes todos eram da gente de Pernambuco) que todas as noites picassem ao inimigo por todas as partes, e o inquietassem de modo que não deixassem dormir o somno descansado; tambem mandou logo pôr sentinellas, a que dava a cada uma dez patacas cada quinze dias; e o governador, antes que se viesse das estancias, foi com alguns soldados por entre o mato, e viu a seu salvo as fortificações do inimigo e os lugares por onde se lhe podia fazer damno, e partido para o arraial, tanto que chegou a noite, picaram os nossos capitães das es-

tancias ao inimigo por todas as partes aonde tinham fortalezas, e com tão continuada mosquetaria, que, não sabendo elle a que parte havia de acudir, recorreu á sua artilharia, que nas forças tinham, e toda a noite tocaram caixas e trombetas; e isto fizeram muitas vezes e noites continuas os nossos capitães.

Na seguinte noite foi Henrique Dias com seus crioulos e minas (soldados do seu terço) investir o reduto que os hollandezes tinham á sombra da fortaleza das Cinco Pontas, a tiro de mosquete da cidade Mauricea, aonde estavam trinta soldados, com quatro peças de artilharia de ferro, grandes, coado debaixo da artilharia da força grande, e os fez fugir e desamparar o reduto, e entrou n'elle; porém, como a fortaleza começou a disparar suas peças que tinham carregadas com balas de mosquetes e pregos, se veio recolhendo com sua gente espalhada pelo campo e mato sem receber damno algum.

Na paragem dos Afogados, e da Sêcca e das Salinas, perturbaram os nossos soldados, ao inimigo de tal sorte, que toda a noite esteve a disparar peças das forças; e o capitão Domingos Ferreira, por ordem do governador João Fernandes Vieira, lhes fez um engano, rediculo, e foi que pôz quinze palmos de morrões accesos, e atando-os nos pés das arvores, de sorte que o inimigo os podia divisar das suas fortalezas e trincheiras, e dando-lhe d'ahi uma carga de mosquetaria, o capitão se apartou a um lado com a sua gente, e o inimigo, divisando os morrões, disparou para aquella parte e lugar toda a artilharia que tinha nas duas forças das Salinas e Sêcca; e do forte que chamam do Bruu e do dos Perregis, e até as peças que tinha na porta do Recife, e os hollandezes entenderam que d'esta vez os nossos os commettiam á escala vista, e os nossos soldados estavam ouvindo a revolta e turba que dentro

no Recife havia : a mesma desinquietação se lhe deu na seguinte noite.

Vendo Henrique Dias que o reduto do inimigo lhe era de grande impedimento para seus soldados sahirem a fazer suas emboscadas, e impedirem a passagem por onde os hollandezes iam e vinham, e mandavam provimento e munições para os seus soldados que estavam na fortaleza dos Afogados, tratou no principio do mez de Março de o ir escalar e deitar por terra; e supposto que a empresa era ardua e difficullosa, e parecia temeridade commettê-la, estando entre as duas forças, e havendo o inimigo de disparar toda a sua artilharia nos que a escalassem, todavia elle só, com os soldados negros, crioulos e minas de seu terço, e o capitão-mór dos minas, Antonio Mina, que era muito esforçado soldado, a quem o governador João Fernandes Vieira forrou pelo que obrou no monte das Tabocas e o pôz por obra, sem levar comsigo nenhum soldado branco, e vespera de S. Gregorio papa, aos 11 dias de Março, deu conta de seu intento ao governador João Fernandes Vieira, e lhe pediu polvora e balas, e machados para cortar as estacadas de páo a pique, com que o reduto estava cercado e fortalecido com suas cavas. Tinha este reduto (que depois que o entrou Henrique Dias os flamengos o fortificaram, e forneceram de mais gente) cincoenta hollandezes de guarnição e vinte e cinco na primeira estacada, e outros tantos dentro, em uma casa forte em que estava o reduto, o qual estava rodeado com uma trincheira de taboões por ambas as faces, e por dentro com terra e faxina. N'este dia, á tarde, mandou Henrique Dias descobrir o campo, e, sabendo que estava seguro, deixou n'elle suas sentinellas, e tanto que se cerrou a noite, passou da outra banda do rio quatro companhias, a saber : o capitão Valor, com a sua companhia e a companhia de

Euzebio Paes, á qual governava o seu alferes por o capitão não se achar na estancia n'aquella occasião ; o capitão Garcez, com a sua companhia; o capitão maior dos minas, Antonio Mina, com os seus soldados, os mais dos quaes haviam sido escravos do governador João Fernandes Vieira, e lhes havia dado alforria, porque o ajudaram com muito esforço na batalha do monte das Tabocas, como já temos dito.

Estas quatro companhias foi governando o sargento maior dos mesmos pretos Paulo Dias S. Felice, assim chamado por haver sido escravo do conde de Banholo (*Bagnuolo*), João Vincencio S. Felice. Não passou Henrique Dias da outra parte do rio, nem foi acommetter o reduto pessoalmente, porque os seus capitães e soldados, com serem pretos, tiveram tanto accordo e prudencia, que o não quizeram consentir, antes lhe fizeram muitos protestos que se deixasse ficar guardando a sua estancia com o mais corpo do seu terço; porquanto elles só bastavam para aquella empreza, pelo que Henrique Dias, se deixou ficar, porém alerta, para acudir com toda a sua gente se visse ser necessario.

Considerando o governador João Fernandes Vieira ser a empreza temeraria, mandou a todos os capitães das estancias que, tanto que ouvissem bateria de noite, cada um por sua parte, picasse e inquietasse ao inimigo nas fortalezas que lhe ficassem mais vizinhas de seus quartéis, e elle, tanto que foi noite, sahiu do arraial com quatro companhias de seu terço, e uma mais de cavalleiros, e passou o rio pela estancia de Henrique Dias, e com esta gente se emboscou, esperando o successo da causa para acudir com soccorro: e o que mais succedeu no seguinte capitulo se irá contando.

CAPITULO V

De como por ordem do governador João Fernandes Vieira mandou Henrique Dias escalar um reduto e casa forte do inimigo por seus soldados, e como o renderam. Conta-se a victoria que o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o Camarão alcançaram dos hollandezes na Parahyba, junto de suas forças, e outros successos.

Seriam dez para as onze horas da noite, quando foram os crioulos e minas, soldados de Henrique Dias, e o sargento maior e capitães que no capitulo atraz temos nomeado, agachados por entre o mato, e em parte mettidos até acima do joelho por entre o lôdo, e tanto que chegaram a avistar o reluto a tiro de mosquete viram dois vultos da parte de fora da primeira trincheira, que eram duas sentinellas do inimigo, as quæ dispararam as armas dando rebate, e nos mataram um negro mina; porém os nossos pretos arremetteram ao reduto de corrida, e mataram as duas sentinellas, e dando duas cargas de mosquetaria sobre a primeira trincheira, chegaram os que levavam os machados, e deitaram um lanço d'ella por terra, abrindo um portilho por onde toda a gente entrou, e mortos vinte e cinco flamengos, que estavam em defensão da primeira trincheira, arremetteram á segunda e á casa forte, com tanto esforço e brio como se fossem uns leões, e outros começaram a pôr fogo na casa; outros arriaram páos ás paredes das casas, e subindo por elles começaram a deitar a telha abaixo para entrarem dentro, e aqui nos mataram quatro soldados, uns dizem que com dardos, de dentro da casa, e outros affirmam que os nossos soldados, como era de noite se feriam uns aos outros; tambem o sargento maior foi ferido, vindo correndo com um soldado

que achou morto na cava, e assim elle, como outros capitães, abriram um portilho na segunda trincheira e investindo á porta da casa forte lhe puzeram os hombros e os machados, e a deitaram por terra, e entrando dentro houve uma pendencia travada com os hollandezes que estavam dentro, os quaes todos morreram á espada, e sómente quatro escaparam com vida, e d'estes dois ficaram mal feridos; porém n'esta entrada da casa e pendencia, foram feridos o capitão Valor em uma perna e o capitão Garcez em uma espadua com duas balas, e o capitão-mór Antonio Mina passado de parte á parte pelos peitos com uma palanqueta, e tambem foram feridos um alferes e dois sargentos; porém os nossos crioulos e minas, como viram feridos os seus officiaes e não tinham quem os governasse, e imaginando que todos os hollandezes que estavam no reduto e casa forte ficavam mortos, e vendo juntamente que as fortalezas todas do inimigo, entre as quaes estavam mettidos, começaram a disparar toda a artilharia, carregaram ás costas os seus mortos, que foram oit'o, e algumas armas que tomaram ao inimigo e outras alfaias, e se vieram retirando para a sua estancia, e no caminho acharam ao governador João Fernandes Vieira, que estava com as companhias que consigo tinha a ponto para soccorrer aonde fosse necessario, e lhe deram conta do successo.

N'este tempo começaram os nossos capitães das estancias a picar e inquietar o inimigo por todas as partes com contínua bateria, e o inimigo disparou muitas vezes toda a artilharia que nas fortalezas tinha, e para divisar a parte aonde havia de assestar as peças punha taboas detraz das costas da artilharia, salpicadas com pólvora, e pondo-lhe o fogo divisava a nossa gente, e para aquelle lugar fazia a pontaria com as peças; e é de notar que com esta desinquietação, que mandava o governador João Fernandes

Vieira fazer as mais das noites ao inimigo, os fazia estar com as armas na mão toda noite, com o que vinham a adoecer muitos, de que não poucos vieram a morrer.

N'esta empreza foram mortos oito soldados de Henrique Dias, e ficaram feridos vinte e quatro, nos quaes entraram o sargento maior, capitães e officiaes que dissemos ; porém o governador João Fernandes Vieira mandou pôr grande cuidado e diligencia nas suas curas. Dos holandezes que estavam no reduto e casa forte, sómente escaparam quatro; ainda d'estes dois feridos que se esconderam. Tanto que a gente de Henrique Dias se recolheu para a sua estancia, com seus mortos e feridos, se recolheu tambem o governador João Fernandes Vieira com a sua tropa, porquanto vinha já enchendo a maré. N'esta noite de combate cahiu em sorte ao capitão Sebastião Ferreira, morador na freguezia de S. Lourenço, ir picar e desinquietar o inimigo ao forte dos Perregis, que está no meio da restinga de arêa que serve de caminho do Recife para a villa de Olinda, o qual o fez com tanto esforço e animo, que se metheu debaixo da artilharia, e lhe deu tantas cargas com trinta soldados que levava, que o inimigo se viu quasi rendido, e se o dito capitão levára comsigo mais gente houvêra investir com a força e vêr se a podia escalar ; porém como lhe faltou a polvora, se tornou a retirar, e na retirada lhe feriram um soldado com bala de peça.

O governador João Fernandes Vieira soube em como o inimigo trazia alguns bois e vaccas apastorados, junto á fortaleza dos Afogados, debaixo da artilharia, e alguns cavallos amarrados com cordas, pelo que mandaram ao capitão Sebastião Ferreira, que com sua gente fosse de noite a tentear, se podia tomar algum d'este gado para sustento da nossa infantaria. Partiu o capitão pessoalmente e foi reconhecer o que havia, e viu que o gado e cavallos esta-

vam mettidos em um curral, o qual estava cercado por uma parte com a cava da fortaleza, cheia d'agua e funda, e por as outras partes de páos a pique, e que tinha a porta mixtica com a porta da fortaleza, e com tudo isto entrou com os seus soldados dentro no curral, e estando para deitar o gado fóra foi sentido dos hollandezes, os quaes começaram de atirar muita mosquetaria e artilharia, e o capitão se deixou ficar agachado entre o gado até que os hollandezes se aquietaram, e logo abriu a porta do curral, e deitou o gado fóra, e os soldados subiram em sete cavallos que dentro no curral estavam, e vieram tangendo o gado, e trouxeram comsigo vinte e cinco bois e os sete cavallos; e depois que estiveram em salvo, mandou o capitão dar tres cargas de mosquetaria aos da fortaleza, e se veiu retirando com grande alegria, ficando o inimigo mui sobresaltado e admirado de tão grande atrevimento de soldados.

Agora é necessario que tornemos ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que, havendo caminhado para a Parahyba, sem lhe succeder no caminho cousa de que se haja de fazer menção, chega a ella com as quatro companhias que levava comsigo, aonde achou ao Camarão com o seu terço de indios e *Tapuyas*, e alli foi informado de como, vindo o inimigo da fortaleza do Cabedello, em lanchas, pelo rio acima, a vêr se podia fazer alguma presa pelo silencio da noite, chegou ao varadouro da cidade, e sendo sentido das sentinellas deram rebate e lhe fizeram resistencia; como que se tornou a retirar á vela e remo. Informado d'estas cousas o mestre de campo, determinou de se encontrar com o inimigo, e dando conta ao Camarão partiram ambos, cada um com sua gente, e tomando o caminho do sertão para que a ninguem fosse manifesta a intenção que levavam, e fosse descoberta ao inimigo por algum traidor, e caminhando cousa de nove leguas, tornou a

revirar, e veio cahindo, sobre a igreja de Nossa Senhora da Guia, junto ao forte de Santo Antonio, o qual em direitura d'esta cidade, quatro para cinco leguas; e tanto que alli esteve fez uma emboscada com a sua infantaria e com alguma gente da terra que com elle foi; e o Camarão com os seus indios fez outras duas com muita sagacidade, e tanto que amanheceu despediu o mestre de campo a quarenta soldados dos moradores com o capitão Antonio Rodrigues Vidal, os quaes moradores, como eram da terra, sabiam bem aquelles caminhos, para que fossem picar ao inimigo na força de Santo Antonio, aonde estava. os quaes o fizeram com tanta destreza, que, dando mostras de si em uma parte, para que fossem vistos do inimigo, agrebentaram em outra, e arremettendo com a força deram duas cargas, e vendo que o inimigo se preparava a disparar a artilharia se recolheram detraz de um morro de arê, a modo de trincheira, com a qual ficaram amparados; o que visto por elle e a pouca força que tinham, e que se não descobria mais gente, despediu d'este forte e da fortaleza do Cabedello, em lanchas, duzentos e vinte soldados, a saber : sessenta flamengos, e cento e sessenta indios seus alliados, e entre elles vinha uma india com um alfange na mão, a qual, esgrimindo, vinha dizendo : Eu sou onça e tigre, e com estas unhas hei de despedaçar as carnes aos portuguezes, e os hei de comer assados e cozidos. A esta chamavam estes indios rebeldes *pagé*, que quer dizer feiticeira e prophetisa, e *anhaguiara*, que quer dizer senhora dos demonios e pranteadeira dos mortos.

Tanto que os holandezes e os seus indios se puzeram em terra no areal, formaram seu esquadrão e vieram buscar aos nossos quarenta soldados, parecendo-lhes que tinham o pleito vencido; porém elles estiveram quietos como de emboscada, e tanto que o inimigo se foi che-

gando a tiro de mosquete, se levantaram e lhe deram duas cargas, e fingindo não poder mais resistir, se vieram retirando, até que como desesperados viraram as costas e vieram fugindo pela parte aonde estavam as nossas emboscadas, e como os holandeses vinham na vanguarda, e os indios na retaguarda, desejaram os holandeses de ganhar aquella gloria e aproveitar-se dos despojos dos vencidos; foram entrando com grande furor pelas nossas emboscadas; sahia a nossa gente, e, acolhendo-os no meio, matou cincoenta e oito, e quinze indios, os quaes logo ficaram estendidos no campo, e vieram seguindo aos indios, e a primeira que mataram foi a india feiticeira, sem lhe aproveitarem as bravatas, porque com duas balas lhe atravessaram os peitos, sem lhe valerem nada seus feitiços. Todos os outros indios foram fugindo, e largando as armas se deitaram ao mar a nado por salvarem as vidas, apòs dos quaes foram tambem entrando na agua os indios do Camarão e os seus *Tapuyas*, e foram ferindo e matando n'elles emquanto a agua lhes não cobria as cabeças; e mandando o mestre de campo André Vidal de Negreiros que lhe tomassem um hollandez vivo aos *Tapuyas* do Camarão, foram seguindo a dois que haviam escapado do encontro, e os trouxeram fóra d'agua pelos cabellos, dos quaes mataram a um, e o outro apresentaram ao mestre de campo para lhe fazer perguntas do que entre os holandeses se passava. Era este o seu atambor.

Não se pòde affirmar quantos foram ao certo os indios rebeldes mortos; porque, como se deitaram ao mar, e a nossa gente da praia os ia matando e elles se iam submergindo entre as ondas, não se poderam contar; porém dos holandeses os que sahiram da fortaleza todos foram mortos, e deixaram as vidas, armas e as lanchas em que vieram; n'esta occasião foi morto um sargento maior nosso, chamado Francisco Cardoso.

Tornou-se o mestre de campo com o Camarão e mais capitães e soldados, mui alegres pela victoria, para a cidade da Parahyba, ficando o inimigo com grande magoa pela perda, e não pouco sobresaltado; e, tanto que a nossa gente descansou, partiu o Camarão para o Rio Grande, com o seu terço de indios e *Tapuyas*, e com elle tambem partiu o capitão Paulo da Cunha Souto Maior, e os capitães Francisco Lopes, João de Magalhães e Antonio Jacome Bezerra com as suas companhias, e o alferes do capitão Nicolão Aranha e uma companhia de pretos de Henrique Dias, e foram com determinação de mandar arrancar toda a mandioca, que é a raiz de que se faz a farinha da terra, e legumes que achassem no districto de Cunhaú, e retirar todo o gado que achassem amontado, para que o inimigo não tivesse n'aquella paragem mantimento de que se sustentar, e assim obrigado da fome, ou desamparar-se a fortaleza, ou estivesse sempre esperando que lhe viesse por mar do Recife o sustento, aonde tambem havia grande falta d'elle; e se o inimigo sahisse a defender esta facção, tivesse gente para lhe resistir.

CAPITULO VI

De algumas sahidas que fizeram os hollandezes da ilha de S. Itamaracá pela campanha e victorias que os nossos d'elles alcançaram, e de como partiu o governador João Fernandes Vieira para o Porto do Calvo, e chegada do mestre de campo André Vidal de Negreiros ao arraial da Varzea, vindo da Parahyba.

Por este tempo sahiram da ilha de Itamaracá quarenta flamengos em suas lanchas com outros quarenta indios, e saltaram em terra junto ao Tejucupapo, districto da ilha, com o intento de carregarem as lanchas de mandioca, de que havia alli muita cópia, para fazerem farinha, porque padeciam na dita ilha muita fome. Estava por cabo dos nossos soldados no Tejucupapo e da mais gente da terra o capitão Zenobio Accioli, e sabendo que os hollandezes haviam desembarcado deu sohre elles com trinta soldados, e matou a vinte e feriu outros ; e os mais que ficaram com vida não tiveram mais tempo, que o valer-se dos pés e metter-se em suas lanchas, e se tornaram para a ilha, deixando aos nossos o mantimento que tinham arrancado e junto para levarem.

Tambem por este tempo sahiram em dez lanchas da ilha de Itamaracá, e em jangadas, cousa de trezentos flamengos e muitos indios, e vieram á uma ilha chamada Tapessôca do districto de Tejucupapo buscar mandioca para fazerem farinha, porque tinham grande fome e falta de mantimentos na ilha e no Recife. Deu-se aviso ao sargento maior da ordenança Agostinho Nunes, que estava na povoação de S. Lourenço do Tejucupapo com o capitão maior Francisco Lopes de Orosco e o capitão Manoel Lopes, os quaes ajuntaram cousa de oitenta homens de infantaria e moradores, e vieram buscar os hollandezes, que haviam ja desembar-

cado em terra, e vinham marchando pelo caminho em demanda das roças para arrancarem mandioca e carregar as lanchas. Os nossos se encontraram com elles em uma encruzilhada de caminhos, em uns matos, e começaram a pendenciar com elles com muito valor e animo, e havendo de parte á parte uma travada pendencia, não podendo os holandezes soffrer o rigor de nossas armas, se vieram retirando para suas lanchas, sem conseguir o effeito a que vinham, e os nossos lhes mataram no conflicto e alcance cousa de oitenta homens, afóra muitos feridos. e dos nossos morreu um só e ficaram alguns feridos. Sendo acabada a pendencia, chegou Zenobio Accioli, de soccorro com muita gente, que tinha appellidado, e por mais pressa que se deu, já o inimigo se tinha embarcado. Tornaram os nossos para a povoação muito contentes e alegres com esta victoria, trazendo por despojos muitas armas de fogo, polvora e balas dos vencidos.

Tornando ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, tanto que teve compostas e ordenadas as cousas da Parahyba, se partiu para o nosso arraial da Varzea, trazendo comsigo ao capitão Antonio Gonçalves Tição, com a sua companhia, para o que se lhe offerecesse no caminho; e, estando na Goyana, succedeu que, estimulados os holandezes e raivosos da desgraça que havia succedido á sua gente, que havia ido arrancar a mandioca ao Tejucupapo, despediram do Recife ao seu general do mar João Corneliscen Listart (*Cornelissoon Lichthardt*) e ao capitão Nicolas (que d'entre nós se havia passado para elles, como temos contado, com as duas companhias de flamengos que militavam no nosso exercito), com cento e cincoenta soldados, em lanchas, os quaes, chegados á ilha de Itamaracá, tomaram alli outras lanchas com cem indios, e com esta tropa sahiram em um porto do Tejucupapo, aonde certos

moradores andavam em suas roças arrancando mandioca para fazerem farinha, os quaes, tanto que viram as lanchas e a grande tropa de gente, largaram a mandioca arrancada, e partiram fugindo a dar rebate ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que estava na Goyana, como temos dito, o qual logo pôz em ordem a gente para ir buscar os hollandezes; porém por mais pressa que se deu o capitão Tição, como o caminho era comprido, não pôde chegar a tempo que achasse o inimigo em terra, o qual se aproveitou da mandioca que achou junta, e arrancou mais de vinte mil covas e a metheu em quatro lanchas, e logo se fez ao mar na volta da ilha; e assim, quando a nossa gente chegou, já as balas dos mosquetes não alcançavam as lanchas, das quaes uma, carregada de refresco, laranjas, e limões verdes e maduros, que haviam colhido nos sitios onde tomaram a mandioca, vindo navegando defronte do porto que chamam o Pão Amarello, a dois ou tres tiros de mosquete desviada da terra, uns nossos pescadores, que andavam no mar pescando com a rêde, vendo a lancha, se embarcaram em jangadas, e investiram com ella e a tomaram, achando dois flamengos n'ella, e um mulato e um negro, que trouxeram vivos, e tres flamengos mais que vinham n'ella se deitaram ao mar, onde se afogaram.

Pelo mez de Março e Abril, como pelos outros antes, sahiram do Recife muitos flamengos e francezes rendidos, sahindo a dois, tres e quatro, forçados da muita fome que passavam no Recife, e não tinham agua doce para beber senão muito salôbra, de poços, e assim adoeciam e morriam muitos pelos terem muito opprimidos, e não deixarem sahir fóra das forças pelos não matarem os nossos soldados fronteiros, e confessaram muitos d'estes soldados rendidos, que já os hollandezes tiveram rendido o Recife se não foram os indios, que lhes davam dinheiro para sustentar a

guerra, e faziam grandes protestos para que se não desamparasse aquella praça (mas pouco lhes valeria se o parecer do governador João Fernandes Vieira fôra seguido, que era investil-os, como já temos referido), e que os do supremo conselho recolheram todos os mantimentos dentro no armazem, e sabendo que os indios tinham em suas casas muitos lh'os tomaram todos, e d'alli lhes davam sua ração, como a qualquer soldado, o que visto pelos indios, e parecendo-lhe mal o comer por mão de outrem, determinaram fazer um alvoroço no povo, porém que sahiram mal no intento, porque vindo os holandezes ás espadas, mataram a sete indios e feriram a outros muitos.

Sendo dez dias do mez de Abril partiu o governador João Fernandes Vieira para as partes da Muribeca, cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Serrinha, em Una, Porto do Calvo, para mandar vir farinha e gado para sustento da infantaria, que padecia muita fome, e mandar ajuntar os soldados que, sem irem á guerra, andavam por aquellas partes, e castigar os rebeldes e adquirir outros de novo; porque, como muitos soldados dos que haviam vindo da Bahia haviam tornado a fugir por terra para lá, foi faltando gente; finalmente levou intento de fazer uma fortaleza na enseada de Tamandaré, e provê-la de artilharia e gente, para que se alguma embarcação nossa viésse entrar n'aquelle porto, perseguida das náos do inimigo achasse alli refugio e amparo, o qual mandou fazer como ao diante diremos; e se esta força se fôra sustentando, fôra de muita utilidade para a terra. O que lhe succedeu na jornada iremos escrevendo no capitulos seguintes, porque n'este meio tempo succederam outras cousas que é necessario relatarem-se.

Partido o governador João Fernandes Vieira, d'ahi a dois dias, que foram 12 do mesmo mez de Abril, chegou

ao nosso arraial do Bom Jesus o capitão João de Magalhães, com um lote de gado vaccum com quatrocentas cabeças, as quaes os capitães das tropas portuguezas e o Camarão ajuntaram no districto do Rio Grande e Cunhaú, e arrancaram todas as roças para que o inimigo não tivesse alli mantimento algum, e fosse necessario esperal-o do Recife, aonde havia bem pouco. Com a chegada d'este gado ficou alentada a nossa infantaria; tambem chegou outro lote de gado do Rio de S. Francisco, com duzentas cabeças. Os capitães que foram ao Rio Grande, e o Camarão, depois que d'elle vieram, ficaram na Parahyba.

E para que vá a historia em seu direito fio, é necessario dizer-se que, depois de estar alguns dias na Goyana o mestre de campo André Vidal de Negreiros, partiu para o arraial, aonde chegou por fim de Março, e emquanto o governador João Fernandes Vieira fez a a jornada, que acima temos apontado, ao Porto do Calvo e mais partes, ficaram no arraial governando os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martin Soares Moreno.

(Continúa)

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLI

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

	PAG.
RELAÇÃO nominal dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por ordem de antiguidade, e declaração da classe a que pertencem, organizada em vista dos assentamentos constantes do livro de matricula e das actas das sessões publicadas na <i>Revista Trimensal</i>	I
RELAÇÃO nominal dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto	XIV
CARTAS de Amerigo Vespucci na parte que respeita ás suas tres viagens ao Brasil. Traduzidas e annotadas criticamente pelo visconde de Porto Seguro	5
I. TRECHOS da carta de 4 de Setembro de 1504 ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, respectivos á terceira e quarta viagem, e ao principio da segunda, aportando na actual provincia do Rio Grande do Norte.	»
II. OUTRA narração da terceira viagem, em carta de Lisboa para Paris, a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, escripta antes da precedente mais de anno e meio, de modo que as duas narrações servem de rectificar uma á outra.	20
THEOURO descoberto no maximo (rio) Amazonas (pelo padre João Daniel, da Companhia de Jesus). Parte sexta (cópia authentica do original existente na bibliotheca publica ebo-rensense)	33
ANTILOGIO.	39
CAPITULO I. Do primeiro invento de fazer prosperos a toda a navegação todos os ventos, e converter ainda os mais contrarios em prospera bonança	41
CAPITULO II. Sobre a mesma materia do primeiro invento.	49
CAPITULO III. Invento segundo para navegar nas calmarias	55
TOMO XLI, P. I	55

CAPITULO IV. De algumas outras advertencias sobre a navegação	63
CAPITULO V. Do terceiro invento de represar as marés para fazer moto continuo.	71
CAPITULO VI. Dá-se noticia de uma fabrica para moer grão com o novo invento das marés	83
CAPITULO VII. Segunda fabrica ou engenho de assucar de moto continuo	90
CAPITULO VIII. Engenho de madeira a impulso das marés com moto perpetuo.	101
CAPITULO IX. De alguns outros engenhos curiosos com rodas de nova invenção.	108
CAPITULO X. Engenho de assucar por multiplicação.	114
CAPITULO XI. Noticia de um curioso engenho de madeira portatil	118
CAPITULO XII. Dos outros tres modos de serrar madeira com engenho portatil	125
CAPITULO XIII. De algumas outras curiosidades sobre as mesmas e outras uteis materias.	133
CAPITULO XIV. Noticia de algumas bombas e aqueductos para o rio Amazonas	137
HISTORIA da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes de Santiago (<i>Continuada da pag. 504 do tomo XL, parte primeira</i>)	143
CAPITULO XXI. De como se renderam as fortalezas do Porto do Calvo e Rio de S. Francisco aos governadores da liberdade	»
CAPITULO XXII. De como se fez na Varzea de Capibaribe a força, que vulgarmente chamam Arraial do Bom Jesus, e de algumas pendencias entre portuguezes e hollandezes, e da traição que urdiram os flamengos que entre os nossos militavam	152
CAPITULO XXIII. Em que se contam as tyrannias e crueldades que os hollandezes usaram com os moradores do Rio Grande, e de como lhe renderam e entregaram a cerca de Potogi em que se defendiam, e foram mortos por elles e pelos indios, com exquisitos tormentos, e de outros notaveis casos que succederam.	161
CAPITULO XXIV. Em que se vão proseguindo os successos dos moradores do Rio Grande.	167

CAPITULO XXV. Em que se contam alguns casos miraculosos que succederam quando foram atormentados e mortos os moradores do Rio Grande, e do castigo divino que veio sobre o Jacob flamengo e outros executores de taes crueldades	175
--	-----

SEGUNDO TRIMESTRE

NARRAÇÃO da viagem que, nos annos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomaz Candish. Traducção do hellandez (Offerecida ao Instituto Historico pelo traductor)	183
CAPITULO I. Knivet parte da Inglaterra e vai ter ao estreito de Magalhães.—Cahe nas mãos dos portuguezes	185
CAPITULO II. Knivet é levado ao Rio de Janeiro e convive com os portuguezes e indios.—Faz varias excursões n'aquellas partes	208
CAPITULO III. Singulares peregrinações de Knivet e doze portuguezes.—Estes são victimas dos selvagens anthropophagos.—Knivet assiste entre os selvagens e depois entre os portuguezes.—Foge para Angola, d'onde é reenviado para o Brasil.—Depois de muitas aventuras parte para Lisboa.	238
DOCUMENTOS relativos á historia da capitania, depois provincia, de S. Pedro do Rio Grande do Sul, compilados e copiados na secretaria do governo em Porto Alegre, de ordem do conselheiro barão Homem de Mello, ex-presidente da mesma provincia (Pelo mesmo Exm. Sr. offercidos ao Instituto Historico (<i>Continuados da pag. 302 do tomo XL, parte I</i>)	273
CONTINUAÇÃO da correspondencia de Paulo José da Silva Gama	»
Mappa da tropa miliciana.	»
Creação de villas para a administração da justiça . .	274
Justificação da prisão de um desordeiro	278
Creação da alfandega	281
Cópia do officio em resposta d'este	282
Cultura do tabaco Virginia	283
Justificação de seus actos.	»
Commercio e finanças da provincia.—Alfandega . . .	285
Sobre as rendas da capitania e donativos.	294

	PAG.
Fallecimento do brigadeiro Rossio	296
Questão de limites	»
Cultura do trigo	297
Questão com a camara	298
Sobre os indios	300
Receio de invasão na capitania.—Noticias.—Pre- cauções	302
Precauções defensivas	305
Sobre as tropas	306
Cultura do linho canhamo	308
Chegada da legião de S. Paulo	311
Sobre o commando das tropas	312
Exploração de ouro	313
Portos da capitania.—Condições defensivas d'esta . .	314
GOVERNO de D. Diogo de Sousa, depois conde do Rio Pardo	317
Cavallaria do Rio Grande	318
Conselho de generaes em Porto Alegre	319
Terrenos auriferos	321
Soda, potassa, salsaparrilha, marmore, ferro, no Rio Grande	322
Convenção do sitio do Pando	323
Lelintrax	324
Pelles de tigre	»
Novidades nos dominios hespanhoes	325
Linho canhamo	326
Informação sobre um requerimento	330
Chegada de D. Diogo de Sousa ao Rio Pardo	»
Regresso de Elio	332
Sobre o governador hespanhol Elio	»
No acampamento de S. Diogo	334
Novidades nos dominios hespanhoes	335
Sobre as arêas do Rio Grande e regimen das aguas da lagóa dos Patos	336
Elogio ao marechal Manoel Marques	337
Resposta aos avisos do conde de Linhares	338
Providencias nas fronteiras	340
Organisação de forças	341
Conflicto com o governador de S. Paulo	342
Movimento nas fronteiras	344
Chega ao acampamento de Bagé	347
Conselho de guerra consultivo	349

	PAG.
Sobre a alforria de um escravo	350
Marcha das tropas.	351
Responde aos avisos do conde de Linhares.	352
Recebimento de despachos da côrte.	354
Diversas providencias.	»
Supplica em beneficio do finado marechal Fonseca e Sá	356
Informação sobre promoções na legião de S. Paulo. . .	»
Recebimento de despachos da côrte	358
Informa sobre a prisão que ordena de dois capellães do exercito.	»
Sobre o exito das marchas e disciplina do exercito. . .	362
Sobre successos politicos e militares nos dominios hespanhoes.	363
Carvão de pedra.	365
Sobre negocios militares	366
Sobre negocios militares e politicos.	370
Informação lançada nos requerimentos dos marechaes de campo Manoel Marques de Sousa e Alexandre Eloy Portelli	371
Sobre negocios politicos e militares.	»
Sobre a negociação de João Rademaker	373
No acampamento de Cunhaporã.	381
Terrenos auríferos	384
Informa contra um pedido de licença.	386

HISTORIA da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes de Santiago (<i>Continuada da pag. 181 d'este volume</i>)	387
Livro terceiro	
CAPITULO I. De como para effectuar a traição, que tinham ordenado aos nossos os hollandezes que de nossa parte militavam, sahio com todo o poder do Recife Jorge Gus- mão, governador das armas hollandezas, e da batalha que teve com os portuguezes, e victoria gloriosa que os nossos alcançaram, e dos successos d'esta guerra . . .	»
CAPITULO II. De como o capitão Nicolas e outro fugiram para o Recife com duas companhias de hollandezes que entre os nossos militavam, e de como o mestre de campo e governador João Fernandes Vieira desfizeram o terço do Strade (Hoogstraeten)	394
CAPITULO III. De como partiu para a Parahyba e Rio Grande D. Antonio Felipe Camarão com o seu terço, e o cabo de	

outras tropas de infantaria Antonio Jacomo Bezerra, a fazer guerra ao inimigo, e das pendencias que houve, entre portuguezes e os hollandezes, em nossas estancias e fronteiras	399
CAPITULO IV. Da batalha que teve o Camarão e as tropas da nossa infantaria em Cunhaú, districto do Rio Grande, e insigne victoria que alcançaram os nossos, vingando as mortes dos moradores do Rio Grande, e da jornada do mestre de campo André Vidal de Negreiros á Parahyba, e de como Henrique Dias intentou escalar um reducto do inimigo	407
CAPITULO V. De como por ordem do governador João Fer- nandes Vieira mandou Henrique Dias escalar um re- ducto e casa forte do inimigo por seus soldados, e como o renderam. Conta-se a victoria que o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o Camarão alcançaram dos hollandezes na Parahyba, junto de suas forças, e outros successos.	418
CAPITULO VI. De algumas sahidas que fizeram os hollan- dezes da ilha de S. Itamaracá pela campanha e victorias que os nossos d'elles alcançaram, e de como partiu o governador João Fernandes Vieira para o Porto de Calvo, e chegada do mestre de campo André Vidal de Negreiros ao arraial da Varzea, vindo da Parahyba.	425

RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS ACTUAES DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE
PERTENCEM, ORGANISADA EM VISTA DOS ASSENTAMENTOS
CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E DAS ACTAS DAS
SESSÕES PUBLICADAS NA « REVISTA TRIMENSAL. »

Protector immediato

S. M. I. o SR. D. PEDRO II.

Presidentes honorarios

S. M. o rei de Portugal D. Fernando.
S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquilla.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1	Visconde de Araguaya.	Effectivo.
2	Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.	»
3	Conselheiro João Manoel Pereira da Silva.	»
4	Dr. José Bernardo de Loyola.	Correspondente.
5	Visconde do Rio Grande.	»
6	Conselheiro José Pedro Dias de Carvaiho.	»
7	Manoel da Conceição Neves.	»
8	Barão de S. Angelo.	Honorario.
9	Antonio José Rodrigues	Correspondente.

1839

10	Conselheiro João Antonio Pereira da Cunha.	Correspondente.
11	Conselheiro Josino do Nascimento Silva.	»
12	Visconde de Itajubá.	»
13	Barão de Japurá.	»
14	Senador Firmino Rodrigues Silva.	»
15	Francisco Manoel Martins Ramos.	»
16	Conselheiro João Lopes da Silva Couto.	»
17	Desembargador Joaquim José Pacheco.	»
18	Conselheiro José Maria do Amaral.	»
19	Conselheiro Venancio José Lisboa.	»
20	Antonio José Falcão da Frota.	»
21	Conselheiro Antonio Pereira Rebouças.	»
22	Conde de Baependy.	»
23	Barão de S. Diogo.	»
24	Francisco da Silva Lopes.	»
25	Dr. Francisco José Ferreira Baptista.	»
26	Barão de Javary.	»
27	Pedro da Silva Rego.	»
28	Barão de Alhandra.	»
29	Conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso.	»
30	Francisco Ezequiel Meira	»
31	João José Ferreira da Costa.	»
32	Joaquim F. Alves Branco Muniz Barreto.	»
33	Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito.	»
34	João Antonio Ferreira da Costa.	»
35	Conselheiro Thomaz José Pinto de Cerqueira.	Effectivo.
36	Dr. Domiciano da Costa Moreira.	Correspondente.
37	João Joaquim Ferreira de Aguiar.	»
38	Joaquim Cesar de Figanhière Mourão.	»
39	Antonio Alvares Pereira Coruja.	Effectivo.

1840

40	Antonio da Costa Miranda	Correspondente.
41	Barão do Lavradio	»
42	Visconde de Santa Isabel.	»
43	Antonio da Silva Lisboa	»
44	Antonio Ribeiro de Andrade.	»
45	Candido Thadeo Brandão.	»
46	João Alves Portella.	»
47	Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.	Effectivo.
48	Benigno José de Carvalho e Cunha.	Correspondente.
49	Conselheiro João da Silva Carrão.	»
50	Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbá	»
51	Conselheiro Felipe Lopes Netto.	Effectivo.
52	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa	Correspondente.
53	Raymundo Severino de Mattos.	»
54	Antonio Manoel Sanches de Brito.	»
55	Barão de Petropolis.	»

1841

56	Padre José Antonio Lopes da Silveira. . .	Correspondente.
57	Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira	Effectivo.
58	João Thomaz de Carvalho e Silva. . . .	Correspondente.
59	Desembargador Francisco Mariani	»
60	Barão de Penedo.	»
61	Joaquim Norberto de Sousa e Silva. . . .	Honorario.
62	Visconde de Barbacena.	Correspondente.
63	Dr. Maximiano Antonio de Lemos.	»
64	João Bernardo de Almeida.	»
65	Barão de Nogueira da Gama.	»
66	José Joaquim Rodrigues Lopes.	»

1842

67	João Baptista da Silva Lopes.	»
68	Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa. .	»
69	Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro. .	»

1843

70	Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim. .	Effectivo.
71	Dr. José Jansen do Paço.	Correspondente.

1844

72	Conselheiro Antonio Pereira Pinto. . . .	Effectivo.
73	Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. . .	»
74	Brigadeiro Pedro Maria Xavier de Castro. .	Correspondente.

1845

75	Dr. Joaquim José Teixeira.	»
76	Dr. Joaquim José da Silva.	»
77	Dr. Quintiliano José da Silva.	»
78	José Francisco d'Andrade Almeida Monjardim.	»
79	Dr. José Joaquim Rodrigues.	»
80	Guilherme Balduino Embirussú Camacan. .	»
81	Dr. Maximiano Marques de Carvalho. . . .	Effectivo.
82	Dr. Francisco de Sousa Ramos.	Correspondente.
83	Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.	»
84	Conselheiro Antonio da Costa Pinto. . . .	»
85	Visconde de Abaeté.	»
86	Commendador Felicio Pinto Coelho de Mendonça e Castro.	»
87	Barão de Sousa Queiroz.	»
88	Francisco José da Silva.	»
89	Desembargador João José de Almeida Couto.	»
90	Barão de Cotegipe.	»

91	Dr. Joaquim José da Cruz Sécco.	Correspondente.
92	Senador Joaquim Antão Fernandes Leão.	»
93	Dr. Joaquim Vieira da Cunha.	»
94	Dr. José de Barros Pimentel.	»
95	Visconde de Jaguary.	»
96	Brigadeiro José Joaquim de Carvalho.	»
97	Dr. José Jorge da Silva.	»
98	Conselheiro José Tavares Bastos.	»
99	José Pedro da Silva	»
100	Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida	»
101	Luiz Antonio Barbosa da Silva.	»
102	Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro.	»
103	Manoel Soares da Silva Bezerra.	»
104	Desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite	»
105	Padre Raymundo José Auzier.	»
106	José Joaquim da Silva Pereira.	»
107	Dr. Henrique Kopke.	»
108	João José de Sousa Silva Rios.	Effectivo.
109	Dr. Joaquim Manoel de Macedo.	Honorario.

1846

110	Conselheiro Felipe José Pereira Leal.	Correspondente.
111	Dr. Carlos Honório de Figueiredo.	Effectivo.
112	Dr. José Mauricio Nunes Garcia.	Correspondente.
113	Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Sousa e Menezes.	»
114	Barão de S. Felix.	»
115	Dr. José Bento da Rosa.	»
116	Visconde do Rio Branco.	»

1847

117	Duque de Caxias.	Honorario.
118	Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.	Effectivo.
119	José Joaquim da Gama e Silva.	Correspondente.
120	Francisco José Borges.	Effectivo.
121	Dr. Francisco Xavier Muniz.	Correspondente.
122	Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho.	»
123	Dr. Abilio Cesar Borges	»
124	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.	»

1848

125	Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes	Effectivo.
126	Dr. Antonio Muniz Barreto Côte Real.	Correspondente.
127	Padre Jeronymo Emiliano de Andrade.	»
128	Dr. Manoel Ladislão Aranha Dantas.	»
129	Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.	Effectivo.
130	Barão de Melgaço	Correspondente.

1849

- 131 Salvador Henrique de Albuquerque. . . . Correspondente.

1851

- 132 Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro. Honorario.
133 Angelo Thomaz do Amaral. Correspondente.

1853

- 134 Dr. Sebastião Ferreira Soares Effectivo.
135 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja »

1855

- 136 Conego Joaquim Pinto de Campos. . . . Correspondente.
137 Visconde do Bom Retiro. Honorario
138 Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras. . . Correspondente.

1856

- 139 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros »
140 Visconde de Mauá Honorario.
141 Conselheiro Tito Franco de Almeida. . . . Correspondente.

1859

- 142 Capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo »
143 Barão de Homem de Mello. Honorario.
144 Dr. Rodrigo José Ferreira Bretas Correspondente.

1860

- 145 Dr. Ernesto Ferreira França. »

1861

- 146 Conselheiro Antonio Joaquim Ribas. . . . »

1862

- 147 Conego João Pedro Gay. »
148 Professor João Brigido dos Santos. . . . »
149 Conselheiro José da Costa Azevedo. . . . Effectivo.
150 Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. . . »
151 Dr. José Vieira Couto de Magalhães. . . »

1863

- 152 Senador Luiz Antonio Vieira da Silva. . . Correspondente.
 153 Barão de Theresopolis. »

1865

- 154 Dr. Cesar Augusto Marques. Effectivo.
 155 Dr. José de Saldanha da Gama. »

1866

- 156 Dr. Antonio Henriques Leal. Correspondente.
 157 Dr. João Ribeiro de Almeida. Effectivo.
 158 Dr. Domingos Antonio Raiol. Correspondente.
 159 Conselheiro Miguel Antonio da Silva. Effectivo.

1867

- 160 Coronel Pedro Torquato Xavier de Brito. . . »
 161 Dr. José Maria da Silva Paranhos. »
 162 Conselheiro Epiphanio Candido de Sousa Pi-
 tanga. Correspondente.

1868

- 163 Dr. Luiz Francisco da Veiga. »
 164 Commendador José Maria Pinto Peixoto. »

1869

- 165 Major Alfredo d'Escragnolle Taunay. Effectivo.
 166 Senador Candido Mendes de Almeida. Honorario.
 167 Dr. José Tito Nabuco de Araujo. Effectivo.

1870

- 168 Dr. Joaquim Pires Machado Portella. »
 169 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Correspondente.

1871

- 170 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e
 Castro. Effectivo.
 171 Dr. Ladisláu de Souza Mello Netto. »
 172 Conego Dr. Manoel da Costa Honorato. »

1872

- 173 Dr. Eduardo José de Moraes. Correspondente.
 174 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Effectivo.

1874

- 175 Dr. Nicoláo Joaquim Moreira. »
 176 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins. Correspondente.

1875

- 177 Dr. Rozendo Muniz Barreto. Effectivo.
 178 Commendador João Wilkens de Mattos. »
 179 José de Vasconcellos. Correspondente.

1876

- 180 Senador Joaquim Floriano de Godoy »
 181 João Barbosa Rodrigues »
 182 Luiz da França Almeida e Sá. »
 183 Dr. Manoel Jesuino Ferreira. Effectivo.
 184 1º tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo Correspondente.

1877

- 185 Domingos Soares Ferreira Penna. »
 186 Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. »
 187 Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello. »

Estrangeiros

1838

- 1 Agostinho Albano da Silveira Pinto. Correspondente.
 2 Felix Emilio Taunay. Effectivo.

1839

- 3 Fernando Denis Honorario.
 4 Eugenio Garay de Monglave. »
 5 Luiz Paulo Balthazar Caffé. Correspondente.
 6 Dr. Lund Honorario.
 7 Principe de Cariati »
 8 Principe de Scilla »
 9 Principe Maximiliano Wied Neuwied. »

10	D. Carlos Zuchi	Correspondente.
11	João José da Cunha Bastos Estrella.	»
12	D. Agostinho Guilherme Charem	»
13	D. Manuel Salas Corvaland	»
14	Felippe Vandermachen.	»
15	Dr. Meisser	»
16	Anatole Saulmier.	»
17	General Barão Pelet.	»
18	Conde Armando d'Allouville.	»
19	Conde Amédée de Pastoret.	»
20	Conde Le Peletier d'Aunay	»
21	Duque de Montmorency.	»
22	Duque de Poix.	»
23	Fernando Berthier	»
24	Abbate Orsini.	»
25	Bloudoff.	»
26	Conde de Cancrine	»
27	Joaquim José da Costa Macedo.	»
28	Sabino Bertholet.	»
29	Duque d'Elchingen	Honorario.
30	João Water House	Correspondente.
31	Theodoro Taunay.	»
32	Arthur Brooke.	Honorario.
33	Barão de Maltitz.	»
34	Eduardo Alchorne	Correspondente.
35	Barão Gore Ouseley.	Honorario.
36	Jared Sparks	»
37	João Diogo Sturz.	Correspondente.
38	Julio Parigot	»
39	Manoel Estevão Benet.	»
40	Conselheiro Ouvaroff.	Honorario.
41	Principe Eugenio de Saboia Carignan.	»
42	William Ouseley	»
43	William Gore Ouseley	»

1840

44	Pedro Victor Larée.	Correspondente.
45	William Smith.	»
46	Barão de Olfers	Honorario.
47	Conde de Dietrichstein	»
48	Carlos C. Rafn	»
49	Conde de Linhares	»
50	Dureau de Lamalle.	»
51	Carlos Ritter	Correspondente.
52	Julio Victor Armand Hain.	»
53	Duperrey	»
54	Eduardo de Jaegher.	»
55	Frederico Luiz Jorge de Raumer.	»
56	Guilherme Hunter	»
57	Larenaudiere	»
58	Ternaux Campans	»
59	Leo Theremin.	»
60	José Barandier	»
61	Barão Rouen	»
62	Dr. Cuissart	Honorario.

63	Fernando Halfeld.	Correspondente.
64	Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.	»
65	D. José de Urcullu.	»
66	D. Manoel de Sarratêa.	Honorario.

1841

67	Roberto Schomburgh.	Correspondente.
68	Woodbine Parish.	»
69	Horacio Say.	»
70	Conde Jacob Gzaberg de Hemso.	»
71	W. Burchell.	»
72	C. Allou.	Honorario.
73	Dr. Martin de Moussy.	Correspondente.
74	Tastu.	»
75	Barão de Reiffenberg.	»
76	Sergio de Lomonossoff.	Honorario.
77	D. Mariano Eduardo de Rivera.	Correspondente.
78	Dr. Marion de Procé.	»
79	Pedro Mesnard.	»
80	Hamilton Hamilton.	Honorario.
81	D. Ambrosio Campadonico.	»
82	Von Andréa.	Correspondente.
83	Dr. Clemente Alvares de Oliveira Mendes de Almeida.	»

1842

84	D. Felipe Rizzi.	»
85	D. Agatico Longo.	»
86	Virgilio von Helmereichen.	»
87	Almirante Krusenstern.	Honorario.
88	Contra-almirante Lutke.	»
89	Conde de Stackelberg.	Correspondente.
90	Anatolio Demidoff.	Honorario.
91	D. Damazo Antonio Larranaga.	»

1843

92	Principe de Committini.	»
93	Nicoláo de Santo Angelo.	»
94	Commendador Ferri.	»
95	Bouillet.	Correspondente.
96	Raoul Rochette.	»
97	R. de Rochelle.	»
98	Finn Magnusen.	Honorario.
99	Barão de Langsdorff.	»
100	C. C. Etienne Hernoux.	Correspondente.
101	Felippe Victor Touchard.	»
102	Conde de Castelnau.	»
103	Dr. P. Namur.	»
104	Dr. J. P. Hoebeke.	»
105	S. Dutot.	»
106	José Feliciano de Castilho Barreto.	»

X

107	Conde de Thomar.	Honorario.
108	D. Ferdinand de Lucca.	»
109	D. Giuseppe Ceva Grimaldi (marquez).	»
110	D. Francisco Maria Avelino.	Correspondente.
111	D. Felix Sant'Angelo	»
112	D. Girolamo Perozzi.	»
113	D. Miguel Tenore.	»
114	D. Francisco Cervelleri.	»
115	D. Giacomo Castrucci	»
116	D. Paulo Anamia de Lucca	»
117	D. Raphael Zarlenga	»
118	D. Giovanni Semmola	»
119	Duque di Serra di Falco.	»
120	D. Luigi Rizzi	»
121	D. Vincenzo Stellati	»
122	D. Luiz Sementini	»
123	Isaak G. Strain	»
124	D. Pascuali Pacini	»
125	D. Pascuali Stasnilão Mancini	»
126	Carlos Van Lede.	»

1844

127	Mage.	»
128	José Ewbank	»
129	Thomaz Ewbank.	»
130	Quetelet.	»
131	João da Cunha Neves de Carvalho Portugal.	»
132	D. Vicente Rocafuerte	»
133	D. Thomaz C. de Mosqueira.	Honorario.
134	José Antonio Pardo.	Correspondente.

1845

135	Alfredo Demersay.	»
136	Francis Markoe Junior.	»
137	Conde Imbert de Mottetlettes.	»
138	D. José Vargas	Honorario.
139	Conselheiro José Joaquim Lopes de Lima.	Correspondente.
140	Conde de Ponafiel.	»

1846

141	João Russell Bartlett.	»
142	Alberto Gallatin	Honorario.
143	Roberto Greenham	Correspondente.
144	C. Wiet.	»
145	B. M. Norman	»
146	Alexandre W. Bradford.	»
147	Samuel Jorge Morton	»
148	W. B. Hodgson	»
149	J. C. Milliet de St. Adolphe.	»

150	L. L. Wauthier	Correspondente.
151	Mauricio Rugendas	»
152	D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena).	»
153	Herman E. Ludwig.	»

1847

154	Eduardo Laemmert	»
155	Cicarelli.	»
156	D. Ulrico Valia	»
157	D. Antonio Ramon de Vargas.	»
158	Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida.	»
159	Dr. L. F. Bonjean	»

1848

160	Bispo de Angra (D. Fr. Estevão de Jesus Maria)	»
161	Bernardino José de Lessa Freitas.	»
162	D. André Lamas.	»
163	D. José Maria Corrêa de Lacerda	»

1850

164	D. Valentim Alsina.	»
-----	-----------------------------	---

1851

165	William Prescott.	Honorario.
-----	---------------------------	------------

1853

166	D. Domingos Sarmiento.	Correspondente.
-----	--------------------------------	-----------------

1859

167	Ceroni	»
-----	------------------	---

1860

168	Coronel Francisco Evaristo Leone.	»
169	Jorge Cesar Figanière	»

1862

- 170 James C. Fletcher. Correspondente.

1863

- 171 Frederico Francisco de Figanière. »

1864

- 172 Jorge Martinho Thomaz. »
 173 Padre Angelo Sechi. »
 174 Jorge Bancrofft Honorario.

1866

- 175 Manoel Liais Correspondente.

1868

- 176 Padre Brasseur de Bourbourg. »
 177 Vivien de St. Martin. »
 178 Henrique Ambauer Schutel »

1869

- 179 D. José Rosendo Guterres. »

1870

- 180 Dr. D. Domingos Santa Maria. »
 181 Cesar Cantu »

1871

- 182 D. Bartholomeu Mitre Honorario.
 183 Augusto Carlos Teixeira de Aragão. Correspondente.
 184 José Victorino Lastarria »

185	Miguel Luiz Amunategui	Correspondente.
186	Diogo Barros Arana	»
187	Benjamin Vincuna Makena	»

1875

188	Ezequiel Uricochéa	»
-----	------------------------------	---

1876

189	Barão G. Schreiner	Honorario.
-----	------------------------------	------------

1877

190	José Maria Latino Coelho	Correspondente.
191	Hercules Florence	»

RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS FALLECIDOS, SEGUNDO AS NOTAS CONSTANTES DO
LIVRO DE MATRICULA E COMMUNICAÇÕES FEITAS AO INSTITUTO.

Presidentes honorarios

S. A. I. o principe D. Affonso
S. A. o principe D. Sebastião de Bragança Bourbon.
S. M. Leopoldo I. rei dos Belgas.

Nacionais

- 1 Agostinho da Silva Neves.
- 2 Conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
- 3 Dr. Albano Antero da Silveira Pinto.
- 4 Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.
- 5 Alexandre José do Rosario.
- 6 Amancio João Pereira de Andrade.
- 7 André Alves Pereira Ribeiro Cirne.
- 8 Antonio Affonso Ferreira.
- 9 D. Antonio Joaquim de Mello (bispo de S. Paulo).
- 10 Antonio Alves da Silva Pinto.
- 11 Antonio Augusto Monteiro de Barros.
- 12 Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.
- 13 Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.
- 14 Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.
- 15 Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.
- 16 Antonio Ladisláo Monteiro Baena.
- 17 General Antonio Eliziario de Miranda e Brito.
- 18 Padre Dr. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva.
- 19 Dr. Antonio Joaquim de Sousa.
- 20 Conselheiro Antonio Manoel de Mello.
- 21 Dr. Antonio Navarro de Abreu.
- 22 Antonio Joaquim Alvares do Amaral.
- 23 Dr. Antonio José Ferreira da Costa.
- 24 Antonio Pereira de Araujo Pinto.
- 25 Antonio Joaquim Fortes Bustamante Sá.
- 26 Antonio Vaz da Silva.
- 27 Conego Antonio Marques de Sampaio.
- 28 Conselheiro Antonio José da Veiga.
- 29 Dr. Antonio da Costa.
- 30 Antonio da Costa Rego Monteiro.
- 31 Antonio Joaquim de Mello
- 32 Dr. Antonio Thomaz de Godoy.
- 33 Antonio Francisco Dutra e Mello.
- 34 Dr. Antonio Rodrigues da Cunha.
- 35 Dr. Antonio Gonçalves Dias.

- 36 General Antonio Nunes de Aguiar.
- 37 Commendador Antonio de Padua Fleury.
- 38 Antonio Rangel Torres Bandeira.
- 39 Antonio Diodoro de Pascual.
- 40 Padre Antonio Pinto de Mendonça.
- 41 Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello.
- 42 Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond.
- 43 Fr. Arsenio da Natividade Moura.
- 44 Dr. Balthazar da Silva Lisboa.
- 45 Barão de Itamaracá.
- 46 Barão de Caçapava.
- 47 Barão de Quarahim.
- 48 Barão de Catas Altas.
- 49 Barão de Antonina.
- 50 Barão de Uruguayana.
- 51 Barão de Cocaes.
- 52 Barão de Jaguarary.
- 53 Barão de Cayrú.
- 54 Barão da Ponte Ribeiro.
- 55 Barão de Lorena.
- 56 Benedicto Marques da Silva Acauan.
- 57 Dr. Bento José Martins.
- 58 Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos.
- 59 Bernardo Jacintho da Veiga.
- 60 Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.
- 61 Brigadeiro Galdino Justiniano da Silva Pimentel.
- 62 Braz da Costa Rubim.
- 63 Dr. Caetano Alberto Soares.
- 64 Dr. Caetano Lopes de Moura.
- 65 Senador Candido Baptista de Oliveira.
- 66 Dr. Candido d'Azeredo Coutinho.
- 67 Dr. Carlos Antonio de Bulhões Ribeiro.
- 68 Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar.
- 69 Carlos Emilio Adet.
- 70 Senador Cassiano Espiridião de Mello e Mattos.
- 71 Dr. Claudio Luiz da Costa.
- 72 Conde da Boa Vista.
- 73 Conde de Irajá (bispo do Rio de Janeiro).
- 74 Conde de S. Salvador (arcebispo da Bahia).
- 75 Conde da Conceição (bispo de Marianna).
- 76 Conrado Jacob de Niemeyer.
- 77 Fr. Custodio Alves Serrão.
- 78 General Daniel Pedro Muller.
- 79 Diogo Duarte Silva.
- 80 Diogo Soares da Silva de Bivar.
- 81 Dionysio de Oliveira Silveiro.
- 82 Domingos Marinho de Azevedo Americano.
- 83 Eduardo de Sá Pereira de Castro.
- 84 Emilio Faustino Lins.
- 85 Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.
- 86 Conselheiro Ernesto Ferreira França.
- 87 Estevão Raphael de Carvalho.
- 88 Senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.
- 89 Dr. Felix Peixoto de Brito e Mello.
- 90 Dr. Felizardo Toscano de Brito.
- 91 Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta.
- 92 General Firmino Herculano de Moraes Ancora.

- 93 Floriano Vieira da Costa Delgado Perdigão.
- 94 Conselheiro Francisco Freire Allemão.
- 95 Francisco Agostinho Gomes.
- 96 Dr. Francisco de Sousa Martins.
- 97 Conselheiro Francisco Ramiro de Assis Coelho.
- 98 Francisco Xavier Monteiro da França.
- 99 Senador Francisco de Paula Souza e Mello.
- 100 Francisco Freire de Carvalho.
- 101 Fr. Francisco de Paula Candido.
- 102 Fr. Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão.
- 103 Dr. Francisco de Paula Menezes.
- 104 Dr. Francisco Antonio Kibeiro.
- 105 Senador Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.
- 106 Senador Francisco de Paula Almeida e Albuquerque.
- 107 Francisco Alvares Machado de Vasconcellos.
- 108 Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.
- 109 Monsenhor Francisco Muniz Tavares.
- 110 Fr. Francisco de Mont'Alverne.
- 111 Francisco Antonio d'Oliveira.
- 112 Senador Francisco de Lima e Silva.
- 113 Dr. Frederico Augusto Pamplona.
- 114 Frederico Carneiro de Campos.
- 115 Fructuoso Luiz da Motta.
- 116 Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.
- 117 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.
- 118 Gaspar José Lisboa.
- 119 Dr. Giacomo Raja Gabaglia.
- 120 Dr. Gonçalo da Silva Porto.
- 121 Conselheiro Gustavo Adolpho de Aguiar Pantoja.
- 122 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.
- 123 Senador Herculano Ferreira Penna.
- 124 General Henrique Marques de Oliveira Lisboa.
- 125 Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.
- 126 Coronel Ignacio Alvares Pinto de Almeida.
- 127 Dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro.
- 128 Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.
- 129 Padre Ignacio Rodrigues Berinude.
- 130 Innocencio da Rocha Galvão.
- 131 Jacintho Pinto Teixeira.
- 132 Conselheiro Jacintho Roque de Senna Pereira.
- 133 Conego Januario da Cunha Barbosa.
- 134 Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.
- 135 Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares.
- 136 Dr. João Antonio de Azevedo.
- 137 João Antonio de Sampaio Vianna.
- 138 Senador João Antonio de Miranda.
- 139 João Benedicto Gaspar de Giffining.
- 140 General João Carlos Parda.
- 141 João Coelho Bastos.
- 142 Desembargador João Candido de Deus e Silva.
- 143 João Caetano da Costa e Oliveira.
- 144 João Carlos Pereira Pinto.
- 145 Dr. João Duarte Lisboa Serra.
- 146 João Eleuterio Garcez Gralha.
- 147 João Francisco de Sousa Coutinho.
- 148 Dr. João Fernandes de Barros.
- 149 João Francisco Lisboa.

- 150 João Gomes Machado Corumbá.
- 151 João Huet de Bacellar Pinto Guedes.
- 152 João Henrique de Mattos.
- 153 Dr. João José Barbosa de Oliveira.
- 154 Dr. João José de Carvalho.
- 155 Conselheiro João José de Oliveira Junqueira.
- 156 Dr. João José de Moura Magalhães.
- 157 General João Paulo dos Santos Barreto.
- 158 João de Siqueira Tedim.
- 159 João do Espírito Santo Cabral.
- 160 João Baptista Callogeras.
- 161 João Candido de Brito.
- 162 Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
- 163 Joaquim Candido Guillobel.
- 164 Dr. Joaquim Caetano da Silva.
- 165 Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.
- 166 Senador Joaquim Franco de Sá.
- 167 Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo.
- 168 Senador Joaquim Francisco Vianna.
- 169 Joaquim Gonçalves Ledo.
- 170 Joaquim José Luiz de Sousa.
- 171 Desembargador Joaquim Nunes Machado.
- 172 Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier.
- 173 Senador Joaquim Vieira da Silva e Sousa.
- 174 Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.
- 175 Joaquim Baptista Avondano.
- 176 Dr. José Alves da Cruz Rios.
- 177 Dr. José Agostinho Vieira de Mattos.
- 178 Monsenhor José Antonio Marinho.
- 179 D. José Affonso de Moraes Torres (bispo do Pará).
- 180 José Antonio da Silva Chaves.
- 181 Dr. José Augusto Gomes de Menezes.
- 182 Dr. José de Araujo Coutinho.
- 183 Senador José Antonio da Silva Maia.
- 184 José Antonio Lisboa.
- 185 D. José de Assis Mascarenhas.
- 186 Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.
- 187 D. José Antonio dos Reis (bispo de Cuyabá).
- 188 Dr. José Bernardo Fernandes Gama.
- 189 Dr. José Christiano Garção Stockler.
- 190 José Christino da Costa Cabral.
- 191 Senador José Clemente Pereira.
- 192 Conego José Constantino Gomes de Castro.
- 193 José Domingues de Athayde Moncorvo.
- 194 Dr. José Eloy Ottoni.
- 195 José Eloy Pessoa.
- 196 José Francisco da Silva Cardoso.
- 197 José Freire de Andrade Parreiras.
- 198 José Francisco de Paula Cavalcanti.
- 199 José Florindo de Figueiredo Rocha.
- 200 Desembargador José Ferreira Souto.
- 201 José Franklin de Massena e Silva.
- 202 General José Ignacio de Abreu e Lima.
- 203 José Jacques da Costa Ourique.
- 204 Senador José Joaquim Fernandes Torres.
- 205 Conselheiro José Joaquim da Rocha.
- 206 Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.

- 207 Conego José Luiz de Freitas.
- 208 José Lino de Moura.
- 209 Dr. José Marcellino da Rocha Cabral.
- 210 José Marques Lisboa.
- 211 José Manoel do Rosario.
- 212 Conselheiro José Mariani.
- 213 José Maria Velho da Silva.
- 214 José Martins Pereira de Alencastre.
- 215 Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.
- 216 Conselheiro José Paulo de Figueiróa Nabuco de Araujo.
- 217 José Procopio de Castro.
- 218 José de Rezende Costa.
- 219 José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada.
- 220 Commendador José Ribeiro da Silva.
- 221 Conego José da Silva Guimarães.
- 222 José de Sá Bittencourt e Camara.
- 223 Fr. José de S. Bento Damazio.
- 224 Fr. José de S. Alberto Cardoso.
- 225 Fr. José de Santa Euphrasia Peres.
- 226 Senador José da Silva Mafra.
- 227 José Tiburcio Carneiro de Campos.
- 228 Dr. José Thomaz dos Santos e Almeida.
- 229 José Ventura Boscoli.
- 230 Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva.
- 231 Dr. Justiniano José da Rocha.
- 232 Ladisláo dos Santos Titara.
- 233 Desembargador Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza.
- 234 Conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos.
- 235 Lino Antonio Rabello.
- 236 Padre Lino do Monte Carmello Luna.
- 237 Lourenço da Silva Araujo Amazonas.
- 238 Luiz Aleixo Boulanger.
- 239 Luiz Antonio de Castro.
- 240 Desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.
- 241 Luiz Augusto May.
- 242 Luiz Antonio Patricio da Silva Manso.
- 243 Conego Luiz Antonio da Silva e Sousa.
- 244 Conego Luiz Gonsalves dos Santos.
- 245 Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.
- 246 Luiz Gomes Ferreira.
- 247 Luiz Henrique Ferreira de Aguiar.
- 248 Luiz Moitinho de Lima Alvares e Silva.
- 249 Luiz Maria da Silva Pinto.
- 250 Fr. Luiz de Santa Theodora.
- 251 Senador Manoel Alves Branco.
- 252 Senador Manoel Antonio Galvão.
- 253 Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira.
- 254 D. Manoel de Assis Mascarenhas.
- 255 Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichorro.
- 256 Manoel de Cerqueira Lima.
- 257 Senador Manoel Felizardo de Sousa e Mello.
- 258 Manoel Ferreira Lagos.
- 259 Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça.
- 260 Manoel José Pires da Silva Pontes.
- 261 Manoel José de Albuquerque.
- 262 Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.
- 263 D. Manoel Joaquim Gonsalves de Andrade (bispo de S. Paulo)

- 264 Conselheiro Manoel José de Sousa França.
- 265 Dr. Manoel Maria do Amaral.
- 266 Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo.
- 267 Dr. Manoel de Mello Franco.
- 268 Manoel Moreira Lirio da Silva Carneiro.
- 269 Manoel Mauricio Rebouças
- 270 Senador Manoel do Nascimento Castro e Silva.
- 271 Manoel Odorico Mendes.
- 272 Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba.
- 273 Manoel Rodrigues da Costa.
- 274 Fr. Marcellino do Coração de Jesus.
- 275 Conego Marcellino José da Ribeira S. Bueno.
- 276 D. Marcos Antonio de Sousa (bispo do Maranhão).
- 277 Marquez de Abrantes.
- 278 Marquez de Baependy.
- 279 Marquez de Itanhaen.
- 280 Marquez de S. João da Palma.
- 281 Marquez de Lages.
- 282 Marquez de Mont'Alegre.
- 283 Marquez de Maricá.
- 284 Marquez de Olinda.
- 285 Marquez de Paranaguá
- 286 Marquez de Parana.
- 287 Marquez de Sapucahy.
- 288 Marquez de Santa Cruz (arcebispo da Bahia).
- 289 Marquez de Valença.
- 290 Marquez de S. Vicente.
- 291 Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
- 292 Maximiano Augusto Pinto.
- 293 Maximiano Antonio da Silva Leite.
- 294 Miguel Ferreira Tavares.
- 295 Miguel de Frias Vasconcellos.
- 296 Dr. Miguel Joaquim Ayres do Nascimento.
- 297 Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.
- 298 Conselheiro Miguel de Sousa Mello e Alvim.
- 299 Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno.
- 300 Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.
- 301 Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite.
- 302 Nicoláo da Silva Lisboa.
- 303 Conselheiro Paulo Barbosa da Silva.
- 304 Fr. Paulo da Conceição Moura.
- 305 Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde.
- 306 Pedro Affonso de Carvalho.
- 307 Pedro Carvalho de Moraes.
- 308 Conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.
- 309 Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.
- 310 General Raymundo José da Cunha Mattos.
- 311 Rodrigo Soares Cid de Bivar.
- 312 Fr. Rodrigo de S. José.
- 313 Dr. Rodrigo de Sousa da Silva Pontes.
- 314 Santiago Nunes Ribeiro.
- 315 Senador Saturnino de Sousa e Oliveira.
- 316 Conselheiro Sebastião do Rego Barros.
- 317 Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.
- 318 Senador Teophilo Benedicto Ottoni.
- 319 Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
- 320 Dr. Thomaz José Soares de Avellar.

- 321 Thomé Maria da Fonseca e Silva.
- 322 Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida.
- 323 Senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil.
- 324 Tiburcio Antonio Craveiro.
- 325 Desembargador Tristão Antonio de Alvarenga.
- 326 Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello.
- 327 Dr. Vicente José da Costa Cabral.
- 328 Visconde de Caravellas.
- 329 Visconde de Inhomirim.
- 330 Visconde de Itabayana.
- 331 Visconde de Itauna.
- 332 Visconde de Inhauma.
- 333 Visconde de Itaborahy.
- 334 Visconde de Jerumirim.
- 335 Visconde de Jequitinhonha.
- 336 Visconde de Maranguape.
- 337 Visconde de Macahé.
- 338 Visconde da Parnahyba.
- 339 Visconde da Pedra Branca.
- 340 Visconde de Porto Seguro.
- 341 Visconde do Rio Verm. lho.
- 342 Visconde de Santo Amaro.
- 343 Visconde de Sousa Franco.
- 344 Visconde de S. Leopoldo.
- 345 Visconde de S. Lourenço.
- 346 Visconde de Sepetiba.
- 347 Visconde de Uberaba.
- 348 Visconde de Uruguay.
- 349 Wenceslão Antonio Ribeiro.

Estrangeiros

- 1 Adolpho Antonio Frederico de Schewelok.
- 2 A. Thiers.
- 3 Adriano Balbi.
- 4 Adriano Ernesto de Castilho Barreto.
- 5 Affonso de Lamartine.
- 6 D. Agostinho Guilherme Charem.
- 7 Alcide de Orbigny.
- 8 Alexandre Herculano.
- 9 Alexandre de Humboldt.
- 10 Alexandre Magno de Castilho.
- 11 D. André Bello
- 12 Cardeal Angelo May.
- 13 Antonio Lopes da Costa Almeida.
- 14 Antonio José de Lima Leitão.
- 15 Augusto de Saint-Hilaire.
- 16 Barão de Planitz.
- 17 Barão Leopoldo de Daizer.
- 18 Barão Walcknaer.
- 19 Cardeal Bartholomeu Pacca.
- 20 D. Carlos Antonio Lopes.
- 21 Carlos Frederico Hartt.
- 22 Conde de Camaldoli.
- 23 Conde de Molé.
- 24 Conde Ney.

- 25 Conde do Lavradio.
- 26 Debret João Baptista).
- 27 Diogo Kopke.
- 28 Duque de Doudeauville.
- 29 Duque de Palmella.
- 30 Duque de Saldanha.
- 31 D. Felipe Pardo.
- 32 D. Florencio Varella.
- 33 D. Francisco de Borja Margarino de Cerrato.
- 34 D. Fr. Francisco de S. Luiz.
- 35 Frederico Luiz Guilherme de Warnagen.
- 36 Fernando Petrich.
- 37 Dr. D. Frederico Errazury.
- 38 Francisco Guizot.
- 39 D. Genaro Merolla.
- 40 Ildefonso Leopoldo Bayard.
- 41 Innocencio Francisco da Silva.
- 42 Jacob Van Erven.
- 43 J. B. Eyriés.
- 44 João Henrique Freese.
- 45 João Quincy Adams.
- 46 D. João Maria Gutierrez.
- 47 Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes.
- 48 Jomard.
- 49 D. José Delavat y Rincon.
- 50 D. José Francisco Sigaud.
- 51 Cavalleiro José de Lucca.
- 52 José Manoel Valdez y Palacios.
- 53 José da Silva Carvalho.
- 54 José Silvestre Rabello.
- 55 Julio Frank.
- 56 Julio Frederico Koeller.
- 57 Julio de Wallestein.
- 58 Letronne.
- 59 Levy Maria Jordão.
- 60 L. Agassis.
- 61 Luiz Augusto Rabello da Silva.
- 62 Luiz Riedel.
- 63 Manoel José Maria da Costa e Sá.
- 64 D. Manoel de Portugal e Castro.
- 65 Manoel y Paz Soldan.
- 66 Marquez de Sá da Bandeira.
- 67 D. Martim Fernandes de Navarrete.
- 68 Maximo Raybaud.
- 69 D. Martius (Carlos Frederico)
- 70 Cardeal Mezofante.
- 71 Dr. Mure.
- 72 Orfila.
- 73 Pedro Clausen.
- 74 Pedro de Angelis.
- 75 Principe de la Moskowa.
- 76 Reybaud.
- 77 Roberto Southey.
- 78 Rodrigo da FONSECA Magalhães.
- 79 Roque Schuch.
- 80 Scipião Domingos Fabrini.
- 81 Cavalleiro St. Georges.

- 82 Silvestre Pinheiro Ferreira.
 83 Theodoro Miguel Villardebo.
 84 Theodoro Monticelli.
 85 D. Thomaz Guido.
 86 Visconde de Castilho.
 87 Visconde de Chateaubriand.
 88 Visconde de Almeida Garrett
 89 Visconde de Osery.
 90 Visconde de Santarem.
 91 Washington Irving.
 92 Wenceslão Paunero.

Resumo

Actuaes

Socios nacionaes.	187
Estrangeiros	191

Fallecidos

Nacionaes	349
Estrangeiros	92
	<hr/>
	819

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

1878

PRESIDENTE

Visconde do Bom Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO

Conselheiro José Ribeiro de Souza Fontes.

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTÓRICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo
Conselheiro Philippe Lopes Netto.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTÓRICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Moniz Barreto.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Dr. Cesar Augusto Marques.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. Miguel Antonio da Silva.
Conselheiro José da Costa Azevedo.
Dr. José de Saldanha da Gama.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães,
Dr. Ladisláu de Souza Mello Netto.
Dr. Nicolau Joaquim Moreira.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Commendador João Wilkens de Mattos.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.
1º Tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.

REVISTA TRIMENSAL

